

[ROMANCE]

MEMÓRIAS PARA O JOEL

Eduardo Oliveira

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

KAN
editora

MEMÓRIAS PARA O JOEL

MEMÓRIAS PARA O JOEL

Eduardo Oliveira

Copyright © Eduardo Oliveira

ISBN 978-65-86198-49-2

Londrina – PR

1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagemPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Eduardo

Memórias para o Joel / Eduardo Oliveira. -- 1. ed. -- Londrina, PR :
Editora Kan, 2025.

ISBN 978-65-86198-49-2

1. Romance brasileiro I. Título.

25-274142

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Rua José Giraldi, 115

Londrina – PR – CEP 86038-530

Telefone (43) 3334-3299

editorakan@gmail.com

Índice

PREFÁCIO	7
CAPÍTULO 1: O Homem que Todos Conheciam	9
CAPÍTULO 2: Morte	24
CAPÍTULO 3: Dele	34
CAPÍTULO 4: Dela	41
CAPÍTULO 5: O Homem que Morava com Amigos	54
CAPÍTULO 6: Por Amor	83
CAPÍTULO 7: O Homem e seu Lugar	102
CAPÍTULO 8: O Homem e seu Pedido	117
CAPÍTULO 9: Os Quatro no Quadro	130
CAPÍTULO 10: Amor de Inverno	141
CAPÍTULO 11: Um Céu de Infinitas Estrelas	158
CAPÍTULO 12: O Primeiro Beijo	172
CAPÍTULO 13: Cartas ao Joel	198
CAPÍTULO 14: Joel	219

Aos meus irmãos e irmãs,
não só os de sangue.

PREFÁCIO

As pessoas costumam dizer que cada dia da nossa vida é uma página em branco. Eu discordo. A maioria de nós não tem liberdade ou, ainda, coragem de viver as próprias páginas e optam por folhas velhas, já escritas. O Joel não era diferente, as páginas de sua vida eram de uma escrita familiar, daquelas com as quais todo mundo se identifica um pouco, já ouviu em alguma música ou, então, simplesmente viveu algo parecido. Mas elas tinham um diferencial muito importante: suas páginas eram feitas de palavras profundas, do tipo que não se acha em qualquer biblioteca. E, por isso, estou aqui, para por em papel as páginas de uma vida que talvez não te pareça muito estranha.

Aviso de antemão que não começo esta história pelo começo, nem com um “era uma vez”, já que não se passa num mundo diferente deste. Tudo aconteceu aqui mesmo e, se você olhar para o céu, verá as mesmas estrelas que eu vi; se sentir o vento, será o mesmo vento que me soprou. Para falar a verdade, talvez você já até tenha cruzado o caminho do Joel por aí sem nem saber e, se teve um pouco sorte, ele te deu um “bom dia” sorrindo ou te ajudou em alguma coisa que você precisava.

Também não trago nenhum final feliz. No mais, imagino que você possa imaginar sozinho o final deste livro, porque ninguém conta a história de alguém que ainda está vivo.

Deu para perceber que não há muitos dos principais ingredientes de uma boa história aqui. Ainda assim, ela merece ser contada, lida e, principalmente, escrita.

Você deve estar se perguntando o porquê de eu estar fazendo tudo isso. Eu sinto muito por te decepcionar (coisa que ainda vai acontecer bastante), mas não tenho resposta para essa pergunta, e quem tem já morreu. Tudo que posso

afirmar é que foi um pedido de coração e, de coração, estou obedecendo.

Se, assim como eu, você acredita que toda história pode ser contada, que até a mais cotidiana das vidas é uma viagem para um comum lugar que já foi visitado, então te convido a ficar mais um pouco aqui comigo. Prometo que você terá bastante motivos para rir e que nestas páginas estarão escritas alguém real, como eu e você, mas um pouco diferente.

Aliás, eu me chamo Eduardo. Por favor, não abrevie para Edu.

O Homem que Todos Conheciam

Eu não te conheço e você provavelmente também não me conhece. Mas acho que posso afirmar que ambos conhecemos o amor, caso contrário, sinto em dizer que você deu um baita azar.

Eu conheci o Joel quando ele tinha 25 anos. Foram necessários só mais dois anos para que eu percebesse o quanto o amava e, em seis anos, ele já não estava mais com a gente. É verdade que tivemos pouco tempo juntos, talvez eu possa até chamar de azar, mas acho que ainda que tivéssemos séculos um ao lado do outro, nosso amor não poderia ser maior do que já era, porque para mim o que mede o amor não é o tempo, é a intimidade. Mesmo assim, eu estaria mentindo se dissesse que o conhecia completamente; tanta coisa deve ter acontecido com ele durante a vida, detalhes que moldaram o amigo que eu conheci, detalhes que ele jamais pensaria em me contar, momentos marcantes em que eu não estava, mas que de um jeito ou de outro o trouxeram até mim. Aqui a gente encontra uma coisa em comum, né? Eu e você não conhecemos esse Joel, mas parece que é nosso dia de sorte.

Seria impossível e eu estaria mentindo se dissesse que, ao fim desta história, vocês saberiam exatamente o tipo de pessoa que ele era, porque acho que só conhecemos um indivíduo por inteiro: nós mesmos, pois dos outros só conhecemos partes. Mas o amor não vem só do inteiro, também vem dos fragmentos, de detalhes pequenos e é disso que eu estou atrás, é isso que eu quero contar para vocês, uma coleção de fragmentos do Joel e, talvez, você não termine este livro amando-o, mas, no mínimo, entenderá o porquê de eu tê-lo amado.

Claro que não é uma coisa fácil, muito menos uma coisa que eu queira fazer, mas você vai descobrir que minha vontade

não conta muito por aqui. Então, se assossegue que a gente vai conhecer esse cara juntos.

Ir atrás do passado de uma pessoa não é uma coisa das mais fáceis. Não basta digitar o nome dela na internet para que saibamos absolutamente tudo sobre ela, de tipo sanguíneo até ficha policial. Acho que isso pode ser, em parte, culpa do próprio Joel, que nunca fez nada tão incrível assim para ser facilmente encontrado. Então, foi bem difícil saber por onde começar. Claro que conversar com os pais foi a primeira coisa que me veio à cabeça, mas eles não dariam uma visão muito original, já que pais são sempre suspeitos na hora de falar sobre seus filhos. Eu queria a opinião de outra pessoa... Mas não se preocupe, os pais do Joel têm um capítulo inteiro para eles.

O problema era que nenhum dos contatos que o Joel possuía no celular se lembrava dele, o que me deixou puto da vida. Você tem ideia do que é preciso fazer para descobrir a senha do celular de alguém que já morreu? Pois é muito difícil, ainda mais quando o dono do celular seguia à risca as sugestões de segurança e misturava letras, números e símbolos na senha. E, depois, vem a pior parte. *Puts*, é um tremendo esforço deletar as redes sociais, avisar todo mundo e ainda responder aqueles e-mails chatos com: "opa, o verdadeiro dono deste e-mail morreu, será que você poderia, por favor, parar de enviar essas promoções de cursos de inglês?".

"Ninguém se lembra de gente mediana, só de quem é muito ruim ou muito bom", era o que minha mãe costumava me dizer.

Joel era a pessoa com quem você poderia contar para tudo. Era daqueles que sempre tentava resolver qualquer problema, independente de saber ou não o que estava fazendo (mesmo que de vez em sempre acabasse atrapalhando), o importante era ajudar. É uma triste verdade classificar pessoas dessa maneira e nem sempre isso pode ser feito, mas acho que dessa vez se encaixa. Ele era ótimo quando as pessoas precisavam dele, mas não tanto quando não precisavam e pior

ainda quando o esqueciam – coisa que acontecia com estranha frequência.

Por isso, as memórias que tinham dele eram coisas muito superficiais, comuns. O cara que ajudou a trocar o pneu, que emprestou um dinheiro, o amigo do dono da festa que sempre acendia a churrasqueira, que achava que sabia sobre política e que fingia saber cantar. Mas, no fundo, ninguém nunca tinha parado para perceber suas melhores qualidades.

A primeira pessoa que se lembrou dele foi uma professora que lecionava na faculdade onde ele cursou Administração. Eu encontrei o contato dela por acaso, enquanto revirava umas coisas no quarto do Joel, estava em um antigo caderno que ele guardou, anotado naqueles papeizinhos amarelos que grudam em qualquer coisa e as pessoas teimam em usar como se facilitasse algo, quando, na verdade, só deixa tudo mais complicado. Estava escrito:

“Contato da Sra. Nilce, a melhor professora do departamento e que se Deus quiser vai me conseguir uma bolsa (sério, eu preciso muito dessa grana).”

Eu ri ali mesmo, ajoelhado no meio de um monte de caixas que eu tinha pego em seu apartamento, enquanto ia lendo aquela frase escrita na caligrafia torta que só podia ser a dele. Será que, quando ele escreveu aquilo, imaginou que poderia ter aquela finalidade? Claro que não.

Pelo telefone, a professora Nilce tinha uma vozinha que me pareceu muito irritante. Um jeitinho de falar que fazia questão de explicar tudo em detalhes que ninguém jamais guardaria, de como o Joel era tal número da chamada, como se atrasava para a aula praticamente todos os dias e como quase sempre chegava comendo alguma coisa, porque não tinha tempo para comer em outro lugar. Nós conversamos um tanto por telefone até que, por fim, quando minha orelha já estava queimando, ela acabou me convidando para ir na casa dela para conversarmos melhor. Foi engraçada a facilidade com a qual ela se lembrou dele...imagino que seja coisa de professor.

Na época em que eu a visitei, tinham se passado apenas alguns meses do falecimento de Joel e eu ainda não tinha nenhum rascunho de uma história, nem uma ideia. Então, a professora Nilce foi uma luz no túnel escuro que era esse passado do meu amigo e, pelo visto, um bom jeito de se começar (além de ser o único).

Numa terça-feira, às três da tarde, eu me encontrei na frente de uma casa grande de dois andares, com largas janelas que deixavam o lado de dentro todo iluminado. Os muros e a grade do portão eram amarelados e guardavam um jardim que parecia ser cuidado todos os dias.

Ela já estava lá na frente me esperando e sorrindo por entre seus arranjos de flores bem aparados. A Sra. Nilce era exatamente como eu havia imaginado: uma mulher alta e magra, pele escura, com o cabelo branco e desajeitado preso em um coque para trás, sorriso no rosto, algumas rugas, óculos redondos e uma voz bem suave, diferente da que ouvi no telefone (ainda bem, imagina a tortura que seria aguentar a mesma voz do telefone por muito tempo!).

Vendo de perto, ali dentro não era muito grande, mas sem dúvida tinha muita coisa, em um canto flores de todas as cores, cuidadas com delicadeza e calma, em outro, delimitado por uma cerquinha minúscula de madeira, uma horta com verduras, e, por fim, três gatos gordos enormes rolando para lá e para cá num gramado que era tão verde e fofo que me dava a vontade de fazer o mesmo.

— Isso tem acontecido muito ultimamente — disse ela, depois de me dar um caloroso abraço de cumprimento enquanto caminhávamos pelo seu jardim.

— Como assim? — perguntei, tendo a certeza de que aquilo não deveria acontecer sempre. Quer dizer, quantas pessoas faziam aquilo que eu estava fazendo?

— Muitos alunos antigos têm vindo me procurar, você é o terceiro só neste mês. Acho que é um sentimento de nostalgia que está se espalhando feito uma gripe — continuou.

Ela abriu a porta lentamente depois de subirmos três

inúteis degraus e eu entrei no mundo de uma professora aposentada. O lado de dentro da casa denunciava na mesma hora a profissão que ela havia escolhido. Havia dezenas de quadros com fotos de antigas turmas de alunos vestindo becas e sorrindo ao lado de uma versão mais nova da agora aposentada professora Nilce, todas preservadas em molduras cristalinas que deviam ser limpas semanalmente.

Assim como o jardim, o interior da casa era menor do que parecia. A sala de entrada era repleta de casacos, chapéus e vasos de flores que atraíam abelhas. Um quadro de uma Nilce mais nova sorria para todos que entrassem pela porta, dando boas-vindas aos visitantes e talvez assustando os ladrões. Mais adiante, um amontoado de móveis, no mínimo curiosos, formavam a sala de jantar, eram dois armários grandes que guardavam copos, pratos e talheres que me pareciam nunca terem sido tocados (exceto, é claro, para serem limpos). Nos cantos, balcões sustentavam fotos e garrafas de bebidas antigas e, por fim, uma mesa de jantar de madeira ocupava quase metade do primeiro cômodo. Fomos direto para a sala de estar, onde duas poltronas fofas estavam de frente uma para outra, separadas por uma pequena mesa repleta de doces e um bule de chá.

— Confesso que fiquei curiosa quando você me procurou perguntando do Joel. Ele era um dos meus alunos favoritos, um jovem muito engraçado. Na realidade, ele já esteve sentado nesta mesma poltrona em que você está. Os alunos vinham muito aqui em casa depois que se formavam e me contavam das suas vidas...conversávamos por tardes inteiras — disse, sorrindo, enquanto servia uma xícara de chá que exalava um cheiro maravilhoso — Gostaria de saber o motivo dele não ter vindo pessoalmente. Você é algum parente ou empregado dele?

Eu sempre soube que seria complicado explicar o que estava acontecendo. Não é muito simples chegar e dizer “Então, o Joel era meu melhor amigo e morreu, mas, antes disso, pediu

para que eu contasse a história dele”. Acho que parecia meio fúnebre demais, mas ela também tinha o direito de saber, então respirei fundo e desembuchei.

— Bem...O Joel faleceu recentemente, há sete meses, para ser mais exato — ela me olhou meio chocada e me arrependi na hora de falar dessa maneira, mas que outra escolha eu tinha? — Desde então, eu venho reunindo algumas coisas sobre ele, para me ajudar a contar um pouco da sua história. Foi um pedido que ele me fez antes de... partir.

Ela deixou cair um pouco de chá na almofada amarela da cadeira. Aliás, tudo era estranhamente amarelo ali dentro, acho que eu não precisava perguntar qual era a sua cor favorita.

— Isso é... Meu deus, que coisa triste... — não era uma daquelas frases de lamento automáticas, pois deu para notar o sentimento no olhar e na voz da professora Nilce, ela realmente parecia sentir a perda. Ela se levantou calmamente, correu os olhos pelas prateleiras de fotos e localizou a que queria — Essa foto foi tirada no primeiro ano do Joel na faculdade — me informou, estendendo o retrato para mim. Era curioso ver como cada pessoa reagia à morte, como ela pegava todo mundo de surpresa. Isso é outra coisa que vocês vão ver muito nesta história.

Não tardei a identificar a versão mais nova do meu amigo. Ele parecia um cara legal. Com certeza, era uma festa, estavam todos os alunos na frente de uma piscina e todos pareciam querer abraçá-lo. Ele estava sorrindo da forma que vi tantas vezes, me encarando com os mesmos olhos castanhos que sempre me encarou.

Fotos são coisas interessantes, elas têm um poder divertido de te fazer mergulhar profundamente em um momento. É inevitável, para mim, imaginar o que tinha acontecido antes daquilo. Quantas vezes eles não deveriam ter tentado até sair uma foto boa? Como foi que reuniram todo mundo? Alguns, incluindo o próprio Joel, tinham em sua mão um grande copo do que me pareceu ser cerveja. Quantos risos

não atrapalharam a foto? Ou será que com eles a foto seria mais real? O que estavam comemorando?

— Chega a ser injusto saber que alguém jovem como ele morreu, enquanto eu, que já vivi tanto, continuo por aqui... — continuou ela. Eu podia jurar que de seus olhos verdes quase transbordavam lágrimas, como um copo cheio que, se você mexer um pouco, derrama — Eu me lembro com muita clareza como ele era um garoto muito especial. Ele sempre carregava uma bolsa enorme, cheia de coisas, parecia que ia acampar, porque vinha direto do estágio que eu mesma arrumei. Se sentava na fileira do meio, na terceira cadeira de trás para frente e cumprimentava quase todo mundo, sorria e depois silenciava, anotando tudo que eu falava. Nas sextas-feiras, ele sempre saía mais cedo, acho que não aguentava ficar esperando enquanto a maioria dos amigos estava no bar. Mas isso não era um problema, ele sempre conseguia manter suas notas na média.

Havia uma certa semelhança entre o Joel e a professora Nilce, ambos eram aquele tipo de pessoa que era simplesmente incapaz de ser desagradável, não importa com quem fosse.

— Eu lembro bem — continuou ela, quando percebeu que eu estava mais disposto a ouvir do que a falar — que ele tropeçava todos os dias no mesmo degrau e todo mundo dava a mesma risada... todos se perguntavam o porquê de terem posto um degrau daquele na entrada da sala — seus olhos encaravam um passado que, para ela, era distante e, para mim, apenas imaginário — Até que, um dia, ele mesmo arranjou cimento e outras ferramentas e transformou o inconveniente degrau em uma pequena rampa. Não tardou muito e todo mundo queria ter aula naquela sala, não pelo degrau, mas pela história, que deixou o Joel muito famoso entre os alunos e os professores. Não tinha como não gostar dele. Quando me via pelo campus, sempre se oferecia para carregar o que eu estivesse segurando, quando me encontrava na rua, me abraçava e perguntava do meu dia. Ele era mais que um aluno, era uma pessoa real, um amigo.

“Um amigo”. Aquilo martelou na minha cabeça.

— Ele sempre foi muito gentil — concordei, me lembrando das inúmeras vezes em que estávamos juntos e ele oferecia ajuda para alguém.

— Ele tinha um grupo de amigos inseparáveis, sempre sentavam juntos. Acho que nem todos continuaram na faculdade, mas, ao longo do primeiro ano, eles arrumaram os degraus de todo o departamento, transformando todas as escadas em rampas. Foi uma coisa bonita de se ver, isso rendeu até uma entrevista na rádio da faculdade. Se não me engano tenho a gravação daquilo em algum lugar por aqui... — ela se levantou e foi procurando nas gavetas, que eram tão cheias de recordações quanto os balcões.

Ela guardava muita coisa. Acho que todo estudante que se preze já se perguntou o que os professores fazem com as provas e trabalhos que não devolvem, ou com os presentes que ganham. Pois bem, a Nilce guardava. Eram pastas grossas, cada uma com o ano e a turma correspondente. Nas gavetas, também tinham fotos e alguns objetos, como pequenas esculturas, um bonsai, duas canetas douradas e uma taça reluzente. Imagino que esse fosse o jeito dela lembrar, guardando coisas que eram importantes, que carregavam consigo uma memória. Por fim, desse mar de lembranças saiu uma daquelas fitas cassetes que a gente só vê em filmes e séries antigos. Ela se virou outra vez e caminhou até um rádio velho no canto da sala, enquanto eu tomava um gole do chá, me ajeitando na poltrona e esperando para ouvir o que eu sabia que seria uma boa história. Ela apertou um botão e, depois de um ruído, começou a gravação, enquanto eu pensava “de que museu ela tirou essa fita cassete?”.

“— Boa noite a todos os nossos ouvintes! Aqui quem vos fala é o Jeff, de Jeferson Marques, diretamente da sua rádio universitária favorita, a UL-FM. Hoje, dia 13 de abril, o sol já não está mais lá fora, mas o calor ainda está de matar. São exatamente vinte horas e trinta minutos, a temperatura ainda é de 32°C e você, aí no intervalo daquela aula chata,

deve estar doido para ouvir as notícias que bagunçaram o nosso mundinho acadêmico. Como a reitoria só nos concedeu quinze minutos, temos que ser muito rápidos e nada politicamente tendenciosos em nossa transmissão. Então, com vocês, a Ana Beatriz, lendo as manchetes da manhã, da tarde e da noite!

— Boa noite, Jeff, boa noite, pessoal! Não sei vocês, mas eu estou esperando a reforma no restaurante universitário há pelo menos dois anos e parece que finalmente vai sair. Quem veio mais cedo hoje para a aula pôde notar uma importuna movimentação de tratores barulhentos, terra e pedreiros rumo à tão aguardada reforma do nosso restaurante, que começou esta semana. Olha, Jeff, eu sinceramente espero que também haja uma mudança no cardápio...ninguém merece comer aquele peixe suspeito todos os dias!

— Hahaha! Para ser sincero, Ana, eu já não aceito me iludir tão facilmente assim, você bem sabe... Mas, em comunicado oficial, a reitoria nos disse que o novo pavilhão terá ar-condicionado, uma capacidade de atender o dobro de estudantes e servidores, além da já muito requisitada opção vegana no cardápio. Eles também prometem um horário de funcionamento mais flexível, ainda bem, né, quem é que come em 30 minutos? No entanto, todas essas novidades devem chegar nos próximos semestres, então, você aí que se forma este ano, sinto muito, mas provavelmente não vai poder ter o gostinho de experimentar o novo restaurante... Se é que alguém vai ter.

— Bom, de qualquer maneira, Jeff, a reitoria ainda postou uma nota para acalmar quem achou que ia passar fome. Aparentemente até que esteja pronto, o restaurante universitário continuará aberto, mas vai funcionar em horários diferenciados, ainda a serem divulgados e abrirá somente nas segundas, quartas e sextas. Então, para aqueles que precisam comer todos os dias ou que não querem se aventurar no perigoso bloco 027 (que, inclusive, foi condenado pelos

nossos queridos companheiros do curso de Engenharia Civil), a Lanchonete do Carlão liberou especialmente para nossos ouvintes um cupom de desconto especial de 30% para todos que pedirem pelo aplicativo que eles lançaram, é só baixar e colocar o cupom "RADIO13" e pronto, coma em um lugar seguro.

— Eu já estou pedindo o meu, Ana, e se eu fosse vocês, correria para pedir também, antes que acabe.

— Jeff, agora passamos para a notícia e a entrevista que todos esperavam. Um cara do curso de Administração vem chamando a atenção de todo mundo na universidade. O bom moço era conhecido por uma desajeitada característica: a de sempre tropeçar naqueles degraus chatos que as salas tinham na entrada. Cansado de ser o desastrado da turma, ele resolveu fazer algo a respeito e, olha só, ajudou todo mundo. O rapaz, sozinho, saiu criando rampas de acesso em todas as salas e depois em todo departamento. Esse cara é o Joel, tem 19 anos e vem de uma cidadezinha que eu não lembro o nome. Ele está aqui com a gente hoje. Boa noite, Joel, você está ao vivo agora para todo o campus e alguns apartamentos ao redor que pegam o sinal.

— Boa noite, Ana, boa noite, Jeff.

— Boa noite, cara! Olha, devo dizer que é um prazer te receber aqui na nossa humilde rádio, que, na verdade, é uma sala velha no fundo da biblioteca.

— Hahaha, o prazer é meu! Eu gostaria de ter vindo na transmissão da manhã, mas o pessoal do estágio não quis me liberar.

— Pois é, Joel, o ramo da radiodifusão não é muito valorizado nos dias de hoje. Mas o que eu, o Jeff e todos os ouvintes queremos saber é a história de como um manezão desastrado se tornou um herói que ganha entradas de graça nas festas e bebidas de graça nos bares.

— Manezão, Ana? Ai, pegou pesado...Mas conta para a gente, Joel, de onde surgiu essa ideia?

— Bom... Todo mundo faz parecer que é algo incrível, mas a verdade é que não é. Eu nem sei por que ganhei tanta atenção, é uma ideia tão simples que é impressionante como ninguém a teve antes. Aqueles degraus atrapalhavam gente sem nenhum problema de locomoção, como eu, aí, pensei... Imagine só como deve ser para quem precisa de uma cadeira de rodas, ou é cego? Aquilo realmente pode dificultar ainda mais a vida dessas pessoas. Daí em diante foi fácil, eu e meu amigo fizemos uma reforma no nosso apartamento este ano e sobrou um pouco de cimento. Eu peguei, fui lá no período da tarde, já que não tem aula, e fiz o degrau desaparecer.

— Ora, Joel, você está sendo modesto. Centenas de pessoas passam por esses degraus todos dias e muitas delas (como eu) tropeçam uma vez ou outra, mas o máximo que fazemos é xingar. Você foi diferente, fez mais que a gente.

— Isso aí, Ana! Esse cara teve coragem de fazer o que nenhum reitor nos últimos dez anos fez.

— E, Jeff, esse sentimento de ajudar o próximo se espalhou mais do que a caxumba que pegou todo mundo na última festa do pessoal de humanas. Uma galera se juntou ao nosso amigo Joel e, adivinha: eles conseguiram transformar todo o departamento de Administração em um lugar mais acessível, parece que o pessoal de ADM tá roubando o serviço da galera de Civil.

— Verdade, depois que meus amigos viram o que eu fiz, nós juntamos um dinheiro e compramos mais material, fizemos degraus em todas as salas e rampas onde antes eram escadas. Não demorou muito e todo mundo do curso passou a ajudar. Foi legal de se ver. Acho que podemos fazer essas mudanças que facilitam a vida de todo mundo, além disso, agora ninguém mais tropeça.

— É, Joel, bota mudança nisso! A reitoria se pronunciou dizendo que nunca tinha tido verba para comprar um saco de cimento e realizar as obras, mas que se comovem ao ver os alunos tão empenhados em ajudar o próximo, coisa que eles não fazem.

— Acho que meu amigo Jeff concorda quando eu digo que precisamos de mais pessoas como o Joel e seus companheiros do curso de Administração. A atitude deles funcionou como uma onda e agora temos departamentos de outros cursos fazendo a mesma coisa. Esperamos que a reitoria também seja contaminada por esse sentimento de solidariedade e ajude na manutenção dos blocos, inclusive da salinha nos fundos da biblioteca onde opera a rádio de onde esta humilde locutora vos fala.

— Hahaha! Mas, agora, deixemos de lado esse sentimento de solidariedade e vamos falar da fama que o Joel ganhou. Onde ele vai o cara é reconhecido e isso deve fazer muito bem com a mulherada, ou com os caras se for o caso.

— Ou com os dois, se for o caso.

— Só se for o caso, Ana. Agora conta pra gente, Joel, como anda sua vida pública?

— Ahhh, o pessoal adorou a atitude, então todo mundo me cumprimenta no corredor e pelo campus. Também ganho desconto em alguns lugares e tem a “breja” de graça, que eu adoro... é só aparecer no bar que ganho um shot de alguma coisa. Mas a grande novidade é que demos uma festa junto com o centro acadêmico e levantamos um dinheiro para fazer mais algumas mudanças por aí e já até formamos um grupo com pessoas dispostas a ajudar. Sabe, Jeff e Ana, têm muitos pequenos detalhes que passam despercebidos pela gente, mas que são marcantes na vida de outras pessoas. Uma iluminação mais adequada para garantir segurança e outras rampas de acesso, não só nos blocos, são só algumas coisas que podemos nós mesmos mudar.

— Cara, essa realmente é uma atitude muito nobre, mas você não acha que também deveria haver uma cobrança? Quer dizer, essa parte de acesso e segurança deveria vir do serviço público e não de nós mesmos. Certo, Jeff?

— Corretíssima, Ana.

— Ah, claro, mas, até que isso aconteça, eu não quero ficar parado se posso fazer algo.

— Caros ouvintes, sou obrigado a pedir uma salva de palmas (não muito alta para não atrapalhar o pessoal que não têm intervalo, mesmo sendo contra o regulamento da universidade). Acho que todos concordamos que o Joel é um homem de atitude e é muito bom estar estudando no mesmo campus e época que ele. Agradecemos sua presença aqui hoje e, se tiver mais algum recado, fique à vontade!

— Ah, obrigado! Foi legal ter vindo aqui. Bom, como eu disse antes, eu e minha amiga Aline Lemos começamos um grupo para fazer mais dessas pequenas mudanças. Nós nos reunimos todas as segundas-feiras, no bloco D03, às 17:00hrs. Caso alguém se interesse é só aparecer na sala 4.

— É isso aí, pessoal! Ficaremos de olho nas mudanças que essa galera de atitude ainda vai fazer e garanto que vocês têm o apoio total da rádio UL.

— Obrigado pelo espaço.

— Volte sempre, Joel! Agora, Ana, o que temos para o próximo bloco depois dos nossos queridos patrocinadores darem os seus recados?

— Bom, Jeff, a seguir, falaremos sobre a invasão de roedores...”

De olhos fechados, eu pude imaginar tudo. Era melhor do que ver um vídeo. Quando a gravação acabou, eu só queria que a professora Nilce colocasse para tocar novamente, porque eu queria ouvir a voz dele de novo, de novo e de novo. Parecia que ele estava ali, bem na minha frente, conversando, e eu tinha certeza de que, quando abrisse os olhos, eu o encontraria, sorrindo meio sem jeito.

— A foto que te mostrei foi tirada nessa festa que ele mencionou na gravação. Foi ele quem organizou tudo, não sei de onde ele tirava tempo para fazer tanta coisa — explicou ela, bebendo um gole de chá. Seus olhos estavam bem abertos. Ela não precisava imaginar, tinha vivido aqueles momentos dos quais eu tinha tanta inveja.

Eu, sorrindo, abri os olhos, voltando para o mundo real.

Era ele naquela rádio, era ele nas lembranças dela, era naquela fita também.

— Parece que você era muito próximo dele — sugeriu ela — Sinto muito pela sua perda.

— Eu o conheci há uns cinco anos. É pouco tempo, se parar para pensar, mas parece que eu o conheci minha vida toda e, agora que ele se foi, parece que levou parte de mim.

Ela riu, mas não com maldade, foi um riso distante, sem motivação.

— A morte é coisa dura de enfrentar, não é? Mas essas pequenas coisas — ela fez um sinal com a cabeça, me mostrando o balcão de onde tinha tirado a fita — os mantêm vivos. Pode ficar com a fita, acho que você vai precisar mais do que eu.

— Obrigado.

— É muito comovente isso que você está fazendo, sabe, mostrar quem ele era. É difícil... Se me perguntasse mais cedo, eu diria que ele se casou, teve filhos e vive uma vida como tantas outras, cheia de problemas e soluções, mas é sempre mais complicado que isso. Gostaria de tê-lo visto uma última vez.

— Acredite, é melhor ficar com a imagem que você tem dele.

— Ele... Ele sofreu muito?

Minha conversa com a professora Nilce não acabou ali. Ela me contou outras histórias do Joel, mas eu sempre soube que não conseguiria colocar tudo que as pessoas me contassem a respeito dele, caso contrário, este livro teria infinitas páginas e seria ainda mais difícil convencer as pessoas a lerem. O Joel universitário me parecia uma pessoa que tinha centenas de amigos, daqueles que chegam em uma festa e muitas pessoas chegam para cumprimentá-lo, daqueles que têm fotos com todo mundo e que todo mundo tem uma história engraçada para contar, o que é ironia, porque pouca gente se lembra dele. Acho que sei o motivo disso e acho que você também já sabe.

Era divertido e triste pensar naquelas coisas. No fundo, depois da minha visita, eu queria ter conhecido o Joel antes, ter tido mais tempo com ele, mesmo que eu não gostasse das festas que ele frequentava ou não fosse tão simpático quanto ele, que não entendesse muito suas piadas e que, às vezes, eu tivesse vontade de socar a cara dele. Mesmo com tudo isso, gostaria de ter estado ao lado dele na universidade, participado das festas que ele foi, rido de suas histórias engraçadas, de tê-lo conhecido melhor. Mas a verdade é que tudo tem um tempo, ainda assim, me parecia injusto que eu tivesse tido tão pouco tempo com ele. E que raiva eu sinto de mim mesmo por não ter encontrado aquele cara estranho de olhos castanhos, alto demais, sorridente demais antes.

Acredito que aquilo era tudo que a professora Nilce podia me contar sobre ele. Nós nos despedimos e eu nunca mais a vi, mas antes ela me passou uma importante fonte de informações: uma lista com nomes e números de alguns ex-alunos que estudaram com o Joel e que sempre estavam com ele. Eram números atualizados, diferente dos que tinham no celular do Joel, então aquilo me deu uma baita de uma luz.

A professora Nilce é uma mulher e um ser humano incrível que provavelmente já inspirou muitas outras pessoas. Foi um prazer conhecê-la e aqui fica registrado o fragmento do Joel que ela me cedeu.

Agora me restava uma infinidade de nomes que eu levaria uma eternidade até saber para qual ligar, não fosse um que eu reconheci e que você também reconhecerá caso tenha prestado atenção:

“Aline Lemos”.

Eu ri, me lembrando de algumas histórias que o Joel me contou dela e disqueei o número, aliviado por não ter que explorar uma lista de gente que talvez até me desse uma história mais interessante, mas que nunca seria a que eu tenho que contar.

O celular tocou oito vezes e ela atendeu, sem saber o convite que a esperava.

Morte

“Que tipo de pessoa aceita um convite de um desconhecido?”

Essa pergunta ficou martelando na minha cabeça desde que recebi aquela ligação no meio da minha tarde.

No momento em que eu desliguei o celular, me encontrei parada no meio de uma rua muito movimentada, o que parecia coisa de doido. O tempo estava fechado e, se não estivesse com o meu guarda-chuva, eu estaria toda encharcada. Nem mesmo aquele aguaceiro que caía impedia pessoas apressadas de saírem correndo pelo centro da cidade em busca de alguma coisa para fazer. Será que estavam trabalhando? Espero que sim. Se estavam só andando debaixo daquela chuva sem motivo nenhum, eram meio loucas como eu. Mas pelo menos eu tinha uma justificativa, tinha acabado de ser promovida e ganhado um mês inteiro de férias, então simplesmente saí do prédio e andei feliz da vida, com mil planos do que fazer com o tempo livre que eu ganhei, como viajar, visitar uns amigos, descansar, ir ver minha mãe. Foi quando meu celular tocou e uma pessoa aleatória começou a falar de um antigo e falecido amigo meu, só podia ser um sinal, não é? Estava tudo ali: chuva intensa, cara misterioso, promoção no trabalho, amigo morto. Será que minha vida tinha virado um filme? Talvez... Só me restava saber se era de terror, comédia ou suspense.

Eu voltei para casa correndo com uma estranha sensação de euforia no peito. O Joel era um dos meus melhores amigos. Nos conhecemos no primeiro ano da faculdade, e mesmo depois que eu passei três anos em outro país continuamos a nos falar. Sempre quando eu tinha um tempo ia visitá-lo, e era como se nunca tivéssemos estado longe um do outro. De madrugada, eu recebia ligações dele e, no meio da tarde, ele recebia mensagens

minhas. Por isso, cheguei em casa, tomei um banho e troquei de roupa sorrindo, animada por encontrá-lo novamente. Eu adorava o seu jeito, ele era, de longe, a pessoa mais simpática do mundo. Não importava o quão difícil tinha sido sua semana, ele sempre carregava um sorriso no rosto. Todo mundo sabe que as pessoas que estão sempre sorrindo são as mais fortes, já que um sorriso pode pesar mais que o mundo inteiro para ser formado.

Nós passamos praticamente os dois primeiros anos da faculdade inteiros juntos; as aulas eram as mesmas, o ódio e o amor pelos professores eram os mesmos, a única diferença era a felicidade de cada um. Eu dormia na casa dele quando tinha preguiça de ir embora e, quando tinha fome, era lá que almoçávamos. Mas eu não era feliz com a faculdade, era feliz com outros aspectos da minha vida, foi por isso que larguei tudo. Seria bom reencontrá-lo. Fazia tempo que não nos falávamos, tínhamos tanta coisa para conversar! Ele ia amar saber que eu havia sido promovida, já que foi um dos que mais me apoiou a largar a faculdade e ir fazer algo que eu realmente amasse, em parte, aquele emprego tinha sido fruto da ajuda dele também.

— Tem certeza que não quer que eu vá com você? — perguntou minha irmã, depois que contei toda a história maluca de reencontrar o Joel e enquanto eu ficava pensando no que vestir e em quanto tempo eu tinha para decidir — Quer dizer, você vai encontrar um total estranho...

Eu sorri para mim mesma quando ela disse isso. Me lembrei de tudo que tinha passado com ele, nem de longe ele seria um estranho.

— Ele não é um total estranho, é o Jo... Demorou um pouco, mas minha ficha caiu.

Não importavam todas aquelas memórias. Os dois anos que passamos juntos, nossas conversas, todas as vezes que eu ri, chorei e me irritei ao seu lado. Porque não era ele quem eu estava indo encontrar. Na verdade, isso era impossível.

No momento em que eu me dei conta, meu mundo caiu, assim como uma lágrima que escorreu, depois outra, e outra e outra, na verdade, eu teria caído também se não tivesse me apoiado na pia do banheiro. Pude ver o choro escapando dos meus olhos refletidos no espelho, enquanto me lembrava do seu velório e de como não consegui chegar muito perto, nem mesmo para deixar as flores, que acabei trazendo de volta.

— O que foi? — perguntou minha irmã assustada, entrando no nosso apertado banheiro de azulejos vermelhos, pia velha e chuveiro novo.

— É que.. A morte é...

— A morte é coisa de louco, né?

Ele estava sentado bem do meu lado. O lugar estava vazio, os bancos de madeira marrom enfileirados de maneira delicada estavam todos virados em direção ao centro do pequeno salão funerário, onde um caixão azul-celeste de madeira repousava sob um pedestal de metal esverdeado, que eram as cores favoritas dela. Um arco de girassóis enfeitava onde sua cabeça estava deitada, também suas flores favoritas. Tudo ali tinha algo de "favorito", pois essa tinha sido sua vontade. O vestido lilás, o sapato delicado, o cabelo arrumado para trás, a música suave tocando ao fundo o tempo todo. Minha vó tinha pedido tudo aquilo e nós, claro, obedecemos.

— Acho que sim — respondi, não tão triste assim. *A Dona Rosa, mãe de dezesseis crianças, sete mulheres e nove homens, tinha vivido até os oitenta e nove anos. Muito mais do que muita gente, mas muito menos do que se deseja que alguém viva, porque a gente nunca imagina que alguém tão próximo possa morrer. Como uma pessoa que a gente realmente conhece pode ser tão mortal quanto aquelas que morrem todos os dias no jornal? — Obrigada por ter vindo, mas pode ir, se quiser, precisa descansar.*

Joel estava vestindo um terno branco, que também era exigência da minha vó. Ela odiava a cor preta, dizia que era a

cor mais sem graça de todas. Sempre que alguém aparecia com uma roupa preta ela reclamava, dizendo que haviam tantas outras cores bonitas e tínhamos que escolher logo a cor da morte. Por isso, os almoços de família eram coloridos, exatamente como o velório havia sido, até sobrar só a gente.

— Você também, mas eu sei que não vai sair daqui, então eu também não vou.

Havia outras dezenas de salas como aquela, todas lado a lado, como uma grande exposição de cadáveres. Era de madrugada e, por isso, o lugar estava muito vazio. O silêncio era tão presente quanto a morte, assim como igualmente incômodo, já que qualquer estalo do lado de fora nos chamava atenção. Mas o que mais se ouvia eram choros ecoando pelo saguão de entrada.

— Eu não poderia deixar minha avó sozinha, não agora. Sabe, quando eu era criança, minha mãe e meu pai costumavam fazer umas três viagens por ano, e nesse tempo eu ficava com ela. Era incrível como férias; ela não me tratava como criança, me ensinava a fazer um monte de coisas, tocar piano, pintar, arrumar um cano estourado, costurar, cantar, dirigir... Nós até construímos um banco juntas, está até hoje no quintal da casa dela, que agora vai ser vendida, com o banco, com as lembranças, com tudo. É injusto, sabe? Ela morreu, mas as lembranças ficam... As coisas dela, nossas coisas, continuam sendo nossas. Como o banco ia saber que sua dona ia morrer? Como as plantas dela iam adivinhar? Você entende?

Ele me encarou com aqueles olhos castanhos. Era algo que ele fazia muito, olhava direto para mim como se pudesse ver toda minha alma.

— Não, não entendo, mas temos a noite inteira aqui, então pode tentar explicar— me respondeu.

Eu ri. Minha garganta coçava e o gosto do café que tomei durante a noite inteira para aguentar passar a madrugada enfeitava minha boca.

— Sabe, ela pode ter morrido, mas as coisas dela ainda

estão lá, do jeito que sempre estiveram. As louças estão minuciosamente guardadas, a mesa que ela mesma construiu ainda está no quintal, coberta pela toalha que ela mesma teceu. E agora ninguém sabe o que fazer, acho que vão vender, ou simplesmente guardar no porão, enterrar, como vão fazer com ela.

— Hmmm... Acho que ela não vai ligar muito para isso — foi estranho ouvir aquilo dele, mas é porque eu esperava que ele concordasse comigo, que tomasse minha revolta como dele e ficássemos indignados juntos — Acho que o problema é mais com você, que está com medo de que se guardarem ou venderem as coisas dela, depois de enterrá-la, sua avó vai ser esquecida e só vai ser lembrada naquele almoço de feriado, que só vão ficar tristes no dia dos finados e que no dia a dia não vão nem se lembrar dela. E provavelmente é isso que vai acontecer.

Nós nos conhecíamos há uns três anos. Naquela época, eu já tinha largado a faculdade e morava em outra cidade, foi pouco antes de eu mudar para fora do país. Quando o Joel soube que minha avó havia morrido, ele fez questão de ir lá e ficar no velório comigo. Ficamos manhã, tarde e noite sentados naquele banco desconfortável e observamos dezenas de pessoas indo embora, chegando, conversando. Certas pessoas tinham um rosto familiar, alguns tios, primos e outros parentes tão distantes que poderiam ser só mais um desconhecido qualquer. Amigos, vizinhos e curiosos, todos prestando suas homenagens, uns chorando, outros trazendo flores e, depois, todos indo embora. Meus pais foram os últimos a sair, dizendo que voltariam cedo no dia seguinte para o enterro, mas que precisavam tomar um banho. Eu e Joel permanecemos lá, parados, no mesmo lugar. Ele nunca tinha falado com ela na vida, ainda assim, tinha mais solidariedade por ela do que muitos dos filhos e amigos que simplesmente deixaram-na jogada ali a noite inteira.

— Talvez — é difícil admitir que alguém está certo sobre

— você, que alguém te conhece tão bem a ponto de entender o verdadeiro significado de suas atitudes. Mas ao mesmo tempo era bom que alguém entendesse, ou pelo menos tentasse. — Mas é isso mesmo que vai acontecer, ela vai virar só mais uma foto nos álbuns que a gente mostra para as crianças de vez em nunca... Vai sumir. Você estava certo, a morte é coisa de louco, é esquecimento.

— É, mas não foi isso que eu quis dizer — ele se levantou e esticou os braços para o alto, se espreguiçando. Sob a luz pálida e branca daquele salão funerário, ele ficava bonito. Tinha mudado a postura, o jeito de sorrir, os traços. Tinha se tornado homem.

No fundo, havia uma pequena copa onde os parentes dos falecidos podiam fazer café e conversar com um pouco mais de liberdade, mas eu não queria ir lá. Não queria conversar longe dela...

— Então, o que foi? — perguntei. Por mais que minhas pernas e braços estivessem doendo de ficar tanto tempo sentada, eu não via necessidade de ficar em pé, porque, se o fizesse, acho que seria atraída até o caixão e veria o rosto dela. E eu não podia fazer isso, não de novo. Acho que eu não aguentaria ver aqueles lábios arroxeados maquiados por uma leve camada de batom, aquele corpo inchado. E ainda tinham os olhos, sem dúvida o pior de tudo. Não é como nos dizem, fechados como se estivesse dormindo, e sim fechados como se estivesse morta, porque tem cheiro de morte, a sensação fúnebre de que já não tinha mais nada de vivo dentro dela, as mãos cruzadas, a pele branca e pálida sem vida nenhuma, a pose perpétua que durara até seu corpo desaparecer. Eu não ficaria em pé e não iria até lá, pois de longe eu já sentia a aura da morte e ela era suficiente para me paralisar. Não precisava da dose cheia.

— É que é estranho como não contamos com a morte, quer dizer, nesse exato momento eu e você estamos correndo em sua direção, e ela vem do nada, né? Não tem aviso, um dia

“puf”, você desaparece. E quem fica? Fica como? E quem vai? Vai como? – disse ele.

— Acho que sim, vou demorar para me acostumar... Sempre que eu chegar tarde, vou pegar meu celular para ligar para ela e avisar que estou bem; quando chover, vou esperar a mensagem dela dizendo para eu fechar as janelas e, nos feriados, vou esperar a ligação que ela sempre fazia para perguntar como eu estava. Vou demorar para me acostumar e tenho medo disso acontecer, eu não quero me acostumar, não quero me esquecer.

Ele secou uma lágrima que escorria do meu rosto. Eu nem tinha percebido que havia começado a chorar.

— Todo mundo acha que morrer é ruim pelo medo de não serem lembrados, de sumirem, exatamente como você disse. Mas eu acho que morrer não é ser esquecido. Tem gente que está viva por aí e é esquecida todos os dias, ao mesmo tempo que tem gente que morreu há tanto tempo e ainda é lembrada...Acho que os outros podem sim se esquecer dela, mas se só você, se só uma pessoa se lembrar, ela nunca vai morrer...Você a amava e o amor é a coisa mais forte do mundo. A gente não tem a resposta para tudo, para o que vem depois, mas você ainda está aqui.

Eu já tinha lido muitas coisas sobre a morte, pensamentos profundos de filósofos antigos. Reflexões de diferentes religiões que buscavam explicações cósmicas e divinas para o fim de nossa vida. O começo de uma nova jornada?

O término de uma? O fim geral? O recomeço de um ciclo sem fim? Mas acho que nunca tinha ouvido algo tão sincero, tão palpável quanto aquilo.

— Você acha que o amor é mais forte que a morte? — perguntei, enquanto me levantava, e minha perna estalou. Algumas pessoas passavam lentamente no largo corredor do lado de fora da sala, a maioria muito cansada, provavelmente também enfrentando a morte. No saguão de entrada, para além das portas grossas de madeira que nos guardavam,

havia uma enorme janela de vidro que dava vista ao parque de árvores finas e robustas que cercavam o cemitério.

— Bom, você ainda a ama, certo?

— Sim.

— Então, sim, eu acho.”

— Acho que... Me esqueci que o Joel estava morto — respondi, secando as lágrimas e rindo de um jeito meio seco, meio falso, me olhando no espelho sem me reconhecer.

— Ah...— minha irmã era cinco anos mais nova e só tinha visto o Joel uma vez na vida, mas já tinha ouvido falar tanto dele que talvez pudesse dizer que o conhecia — É aquele cara que estava no velório da vovó?

— Ele mesmo.

— É, ele era um cara legal, lembra que depois ele levou a gente na pizzaria, porque disse que pizza torna tudo melhor? Olha... ele estava certo.

Eu sorri e ambas ficamos mais sossegadas, afinal, não deveria ser um sequestrador quem me ligou, não era possível que o Joel conhecesse um.

— Ele sempre estava, só não sabia muito disso — respondi, acompanhada pelo fantasma do Joel.

— Você está bem?

— Estou sim, só tinha esquecido...

— Qualquer coisa me liga — ela disse, me deixando sozinha.

— Tudo bem.

Mais confiante de que eu não seria morta, troquei de roupa enquanto me olhava no espelho, lembrando do Joel e pensando que se lembrasse dele, ele jamais morreria de verdade...

Tem uma coisa interessante em conhecer gente nova, um sentimento que eu gosto, como começar a ler um livro sem ter visto uma resenha, assistir um filme sem ver nenhum trailer antes. Eu não sabia o que esperar, só sabia que tínhamos uma única e fúnebre coisa em comum: um amigo morto.

Era uma noite bonita. Não havia nenhuma estrela no céu, porque as nuvens carregadas cobriam seu brilho, um vento frio soprava as ruas e levava o calor daquele verão infernal embora. As árvores balançavam, jogando suas folhas em cima do vidro do meu carro enquanto eu dirigia pelas ruas tortas da cidade.

Avenidas viradas, sinais verdes passados, carro estacionado. Me restava descer e andar exatas três esquinas até lá.

A rua que seguia em diagonal era cercada de bares e restaurantes, tudo barulhento, tudo lotado. Bem diferente do que eu achei que estaria, já que normalmente aqueles lugares eram mais calmos, daqueles que davam para sentar e conversar de verdade.

Nas calçadas, as pessoas caminhavam lentamente para um destino talvez muito semelhante ao meu, mas duvido que tivessem o mesmo objetivo, afinal, quantas delas deviam estar indo encontrar um desconhecido? Quantas delas poderiam dizer "então, estou indo encontrar um cara e falar sobre nosso amigo morto". Pensando bem, talvez um daqueles caras com quem eu cruzei fosse ele, fugindo porque eu me atrasei um pouco, ou só desistindo, coisa que eu estava quase fazendo. Era meio loucura, não era?

Mas, na verdade, as coisas não foram como eu pensei.

Na minha cabeça, eu ia chegar e ficar perdida no meio de tanta gente, achei que seria impossível encontrá-lo e só depois de trinta minutos o encontraria, enquanto ele estaria puto da vida pelo meu atraso, o que resultaria em uma noite horrível. Mas não foi isso que aconteceu, quer dizer, tinha muita gente no bar e, sim, por alguns segundos, eu fiquei perdida naquela lotação que jamais imaginei encontrar ali. Mas eu soube quem era no instante em que o vi. Ele tinha jeito de ser amigo do Joel.

O bar estava lotado com todas as mesas dentro e fora ocupadas, e, infelizmente, para entrar era preciso passar pelas mesas do lado de fora. Elas eram de plástico e enfeitadas com flores por todos os lados, apoiadas em um chão feito de grama

(mas não sei se era grama natural). Um verdadeiro corredor de pessoas e barulho pelo qual eu passei o mais rápido possível, tomando cuidado para não derrubar nada de ninguém.

A decoração no interior fazia parecer que estávamos dentro de casa, sabe, num almoço de família. As mesas amarelas eram as mesmas, mas no lugar de flores, tinha uma toalha xadrez em cima delas; os quadros estranhos nas paredes podiam resultar em uma conversa de horas; e os freezers espalhados por todos os lados davam a ideia de que você poderia simplesmente se levantar e pegar o que quisesse (o que duvido que, de fato, acontecesse). Um balcão enorme cercava a portinha que levava para a cozinha e servia de mesa para quem queria uma conversa mais discreta, ou ficar mais perto das oito torneiras que jorravam chopp. Sob a luz esbranquiçada, as pessoas nas mesas se perdiam num soneto de conversas que, para os de fora, era uma torta sinfonia de risos e palavras soltas, mas para quem estava dentro era o alívio da semana. E no meio de tudo isso, estava ele.

Uma mesa ocupada por uma pessoa só, rodeada por três cadeiras vazias. Será que, em outro momento, aquelas três cadeiras eram ocupadas por outras pessoas? Será que aquela cara de cabelos escuros, que olhava ansioso ao redor, batucando na mesa ao ritmo a música, em outros tempos, era tão cercado de gente que não precisava prestar atenção em mais nada? Não sei, mas a cada passo que eu dava em direção a elas, tinha certeza de que pelo menos uma outra cadeira daquelas seria minha.

Dele

— E aí, o que você tinha de tão importante para me dizer que precisou me acordar no meio desta madrugada? — perguntei, com os olhos cansados, enquanto o via passando pela garagem cambaleando na minha direção, rindo de uma coisa que eu jamais entenderia — Eu sabia que você estava bêbado Joel... — confirmei, rindo por dentro e imaginando por onde ele esteve e o que queria comigo.

— Eu não estou bêbado, Edu — me respondeu, se apoiando na parede ao lado da porta para não cair — só um pouco tonto.

— Tá... — eu passei o braço dele pelo meu pescoço e nós entramos, ou melhor, eu entrei e o Joel foi arrastado. É incrível o quanto uma pessoa pode pesar quando não tem controle nenhum sobre seu corpo. Ele não tinha equilíbrio algum e cabia a mim balancear um cara que era, no mínimo, dois palmos maior que eu — Vai se sentir melhor no sofá... quer água? — perguntei, jogando ele em cima de uma poltrona da minha pequena sala escura.

— Não, você não t... t.... tem cerveja? — perguntou ele, ousado e risonho.

— Tem, Joel, tem até uísque, se você quiser — enchi um copo de água na cozinha e levei para ele.

O cara não parava quieto, mexia nos bolsos procurando algo, depois ficava se coçando inteiro, se arrumando na poltrona e, por fim, tentava me alcançar.

— NÃO! ELA ODIAVA UÍSQUE! — gritou, me assustando um pouco.

— Não precisa gritar, cara, tá tudo bem, pode beber isso, é tão bom quanto cerveja.

Claro que ele derrubou mais da metade da água no meu

tapete, mas, naquela altura da noite, acho que reclamar não ia adiantar de nada.

— Então, onde você estava esta noite? Parece que se divertiu. Ele soluçou e bebeu um gole do resto da água que tinha no copo.

— Fui no bar com uns antigos amigos da faculdade.

— E essa garota, a que não gosta de whisky, estava lá?

— Não, claro que não, ela jamais viria, você sabe como ela é.

— Não Joel, eu nem sei quem ela é.

Ele tinha cheiro de cerveja e cigarro e estava bem arrumado, ou deveria estar no começo da noite. Agora a camisa florida estava meio torta, o tênis todo sujo e o cabelo todo desarrumado. Mas não foi nenhuma dessas coisas externas que me chamou atenção, e sim o olhar perdido, sem foco, que me encarava como se estivesse vendo outra pessoa, outra coisa.

— A Aline, claro! Eu já te falei dela —ele ainda gritava, mas eu já estava acostumado com aquilo, restava torcer que os vizinhos também estivessem.

— Não, você já falou o nome dela, mas nunca me disse quem era.

— Ah... ela... ela era... era... Não sei o que ela era minha, ela era... Ela era a Aline, Aline Lemos, da faculdade, minha amiga, eu acho.

Eu ri e ele continuou meio confuso, mas me encarou nervoso como se eu o tivesse ofendido.

— Por que está rindo de mim? — reclamou.

— Você bebeu demais, cara.

— Você não sabe disso. É uma acusação muito séria, Edu.

— Não me chame assim.

— Você só reclama, a Aline ia odiar você.

— Aquela da faculdade, Joel? Foi ela quem te deixou nesse estado? Se for, preciso ter uma conversa com essa

Aline, acho que está sendo uma má influência para você.

— Não... Nem a encontrei, se bem que ela voltou a morar na cidade, então, até que tinha chance... Pensando bem, talvez eu devesse ir visitá-la... — ele deu um impulso pra se levantar e me assustou. Eu tinha quase certeza de que ele sairia correndo na direção da casa da (até então desconhecida) Aline Lemos, e eu teria que ir correndo atrás e um de nós acabaria atropelado, mas, na verdade, tudo que ele fez foi se sentar ao meu lado — Odeio aquela poltrona — resmungou, como se tivesse esquecido tudo que tinha acabado de me dizer.

— Então, por que não me conta dela dessa vez? Já estou acordado mesmo, acho que é melhor do que ficarmos aqui, olhando um pra cara do outro.

Ele respirou fundo. A sala estava mal iluminada, pois era a luz da cozinha que estava acesa, mas ainda dava pra ver os retratos na estante onde ficava a televisão, a maioria com fotos nossas.

— Você não iria querer ouvir.

— Se eu não quisesse te ouvir, por que eu teria te atendido às três da madrugada e te oferecido esse copo de... bebida...?

— Eu sei que é água, Edu. Eu estou bêbado, não doido.

— Você me entendeu.

— Se eu contar, promete não rir em nenhuma parte da história?

— Sabe que isso é pedir demais.

— Sei mesmo, era só para testar sua índole. Não tem nada de incrível, eu a conheci no primeiro ano de faculdade, e você sabe como o primeiro ano é sempre o melhor, todo mundo gosta de todo mundo, todos são amigos, acho que porque ninguém se conhece direito. E no meio disso tinha ela, não sei dizer o que foi... a voz, o jeito de andar, de olhar ou o sorriso. Mas tinha uma coisa nela que me fez querer ser seu amigo no primeiro instante, alguma coisa que me atraía, e eu nem sabia

dizer o que era. Algo me dizia que nos daríamos bem. Acho que já deve ter sentido isso alguma vez, pelo menos, eu senti isso com você também. Eu sempre tentava achar uma brecha para puxar um assunto, mas era complicado porque todo mundo andava junto, já que era calouro, nas festas todos queriam se conhecer e, no fim das contas, era impossível falar com ela a sós, até aquele dia... Aconteceu sem nem um aviso, sabe, e me assustou de verdade:

— Por que você está aqui fora? — eu tomei um susto quando ouvi aquilo. Já era bem tarde, a última aula do período noturno, e a faculdade estava vazia. Acho que só tinha a nossa turma lá, tudo estava meio escuro e fazia um frio danado.

— Está muito ruim lá dentro — respondi, enquanto ela se sentava do meu lado. Ela vestia um casaco quente que parecia um tapete e eu pude sentir o calor vindo dela. Foi engraçado, sabe, eu esperei tanto por aquele momento e por um tempo me esforcei tanto para acontecer, mas, no fim, aconteceu naturalmente, sem que precisasse fazer nada — Você fuma? — ofereci.

Ela pegou, acendeu e tragou.

— Obrigada. Hoje está tudo meio chato mesmo, mais ou menos como todos os outros dias. Joel, não é? — e, pela primeira vez, ela me olhou, quer dizer, pela primeira vez ela me viu de verdade, nossos olhos se alinharam por uns poucos instantes enquanto estávamos sentados naquele banco de mármore gelado.

— Isso mesmo, Joel — respondi, e acho que comecei a vê-la naquele dia, também. Já tinha visto ela antes, é óbvio, mais foi ali, naquele instante, sobre aquele banco gelado, que eu a vi de verdade, como ela era — Não acho que os outros dias sejam tão ruins, só que hoje em especial está difícil.

— Noite foda?

— Muito.

— Faculdade ou vida?

— Os dois.

— O pior combo... — ela parecia me entender mesmo sem me conhecer, o que é esquisito. Será que isso é sequer possível? — Esse lugar é intrigante, não acha? — continuou, após alguns instantes de silêncio, interrompidos pelo estalar do fumo queimando lentamente no cigarro.

— Mais ou menos... Por quê?

— É que a gente vem aqui para estar lá, nas salas, mas quando quer se sentir melhor... vem para fora. Não era pra isso acontecer... Lá dentro? — ela apontou pra uma janela em que dava pra ver todos os alunos anotando o que o professor falava e este, por sua vez, zanzava pela sala de aula gesticulando e falando um monte de coisas que jamais saberíamos o que era.

— Ah, não sei, acho que o problema de verdade é aqui — eu apontei pra cabeça e ela sorriu.

— Você é um cara legal, Joel, não precisa ficar triste — ela avançou e me abraçou. Eu fiquei surpreso nos primeiros segundos por ser repentino, mas depois sosseguei. Senti seu cheiro, senti seu aperto, senti seu calor e quando me dei conta, me afastei, meio assustado.

— Obrigado, eu acho.

— Relaxa, foi só um abraço, deu pra ver que não está acostumado a receber muitos.

— O quê? Como assim? — perguntei, já sorrindo, porque era fácil sorrir com ela ali.

— Foi muito rápido, abraço bom é demorado, no mínimo oito segundos... — sorriu ela, tragando mais um pouco do cigarro e soltando a fumaça por aqueles lábios que cada vez mais me chamavam atenção.

— Então está dizendo que existe um tempo médio para abraços?

— Sim, não precisa ter medo.

Eu sorri e a encarei por mais alguns segundos. Que conversa maluca para se ter num banco!

— Anotado.

— Assim espero. Escuta — ela apagou o cigarro —

agora tenho que ir, a professora vai ficar puta da vida quando me ver entrando cheirando a cigarro. Você não vem? Ela tá passando matéria da próxima prova, sabe...

Eu respirei fundo e até pensei em levantar, mas não conseguia.

— Não, meu amigo vai trazer minhas coisas depois, posso copiar do caderno dele — respondi, mas acho que ela não acreditou muito, afinal, nem eu mesmo acreditava naquelas palavras.

— Ok, até mais Joel — ela se levantou, jogou o cigarro fora e foi andando.

— Até mais, Aline, não é?

— Aline."

Ele ficou encarando a poltrona depois de ter me contado aquilo, acho que estava imaginando, ou lembrando dela.

— Então... Vocês voltaram a conversar depois disso? — tentei perguntar. Parecia uma história muito vaga, sem importância, a menos que fosse o primeiro momento de muitos.

— Por um tempo não, acho que ela até se esqueceu de mim, mas teve outro dia que tive sorte de novo, sabe, sem nem saber aconteceu, e saímos juntos. Dali em diante nunca nos separamos. Até hoje nos falamos muito, mas, às vezes, acho que... Que ficou diferente, distante...

— A gente pode ir lá amanhã. Vamos visitá-la e vocês conversam sobre tudo isso — sugeri. Era um problema relativamente fácil de se resolver, pelo menos quando analisado de fora.

— Não sei se deveria ir até lá... Posso dormir aqui? Acho melhor eu não ir assim pra casa.

— Claro, pode ficar aqui no sofá, é muito mais confortável que a cama, falando sério.

— Obrigado.

— Você está bem?

— Estou de boa.

— Tem certeza de que não quer ir lá amanhã?

— Outro dia a gente vai. Acho que quero só dormir agora, minha cabeça está doendo.

— Tudo bem. Boa noite, Joel — eu me levantei, dando espaço para que ele se deitasse, peguei o copo e levei na cozinha. Quando voltei, ele já estava dormindo, mergulhado num mundo de sonhos, abraçando o infinito.”

Dela

— Que milagre eles não terem te obrigado a se sentar naqueles bancos perto do balcão, aquele é o pior lugar de todos! — essa foi a primeira coisa que eu ouvi dela e também foi a primeira vez que eu vi seu sorriso surgindo, que vi seu cabelo preto e ondulado, seus olhos escuros, seu rosto fino e corpo alto. Foi a primeira vez que vi seu andar apressado e seus gestos calmos caminhando por entre as mesas, pedindo licença pra muitos, cumprimentando alguns, até chegar em mim e dizer aquelas palavras com uma voz suave, mas alta o suficiente para que eu conseguisse ouvir. Ela não era exatamente como eu tinha imaginado, mas eu nunca tinha parado para pensar na mulher misteriosa das histórias embriagadas do Joel.

— Eles até tentaram, mas olha aqueles dois que são mais barulhentos que o resto do bar inteiro — respondi, puxando a cadeira para que ela sentasse, enquanto sinalizava com a cabeça na direção do balcão onde um careca e uma velha conversavam e riam alto. Ela os encarou por um tempo, como se já os tivesse visto antes, mas o olhar curioso logo se voltou para mim.

Ela se sentou e, de repente, as outras mesas e o barulho desapareceram. Não desapareceram de verdade, mas perderam a graça. Não fazia mais sentido ficar imaginando sobre o que eles estavam conversando, ou quem eram e de onde vieram. O mundo, mesmo em meio a tanto barulho, silenciou.

Acho que qualquer um que olhasse para nossa mesa veria duas pessoas que não eram parecidas em praticamente nada, a postura, o olhar, o silêncio, o sorriso, era tudo diferente. Talvez pensassem que foi o acaso, ou talvez nem nos enxergassem ali. Talvez suas mentes preferissem ignorar o fato de que duas pessoas que pareciam ser tão distintas estavam juntas, em uma

única mesa, sem que o universo explodisse.

— Eu esperava que esse lugar estivesse mais vazio — acho que, para ela, tudo ainda estava ali, as outras pessoas andando ao nosso redor, os gritos chamando o garçom, os pedidos para mudar de música, os quadros esquisitos na parede.

— Parece que todo mundo tem uma coisa para comemorar hoje, assim como você, que ganhou aquela promoção que comentou — achei que seria falta de educação começar indo direto ao assunto, talvez precisássemos de uma conversa fiada antes.

— Se todos tivessem sido promovidos, eu provavelmente estaria sem emprego agora — riu, levantando a mão para chamar o garçom. Ela parecia estar familiarizada com aquele lugar ou, pelo menos, mais do que eu — Você se parece um pouco com ele, sabia? — continuou, me enxergando fundo, exatamente como o Joel tinha me contado naquela noite.

Diferente de mim, ela não precisava de conversa fiada, o que, na verdade, foi um alívio. Tínhamos uma única coisa em comum, não havia muitos motivos para procurarmos outras.

— Você também — respondi brincando, e era verdade.

— Por quê? — me questionou quase imediatamente.

— Você parece gentil, do jeito que ele era.

Ela deu uma risada profunda, daqueles que traga o ar, mas acho que também trouxe lembranças, coisa que estávamos fazendo muito.

— Então...Você era realmente amigo do Joel Nascimento Mendes de Assis Limeira Júnior? — a pergunta saiu tímida da garganta dela.

E era? Ou amigo era pouco para gente?

— Sim, e eu sempre achei esse nome grande demais. Vivia falando para ele abreviar ou simplesmente ir a um cartório e mudar, mas ele preferiu seguir com todos, uma mistura dos nomes dos pais biológicos com o dos adotivos.

Na minha cabeça, quando desliguei o telefone e marquei

aquele encontro, milhares de simulações foram postas em ação. O que eu gostaria de perguntar? O que ela gostaria de contar? Até que ponto deveríamos ir, quer dizer, como eu saberia quais das coisas que ela me contou eram mais importante pro Joel? Será que de fato ela o conhecia tão bem assim? Mas acho que ali, sentado, olhando para ela, tudo desapareceu. Tinha alguma coisa naquela mulher que deixava claro que tínhamos que estar ali e, se era assim, pra que se preocupar?

— Eu gostava. Ele era grato, sabe, coisa que não vemos muito hoje em dia... Ele não falava muito sobre os pais biológicos, apesar de conhecer a mãe, mas dos adotivos era diferente. Eu mesma já me encontrei com a Dona Clarisse e com o Sr. Rubens, duas pessoas incríveis — o garçom veio e deixou uma cerveja e três copos, mas nem percebemos isso acontecer — mas imagino que você já saiba disso, sei que são muito amigos, quer dizer, você está fazendo tudo isso por ele e... Eu sei que você escreve e que está escrevendo um livro sobre ele, eu dei uma pesquisada em casa, então imagino que é por isso que estamos aqui. Certo?

Era?

— Eu não sei por que estamos aqui... — respondi, e não sabia mesmo.

Por alguns instantes, ficamos em silêncio, desviando do olhar um do outro. Será que aquilo era o certo a se fazer? Será que não deveríamos seguir nossas vidas e lidar com o luto como todas as outras pessoas fazem?

— Eu lembro de você, sabe — disse ela, mostrando saber mais do que eu o que queríamos — Quer dizer, agora eu me lembro. Eu fui visitá-lo várias vezes no hospital e em quase todas você estava sentado naquelas cadeiras desconfortáveis do corredor, na verdade, te vi tantas vezes lá que achei que fosse um enfermeiro ou algo assim.

Eu me esforcei para me lembrar dela, mas não consegui, o que, na verdade, me deixou meio envergonhado. Eu sempre estava lá, mas, no fundo, estava apenas pelo Joel, o resto

eram só fantasmas passando por mim no corredor, quase todo mundo sem rosto e sem voz.

— Todas as vezes que fui lá, ele me recebeu com um sorriso — continuou, quando viu que eu não tinha nada para falar — No começo ele era radiante, feliz, cheio de esperança. Eu sentava naquela poltrona azul e ficávamos conversando sobre o tempo que tínhamos passado juntos, como a vida nos levou para caminhos malucos, falávamos sobre o clima, sobre o céu, sobre músicas, sobre roupas e, às vezes, até conseguíamos ver um filme ali mesmo no hospital. Mas isso foi mudando. Foi aos poucos, sabe? O riso foi desabrochando, perdendo a cor, se antes ele mal precisava se esforçar, agora parecia que abrir um sorriso era como levantar um peso e, ainda assim, ele o fazia. O tempo que eu podia ficar lá dentro ia diminuindo na mesma medida que o ânimo de sua voz. Cada semana, um medicamento de cor diferente saía daqueles sacos de plástico e entravam em suas veias. Eu sempre tentei manter a imagem dele como eu o conheci: não muito alto, não muito forte, mas muito amoroso. A última vez que eu o vi, essa imagem se desmanchou, ele estava muito fraco, muito baixo e nem sei se conseguia sentir o amor em volta dele. Seus braços estavam finos e cheios de marcas rochas, seu sorriso não se abriu, acho que nem seus olhos se abriram direito, e essa imagem não sai da minha cabeça por nada.

Eu podia nunca tê-la notado passando por lá, mas sabia que era verdade, porque ninguém quer ter aquela lembrança do fantasma definhado da pessoa que você ama... Eu também tinha aquela imagem contrastando com o Joel que conheci, parecia que os dois estavam sentados ali com a gente, um sorrindo radiante, o outro à beira da morte.

O garçom voltou com uma outra garrafa de cerveja e, desta vez, trouxe mais dois copos e isso só fez com que a sensação de vazio aumentasse. Mas quando ele se foi, deixando a cerveja aberta e os copos empilhados, eu me dei conta de onde estávamos novamente. O barulho, a música ao fundo, as

conversas, os risos, os cheiros, tudo invadiu nosso universo.

— Eu agradeço por ter ido visitar ele, com certeza foi muito importante. Você está certa, eu estou escrevendo uma história sobre ele. Ele me pediu isso antes de morrer — eu encerrei aquele assunto fúnebre, não queria e não precisava lembrar daquilo, não quando eu ainda nem havia esquecido — Ele não me disse o porquê — completei, ao ver a curiosidade em seu rosto — simplesmente pediu e, bom... Aqui estou, simplesmente obedecendo.

Acho que ela entendeu que não era do Joel morto que eu queria saber, e sim do vivo, do que eu não conheci.

— Fico feliz pelo Joel ter tido a sorte de encontrar um amigo como você, que não saiu do lado dele, diferente de mim...

Não sei se o nome era sorte, destino ou coincidência, ou se tudo isso é a mesma coisa e foi o que aconteceu. Nunca soube, até hoje não sei, as coisas acontecem por pura sorte, ou por que tinham que acontecer? Eu me inclino a acreditar mais na segunda opção e escrever esta história me ajuda a enxergar isso melhor. Acho que até o fim destas páginas você talvez passe a acreditar nisso também.

— Ele me falava muito de você, nunca coisas que faziam muito sentido, mas sempre citava seu nome, dizia como ele sentia saudade e como queria te rever, mas não sabia se devia, ele nunca me disse que você ia visitá-lo, talvez eu tenha achado que você fosse só uma parente no meio de tantos outros, ou algo assim. Eu sei que vocês fizeram faculdade juntos, mas não sei muito do resto.

— Do resto... — repetiu ela, com um sorriso no rosto — Bom, acho que posso te ajudar um pouco com isso. Acho que devo isso ao Joel.

Eu ri.

— É, sei bem como é isso — e eu sabia. Sabia mais do que ninguém como era se sentir em dívida eterna com alguém, como se não tivesse feito o suficiente, como se pudesse ter feito mais.

— Eu poderia te contar sobre a primeira vez que eu o vi, sentado em um banco de mármore no meio da faculdade. Da primeira vez que ouvi sua voz, quando ele se apresentou na sala de aula e fez uma meia dúzia de pessoas soltarem uma risadinha abafada de suas piadas. Da primeira vez que nossos olhos se cruzaram e ele me disse um “oi” quase mudo quando nos encontramos no meio da rua. Só que não vou, porque não foi em nenhum desses momentos que ele entrou na minha vida. Até então, ele era só um fantasma sem rosto, como alguém que passa por você no corredor agitado de um hospital de paredes bege.

Acho que a faculdade distancia as pessoas. Ninguém parece estar ali de verdade, todas aquelas cabeças baixas escrevendo a mesma coisa que centenas de outras já escreveram, vestindo máscaras para se encaixar em algum grupo e, no fim, tudo isso tem um motivo muito claro: o medo da solidão. Quando o professor manda fazer um trabalho em grupo e você não troca olhares de concordância com ninguém, quando você fala e ninguém te escuta, quando você almoça sozinho e sozinho vai embora, quando fica em casa sozinho no fim de semana enquanto todos postam fotos no lugar incrível que estão. Para não encarar essa falsa solidão, nós nos disfarçamos e nos perdemos, para, no fim, tentarmos nos encontrar. Mas ele era diferente. Acho que era sua falta de medo de perguntar, o jeito que ele falava e que ficava no mais absoluto silêncio, ele sabia quem era no meio de um monte de gente perdida.

— É um trabalho em dupla e, bem, só sobrou nós dois — começou ele. O Joel era um tanto magricela, alto, de pele morena clara e com aqueles olhos castanhos que sempre achei lindos. A sala estava mergulhada num barulho de mesas e cadeiras se arrastando, pessoas conversando e a professora tentando gritar por cima daquela barulheira toda. Eu sabia que era mentira, outras pessoas tinham chamado ele para outros grupos, mas ele preferiu vir até mim.

— Eu posso te ajudar e...

— Eu não preciso de ajuda — interrompi, não sendo grosseira, mas demonstrando que sabia o que ele estava fazendo. Eu não conhecia ninguém daquela turma, por algum motivo a coordenação do curso tinha me jogado com desconhecidos e meus amigos ficaram em outra turma.

— Ah... Tudo bem então — aceitou ele, meio sem graça.

— Mas, talvez — continuei sorrindo, quando percebi que ele não tinha entendido a piada — eu possa te ajudar. Eu vi as notas, quer dizer, acho que todo mundo viu, porque a professora colou no mural que fica no meio do corredor, então eu sei que precisa de ajuda.

Ele riu. Mas não era aquele riso mascarado, era sincero, meio tímido, ele realmente tinha achado engraçado o que eu disse, acho que porque era verdade. O riso dele não teve aquele som distante, ou aquela força enorme, era fácil. Por uns instantes, ficou sem resposta, às vezes ele fazia isso, pensava muito antes de falar alguma coisa.

— Melhor puxar uma cadeira aqui perto — continuei, e foi o que ele fez, quando todos já tinham feito.

Ele continuou me olhando. Tentou disfarçar, é claro, mas era péssimo nisso, acho que estava refazendo a imagem que tinha de mim. Isso acontece com todo mundo, eu acho, a gente tem uma pré-figura de uma pessoa antes de conhecê-la de fato, mas isso se desmancha, evolui.

— Então, você tem ideia do que fazer? — perguntou ele, olhando para o quadro onde instruções confusas, ao lado de números que tinham menos sentido ainda, marcavam a lousa esverdeada.

— Não, mas acho que ninguém sabe — e ninguém sabia. Bastava olhar ao redor para perceber que ninguém sabia o que estava fazendo ali; os grupos reunidos em mesas uma ao lado da outra discutiam todo tipo de coisa, o que fariam no final de semana, de onde vieram, problemas em casa, o sabor esquisito do lanche da esquina, o bar com a cerveja mais gelada. Tudo, exceto o trabalho que a professora tinha pedido.

Agora, veja bem: aquele era o nosso primeiro ano na faculdade e duvido muito que tivesse alguém naquela sala que soubesse exatamente o que estava fazendo. Era um ambiente tão novo, com gente tão nova, não dá para julgar nossas atitudes.

— Então, o que fazemos? — ele não parecia se incomodar em não fazer aquele trabalho, assim como a professora não se importava se os alunos fariam, ela já havia desistido e concluído que o problema era inteiramente nosso.

— Você tem cigarro? — perguntou.

— Sim.

Eu comecei a arrumar minhas coisas, peguei tudo que estava em cima da mesa e joguei dentro da bolsa. Depois, me levantei e fui caminhando até a porta. Ele ficou me encarando confuso, assim como a professora (mas no olhar dela tinha um pouquinho mais de raiva do que confusão).

Fiquei na porta, o encarando. Os outros alunos aparentemente tinham começado a fazer o que tinha sido pedido, a professora se levantou e caminhou, vestida em seu jaleco branco, dando instruções para grupos que a chamavam. O ritmo parecia começar a fluir, mas não era um ritmo que eu reconhecesse.

— O que você está fazendo? — cochichou ele, para que ninguém ouvisse. Não que fosse necessário, já que o falatório não tinha sumido, só mudado, agora eram distantes cochichos como um enxame de abelhas.

Eu só fiz um gesto com as mãos para que ele viesse. Aí comecei a me achar meio idiota, quer dizer, o que eu estava fazendo? Pensei, naquele momento, que ele me ignoraria, que pegaria suas coisas, arrastaria sua mesa até um dos outros grupos de alunos meio concentrados e eu ficaria lá parada igual idiota, e ele teria toda razão do mundo se o fizesse. Mas não o fez; tão rápido quanto eu havia sido, ele arrumou as coisas na mochila e saiu correndo, quase tropeçando.

— Você é louca — disse ele, empolgado. Algumas

cabeças se ergueram para nos encarar, mas foi quase como se não estivéssemos ali, pois na mesma velocidade em que elas se ergueram, também se abaixaram.

Eu sorri, puxei-o pelo braço e saímos. Pelo corredor, onde caminhamos mais devagar para não chamar a atenção, podíamos ler colados nas paredes todo tipo de panfletos: ofertas de estágios, fretes de mudanças, xerox e cursos de francês. As portas abertas davam para outras salas que não eram diferentes em absolutamente nada da que havíamos acabado de deixar. Ninguém notou nossa falta, ninguém chamou nosso nome sem querer, ninguém ficou esperando um dos nossos comentários. Tanto faz se estávamos lá ou não, porque não era para estarmos.

— Você também — respondi, risonha e ofegante. Saímos do bloco de salas e demos de cara com o resto da universidade, prédios meio velhos, ruelas meio asfaltadas, árvores meio cortadas e postes que meio que iluminavam o gramado escurecido pela noite com uma luz laranja esquisita.

— O que a gente vai fazer agora? — ele me perguntou confuso, mas feliz, enquanto andávamos pelo campus escuro e cruzávamos com algumas pessoas que nunca vimos e nunca veríamos novamente.

— O que quer fazer? — perguntei. Eu também não sabia o que queria, mas pelo menos paramos de correr. Passamos por outros blocos exatamente iguais ao que abandonamos e de fora eles eram ainda mais chatos, dando para ver em escala todas as cabeças olhando para um mesmo ponto, ouvindo uma mesma coisa e chegando a uma mesma conclusão.

Passamos pelo gramado onde alguns casais ousados deitavam, fumavam e olhavam as estrelas, onde amigos se sentavam e riam ao som de uma música baixa e calma. O que a gente escolheria?

Ele não respondeu. Mas parou um tempo e me encarou com aqueles olhos castanhos que eram uma janela para um universo inteiro, para constelações distantes repletas de brilho

e vida, um lago de estrelas profundas e, naquele instante, nossas órbitas bateram e sabíamos a resposta. Queríamos estar juntos, como ficamos dali em diante. Ele me abraçou e sussurrou baixinho no meu ouvido:

— 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

— O que está fazendo? — perguntei, rindo, mas confortável dentro daquele abraço quente e inocente.

— Contando os segundos para o abraço perfeito.”

O tempo é o vilão mais cruel. Ele está presente em todas as histórias, porque é invencível e muito mais esperto; ele te cerca, articula um plano, te prende em uma teia e quando ela se rompe, fim.

Algumas lágrimas escorriam dos olhos dela quando a história terminou, com os fantasmas de um passado de arrependimentos no meio delas, mas também de felicidade.

— Não é só culpa sua que vocês não tenham continuado tão próximos assim...

Eu sei o que se passava na cabeça dela, eram os dois sentimentos mais horríveis que existem: o arrependimento e a saudade. Eu sentia isso todos os dias, todas as manhãs, quando me lembro as noites que preferi dormir do que estar com ele, as manhãs em que me atrasei, o tempo que gastei...

— É sim... Não só minha, é claro, mas eu poderia ter feito diferente, só voltei quando ele estava no hospital e...

— Acredite, isso já é muita coisa, tenho certeza que fez com que seus últimos dias fossem muito mais agradáveis.

Ter feito diferente... Essas palavras martelaram, e ainda martelam, na minha cabeça diariamente. Aliás, neste exato momento, elas estão aqui comigo, enquanto digito estas palavras tortas e me lembro do que passou. Acho que é isso que sobra, o que passou e como é ruim saber que não vai ter uma reprise, uma segunda vez, uma volta; foi aquele momento, foram aqueles momentos e fim, não vai ter terça que vem, nem sábado, nem segunda, nunca mais.

As lágrimas que escorriam dos olhos dela combinaram com a chuva que começou a cair do lado de fora. As pessoas

que estavam nas mesas externas entraram correndo e, de repente, fomos puxados de volta para a realidade em que estávamos. A cadeira vazia do nosso lado nos encarava, quase nos julgava, dois culpados por um pecado que não tinha mais conserto, culpados por perder tempo e, agora, angustiados por ter tanto do que o Joel não teve. Uma lágrima pesou no meu olho também.

— Eu sinto muito — admiti, e uma lágrima caiu. A fonte que pensei já estar seca, tinha mais para derramar.

“Que ridículos vocês dois aí chorando por mim...” soou a voz do Joel na minha cabeça, desdenhosa e risonha como sempre.

“Por quê?”, lhe perguntei no silêncio que minha imaginação me proporcionava.

Estão aí, feito dois chorões derramando lágrimas por mim, deviam estar chorando pelo tempo que estão perdendo... Eu vou estar aqui esperando vocês, exatamente como prometi, então aproveitem. Prometo que, quando chegarem, vamos ter todos os dias do mundo para estarmos juntos.”

— Eu também sinto — concluiu ela, já sem água nos olhos, tentando se distanciar daquele pensamento — Ele era um cara engraçado, sabe, passamos muito tempo juntos, acho que você ia adorá-lo naquela época.

Em meio a lágrimas, eu ri.

— Acho que eu o odiaria — brinquei, quase me esquecendo do choro.

— Ah, para! Ele era engraçado, simpático, sabe? Aquele cara que todo mundo gostava, que não só cumprimentava, mas conversava com cada conhecido que encontrava na rua. Com o tempo, a sala acabou gostando desse jeito dele e, por isso, se saísse do nada de novo, todo mundo perceberia e ficaria rindo dele no dia seguinte. Os professores comentavam seus atrasos, todo mundo sentia falta quando ele não aparecia.

Ele era daquele jeito, sempre foi, e era bom saber.

— Imagino o tanto de vezes que você deve ter passado

raiva, se atrasando porque ele encontrava alguém por aí e danava falar sem parar.

Ela riu de um jeito diferente enquanto bebia, tão diferente que quase cuspiu a cerveja.

— Eu odeio quando ele faz isso, eu quase perdi meu primeiro emprego por causa dessa mania, ficou perguntando da vida inteira do cara e eles só tinham se visto tipo, umas três vezes na vida.

— Uma vez eu literalmente esqueci meu filho na escola, porque ele encontrou uma amiga que tinha virado médica e ficou exatamente duas horas conversando com ela sobre hospitais e cirurgias. Quando eu cheguei lá, o garoto estava puto da vida comigo, mas na paz com o Joel, já que ele convencia qualquer um a ficar do lado dele com aquele sorriso e aquelas historinhas decoradas dele.

— E ir no mercado com ele? Era uma viagem quase sem fim, a cada corredor, ele conversava com uma pessoa diferente...com o padeiro, açougueiro, com o caixa! Quando a gente finalmente saía, a cerveja já estava quase quente, mas ele voltava lá e pedia para trocar e, pasmem, eles trocavam.

E nós rimos. Foi meio triste rir da saudade, parando para pensar agora, mas acho que essa é a melhor solução.

— Acho que agora não nos restou nada, a não ser você me contar sua parte da história... — ela disse.

— De qual história? — perguntei, quase gritando. O lado de dentro do bar tinha ficado cheio demais e o barulho da conversa alheia ficou insuportável.

— De me...

— Com licença, vocês estão usando esta cadeira? — interrompeu um rapaz que eu jamais seria capaz de lembrar o rosto, mas lembro de sua camisa verde.

— Eu... Não — respondi, meio confuso. Ele pegou a cadeira, sorriu e saiu dali — Então...De te contar o quê? — gritei novamente.

Ela sorriu de novo e se levantou, foi até o balcão e largou

algo para o garçom que não deu para ver. Depois foi andando para fora. Só não foi para debaixo da chuva porque os garçons tinham estendido um toldo lá fora para aliviar a lotação de dentro. Ela ficou lá estática me olhando e sorrindo.

Eu sorri contagiado e, sem pensar duas vezes, me levantei e fui atrás. Acho que aquele lugar tinha ficado tão insuportável para ela quanto para mim, nosso universo precisava sair por aí, mesmo que estivesse chovendo. Não demorou nem dois segundos para que nossos lugares fossem ocupados por outras duas pessoas. Ninguém viu a gente saindo, ninguém notou duas pessoas loucas indo embora debaixo daquela chuva de verão.

— Se você não tivesse feito isso, eu acabaria fazendo — eu disse. A chuva caía forte sobre nós e ainda assim foi bom, nossas roupas ficaram molhadas e andamos pela mesma calçada que havíamos andado antes, mas desta vez com mais calma, e pudemos notar que as esquinas estavam solitárias, mas nós não estávamos — Mas contar o quê? — repeti. Algumas pessoas passavam correndo e entravam em um daqueles lugares lotados, desesperadas para fugir da chuva.

— Como vocês dois se conheceram — respondeu ela. Assim como eu, ela não tinha pressa nenhuma em chegar a qualquer lugar.

— Ah, bom...Minha esposa tinha acabado de morrer, e...

O Homem que Morava com Amigos

— Você tem certeza que é isso que quer? Ainda dá tempo de sair correndo e fingir que nada aconteceu, prometo que deixo isso fora do livro — nós estávamos no carro quando eu disse aquilo. Não parecia verdade que ela poderia voltar atrás, mas achei que talvez ela o fizesse, que simplesmente pararia o carro e mandaria a gente descer, dando meia volta e largando meu filho e eu no meio da rua.

— Ia dar muito trabalho voltar, não tem um retorno nessa avenida — riu ela — Além disso, eu tirei um mês de férias e preciso de alguma coisa pra me distrair, se não ia ter que acabar ajudando minha irmã em um monte de coisa chata.

— Um mês inteiro... Acho que dá pra fazer bastante coisa. O que sua irmã faz?

— Estuda engenharia, então tem sempre alguma maquete maluca na qual precisa de ajuda. Quanto mais longe daquilo eu ficar, melhor, então ir conversar com o Henrique é até uma boa ideia, eu já estava devendo a ele uma visita mesmo.

O Joel da faculdade precisava de mais fragmentos para se completar, por isso, seguir a ideia da Aline Lemos de irmos atrás das pessoas com quem ele morava pareceu o melhor caminho para percorrer. Que tipo de pessoas será que tinham convivido com o Joel diariamente por 5 anos? Eu nunca tinha ouvido falar de nenhum deles, sabia apenas que ele tinha morado com uns amigos na época em que estudou Administração, mas com toda certeza tinham algumas histórias no meio e, talvez, algumas delas pudessem ser contadas.

— Deixa eu ver se eu entendi — começou Caio, meu filho. Ele estava no banco de trás do carro, tinha aceitado de um jeito estranhamente fácil o fato da Aline vir com a gente — Esse cara que morou com o Joel ainda mora no mesmo lugar daquela época? Que triste.

Ela riu de novo (ultimamente fazia muito daquilo), além disso, eles tinham se dado estranhamente bem. Ela tinha jeito com crianças.

— Sim, ele ganhou o apartamento de herança da avó, é um lugar grande e bem no centro da cidade, não tem porque ele sair de lá. Mas acredito que tenha passado por algumas reformas — respondeu ela — Era meio malcuidado e parte disso era culpa nossa, um bando de jovens usando uma mesma casa, claro que ela não ia se manter conservada por muito tempo, na verdade, uma vez quase botamos fogo no andar inteiro... — seus olhos encaravam a avenida larga que, de tão movimentada, deixava tudo lento e dava espaço para se preencher de nostalgia.

— Como assim? — perguntou o Caio, empolgado, quase pulando para o banco da frente.

— Sabe como é, nunca tente cozinhar bêbado.

— Ouviu pai? — ele riu, ela riu e eu ri também.

O centro da cidade era um dos lugares que o Joel mais detestava e eu entendia muito bem esse sentimento. Tudo ali era muito bagunçado. As pessoas apressadas corriam num fúnebre desfile em que o único contato era feito quando trombavam umas nas outras. Muita conversa alta, mas pouca gente se olhando. Muitos carros buzinando, apressados. Muitas motos costurando a pista em cruzamentos mal sinalizados, os enormes ônibus cinzas carregavam dezenas de pessoas que nem pareciam saber onde estavam ou para onde iam, lojas espremidas e com gente que gritava diferentes promoções de diferentes coisas. As ruas eram todas sujas, mesmo que lixeiras enfeitassem as calçadas. O tempo nublado, que eu geralmente gostava tanto, dava um ar ainda mais melancólico e preguiçoso para a paisagem. Era tudo tão obscuro que dava até medo de descer do carro... sorte que nosso destino era uma bagunça um pouco diferente.

A Aline Lemos ainda mantinha certo contato com o Henrique, colega de casa do Joel na época da faculdade, o que facilitou muito nossa vida. Como sabia o caminho de cabeça,

foi ela quem nos levou pra lá, quase em uma espécie de tour por sua antiga vida. Conforme nos aproximávamos do destino, uma espécie curiosa de seres humanos começou a se mostrar: os jovens.

Esses curiosos Homo-sapiens em fase de crescimento podiam ser vistos atravessando lentamente a rua rumo a um de seus habitats naturais: os arredores de uma universidade. Ali eles podiam encontrar tudo que precisavam e, quando eu digo “tudo”, é tudo mesmo: farmácias ao lado de sorveterias, igrejas ao lado de bares e escolas de inglês fajutas em frente a mercadinhos sujos.

— Eu estudei dois anos neste lugar... Já faz um tempo, mas tudo parece igual, até as pessoas — contou a distraída Aline.

— Eu aguentei só um ano, não era lugar para mim — respondi.

— Acho que não é lugar para ninguém, ainda assim, é lugar de muita coisa.

— Talvez eu estude aqui um dia! — brincou meu filho, que olhava tanto pela janela que estava quase com a cabeça para fora.

— Boa sorte — desejamos, juntos.

Entre as esquinas de muros pichados com as mais densas cores, estavam os tais universitários: sempre lentos, muito mais presos em seus mundos do que ao que acontecia ao seu redor. Era gente de todos os jeitos, todo tamanho, toda cor, toda raça, todo tipo de pensar e de falar. Aliás, falar era uma coisa que eles faziam muito, sobre as aulas que tinham acabado de assistir e as que veriam no dia seguinte; outros tantos evitavam sequer pensar na faculdade e levavam sua conversa para longe daquelas salas de aula, almejando o universo inteiro. A maioria sorria de alívio por ter terminado o dia, já que quando passamos por lá era exatamente seis da tarde. No entanto, o fim de um turno também era o início de outro e dava para diferenciar as pessoas do noturno, que andavam no sentido contrário e pareciam igualmente cansadas, mas bem mais empolgadas.

Era quase nostálgico estar ali, passando lentamente por aquele ambiente que, gostando ou não, fizemos parte um dia. Há não muito tempo atrás, tanto a Aline quanto eu fazíamos parte dessas crianças meio sem rumo, indo para sala, mas sem saber para onde ir na vida, peregrinando lentamente enquanto os carros parados por causa do trânsito os observavam. O Joel também tinha sido um daqueles, se eu passasse por aquela mesma avenida sete anos atrás, talvez eu o encontrasse perdido por ali.

Todos os prédios em volta da universidade eram mais ou menos iguais: sete andares, janelas pequenas geralmente enfeitadas com vasos de flores, sacadas que fediam a cigarro, um porteiro distraído e uma galera entrando e saindo o tempo todo. Enfeitado por calçadas rachadas, cercado de conveniências que vendiam salgados frios e xerox de documentos que podiam ser facilmente encontrados sem custo na internet, estava o prédio onde o Joel morou por cinco anos da sua vida. Aquele prédio, em especial, era mais bem pintado, um azul-celeste suave e metálico, com uma entrada de vidro mais bonita, uma calçada com grama, um estacionamento maior e sacadas amplas de azulejo claro e azulado. Mas não era por causa disso que ele se destacava, e sim porque ele era torto. Acho que ninguém teria notado isso, ou talvez fosse isso que o fizesse tão especial, mas quem gostaria de morar em um prédio torto? E não era um torto do tipo que vai cair e matar todo mundo que mora ali, apenas levemente torto, tão pouco que achei que talvez fosse só coisa da minha cabeça.

Paramos o carro em uma rara vaga vazia e descemos ali naquela ruela estreita. O sol já estava quase desaparecendo em meio a nuvens pesadas que traziam um vento abafado que era capaz de derrubar os galhos das árvores imensas que se fixavam nas calçadas.

— Ok, o que fazemos agora? — perguntei, com uma vontade de saciar minha dúvida que não era muito diferente da dela.

Ela olhava emocionada para o prédio e não parecia ser porque ela o achava torto. Na verdade, suspeito que ela tenha vivido milhares de momentos naquele lugar, muito provavelmente já tinha ficado parada na mesma calçada enfeitada por grama e por plaquinhas que pediam para que não jogássemos lixo onde estávamos.

— Não sei — me respondeu, meio zozona com o turbilhão de lembranças que provavelmente invadiram sua mente. Na verdade, ela sabia exatamente o que tinha que fazer. Imagino quantas vezes ela tinha deixado o seu próprio prédio e ido até ali para visitar o Joel e seus amigos. Quantas noites eles não passaram em uma daquelas sacadas de vidro azul claro conversando e rindo? Quantas vezes ela não havia passado por aquelas grades de metal marrom e entrado no prédio azul e torto que abrigava centenas de estudantes?

— Acho que é só tocar a campainha — meu filho disse, tomando a iniciativa. Eu não gostava de apressar as pessoas quando elas estavam pensando, principalmente quando pareciam tão mergulhadas em lembranças, mas ele não tinha puxado muita coisa de mim.

— É, acho que sim — lá foi ela, andando os mesmos passos que tinha andado outras vezes e eu fui atrás, pisando no chão que o Joel também pisou um dia — Espero que o apartamento e os andares não tenham mudado.

— Espero que o lado de dentro não seja torto igual o de fora — eu não queria dizer aquilo, mas foi inevitável. Para minha surpresa, ela riu, mas não parecia ser de felicidade, seus olhos encararam os meus, mas não parecia que ela estava me olhando. Por um tempo, achei que ela fosse se virar e ir embora, desistir daquilo, exatamente como eu havia sugerido antes, porque era loucura demais estar com alguém que via as coisas tortas. Mas, ao invés disso, ela continuou sorrindo um sorriso de saudade, enquanto levava o dedo até os números do interfone.

— O Joel também achava que era torto — disse ela, mais para si mesma do que para mim.

O número 77 foi discado.

— Fala — a voz veio cansada, como quem tinha acabado de acordar.

— Henrique? — disse ela.

— Aline?

— Exatamente.

— Meu deus, o que você está fazendo no meu interfone? Quanto tempo faz... Quer dizer, por que não avisou que viria?

— Eu avisei, mas acho que você esqueceu, né? Poderia abrir pra mim?

Temos que conversar sobre algumas coisas...

— É sobre o Joel? Eu fiquei sabendo, que coisa, não é? Foi tão horrível, eu fiquei sabendo que ele estava doente... Mas nunca imaginei que fosse morrer e...

— Henrique, o portão — insistiu ela, que parecia não gostar de esperar no interfone. Ninguém gosta.

— Ah, claro, vou liberar para você entrar.

Eles falavam como se nunca tivessem se distanciado, pareciam grandes amigos e, de fato, deviam ser, afinal, quantas vezes?

O salão de entrada era enfeitado por espelhos, sofás mais caros do que os que eu tinha na minha sala e um balcão, de onde um velho senhor sorriu para a gente sem dizer nada, só apontou na direção de uma porta que possuía um painel repleto de números do lado.

O elevador era a coisa mais lerda do mundo, tão lento que imaginei se não teria sido mais rápido ir pela escada. O lado bom é que tinha uma vista panorâmica, isso porque o prédio, além de torto, também era o maior dos arredores, o que dava uma vista quase perfeita da Cidade Universitária. Eu sei que esse nome pode fazer o bairro parecer impressionante, mas, na verdade, não era. O sol ainda estava se pondo no meio de um montão de nuvens cinzas, mas era praticamente de noite. Lá de cima, conseguíamos ver o movimento de carros aumentando, fluindo melhor, acho que eram as pessoas voltando para suas casas depois de um dia de trabalho. As luzes alaranjadas dos

postes foram se acendendo e tudo ganhou um tom meio triste. Ao fim da nossa subida, já não tinha nenhum movimento de estudantes, todos aparentavam ter chegado ao seu destino, ou algo parecido.

As portas se abriram e eu tomei um susto, pois parecia que tínhamos passado algumas horas dentro daquele elevador.

O corredor era pequeno, era mais um quadrado. Três portas, uma em cada canto da parede: 76, 77, 78. Cada uma delas guardava atrás de si uma vida diferente, por sorte, eu estava interessado somente em uma delas.

Não precisamos bater na porta, ela simplesmente se abriu e um rosto sorridente nos recebeu com abraços, mesmo sem saber quem eu ou meu filho éramos.

— Já faz tanto tempo! — começou ele, se dirigindo exclusivamente à Aline Lemos, e depois deu espaço para passarmos pelo tapete velho da entrada escrito “b m v do”.

O lado de dentro é tudo que se espera de um apartamento normal, móveis pequenos para se encaixar nas paredes estranhamente angulares, tudo planejado para aproveitar o máximo de espaço possível. A sala era grande, bem maior do que o resto da casa, três sofás cinzas, uma TV, uma estante com várias bebidas, enfim, uma sala grande e comum. Foi ali que nós nos sentamos e nos encaramos em silêncio por algum tempo.

— Então, quem exatamente são seus amigos? É sua família? Não vai me dizer que esse é seu filho, ah, não, não seria possível... — sem nem mesmo nos deixar falar, ele criou em voz alta um personagem para cada um de nós e isso era legal. É uma coisa que todo mundo faz muito.

— Na verdade, esses dois são amigos do Joel — disse Aline, cabia a ela conduzir aquela conversa — Esse é o Eduardo e aquele é o filho dele, o Caio, eles o conheceram um tempo depois da gente, estavam lá quando ele... Você sabe.

Apertos de mãos dados, sorrisos trocados, quantas vezes aquele olhar sonolento não cruzou com o do Joel? Quantas

vezes eles não apertaram as mãos? Quantas vezes?

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse ele, mas acho que não sentia muito, pois eu nunca tinha ouvido falar de Henrique nenhum; o nome dele nunca apareceu na lista de visitantes do hospital e o Joel nunca chegou sequer a dar um nome para o “cara que morava com ele”.

— É, foi bem triste — foi meu filho quem falou, ele sabia o que eu tinha vontade de responder e por isso se adiantou.

— Eu pensei em ir visitá-lo, mas não sei... Fazia tanto tempo que não nos falávamos... Éramos muito próximos antigamente, e como não seríamos se morávamos na mesma casa? — disse, sorrindo, mas só por fora, por dentro eu podia sentir que ele estava triste ou, pelo menos, incomodado.

— Não estamos aqui para julgá-lo — os olhos da Aline Lemos o encaravam, mas sua fala fez com que ele desviasse o olhar, como se tentasse fugir dali — é normal as pessoas se distanciarem, você não tinha obrigação nenhuma com ele.

A culpa é um dos sentimentos mais irracionais que o ser humano poderia ter, afinal de contas, o Joel nem parecia se lembrar do tal Henrique, ele era só mais uma daquelas pessoas que todos encontramos pela vida e da qual gostamos muito por um tempo, mas só isso. Não é feito para durar, mas para acontecer. E não havia motivo para ele se sentir culpado, não é como se ele tivesse assinado algum contrato com o Joel. Mas para mim ele era um grande idiota.

— No entanto — comecei, não dava para perder tempo falando sobre todos aqueles sentimentos de culpa, estar ali me incomodava um pouco — estamos aqui justamente para falar sobre o Joel. Queríamos que você nos contasse um pouco sobre o tempo que passou com ele, sobre quem vocês eram.

Ele não me pareceu muito surpreso, só curioso, mas o bom foi que guardou essa curiosidade para ele mesmo. Trocou olhares com a Aline Lemos, acho que em busca de ajuda, talvez ela mudasse de assunto, talvez eles conversassem sobre a vida um do outro, sobre os caminhos que o tempo os levou a

percorrerem... Mas isso não aconteceu, ela também não tinha ido até ali para conversa fiada.

O Henrique era um cara careca, pálido, com o braço esquerdo enfeitado de tatuagens, cujos olhos castanhos cercados de olheiras me encaravam profundamente, mas mesmo tendo a mesma cor dos do Joel, não lembravam em nada os dele. Eu conhecia aquele tipo de olhar, era o de alguém cuja mente trabalhava para imaginar alguma coisa, no caso, penso que ele estivesse tentando adivinhar como foi que eu acabei me tornando amigo do Joel. Por alguns segundos, aquele silêncio perdurou, segundos que com certeza foram horas de lembranças que passaram em *flash na cabeça dele*. Por fim, ele voltou sua atenção para o celular e o que, no início, pensei ser só falta de educação, se mostrou um gesto de bondade, ao se mostrar disposto a nos contar sua história com o amigo que tínhamos em comum.

Na grande tela do seu celular havia uma foto de quatro pessoas as quais três eu conhecia: o Joel segurando uma garrafa de vinho, sentado ao lado da Aline Lemos em uma rede na sacada, o Henrique segurando uma peça esquisita de um jogo que eu nunca tinha visto e uma segunda garota de cabelos meio verdes que eu não reconheci. Os três eram versões mais novas do que eu tinha conhecido, com traços mais singelos, os olhos pareciam mais inocentes e os sorrisos não pareciam carregar muito peso, mas ainda eram as mesmas pessoas que se sentavam na minha frente, só que diferentes.

— Essa foto foi tirada no dia do aniversário de vinte anos do Joel — começou ele.

Fotos são coisas engraçadas, para eles representava toda uma história que tinha acontecido, a captura de um momento em que todos estavam juntos, que trazia lembranças de um dia repleto de histórias. Para mim, só restava imaginar, dar sentido e vida aos detalhes. O Joel estava sorrindo na foto e, em uma mão, segurava um copo grande de vinho, na outra, um cigarro quase no fim. Minha mente voou nos poucos segundos

em que a encarei, quase podia ouvir a mistura de risos, ouvir a voz do Joel pedindo emprestado um isqueiro, a da Aline Lemos mandando ele tomar cuidado para não derrubar aquele vinho na rede, a garota desconhecia oferecendo mais um cigarro e o Henrique reclamando que ninguém tinha entendido o jogo maluco que ele tinha inventado de querer jogar.

— Esse vinho era horrível — continuou ele, me libertando dos poucos segundos de devaneio — o cigarro e esse jogo de tabuleiro idiota eram piores ainda — um sorriso de lado mostrava ser a coisa mais sincera que ele refletiu até então — mas a companhia era boa, a melhor, na verdade. Passávamos a noite toda bebendo e fumando, conversando, olhando a vida passar pela sacada, não costumávamos ir muito em bares, era muito trabalho, muita gente, muito barulho e pouca graça. Ali a gente podia conversar ou simplesmente ficar em um confortável silêncio, todo mundo bem. Nesse dia, o Joel derramou o vinho todo na minha rede e ela ficou manchada e cheirando mal o ano inteiro, mas era aniversário dele então nem briguei muito... Ele gritava reclamando que o jogo não fazia sentido e eu gritava de volta explicando as regras, não sei como nunca fomos expulsos do prédio.

Ele se enrolava na história, mas é normal, quando alguém corre muito acaba tropeçando e o mesmo acontece quando alguém tenta contar muitas coisas de uma só vez. O guloso engasga, o apressado tropeça e o amargurado enrola-se ao se lembrar de tudo que passou.

— Eu me lembro das horas que a gente passava nessa sacada, ou melhor, naquela sacada — disse Aline, que estava do meu lado apontando a tela do celular para a sacada na vida real. Era praticamente a mesma, só que agora tinha um parapeito maior e uma cor menos verde — Independente se eram dias bons ou ruins, eram dias juntos.

— Ficavam olhando o céu? — perguntou meu filho, que, curioso, andou até a sacada e ficou olhando para cima.

— Não — responderam Aline e Henrique, em uníssono.

— Nós olhávamos para baixo, para as pessoas nas ruas — explicou o Henrique — Hoje em dia as construções cresceram demais, mas antigamente nós conseguíamos ver longe. As pessoas eram como pontinhos andando lá embaixo, era intrigante e um pouco assustador, por isso, acho que não gostávamos de descer lá, dava a impressão que seríamos pequenos igual... Meio idiota, não é?

— Não — respondi. Nunca gostei de interromper alguém quando está contando uma história, mas ele tinha feito uma pergunta. Ele sorriu em troca.

— É, acho que não... — o Henrique se levantou, foi até um armário de vidro e pegou uma garrafa com um líquido avermelhado dentro, vinho. Serviu quatro copos, e os quatro teriam sido bebidos se a Aline não tirasse o copo da mão do meu filho num gesto rápido — Ele morou aqui comigo por cinco anos, e a Erika, essa outra garota da foto, morou com a gente por uns meses. Nos dois primeiros anos, a Aline praticamente morou aqui também, mas então ela mudou de cidade e ficamos só nós três. Viver com o Joel era realmente incrível, ele mantinha tudo organizado, conseguíamos viver em uma paz quase perfeita, cada semana alguém limpava alguma coisa e era sempre ele quem cozinhava. Às vezes, a gente brigava por causa de alguma conta ou outra, porque alguém não lavou a louça, porque deixaram o banheiro sujo ou então porque alguém queria ter um cachorro grande demais — ele riu nessa última parte, provavelmente uma piada interna que só seu passado perdido saberia explicar. — Todos os dias, ele acordava às seis e quarenta da manhã, tomava banho ouvindo música alta só pra acordar a gente também, depois fazia café e íamos juntos encarar nosso dia... Eram bons tempos... Ele cuidava da gente, porque era o mais responsável de nós, o que às vezes era até chato, mas, no fim, acho que eu teria levado mais um tempo para terminar a faculdade se não fosse por ele.

É engraçado como uma rotina de anos podia ser resumida em apenas algumas palavras, mas cada uma das coisas que ele

me contou fez minha mente viajar. Era como se eu fosse um fantasma observando o dia a dia deles, os três (quando não os quatro) correndo pela casa, atrasados para alguma coisa, exatamente como todos os outros universitários do mundo. Passavam correndo pelas esquinas, quase sempre ouvindo buzinas de motoristas sem educação. No almoço, se encontravam e comiam algum salgado frio, tudo para ter tempo de voltar correndo para suas rotinas e viver o mundo. Quando não tinham aula, eles se encontravam, o Joel cozinhava alguma coisa para jantar, às vezes macarrão, às vezes lasanha. De vez em quando, ficavam em silêncio na presença um do outro, só desfrutando um pouco de sossego, em outros tantos, eles bebiam de seus copos e tragavam da alma um do outro.

Imaginar era tudo que me restava fazer e acho que você, caro leitor, sofre desse mesmo peso; nós só podemos imaginar através das palavras do Henrique como tinha sido a vida deles juntos. Aquele fragmento tornava o Joel que eu conhecia ainda mais humano. Era óbvio que ele tinha tido um passado, mas entrar nesse passado daquele jeito, quer dizer, quantas vezes ele não sentou naquele mesmo sofá? Olhou para aquelas duas mesmas pessoas?

Quantas vezes sua voz não ecoou por aquelas mesmas paredes? Quantas vezes?

— Mas acho que tem duas histórias sobre ele que vocês vão gostar de ouvir — continuou ele. Foi bom ouvir aquilo e saber que ainda tinha mais para lembrar.

Do lado de fora, o sol já tinha desaparecido completamente, diferente do lado de dentro, onde nossos olhos e ouvidos estavam atentos diante da história que ia só começando, nascendo.

— A primeira — ele não olhava realmente para nós, parecia mais encarar um vazio que não éramos capazes de perceber, mas acho que já deu para perceber que isso acontece muito nessa história de lembranças — foi quando ele se mudou para cá — mais um gole de vinho para trazer as memórias, que,

no fim das contas, nunca tinham ido embora, e sua história começou a ser contada:

“— O Joel foi a primeira pessoa da faculdade que eu conheci. Eu me lembro dele meio indeciso sobre se continuaria morando em sua cidade e vindo de ônibus para cá todos os dias, ou se iria tentar arranjar algum lugar por aqui. Nem me atinei em oferecer uma vaga no meu apartamento, na época eu morava sozinho e gostava dessa liberdade, mas com o tempo, acabei me sentindo meio solitário e, como nossa amizade cresceu, acabou que ele veio morar aqui. Nunca houve um convite oficial, no começo, ele dormia algumas noites, depois fins de semanas, e quando notamos já éramos colegas de quarto e tinha mais coisas dele do que minhas na casa.

Eu me lembro do dia da mudança.

Ele tinha uma estranha mania de tentar fazer as coisas por conta própria, então decidi que nós dois seríamos o suficiente para carregar todas as coisas que ele tinha trazido, e claro que isso não deu muito certo. Tentamos subir um guarda-roupa inteiro pelas escadas até este andar, mas não foram precisos muitos degraus para que alguém fraquejasse e deixasse sua parte cair, destruindo todo o móvel. Mesmo assim, ele não desistiu da ideia de que poderíamos fazer aquilo sozinhos, mas desistiu de ter móveis tão grandes, então vendemos tudo que ele tinha trazido e compramos versões menores e portáteis. O problema é que com “portátil” eu também quero dizer “difícil de montar”, porque os móveis deixaram de ser grandes e únicos para se tornarem dezenas de pequenas peças que tinham que se encaixar perfeitamente. Resumindo, nunca conseguimos montar tudo, vimos vídeos na internet, lemos o manual e até tentamos pedir ajuda, mas ninguém montaria aquilo sem cobrar metade do preço que pagamos. No fim, o que aconteceu foi que ele usou uma arara para prender suas roupas e sua cama era simplesmente um colchão em cima de um pedaço de madeira grande que encontramos na rua e que coube no elevador. No fim daquela conturbada semana de mudanças, nós sorrimos e bebemos

juntos, bem naquela sacada, imaginando se seria possível ter subido com todas as coisas por ali com uma corda.

— É claro que não, Joel, são nove andares até aqui, nunca que a gente ia conseguir subir uma coisa enorme daquelas por uma CORDA.

— Não sei — ele me respondeu. Me lembro da sua voz, ele realmente acreditava que aquilo era possível — Quer dizer, tem gente com móveis bem grandes nesse apartamento aí da frente, como é que aquilo foi parar lá? Construíram o apartamento em volta? Eu vi a cozinha deles outro dia, o fogão deles é grande suficiente para cozinhar nós dois.

Eu ri.

— Você não deveria ficar bisbilhotando os vizinhos desse jeito — eu avisei — além disso, a Dona Lúcia mora aqui desde que esse lugar foi construído, vai ver aquele fogão foi posto antes das paredes serem erguidas.

— Ah, claro, Henrique, eles iriam construir o nono andar inteiro de um prédio em volta de um fogão flutuante.

— Com certeza não foi por uma corda, aquele fogão é pesado, iria acabar caindo e matando alguém lá em baixo.

— O quê? Claro que não, esse tipo de coisa não acontece, e é só a gente usar uma corda de aço, sei lá, funciona com os guindastes — indignou-se, levantando e indo até a beira da sacada por onde o sol da tarde entrava, apoiando-se no vidro do parapeito e olhando para baixo, calculando o quão mortífero algo que caísse dali de cima poderia ser.

— É, Joel, você por acaso tem um guindaste aí em algum lugar? Ele soltou um riso e derramou cerveja no chão.

— Você entendeu o que eu quis dizer, ninguém morre esmagado por nada não.

— Claro que morre. Teve uma moça na minha cidade que foi esmagada por uma pia de cozinha. Ela não morreu morreu, mas ficou no hospital por quatro semanas e passou por DEZENOVE cirurgias.

— Você está mentindo — ele voltou devagar para o sofá.

Suas coisas estavam espalhadas pela casa inteira, tínhamos dado uma pausa na arrumação, enquanto os raios pálidos e dourados do sol entravam pela sacada e jogavam a gente em um daqueles ambientes bonitos, que fica na memória, sabe, como uma pintura, um quadro.

— Por que eu inventaria uma história dessas?

— Você não quer que eu traga um guarda-roupa pra cá, né? Tem medo de estragar sua decoração, você é um desses obcecados por organização! Eu sabia...

Eu ri de novo. Ao lado dele, isso acontecia muito.

— Um sofá velho e um tapete sujo, bela decoração essa minha, vintage, né?

— Não se esquece da geladeira que não gela.

— É cara, tem muita coisa pra você melhorar... Então, quer terminar de montar as coisas? — perguntei, mas no fundo não tinha paciência para montar a mesa que ele trouxe, muito menos a estante ou a escrivaninha.

— Acho que podemos esperar pra fazer isso amanhã, dá azar não terminar a caixinha de cerveja no mesmo dia.

— Melhor chamar a Aline e a Erika então, para comemorarmos sua mudança.

— Claro, e se elas trouxerem mais breja talvez a gente só termine a mudança semana que vem.

E nós rimos. Foi só no terceiro ano que terminamos de montar todas as coisas."

Não são grandes histórias de grandes dias que fazem com que a gente sinta falta de alguém, não são momentos incríveis que constroem o amor. É o contrário. São os pequenos momentos, o dia a dia, o riso, o choro, a felicidade, a tristeza, a briga, a convivência, que consolidam o amor. Quando alguém se torna tão real assim é que nos marca, que crava suas lembranças mais fundas no nosso coração. E essa história era isso. Não foi uma grande coisa, não foi uma aventura, não foi nem mesmo interessante, mas as lágrimas que escorreram dos

olhos do Henrique eram justificadas. Foi com tanta emoção que ele nos contou aquilo que dava quase para pegar esse sentimento e engarrafar, eles viveram profundamente juntos, na tarde sem graça, na noite sem música e no dia sem riso nenhum, mas juntos.

— E chamaram mesmo, estava tudo uma bagunça, eu me lembro do quarto dele — as palavras da Aline Lemos foram as primeiras após a história, e parecia que todos estavam mergulhados na versão passada daquele mesmo apartamento, com um sofá mais simples e manchado, uma geladeira riscada, um chão mais sujo com um tapete cheio de queimaduras de cigarro — Tinha tão pouca coisa, só a cama e alguns montes de livros e roupas, mas nunca imaginei que fosse por causa disso — ela ria num misto de felicidade e tristeza, mas com muita saudade.

— Ele nunca mais quis trocar os móveis, acho que se apegou na simplicidade de se ter poucas coisas, só montamos a mesa — continuou Henrique. Os dois tinham uma conexão interessante.

— As coisas simples são as mais duradouras... o que aconteceu entre vocês? Para se distanciarem? — eu não tinha absolutamente nenhum vínculo afetivo com o Henrique, por isso não tive medo de perguntar o que, no fundo, até ele mesmo queria responder.

Ele encarava a todos nós com um olhar vago. Ainda estava tentando imaginar como tínhamos nos encontrado, como tínhamos ido parar ali. Toda aquela situação não parecia ser muito confortável, principalmente quando olhávamos pelo ponto de vista dele.

— Acho que foi o tempo... Eu ri.

— Você sabe que não foi isso, foram vocês mesmos que deram espaço para essa distância — comecei. Culpar algo como o tempo por alguma coisa que não seja o envelhecimento é uma desculpa fraca.

Ele não pareceu gostar muito, mas ficou em silêncio,

unicamente porque o que eu disse era a mais pura verdade.

— Mas está tudo bem, não creio que você devesse algo ao Joel, às vezes, a gente se distancia mesmo, sem um motivo fixo, por detalhes que não notamos direito... — terminei. Eu não tinha nada a ver com a relação deles, mas ainda me dava certa raiva. Ele teve a chance de ter o que eu mais queria, mais tempo com o Joel, e simplesmente jogou isso fora.

— A vida tem o costume de separar as pessoas, afastar um do outro e rompe nó por nó — a voz da Aline cortou o silêncio constrangedor que quase se instalou entre nós — É preciso muita força para se prender a alguém, porque, às vezes, as pessoas simplesmente começam a se afastar, ainda que no coração siga a vontade de estarem juntas, é complicado... Exige muita força e é exaustivo pra qualquer um... Eu só conheci uma pessoa forte assim na minha vida.

Até aquele momento, ela não tinha me questionado, não tinha me dito o que achava dessa ideia de perseguir o passado do meu amigo. Imagino que a maioria das pessoas simplesmente pensasse que eu estava ficando louco, que era uma autossabotagem fazer aquilo, mas a Aline Lemos não era qualquer pessoa e, por isso, era difícil de saber o que ela pensava.

— Acho que todos temos nossas razões e ainda assim não podemos nos aliviar da culpa — concluiu Henrique.

— É, e você ainda tem uma história para nos contar — lembrou meu filho, que era ansioso como ninguém.

— É, ainda tenho... — ele serviu mais um copo de vinho para todos nós, que aceitamos de bom grado a bebida que molhou nossos lábios secos e nos ajudou a mergulhar em mais uma história — Eu contei para vocês como eu o conheci, como foram nossos primeiros dias juntos, a rotina que criamos. Então, nada mais justo do que contar o fim de tudo isso. É claro que eu não sabia que aquela seria a última vez que eu o veria, mas acho que a gente nunca sabe essas coisas e, se soubesse, talvez fizesse diferente. Chega ser engraçado como uma

única noite pode desfazer uma amizade de anos... Acho que o problema foi que a gente não sentia a mesma coisa. Por um tempo, estávamos em sincronia, mas um dia, sem aviso prévio, isso mudou e eu nem sei explicar como ou porquê.

“Eu fui da turma do Joel até o 3º ano da faculdade, turma 31, período noturno. Durante esses três anos, vivíamos nossos dias quase inteiramente juntos. Eu acordava de manhã com o barulho que ele fazia, o café já estava pronto e ele já tinha tomado banho. Quase sempre o encontrava na porta, saindo, se despedindo com um bom-dia e um pão na mão, era incrível como ele conseguia acordar antes de todo mundo.

Nas segundas, quartas e quintas, a gente conseguia almoçar juntos, de vez em quando íamos a algum restaurante que tivesse uma promoção de feijoada, panqueca ou lasanha, mas a maioria das vezes a gente comia alguma coisa que inventávamos de fazer em casa. Depois, no fim da tarde, lá pelas 18h30min, ele chegava correndo, sempre contando alguma história do seu dia enquanto se arrumava, roubava alguma coisa da geladeira e acendia um cigarro. Às 19h20min, a gente descia pelas escadas, porque o elevador era lento demais, íamos quase correndo para aula, desejávamos boa-noite ao porteiro enquanto fuçávamos as mochilas para ver se não tínhamos esquecido de nada e, quando alguém esquecia algo, tirávamos na sorte quem ia voltar e pegar o isqueiro, o caderno, a calculadora ou a carteira. No intervalo, às 21h, a gente sentava na cantina com nossos outros amigos, jogávamos baralho, combinávamos algo e muitas vezes desistíamos de ir para aula e íamos para o bar. Às 23h, a aula acabava. O caminho de volta era curto, mas muito silencioso, pois estávamos cansados de tudo, do dia que tivemos. Às vezes, quando o dia tinha sido bom e estava muito calor, ele parava na conveniência e comprava uma cerveja pra gente ir tomando até que ele terminasse a história que começou mais cedo.

Nossos dias eram assim, sabe, e foram muito bons. Difícil por em palavras toda nossa vida, já que foram cinco

anos, o que pode parecer pouco, mas não é preciso muito para findar um amor. Eu ainda lembro do cheiro de café toda vez que eu acordava. Lembro do cheiro do cigarro que ele acendia quando chegava do trabalho, lembro do gosto da cerveja que ele pagava ali na esquina pra gente.

— Bora tomar uma, eu preciso terminar de contar o que aconteceu — era o que ele dizia e eu, louco para ouvir, aceitava.

Era tão comum, eu me acostumei tanto que nunca parei para pensar em como seria quando eu o perdesse, acho que isso não passou pela minha cabeça, lá no fundo, pensei que ia ser para sempre... “Ainda tem mais três anos de faculdade...”, “Mais dois...”, “Mais um...”.

Eu não tinha como saber que aquela seria a última vez, e quem saberia?

— Cara, acho que é isso, me formei — disse ele, sorrindo, com o computador ainda ligado no site da universidade, cravados na tela os exatos 8,5 pontos que ele precisava para passar na última matéria que havia sobrado.

— Então... livres? — perguntei.

— Livres! — ele levantou e me abraçou. Era uma sexta-feira de verão, 18h45min.

Nossa turma tinha decidido por não fazer uma formatura, pois todo mundo chegou à conclusão de que era muito dinheiro desperdiçado. Mas não dava para deixar de comemorar o fim de uma fase tão importante das nossas vidas, então organizamos uma festa. Alugamos aquelas chácaras enormes e era para ser só a gente e no máximo alguns amigos, mas, quando nos demos conta, trezentas pessoas haviam confirmado presença. O negócio tomou proporções que a gente não esperava e isso nos deixou muito animados. Organizamos tudo, o Joel ajudou um pouco em todos os detalhes, cerveja, música, comida, convidados, decoração. O que era só uma festa com amigos acabou se tornando quase um casamento, e com certeza maior que a

maioria das formaturas.

— Que horas você disse que a gente ia chegar lá? — perguntou ele, assim que se soltou do abraço. A notícia de que havia conseguido passar em tudo o deixou repentinamente animado.

— Às 20h. Tentei livrar a gente de organizar tudo na hora, acho que já fizemos demais ligando para todo mundo, ainda tô com dor de cabeça por causa do cara do som. A Lemos vem?

— A Aline? Ah, ela comprou um convite, mas não sei se chegou na cidade, fiquei tão distraído que nem olhei o celular.

— Melhor nem olhar então, vai se arrumar, eu tento falar com ela.

— É, acho melhor mesmo, já, já a Lúcia chega aqui e ela vai ficar nervosa se eu não tiver pronto. Vou tomar um banho e você arranja algo pra gente comer, certo?— brincou.

— Por que eu?

— Cara, eu mereço, vai, tu sabe como foi difícil pra mim passar nesse negócio. O Lucimar simplesmente implicou comigo o semestre inteiro.

— Sei bem, mas então esse vai ser o seu presente de formatura, sem carro esse ano... E você tem que lavar a louça depois.

— Fechou.

— Fechou.

Aquela foi a última vez que a gente comeu juntos. Alguns minutos (quase uma hora) depois do banho dele, comemos macarrão ao molho branco e peito de frango. Eu lembro do gosto e do sorriso dele dizendo:

— Você é foda, cara, eu faço esse negócio há uns dez anos, mas nunca fica gostoso desse jeito! O que tu coloca aí, eu não sei.

E eu sorria.

— Você não consegue comer sem se sujar, né? — brinquei, olhando o peito e o pescoço dele todo sujo de molho.

— É por isso que ainda não coloquei a camisa! — ele respondeu.

— Esperto, mas a gente tem que ir logo.

— Beleza, na hora que a gente chegar eu lavo a louça.

Acho que qualquer um diria que aquela era uma noite bonita: o céu estava limpo, aquele azul-escuro feito um oceano calmo, mostrando as estrelas e a lua cheia. Estava calor de um jeito que fazia nossas gargantas implorarem por uma cerveja gelada. Mas, para nós e os outros 40 alunos da nossa turma, aquela noite era mais do que boa, era perfeita. As preocupações ficaram todas para trás, nossos corações pulavam de alegria com a conquista que tínhamos alcançado e com o futuro brilhante que nos esperava pela frente e, agora, só nos restava uma coisa: comemorar. Por uma noite, depois de tantos anos, podíamos esquecer todos os problemas e nos concentrar em nos divertir.

Chegamos lá as 21h35min. Ninguém quis ir dirigindo, porque ninguém queria sair bem daquela festa, então fomos de Uber com a Lúcia, namorada do Joel.

A chácara era enorme. Tínhamos ido lá uma vez durante o dia, mas a noite tudo ficava ainda mais bonito. Estava enfeitada com cabos de LED que subiam os muros e os troncos das palmeiras, brilhando azul, verde, vermelho, roxo, a cor que quisessem. Um paredão de som armado num canto mais longe, quase como um palco, tocava uma batida suave e alta que se misturava com o som das pessoas rindo e conversando. Mesas estavam espalhadas por todo o gramado apoiando pratos com comida, garrafas de bebida, barris de chopp, copos etc. Gente entrava e saía da casa central, uma construção grande, branca, de dois andares, enfeitada de canhões que lançavam no ar uma fumaça branca.

— Quem é vivo sempre aparece! — gritou Jeff, um amigo nosso — O pessoal tá puto com vocês dois porque não estavam aqui na hora que a galera do som chegou.

— A gente avisou que não ia chegar na hora, além disso,

você é o cara do som, Jeff, devia cuidar disso sozinho. Foi por isso que te demos um convite de graça — respondeu Joel, que ia abraçando o Jeff em um cumprimento caloroso que só alguém muito feliz podia dar.

— Cadê a Béa? — perguntou Lúcia. Ela estava de mãos dadas com o Joel, os dois juntos eram quase perfeitos — Fiquei sabendo que vocês dois voltaram, depois de tudo aquilo que aconteceu na rádio...

— Ah, ela tá lá dentro tirando foto do pessoal, vocês vão ter que ir lá depois, todo mundo tem que tirar uma foto — disse Jeff.

— Eu odeio tirar fotos! — exclamou Joel.

— Odeia, mas vamos tirar mesmo assim, porque é nosso último dia de estudantes, Joel, vai querer lembrar disso — brinquei e ele sorriu. Parecia gostar da ideia, pois sorria toda vez que eu lembrava daquilo.

— Beleza, melhor vocês começarem a encher os copos antes que o Matheus encontre vocês, porque ele vai vir com uma conversinha chata de responsabilidade que ninguém aguenta sóbrio. Depois a gente se encontra, vou estar ali com o pessoal da rádio bolando um, colem lá depois.

— Beleza, cara — respondemos.

Fomos andando por lá, cumprimentando todo mundo, parando nas rodas, vendo o lugar, encontrando a galera com quem convivemos cinco anos e que agora tinha um futuro tão incerto quanto o nosso. Era difícil evitar pensar que eu nunca mais encontraria aquelas pessoas, mas eu nunca pensei isso do Joel, sabe? Toda vez que eu conversava com alguém, pensava que aquela podia ser a última vez... Mas não com ele, quer dizer, ele estava bem ali do meu lado, não ia sair de perto... ia?

Em certo ponto da noite, a piscina se tornou alvo das atenções, dentro dela tinham boias de golfinho e tubarões coloridos cujos rostos estampavam fotos dos nossos professores, alguns alunos mais engraçadinhos pulavam em

cima deles e faziam todo mundo rir. Até o Joel e a Lúcia foram jogados lá dentro quando perderam em um daqueles jogos de baralho, os dois foram jogados aos gritos e saíram sorrindo e molhados de lá de dentro.

O som foi rolando, cada vez mais gente foi chegando, nos cumprimentavam mesmo que não nos conhecessem. Nos perdíamos em conversas profundas e rasas, dos dias e das tardes que vivemos. É engraçado como uma festa parece uma orquestra: o papo fluía no ritmo da música, os copos cheios eram virados na mesma medida que o som tinha seu ritmo alternado entre rápido e suave. A gente se perdia e se encontrava, os rostos mostravam sorrisos no meio da fumaça, conversávamos cinco anos em uma única noite, uma semana era um gole e um mês inteiro, um trago. Nos sentamos no chão, em rodinhas com amigos com quem convivemos todos aqueles anos, entramos na piscina, deitamos no sofá.

Acho que dá para dizer que foi uma boa festa. Depois de um tempo, as luzes se acalmaram, a música e as pessoas seguiram esse ritmo, todo mundo estava feliz, era uma noite incrível.

— Eu preciso falar com você — disse Joel.

O mundo meio que girava e eu estava sentado em uma mesa junto com uma galera. Já fazia um tempo que eu não via o Joel, porque ele sumia pelo que me pareciam horas, provavelmente conversando um pouco com todo mundo.

— Fala aí — respondi, vendo que o copo na minha mão estava meio vazio.

— Bora dar uma volta.

— Bora, deixa só eu encher meu copo.

Não que naquele momento eu fosse capaz de perceber, eu já estava bem chapado e talvez eu nem me lembre bem, talvez nem seja assim que aconteceu. Se me perguntasse no dia seguinte, eu nem me lembraria daquela conversa direito, só do sentimento ruim que ficou entalado na garganta. Tinha alguma coisa estranha nele. Mas hoje, hoje acho que posso

dizer que foi assim, é como um filme velho na minha cabeça, meio lento, meio nublado.

Ainda tinha muita gente, muito barulho, então eu só o segui, desviando das pessoas que sorriam para a gente, que ofereciam algo pra encher nossos copos, que nos abraçavam e diziam que sentiriam nossa falta.

Quando nos afastamos o suficiente para não conseguirmos mais diferenciar a música da conversa, ele parou. As luzes transformavam as pessoas em vultos dançantes e davam aos olhos dele cores infinitas.

— Você tá bem, cara? — perguntei. Seu olhar encarava as pessoas lá atrás, quase como se estivesse assistindo um filme.

— Sim, e você?

— Claro, a festa tá ótima! Você tinha razão sobre os LEDs, ficaram fodas demais.

— É, eu precisei ir lá xingar o Matheus pra ele parar de ficar mudando de cor toda hora, a galera estava quase tendo uma convulsão, mas agora tá legal

— tinha alguma coisa na voz dele, algo estranho, lento.

— Ele sempre exagera nessas coisas — eu ri, bebendo um pouco de qualquer coisa que tinha no meu copo — Então, o que você queria conversar?

Alguns instantes de silêncio no meio daquela barulheira toda. O rosto dele estava meio fora de foco no escuro, misturado com as luzes da festa que não nos alcançavam direito, mas coloriam a escuridão de um jeito estranho.

— Eu vou ter que ir embora — desabafou.

As palavras vieram devagar até minha cabeça.

— Como assim cara? Ainda é... — eu olhei pro relógio no meu pulso e mostrei para ele — Três da manhã, a gente alugou isso aqui até as cinco da tarde! É desperdício ir embora agora, deve ter uns trezentos litros de chope ainda, se o Matheus te falou alguma merda...

— Não da festa — ele riu meio falso — daqui, da cidade.

— O... O quê? O que aconteceu? Que merda você tá falando?

— Nada demais, eu só não posso mais ficar, não dá mais. O trampo que a Lúcia tentou me arrumar não deu certo e como as aulas acabaram eu fiquei sem o estágio, sem a bolsa, sem grana.

— Para de ser idiota, a gente dá um jeito, temos muito tempo ainda! Você sabe que pode ficar lá em casa o tempo que precisar, tá falando bobeira.

— Não é isso cara, meu pai já me arranhou uma entrevista lá na nossa cidade, é conhecido dele, então já tá meio certo... Eu tenho que ir, não posso ficar parado, é perda de tempo, preciso dar um rumo na minha vida e...

— Joel, cala a boca! — interrompi — Olha a merda que você tá falando, a gente literalmente acabou de se formar, para quê essa pressa toda? Quase ninguém aqui tem o que fazer depois que sair desta festa, para de loucura, a gente passou por muita coisa esses anos, respira um pouco!

— Você não entende, cara... Enfim, já tá tudo certo, o ônibus sai depois de amanhã e eu vou ficar com a Lúcia até lá, ela já até foi embora pra arrumar umas coisas e me deixar curtir a festa. Você pode ir lá na rodoviária com a gente se quiser, não vai ser uma despedida, eu ainda vou ficar vindo para cá direto ver vocês.

— Você tá ficando maluco, né, Joel? Explica essa merda de história direito, não pode fazer isso assim do nada, me avisando em cima da hora, qual o problema com você?

— Você não entendeu...

— Então me explica! — nossa briga começava a ficar meio alta, mas ninguém parecia notar. Meu coração disparava de raiva e incompreensão.

— Eu não consigo, sabe quando não dá para falar? Eu só preciso fazer isso, preciso fazer alguma coisa, ninguém me banca igual aconteceu com você e...

— Como assim? Eu trabalho tanto quanto você.

— Eu sei, mas é que...

— Você pode ficar lá em casa, sabe disso, sempre soube.

— Eu... Só acho melhor que seja assim. Não é definitivo, claro, mas é o que tenho por enquanto.

— Você só pode estar me zoando.

Ele tentava manter um sorriso, mas era tão falso que quase quebrava.

— Será que podemos continuar comemorando essa noite? Esquece tudo isso, depois a gente conversa...

— Você vai embora, cara... Eu não sei se ainda sei viver sozinho.

Ele riu e eu também, era o que nos restava fazer. Anos de convivência passavam por nossas cabeças, manhãs frias, tardes quentes, noites inteiras acordados.

— Você dá um jeito, começa lavando aquela louça — riu ele.

— Vai mesmo fazer isso, né? — perguntei.

— Vou.

— Não posso fazer nada?

— Acho que não, só deixa meu quarto livre caso eu precise voltar.

— Eu te amo — desabafei.

— Eu também te amo.

E ele me abraçou forte. 10 segundos, como sempre foi.

Doze batidas rápidas de coração, mais intensas que a música lá no fundo.

Dois respiros fundos, daqueles que enchem o peito. Dois risos carregados de muita coisa.

Um beijo roubado.

Um recuo seguido de um tropeço.

— Desculpa — comecei, o mundo estava confuso, quase caindo.

— Tá tudo bem, cara — respondeu ele, sorrindo, mas recuando alguns passos, tropeçando — Você só tá bem bêbado.

Mas eu não estava.

— Foi mal, é que...

— Relaxa, bora voltar para a festa, a Aline acabou de chegar.

A gente continuou se falando naquela festa, ele ia encher meu copo, sentava do meu lado, contamos histórias antigas sobre como foi vivermos juntos, dos pratos que ele quebrava toda semana, do dia em que queimei as coxinhas que tentei fazer para o aniversário dele, enquanto a Aline ria de tudo. Mas tinha uma coisa estranha entre a gente, um sentimento esquisito.

Às oito da manhã, um outro abraço de “até logo” que nunca teve seu fim contado direito, e ele foi embora.

Eu não fui à rodoviária me despedir.

Tive compromissos todas as vezes que ele veio para cá e, quando se mudou de volta, eu desisti dele e, depois, ele de mim.

O tempo passou, veio de cúmplice para nos separar. Às vezes, ele me mandava alguma mensagem, perguntando como eu estava, puxando algum assunto, dizendo que estava com saudade, que estava frio na cidade, que aquela chuva toda lembrava de mim.

— Como você tá, cara?

— Bem, só com a vida apressada, e você?

— Acho que na mesma, eu voltei a morar aqui na cidade há umas semanas, achei um trampo legal e ganhei uns dias de folga porque um cara de outro setor faleceu e, aparentemente, estamos de luto... Enfim, tá a fim de fazer alguma coisa? Posso colar aí no apê com umas cervejas, lavar aquela louça que te devo...

— Pô, vou ficar devendo essa, tá puxado essa semana aqui na empresa, tenho que ficar até tarde todos os dias e quando chego em casa só penso em dormir.

— Ah, tudo bem, quando estiver de boa, é só me avisar! Eu e a Lúcia estamos com saudade.

— *Tudo bem, estou com saudades também, quando eu estiver mais de boa eu aviso e vocês vêm Mas eu nunca avisei.*”

Não escorreram lágrimas dos olhos dele, mas escorreu saudade. Dava para perceber que a saudade se instalava para além dos olhos, estava na postura, nos braços cruzados, na cabeça baixa, na perna que não parava de balançar.

— É nos detalhes, não é? — me perguntou, olhando fundo nos meus olhos, como alguém que entendia um pouco da minha perda e também do meu caminho para superação.

— É — respondi, sorrindo, notando os detalhes da casa dele, as fotos do casamento, com os pais, com amigos, com a família, com sua nova vida. Os armários novos de madeira polida, a mesa grande de mármore, o espelho enorme na parede, os papéis na escrivaninha perto da varanda. Não se parecia em nada com o apartamento que ele descreveu na história, que o Joel havia morado durante cinco anos. Era uma nova casa, uma nova vida. Tudo tinha mudado, mas o Henrique via detalhes que eu jamais seria capaz de ver.

— Às vezes, eu acordo de madrugada e me lembro, sabe, da sensação de saber que ele está no quarto ao lado. Hoje em dia é meu escritório, mas eu ainda lembro dele lá. Quando está muito calor e eu levanto de madrugada para ir beber água, eu me lembro dele dizendo que fazia mal beber água no meio da noite... Eu sinto muito pelo que aconteceu — riu ele, meio baixo, se lembrando.

— Eu também — sorri de volta, e tinha mesmo que sorrir. A saudade nem sempre precisa nos fazer chorar.

Nossa conversa terminou por ali, sem muita tristeza, mas com muita saudade. Ele e a Aline conversaram mais um pouco, mas como dar sequência a um assunto depois daquela história toda? Não foram nem vinte minutos. Umas poucas perguntas trocadas e já estávamos nos despedindo, cientes de que ele tinha uma vida nova, distante daquele passado, mas que era

fruto dele. Deixamos para trás uma casa que não era mais a mesma em que o Joel viveu.

— Depois que ele terminou a faculdade, ele voltou para a casa da mãe lembrou meu filho, quando já estávamos no elevador — Ele tinha te contado isso?

— Não – respondi, tentando revirar minhas lembranças de um Joel obscuro, quer dizer, ele me contou muita coisa e ao mesmo tempo deixou tanto faltando, tantas páginas em branco da sua própria história.

— Você acha que ele pensou em tudo isso? — a Aline tinha um pensamento muito parecido com o meu e, enquanto aquele elevador descia do jeito mais lento possível, eu não podia deixar de pensar a mesma coisa que ela.

— Não sei — respondi, ainda mergulhado nos pensamentos.

— Talvez ele fosse te contar... Mas não tenha tido tempo, não acha que foi por isso que ele te pediu para fazer o que está fazendo, para que tivesse mais memórias dele? — continuou.

— Não sei, é estranho pensar que ele ficava planejando como o mundo seria depois da morte dele... Talvez ele só tenha preferido esquecer algumas partes da sua vida, afinal, quem não quer? Ou talvez ele soubesse que eu ficaria sozinho e tenha me dado algo para me sentir melhor, algo que me ajudasse na despedida, realmente não sei.

— Você não está sozinho — disse ela, segurando minha mão e, pela sexta vez na minha vida, eu acreditei.

— O que vai fazer no fim de semana? — perguntei, exatamente quando o elevador abriu as portas, nos jogando no salão de entrada.

— Não sei, o que tem em mente? — me perguntou ela, ainda sem soltar a minha mão.

— Visitar a Dona Clarisse, mãe do Joel.

Por Amor

Sua mãe é a pessoa mais próxima que pode existir de você. É quem dedicou amor, tempo e paciência para que você conseguisse continuar vivo, é a representação mais física que pode existir de carinho. A mãe do Joel não era diferente de nenhuma mãe, mas tem uma coisa que vocês precisam saber: tanto o Joel quanto seus outros irmãos não possuíam laço sanguíneo com a Dona Clarisse ou mesmo entre si, ela foi uma mãe de alma, de físico, mas nunca de sangue. Não que isso faça o mínimo de diferença. A lição mais importante que o Joel me ensinou é que família nunca foi uma questão de sangue, e, sim, uma questão de amor.

Eu conheço a dona Clarisse muito bem. Foram muitas as vezes em que viajamos até a casa dela em feriados, no típico almoço de família que incluía tanto eu quanto meu filho como membros. Ela era caminhoneira aposentada e junto do marido, o senhor Rubens, trabalhou em uma empresa de caminhões que acabou se tornando deles. Os dois adoravam viajar o Brasil inteiro de caminhão, diziam que era o maior gosto da vida deles, que não pertenciam a nenhum lugar, mas sim a todos eles. Isso mudou quando decidiram ter um filho, já que construir uma família grande se tornou o sonho dos dois quando se envolveram em um acidente que quase lhes custou a vida. Como o Senhor Rubens era estéril, eles tiveram que adotar, e foi aí que surgiram a Amanda, o Danilo e o Gabriel, irmãos do Joel; nenhum laço sanguíneo e todos os laços fraternos possíveis. O casal caminhoneiro que adorava viajar pelo país teve que se fixar em um lugar porque preferiram que seus filhos crescessem com calma, nunca mais fizeram nenhuma viagem como as de antes e passaram a administrar a empresa de longe.

A cidade em que eles viviam era como qualquer outra do interior, cheia de árvores grandes demais para estarem ali,

avenidas largas com palmeiras nos canteiros centrais, comércios com fachadas de todas as formas e cores para atrair clientes. As praças eram palco para enormes igrejas, seus parquinhos infantis tinham brinquedos enferrujados, sempre rodeados por bancos ocupados por idosos jogando baralho. Pequena, sem muitos problemas, sem muitas qualidades. Tenho certeza que você já esteve em uma cidade dessas, se é que você não vive em uma, se é que você não é um idoso lendo isso enquanto seus amigos jogam baralho.

— O ar fresco desse lugar chega a ser até estranho — os olhos do meu filho captavam uma paisagem que ele não via faz tempo.

Todo mundo do lado de fora parecia se conhecer; as crianças brincando nas ruas esburacadas olhavam curiosas para o carro que passava devagar porque o motorista (no caso, eu) não lembrava muito bem onde a dona Clarisse morava. Os velhos na praça gritavam alto acusando uns aos outros de roubo, batendo forte nas mesas de mármore e rindo quando venciam, os homens e mulheres sentados nos bares riam despreocupados e os jovens sentados nas calçadas se perdiam na tela do celular. Será que o Joel tinha sido uma daquelas crianças que corriam atrás de uma bola na rua? Será que quando cresceu se tornou um daqueles jovens que ficava sentado ao lado dos amigos, mas com a mente no celular? Será que, se ele tivesse tido tempo, se tornaria um homem que se sentava no bar com a mulher e reclamaria da semana difícil? E mais além, quando se tornasse um velho, se sentaria na praça e se reuniria com os amigos?

— Eu tenho certeza que é por aqui... — cochichei comigo mesmo. As ruas de cidades pequenas são todas iguais, parece que são as mesmas casas que foram passando por reformas ao longo do tempo até se tornarem algo perto de bonito em ruas esguias e confusas. Sempre a mesma padaria, ou farmácia ou consultório odontológico, sempre o mesmo muro alto com trepadeiras.

A viagem até ali tinha sido a mais longa possível, e era por isso que o Joel não ia sempre para a casa da mãe, a cidadezinha de Doutor Santo Inácio ficava a 500km de onde nós morávamos, mas isso não era o mais assustador. Minha mãe, assim como a maioria das mães, tinha diversas superstições e sempre me disse para nunca ir a um lugar que ficasse a mais de seis pontes de distância, a menos que fosse de avião, caso contrário, todos ao meu redor morreriam. Nós passamos exatas nove pontes para chegar ali e chegamos todos vivos, então talvez minha mãe estivesse errada.

— Pai, ali! — gritou meu filho, acordando a Aline Lemos, que dormia no banco de trás — Eu me lembro daquela escola.

Era verdade, a rua em que o Joel morava tinha um colégio, que, aliás, foi onde ele estudou. Era um sábado e, por isso, não tinha ninguém no colégio de muros cinza e construções meio azuis e meio avermelhadas. Aquele lugar parecia mais uma prisão, pois eram quatro blocos de quatro andares com poucas janelas. Foi ali onde o Joel estudou sua vida inteira e, antes que minha mente se entregasse a mais um daqueles pensamentos chatos, acelerei até o fim da rua, para parar somente diante da casa mais comum de todas.

A casa do Joel era branca, mas não o branco que você está acostumado a ver, e sim o branco mais polido que eu já vi na minha vida. O portão de metal protegia um gramado com muitas flores ao lado daqueles assustadores gnomos de jardim. Um enorme pé de manga que deveria atrair a cobiça das crianças que brincavam na rua e a casa propriamente dita, uma construção de dois andares com janelas grandes para deixar o ar entrar guardadas por uma porta de madeira vermelha-escura.

— É uma grande casa – comentou Aline com a voz sonolenta – Quantas... flores...

E era verdade. Se tinha uma coisa que tinha de muito ali, essa coisa eram flores: azuis, vermelhas, e, por fim, as mais incomuns, pretas.

— O Joel odiava essas flores, ela cultivou só as das cores

favoritas de cada filho. A do Joel era a vermelha — lembrei que a dona Clarisse me disse aquilo e que as flores faziam parecer que os filhos estavam mais perto. Hoje em dia, havia muito mais flores vermelhas naquele jardim, acho que vocês podem imaginar o porquê.

— A minha é roxa — contou Aline, que já foi abrindo a porta do carro e descendo.

— A minha é azul — respondi, encarando as flores azuladas, tão próximas das verdes.

— Amarelo! — meu filho já estava na calçada quando disse isso.

Eu fui o último a descer, não sei porquê, ou até sabia, mas não queria lidar com aquilo. Encarar aquelas flores delicadas, que provavelmente eram regadas todo fim de tarde, aquele portão de metal cujas pontas afiadas em espiral buscavam afastar ladrões, as janelas amplas para deixar o “ar circular pela casa”, o gramado verde... Não queria mais estar ali, não ia aguentar, era bobeira demais.

— Onde foi que eu me... — antes que minha mente cogitasse a ideia de fechar as portas e acelerar o carro, deixando meu filho e a Aline Lemos ali na calçada, o portão se abriu, cachorros saíram correndo e a dona Clarisse veio sorrindo na nossa direção. Então, eu tive que engolir todos aqueles pensamentos.

Ela era uma mulher alta, com olhos verdes, cabelos escuros e enrolados presos em um coque. Seu rosto tinha traços retos, o que lhe dava um ar de severidade, mas sua voz suave ao dizer “quanto tempo, minhas crianças!” desfazia toda essa ideia. Preso em seu vestido havia um avental todo manchado, com toda certeza estava fazendo almoço.

— Até eles sentiram sua falta! — brincou dona Clarisse, que abraçou cada um de nós, um abraço tão forte quanto dos cachorros.

— Desculpe por não ter vindo antes... Essa é Aline Lemos — começar uma conversa pedindo desculpas é meio estranho,

mas é melhor já jogar todos os fantasmas que poderiam nos atrapalhar no lixo.

Ela me encarou por alguns instantes. Ela literalmente me considerava como um membro daquela família e não era por causa dos recados de “bom dia” que ela me mandava toda semana no meu celular, ou por causa dos convites a eventos que ela me fazia todos os anos. Não eram essas coisas que me faziam me sentir parte de casa, e sim o amor. Do olhar dela, transbordava um carinho que raramente sentia fora dali, mas era algo estranho... Não podia ser para mim, podia? Não era de mãe, mas não de qualquer um, não sei o que era aquele amor.

— Eu a conheço — sorriu a dona Clarisse, mas desta vez sua voz veio carregada com um pouquinho de angústia disfarçada — É amiga do Joel, já vi muitas fotos dos dois juntos...

A dona Clarisse, assim como o próprio Joel, não conseguia esconder os seus sentimentos, pois eram intensos demais. Quando estavam tristes, quase dava para ver uma aura escura e solitária vagando em torno deles e, em contrapartida, quando estavam felizes, era como ver um turbilhão de sorrisos e alegria que atirava para todos os lados.

— É muito bom finalmente conhecê-la — alguns passos e duas das mulheres que o Joel mais amava deram um outro abraço... O que será que ele estava pensando sobre aquele encontro? Será que um dia ele imaginou que seria eu quem chegaria com a Aline Lemos e a apresentaria para a dona Clarisse? Ou será que um dia ele imaginou que seria ele mesmo quem faria isso? Eu ri um pouco, um riso tão murcho e tão de lado que ninguém percebeu, porque a única pessoa que percebia esse meu riso de melancolia estava morta.

— Vamos entrando, o almoço está quase pronto — convidou a anfitriã, colocando os cachorros para dentro e estendendo os braços para que entrássemos.

Aquela foi a primeira vez que voltei à casa depois que o Joel morreu. Eu nunca tive coragem de ir até lá, porque sabia o

tipo de pensamento que ia despertar na minha cabeça, que era estranho demais estar ali sem ele. Eu não pertencia realmente àquele lugar, não era meu, era dele...

Passando a garagem, que abrigava três carros que pareciam nunca terem sido usados (o que faz sentido, levando em conta que aquela cidade era tão pequena que dava para fazer tudo a pé), dávamos de cara com uma enorme edícula rodeada por um gramado fofo e esverdeado, em que os cachorros ficaram correndo ali em volta feito bobos. Sentado na parte coberta, de frente a uma enorme mesa de madeira, vestindo um jeans surrado e uma camiseta de time, estava o segundo criador do Joel, o senhor Rubens.

Tinha alguma coisa nos pais do Joel que os fazia parar no tempo. Eles literalmente não envelheciam, a dona Clarisse tinha cabelos escuros que nunca tinham visto uma gota de tinta, seu rosto com poucas marcas de expressão era extremamente jovem e sorridente. O Senhor Rubens não carregava muitas marcas do tempo, exceto por seus cabelos, que tinham mais fios brancos, e também era meio corcunda, mas seu sorriso era tão agradável e cheio de vida quanto o da esposa.

— Vejam só quem resolveu aparecer! — exclamou ele, largando a cerveja na mesa e vindo nos abraçar.

A cozinha da casa ficava ali no fundo: mesa grande, geladeira e fogão maiores ainda, todos cobertos de alguma maneira por aqueles guardanapos coloridos que gente mais velha tem o estranho costume de colocar em cima dos móveis. A churrasqueira acesa jogava um cheiro maravilhoso de carne bem na nossa cara e, nas paredes, havia muitas fotos da família reunida em torno daquela mesma mesa. Em algumas delas estava o Joel, sempre sorrindo, sempre ao lado da mãe.

Aquele lugar tinha cheiro de casa de família, tudo era planejado para receber muita gente. Nossa ida até ali não era igual às outras visitas que fizemos, eu realmente gostava da dona Clarisse e o fato de não ter coragem de visitá-los antes me frustrava, por isso, decidi que não iria direto ao assunto do

filho deles que havia morrido. O problema é que eu nunca fui uma pessoa boa de puxar conversa, não conseguia me entregar a conversas levianas por muito tempo, era o Joel quem sempre fazia isso. Cara, como ele adorava conversar com as pessoas! Eram sorrisos sinceros, ele se entregava na conversa de desconhecidos na rua e fazia amigos com uma facilidade que eu nunca entendi, era de dar inveja.

Foi a Aline Lemos quem mais gostou de conversar com a dona Clarisse, elas meio que se conheciam e estavam felizes de se reencontrar, ficaram conversando sobre a Holanda, onde a Aline foi estudar. A mãe do Joel era louca por viagens e ouvir sobre outro país foi um deleite para ela. Do outro lado da mesa, meu filho e o senhor Rubens se divertiam falando sobre a escola, os dois compartilhavam a mesma aversão a ficar em uma sala de aula ouvindo sobre o mundo, e eu ficava feliz de ver ele se dando bem com um adulto de verdade.

Como todos encontraram alguém para conversar, por mais uma vez na minha vida, meu coração disparou e minha respiração falhou quando olhei para o lado em busca de alguém para falar bobeira e não o encontrei.

Não havia mais Joel.

Sentir sua falta era um sentimento recorrente, mas estar na casa em que ele cresceu era um pouco reconfortante. Olhando ao redor, eu podia imaginar ele interagindo com todos aqueles objetos... Talvez tenha sido naquele grande fogão avermelhado, que hoje esquentava duas grandes panelas, onde ele aprendeu a cozinhar tão bem. Qual teria sido a primeira coisa que ele arriscou fazer? Acho que macarrão, ele adorava macarrão. Naquela pia, ele deve ter lavado suas primeiras louças, outra coisa que por algum motivo adorava fazer, colocava uma música alta e lavava tudo com o maior gosto. Mas o que mais me chamou a atenção foram as fotos, me hipnotizaram de um jeito que me fez levantar e ir até elas. Como eu nunca as tinha notado ali antes? Talvez eu não precisasse.

A maioria dos retratos eram naquela mesma casa, em

volta daquela mesma mesa, o que mudava era a aparência das pessoas, que iam envelhecendo. Na primeira, o Joel era uma criancinha, estava todo sujo de terra e fazia uma cara de choro como se não quisesse tirar aquela foto, a parede ainda não estava coberta com aquele azulejo meio bege, mas definitivamente era aquela mesma casa.

Na segunda, ele estava nas costas do Danilo, seu irmão mais velho, vestia um uniforme escolar e tinha aquele cabelo penteado com gel e, mais uma vez, tinha uma cara fechada de choro, afinal de contas, quem fica feliz em ir para escola?

Na terceira, uma com roupas de formatura, era um Joel esquisito, pré-adolescente, sabe? Meio magro demais, meio alto demais, braços esquisitos e um sorriso aparelhado.

Na quarta, o Joel aparecia todo pintado de tinta por ter passado na faculdade, a Amanda, sua irmã, quebrava um ovo na sua cabeça e o senhor Rubens parecia chorar. Ele estava mais forte, com um sorriso mais brilhante, bem mais parecido com o Joel que eu conheci.

Na quinta, outra formatura, quando ele se formou na faculdade: beca, rodeado de amigos e abraçando uma mulher ruiva que eu conhecia muito bem.

Na sexta, eu estava presente. Era um almoço com toda a família do Joel, estávamos todos na frente da mesa, quase igual às outras cinco fotos anteriores. Foi a primeira vez que eu fui até lá e me lembro como fiquei nervoso em conhecer os pais dele, quer dizer, o que eles poderiam pensar de alguém tão novo, tão irresponsável, que nem sequer tinha um emprego de verdade, criando um filho sozinho? Mas a verdade é que passamos o dia todo sorrindo, ouvindo histórias antigas de um Joel criança que quebrava as coisas, que brigava no colégio, que era ótimo jogando bola e que, por algum motivo, tinha uma enorme curiosidade por insetos.

Não havia uma sétima foto.

— Você deve sentir muita falta dele, não é? — antes que eu percebesse, Aline Lemos se pôs do meu lado, mas meus

olhos carregados de lágrimas enxergavam uma versão borrada dela. O senhor Rubens e a dona Clarisse não estavam mais ali.

Não precisei responder com palavras o que meus olhos mostravam claramente.

— Para onde eles foram? — perguntei, tentando fugir daquele fantasma, coisa que não tinha conseguido até então.

— Um dos filhos ligou e eles foram atender juntos — respondeu ela.

— Eles são uma família que deu certo... Isso é difícil de encontrar e mais difícil ainda aceitar, levando em conta que eu não tive nada disso — continuei, ainda encarando as fotos penduradas na parede, emolduradas com carinho, e com um vidro translúcido para protegê-las. Eu tinha certeza que eram limpos mais que semanalmente.

— Eles parecem gostar de você, não paravam de me dizer como sentiam sua falta e do Caio também, aliás, ele parece adorar os dois.

Eu ri por dentro.

— É, eles meio que me adotaram e ao meu filho também... Sabe, o Caio nunca conheceu os avôs muito bem, meus pais me expulsaram de casa cedo e nunca mais quiseram me ver e os da minha falecida esposa acham doloroso demais olhar para alguém tão parecido com a filha deles, então imagino que os pais do Joel tenham se tornado tipo isso para ele.

— É uma pena, toda criança devia conhecer os avós... Ele deve ter sofrido muito, é compreensível, ele conseguiu passar por cima do abandono e isso é bom, pelo menos tem alguém.

— Fico feliz por ele — meus olhos se fixaram na foto em que eu mesmo era retratado: havia um sorriso no meu rosto, mas só eu mesmo sabia como eu me sentia bem, como me sentia em casa. Meu braço, o mesmo que escreve essas palavras, abraçava o pescoço do Joel enquanto ele sorria. Segundos depois daquela foto, ele derrubou toda a cerveja que segurava e tentou colocar a culpa em mim, um dos cachorros veio correndo lamber tudo e a dona Clarisse surtou.

— Eles gostam de você também — continuou ela, que encarava a mesma foto que eu, mas deveria ter uma visão diferente do que aconteceu.

— Acho que sim, mas não consigo mais me sentir como antes. Eu via esse lugar como um lar, de verdade, mas agora é só mais um lugar onde o fantasma do Joel vem me assombrar, eu não quero ficar aqui, odeio essa cidade, odeio a praia, odeio sorveterias, odeio...

Existem poucos momentos em que podemos largar tudo e fugir, em uma vida que temos um caminho a seguir, fugir da trilha é visto como fraqueza e os fracos são deixados para trás. Eu queria largar tudo e fugir dali, porque achava que fugir daquele lugar me faria parar de sofrer, que iria escapar do passado que eu não poderia viver mais, mas, naquele momento, ao encarar aquelas fotos, sentindo o toque da Aline Lemos na minha mão e ouvindo o riso do meu filho ao longe, enquanto conversava com pessoas que não tinham ligação nenhuma com ele, mas que eram sua família, eu entendi que não era daquele lugar que eu queria fugir, e sim de mim mesmo. Queria sair do meu peito e ser outra pessoa, mas isso era impossível e, acima de tudo, isso era injusto.

— Não pode deixá-los... Eles também são parte dele, parte do Joel... — ela disse.

— Desculpem a demora, vamos almoçar! — disse a voz suave da dona Clarisse, que vinha trazendo uma travessa de coisas gostosas, o que foi ótimo para mudar o rumo da conversa e para me fazer engolir o choro e trancar minha angústia — Está tudo bem?

A dona Clarisse não era burra, sabia que não era fácil para nenhum de nós estar ali, mas, como a maioria das mães fazia, ela tentava esconder os problemas para se apresentar como uma figura forte. O problema é que isso não é saudável para absolutamente ninguém e as coisas não estavam bem.

— Sim — respondeu a Aline.

— Não — respondi quase ao mesmo tempo, mas em um suspiro quase inaudível.

A mãe do Joel sorriu de um jeito falso. Depois de tanto tempo, eu sabia como reconhecer e via que não tinha sentimento nenhum, era meio trêmulo e sem graça, diferente do caloroso e cheio de amor que ela costumava ter.

Aquela casa não era mais a mesma. Imagino que demoraria mais tempo até que a ferida da morte do filho mais novo sumisse e eu estar ali só deveria abri-la mais um pouco, o que só fazia eu querer ainda menos continuar naquele lugar.

— Então vamos comer — disse ela, sorrindo e colocando a comida na mesa. Meu filho veio logo atrás, acompanhando o senhor Rubens, que trazia em suas mãos quatro cervejas.

O almoço melhorou um pouco os ânimos, bebemos e comemos como muitas famílias (exceto que de família normal aquilo não tinha nada) e quando eu comecei a me permitir sentir aquilo, um leve sorriso surgiu de lado.

— Finalmente comida de verdade! — comentou meu filho, que tinha de longe o maior prato de todos.

— Assim você me ofende — respondi, mas no fundo era verdade.

— Você não tem cara de quem sabe cozinhar, tem cara de quem pensa demais e gente que pensa demais acaba queimando a comida — sorriu a dona Clarisse. Ela era uma mulher inteligente demais para não perceber o que estava acontecendo, não importa o quão bom eu fosse em esconder o que estava sentindo.

— Você só diz isso porque nunca comeu meu bolo de banana com farinha de arroz, o mundo todo deveria experimentar um dia — brinquei e ela, assim como todos, sorriu. Talvez não fosse o reflexo do que se passava em seus corações, mas foram sorrisos sinceros.

— Talvez na próxima vez você faça para a gente, acho que seria uma ótima sobremesa — a dona Clarisse podia ter falado brincando, mas ela queria que eu voltasse.

E foi naquele instante que uma enorme ficha caiu para mim: a lembrança que eu trazia do Joel não fazia ninguém

sofrer, mas trazia alegria, melhorava o dia da dona Clarisse saber que seu filho ainda estava vivo no peito das pessoas que ele amava.

— Seria um prazer — respondi. Talvez voltar ali não fosse algo tão ruim assim, talvez assim como eles eu devesse começar a apreciar e enxergar nos detalhes deixados para trás, as vidas que o Joel influenciou e como isso o mantinha vivo. Mas esse pensamento não rendia muito.

Almoçar em família sempre traz boas recordações. Eu nunca tive um almoço desses, deveria ser diferente crescer ao lado de tantas pessoas assim, com tanto amor exalando ao redor. Trazia-me um pouco de conforto saber que meu melhor amigo, mesmo não tendo vivido muito, tinha recebido doses intensas de um amor tão puro.

Mas a mais pura verdade é que estávamos ali com um objetivo bem diferente de almoçar ou de receber amor dos pais de outra pessoa, pois procurávamos mais um fragmento da história do Joel.

— Então, soubemos que está trabalhando em um livro novo, é algo empolgante? — foi um alívio ouvir a dona Clarisse guiar a conversa para aquele assunto, mas ao mesmo tempo foi assustador, afinal, como explicar que eu estava escrevendo sobre o filho dela que havia morrido?

— Pare com isso, Clarisse — interrompeu o senhor Rubens com um tom de voz um pouco severo, de um jeito que eu só tinha ouvido no dia em que uma de suas netas derrubou uma garrafa de um dos seus vinhos mais caros e ele saiu correndo com um cinto na mão atrás da garotinha — Nós sabemos que você está escrevendo sobre nosso filho.

“Nosso filho”, não “seu amigo” ou “seu irmão”, mas sim “nosso filho”. É estranho que, não importa o quanto eles conseguissem fazer com que eu me sentisse em casa, no fim, aquele lugar não foi onde eu cresci. Aquelas pessoas não eram quem acendiam a luz quando eu tinha medo do escuro, aquele pai não era o que ia me buscar na escola quando eu

passava mal, aquela mãe não era a que brigava comigo quando eu chegava bêbado nas primeiras vezes. Eu realmente não era daquela família.

O clima tinha um misto de muitas coisas. É como quando uma visita começa a fazer algo meio desagradável e você não sabe o que fazer, se a expulsa e acaba sendo grosseiro demais, se dá um toque, ou se deixa tudo continuar acontecendo.

— Como ficaram sabendo? — perguntei, sem parar de almoçar, já que não tinha muito para onde fugir. Será que eles tinham ficado nervosos e colocado veneno na comida?

— Ele nos contou — a voz meio distante da dona Clarisse ecoou por alguns instantes na minha cabeça. Ela não parecia zangada comigo, mas definitivamente estava zangada com alguma coisa.

O Joel não era uma pessoa idiota, na verdade, era muito esperto, então obviamente ele deve ter imaginado que mais cedo ou mais tarde eu acabaria indo ali, na casa dele, conversar com os pais dele. Acho que também imaginou que eu poderia encontrar alguma dificuldade, quer dizer, nem todo pai e mãe deseja ver a história do filho falecido revirada deste jeito, então o que ele poderia ter dito para impedir que eles me dessem uma surra?

— E o que vocês acham? — continuei, sentindo que era como um filho pedindo permissão aos pais para fazer alguma coisa muito séria, como uma criança pedindo para dormir na casa de um amigo, como uma menina indo apresentar o namorado pela primeira vez... Eu não sabia como eles iriam reagir e só me restava ficar ali, sentado, esperando a bomba explodir.

— Não gostamos — o senhor Rubens foi bem direto, assim como muitos pais são — está mexendo com a história do nosso filho, vemos isso como um desrespeito à sua morte.

“Nosso filho”. Era isso que o Joel era antes de qualquer coisa, o filho deles.

— O que você acha? — continuou ele. Não havia muita

severidade na voz dele, mas era um tom que eu nunca tinha escutado antes, acho que era desconfiança, queria me fazer desistir sem ter que me obrigar a isso.

— Não importa o que eu acho, ele me pediu um favor e eu estou cumprindo — era a resposta que eu vinha dando a mim mesmo aquele tempo todo.

Um suspiro, uma lágrima escorrida e uma mãe levantando da mesa, sem saber para onde ir.

— Me desculpe — completei, me levantando também — Eu não deveria ter vindo até aqui.

— Nada vai te impedir, não é? — a voz de Clarisse não veio chorosa, mas como um suspiro, um desabafo, e me impediu de levantar e sair dali, coisa que eu já estava prestes a fazer.

— Não, eu tenho autorização legal para fazer o que estou fazendo, mas entendo como que se sentem, não é fácil para mim também. Eu o amava, ainda amo e, por isso, vou, por seu último pedido acima de qualquer vaidade minha, mas não posso obrigá-los a fazer o mesmo...

Eu não precisei nem olhar para Aline Lemos e meu filho e eles já foram se levantando. Era uma pena que os pais do Joel não concordassem com o último pedido do filho, mas eu não podia culpá-los por não querer abrir essa ferida, porque eu, mais do que ninguém, sabia o quão ruim era fazer isso.

E por alguns segundos, o Senhor Rubens e a Dona Clarisse se entreolharam de uma forma intensa, que transmitia centenas de pensamentos e de argumentos, o tipo de olhar que só duas pessoas que haviam construído uma conexão ao longo de anos de companheirismo e amor poderiam ter. Estava na cara que eles já tinham falado sobre aquilo antes, só não era clara a conclusão à qual chegaram.

Os segundos se estenderam e eu não sabia o que fazer, então fiquei ali parado e olhando, enquanto os dois tinham a mais silenciosa e séria das discussões.

E então os seus olhares se viraram, os olhos claros da dona Clarisse se voltaram para mim e foram poucas as vezes

em que me senti metralhado por um olhar tão intenso, parecia que ela ia me matar ali mesmo, enquanto milhões de coisas se passavam na minha cabeça e a que mais se destacava era a vontade de sair correndo dali. A mulher, que sempre me olhou com carinho e amor, agora, me encarava de um jeito diferente, como se estivesse repensando quem eu era, como se ali terminasse nossa relação que até então tinha sido tão boa. Eu a decepcionei, como tinha decepcionado tantas outras pessoas.

— Se vai contar a história do nosso garoto — haviam tantos sentimentos na fala dela que eu nem consigo descrevê-los, mas não parecia mais que ela falava com alguém querido, com alguém que até há pouco considerava um filho; estava nervosa, irritada por não conseguir me fazer mudar de ideia, exatamente como um pai que não conseguia manter o filho em casa no sábado à noite — eu quero participar.

Era um ato de coragem e só eu sabia o quanto.

— Vai ser uma honra ouvir o que vocês têm a dizer sobre meu melhor amigo.

O olhar de mãe não escapava da Dona Clárisse, no fim das contas, parecia que ela sentia certa responsabilidade por mim e essa era uma sensação estranhamente boa. Seus olhos verdes carregavam a compreensão de uma mãe que não aprovava o que o filho estava fazendo, mas que entendia que isso ia além do seu controle. Ela sentia muitas coisas e todas elas transbordavam por seus olhos como um rio que mudava seu fluxo.

O almoço terminou ali, o senhor Rubens e meu filho recolheram a louça e foram para dentro lavar tudo e, enquanto isso, a dona Clárisse ficou focada nas fotos fixadas na parede, na família que ela teve um dia e que ainda tem dentro do seu coração.

— O tempo é uma coisa horrível, não é? — começou ela, quando só tinha eu e a Aline Lemos para ouvi-la — Olha o que ele me tirou... Cedo ou tarde todos nós percebemos o quão mortais nós somos, seja quando fazemos 18 anos, quando

surge o primeiro fio de cabelo branco, quando o primeiro filho se forma, quando fazem uma refilmagem da novela que você assistiu ontem... Mas é diferente com quem amamos. Temos a falsa impressão de que nós somos mortais, mas eles, as pessoas em quem depositamos tanto amor, são imortais, como se o tempo não passasse para eles. Mas essa é a mais dolorosa mentira que podemos inventar.

“Nós adotamos o Joel quando ele tinha apenas quatro anos, foi o mais novo que decidimos colocar em nosso coração, já que todos os seus outros irmãos tinham entrado em minha vida dos 10 aos 16 anos. Ele era apenas uma criancinha quando o vi pela primeira vez e já soube naquele momento que ele era cria da minha alma, parte do meu coração. Nós demos tudo que conseguimos para ele, assim como fizemos com os outros, ensinamos o que é amor, ligamos sua alma solta à nossa e formamos uma família. Vestimos ele com as roupas mais quentes, o alimentamos com comida fresca e brincamos com ele todos os dias. Ainda assim, há coisas tão perigosas quanto o frio e a fome. E ele teve que ser o mais forte, passou por uma escola onde as outras crianças não o entendiam e teve que ouvir comentários e piadas a vida inteira sobre ter sido abandonado.

Eu fui várias vezes na escola, tentamos até mudá-lo para outro colégio, mas não adiantava, crianças são más por natureza quando os adultos não as tratam como... crianças.

Os outros também enfrentavam problemas, sabe, não era fácil. Nunca escondemos de ninguém que eles eram adotados, porque nunca vimos isso como um problema, mas, para as outras pessoas, a simples ideia de que eles não se desenvolveram durante 9 meses na minha barriga e ainda assim eram chamados de filhos, era loucura. Então, volta e meia, para alegrá-los, eu os levava para brincar em um lugar fora da cidade, um campo aberto, e ele ficava mais feliz, parecia que lá nenhum problema podia atingi-los.

Aquilo era o máximo que eu podia fazer e, caramba,

como eu me sentia inútil como mãe. Eu não era forte o suficiente para enfrentar o mundo todo, isso é impossível, e lidar com essa realidade é angustiante. É horrível para uma mãe não poder proteger seus próprios filhos. Eu o via correndo naquele gramado enorme com os irmãos, sorrindo, caindo, levantando, olhando o horizonte cheio de fumaça das fábricas, para longe da cidade atrás de nós e só pensava em tudo que eles iriam ter que enfrentar. Outras crianças também iam lá e eles eram felizes porque ninguém conhecia ninguém. Mas, no fim do dia, quando eu voltava para casa, eu podia sentir, vindo dos quatro, principalmente do Joel, o medo de ter que voltar para o mundo que não os entendia, mesmo que tudo fosse muito simples.

Numa semana que choveu muito, a Amanda, o Danilo e o Gabriel tinham ido viajar com a escola e o Joel ficou sozinho, e não consegui levá-lo para longe desta vez. A casa ficou mais vazia sem os irmãos, mas não tanto como ele ficou. Eu o ouvi chorando no meio da noite, ele sempre tentava esconder o choro, mas mesmo com o vento soprando lá fora e a chuva castigando nosso telhado, eu pude ouvir. Então, caminhei até a porta do seu quarto, ouvi a música baixa que ele colocou para tentar disfarçar o choro e entrei devagar.

— Eles me disseram que eu fui jogado fora, como um celular que ninguém quis mais, como um sapato que não serviu — choramingou ele por baixo de seu cobertor vermelho quando percebeu que eu estava ali.

Ele era tão pequeno, suas mãos... Seus olhos castanhos eram como pequenas estrelas que brilhavam diante da luz vermelha que ele insistiu em ter no seu quarto.

— Não escute eles! Você não foi jogado fora, foi posto no caminho da sua verdadeira família — dizia eu, tentando acalmar o peito de uma criança que começava a perceber como o mundo é cruel.

— Me desculpe — tremeu ele, enquanto voltava a se cobrir.

Eu sabia o que ele estava fazendo. Desde cedo, o mundo nos ensina a esconder nossos sentimentos, enterrá-los debaixo do cobertor.

— Não precisa se desculpar por se sentir triste. O mundo é uma droga, todo mundo tenta se esconder dele de vez em quando.

Ele continuou escondido. E quem poderia culpá-lo?

— A professora disse que é impossível eu ser filho de vocês por causa dos tipos sanguíneos, que eu não nasci de você... — continuou, quando percebeu que eu não sairia do lado dele, não importa o quão horrível fossem seus sentimentos, o quão triste estivesse.

— Você não nasceu de mim e nisso ela tem razão, você nasceu para mim. Não é sobre sangue, é sobre amor e disso aposto que ela não entende tanto assim, porque não há faculdade que explique. O amor é o que nos torna uma família, você não nasceu da mesma barriga que seus irmãos, mas todos vocês estão dentro do coração um do outro, amarrados num nó de amor que nos prende como família. Isso é o que te torna meu filho, não uma coisa boba como “sangue”. Ninguém liga para sangue, ele é nojento e pegajoso.

Ele me olhava confuso, como se quisesse entender as minhas palavras, mas não conseguisse e, ainda assim, seu rosto saiu mais um pouco para fora das cobertas.

— E o que é o amor? É mais forte do que o sangue? — perguntava ele, com as lágrimas já secas. Ele era tão pequeno e o mundo já era tão ruim com ele...

— Claro que é. Amor é a coisa mais forte que existe no mundo inteiro.

— Mais forte do que o Homem-Aranha?

— Muito mais.

Ele sorriu impressionado e eu sentia transbordar a inocência daquele olhar de quem nem tinha visto o tanto de mal que existe no mundo. Ele tinha descoberto um novo superpoder, o amor, e levou isso para a vida inteira, não deixou

morrer, não deixou sumir. A gente pode pensar que os outros não nos ouvem e, às vezes, isso é verdade, mas o Joel sempre ouviu e desde aquele dia levou o amor como principal foco da sua vida. Foi o amor que o ajudou a ficar sozinho e longe da gente, foi o amor que o fez terminar a faculdade, mesmo tendo levado um ano a mais para isso. Foi o amor que o fez seguir em frente quando teve que voltar para cá, porque descobriu que não era fácil encontrar um emprego. Foi por amor que ele voltou para a cidade porque achou um emprego que, mesmo não sendo o trabalho que queria, era suficiente para mantê-lo perto da Lúcia. Foi o amor que manteve sua esperança viva o tempo todo. Tudo que ele fazia era por amor e isso não só o tornava único, mas também incompreensível para a maioria das pessoas, já que num mundo de tantos interesses ninguém presta atenção no amor, seja porque não tem tempo, não tem graça, ou não se importa. Por isso, ninguém o entendia além de mim, porque o vi crescer e passar por tudo isso. Acompanhei cada uma das merdas que ele fez, como a vez que perdeu mais de vinte mil em investimentos idiotas. Nos tropeços, nos acertos e nas conquistas, eu sempre estive lá por ele, fosse ele certo ou errado e sabe porquê? Ora, por amor, é claro.”

Ela queria me contar o que vinha guardando no peito há muito tempo, o último lamento de uma mãe que viu uma parte de si mesma morrer, a garantia do seu legado, sua continuação, desapareceu antes mesmo que ela se fosse.

— Acho que você pode me entender, você tem um filho também... O amor que sentimos por eles, por nossas crianças, é imensurável e a dor de perdê-los...

Eu jamais conseguiria entender a dor da dona Clárisse, jamais poderia dizer se é maior ou menor que a minha, já que o Joel se encontrava nos nossos corações de maneiras bem diferentes. Mas as palavras dela fizeram lágrimas escorrerem dos meus olhos e eu levantei e a abracei. Foi então que um pôde sentir o vazio no coração do outro, que palpitava, triste, sentindo a falta do mesmo amor.

O Homem e o seu Lugar

O Joel costumava me dizer que o som da chuva era a coisa mais relaxante que poderia existir e que, quando ela começava a cair, vinha acompanhada de um sono certo, pois seu cheiro e seu barulho formavam um conjunto apaixonante e sonolento.

As pancadas na minha janela naquela noite foram o oposto de relaxante e sua companhia era o oposto de sono. O vidro vibrava forte e fazia minhas pupilas tremerem enquanto minha cabeça ia aos poucos ligando e reconhecendo a voz fina e aguda que gritava abafada do lado de fora.

— Meu deus, acordem logo! Está chovendo um monte aqui fora, qual o problema de vocês dois? — será que era a TV? Ou será que era minha imaginação? — Vamos lá, Edu, abre logo essa merda de porta!

Não poderia ser a TV, tão pouco era minha imaginação, eu jamais me chamaria daquele apelido e só existiam duas pessoas no mundo que usavam aquele nome.

Meus olhos se abriram para enxergar um quarto mergulhado em uma discreta bagunça e iluminado por um estranho feixe de luz que vinha da janela. Por trás do vidro borrado pela água da chuva, um vulto vestindo um capuz balançava uma lanterna. No começo, pensei que era um fantasma, mas meu coração mal começou a disparar de medo e minha mente já identificou os cabelos ruivos, a pele morena e o jeito irritante de continuar me chamando, mesmo percebendo que eu estava dormindo.

Assim que meus pés tocaram o chão, eu soube que deveria estar muito frio do lado de fora, então uma ponta de pena surgiu no meu peito antes que eu fosse até a janela e a destrancasse para que ela pudesse entrar.

— Sabe, a maioria das pessoas costuma bater na porta — comentei, pegando uma toalha que estava jogada em uma poltrona e oferecendo para a mulher alta que se enfiava pela minha janela não tão grande assim.

— A maioria das pessoas costuma atender o celular, ou a porta, principalmente depois de tantas tentativas — retrucou ela, mais aflita do que nervosa, enquanto enxugava os cabelos.

— Desculpe... Eu desligo tudo quando estou dormindo.

— Onde está o Caio? Pensei que pelo menos ele me atenderia.

— Deve estar dormindo em algum canto, sem chance dele te atender, as aulas acabaram semana passada e ele tá aproveitando para... sabe... Fazer coisas que crianças fazem.

Ela me encarou com o olhar de julgamento que sempre utilizava quando o assunto era a educação do meu filho.

— Bom, isso não importa... Eu vim aqui porque estou preocupada com o Joel, achei que ele talvez estivesse por aqui, mas...

— Mas não, não está. O que aconteceu? Brigaram outra vez? — o Joel e a Lúcia eram feito uma novela em que as mesmas coisas aconteciam em diferentes dias. Eu já tinha visto aquele olhar preocupado, aquela ansiedade meio doida, já tinha sido acordado no meio da noite outras vezes, quando não por ela, pelo próprio Joel, um sempre buscando o outro.

— Não, ele simplesmente desapareceu! A última vez que falei com ele foi no almoço e estava tudo normal, desde então, não me respondeu mais, nem voltou do trabalho, simplesmente sumiu — descarregou, se sentando na minha poltrona desarrumada.

— Tá, vai com calma, eu nem acordei direito ainda. Vamos lá para a sala, aí você pode beber algo quente enquanto me conta essa história direito.

O ruim de ser amigo dos dois lados de um casal é que, sempre que eles brigarem, é você quem vai vestir o papel de juiz e, sempre que uma coisa ruim acontecer, é a você que eles vão pedir ajuda.

O cheiro de café quente tomou conta da minha cozinha que não tinha espaço nem para uma mesa de verdade, só um balcão grande com bancos encostados. Lúcia, mais calma e mais seca, segurava uma caneca com a mão ainda tremendo do frio. Suas roupas molhadas tinham ficado no banheiro e minhas roupas tiveram que ser vítimas daquela situação e substituí-las.

— Então, quando foi a última vez que se falaram de verdade e não pelo celular? — perguntei, apesar de saber que a situação não era tão grave, me incomodava vê-la aflita daquele jeito.

— De manhã, ele dormiu na minha casa, tomamos café juntos e ele estava perfeitamente normal, depois saiu para trabalhar e não nos falamos mais.

— Sei... Ele ligou para mim no almoço, perguntou se havia deixado as chaves do apartamento por aqui, mas eu estava muito ocupado então não dei muita atenção. Agora que você me contou isso, talvez ele só quisesse conversar... — não tinha arrependimento nenhum no meu coração, mas, pensando bem, não custava ter dado um pouco mais de atenção a ele.

Ela respirou fundo, pois cada segundo que passava em um ambiente quente fazia com que se acalmasse mais.

— A gente vive te incomodando, né...Eu deveria ter ido direto ao apartamento dele, talvez esteja dormindo, ou só querendo um tempo para ficar sozinho, mas é que...

— Está tudo bem, a gente pode esperar ele por aqui, você não tem que passar por isso sozinha — sorri, oferecendo mais um pouco de café que foi aceito com muita alegria, nunca entendi como alguém podia gostar tanto daquele negócio — Além disso, eu sei que ele não foi para casa porque... bem... — eu abri uma gaveta e mostrei o molho de chaves unidos por um anel de metal — Acabou que elas estavam por aqui.

A Lúcia não era uma pessoa paranoica ou ciumenta, mas o relacionamento dela com o Joel era meio maluco porque ambos eram pessoas que não sabiam dialogar sobre seus problemas e, quando alguma coisa acontecia, simplesmente

desapareciam sem dar notícia nenhuma.

— Mas não se preocupe, deve ter aceitado algum turno extra, sabe como ele tá juntando dinheiro — continuei.

Ela balançou a cabeça positivamente, estava menos ansiosa do que achei que estaria.

— Eu sei que ele está bem... Parece que ele não tem com quem conversar, mas tem... eu... — continuou, com voz e olhar distantes.

Eu me sentei na frente dela e encarei por alguns instantes seus olhos claros, mas eles não sustentaram o olhar, estavam receosos demais para isso.

— Acho que é medo — seguiu ela — tivemos tantas experiências ruins antes que acabamos guardando muita coisa para nós mesmos... O problema é que isso acaba pesando demais...

— E quando o peso excede sua capacidade de aguentar, vocês desaparecem um para o outro... — eu completei.

Um raio cortou o lado de fora e ela tremeu um pouco de susto, derramando um pouco de café quente em cima do balcão. Acho que o maior medo da Lúcia não era o raio lá fora, mas sim o que se passava dentro do seu coração.

— Isso é normal de todo relacionamento... Acho que estamos todos estragados da cabeça, com medo de compartilhar o que sentimos... Mas ainda há tempo, sabe... há tempo para vocês dois. Nem todo mundo tem isso... Eu não tenho mais.

Eu não costumava tocar naquele assunto, não só porque era difícil para mim, mas também porque odiava o olhar de pena que as pessoas me lançavam. Mas com a Lúcia foi diferente, ela não me olhou com pena e sim com... afeição.

— Você está certo, não podemos continuar perdendo tempo — uma ponta de ânimo e talvez de uma nova atitude pareceu surgir nela.

— Vocês são um bom casal, ainda que diferente do que nos ensinaram. Nós não nascemos sabendo amar, é preciso

aprender como fazê-lo. A insistência de vocês em aprender significa que vocês enxergam um no outro alguém que vale a pena, então dê um tempo para que vocês possam nutrir esse amor.

Os olhos dela eram muito profundos, como um lago que refletia o céu escuro da noite e às vezes era iluminado por um raio.

— Ainda assim — continuei, quando vi que ela estava digerindo tudo que eu tinha falado — Está chovendo muito lá fora e eu não gosto da ideia dele andando por aí debaixo desse temporal, então você espera aqui enquanto eu vou atrás dele, ok? — era melhor deixá-la sozinha para pensar um pouco, pois, às vezes, tudo que a gente precisa é de alguém que nos fale o que nós mesmos já sabemos para que tudo mude.

Ela encarava fixamente a xícara de café e confirmou com a cabeça, mas duvido que tenha ouvido muito da minha última frase, acho que estava tão cansada que simplesmente me passou a chave do carro e ficou ali parada. A Lúcia era o tipo de pessoa que se matava de trabalhar e se matava para estar com as pessoas que amava, mas que, assim como todo mundo, tinha dificuldade em entender o que é amor.

— Não se preocupe, vai ficar tudo bem, pode dormir aqui e, se precisar de alguma coisa, pode acordar meu filho — falei, apontando para o sofá da sala onde um bolo de cobertas subia e descia com a respiração de uma pessoa que dormia como se nada estivesse acontecendo.

Abri a porta da cozinha e fiquei encarando o gramado do meu quintal completamente encharcado. Chovia uma cortina de água tão densa que eu quase não via o carro da Lúcia. Fiquei ali, parado por alguns instantes, tomando coragem para correr até o carro e ir atrás do destrambelhado do meu melhor amigo.

— Tudo bem, acho que vou tomar um banho — respondeu ela, conversando mais consigo mesma do que comigo, logo quando a porta ia se fechando.

— Fique à vontade — gritei, correndo debaixo de chuva.

Caía tanta água que eu nem sei como consegui abrir a porta do carro da Lúcia, mas o importante foi que, em poucos instantes, eu estava virando a esquina e imaginando onde o Joel poderia estar.

O relógio do computador de bordo marcava 2:27h da manhã e o Joel saía do emprego às oito da noite. Talvez ele tivesse pego alguma hora extra em busca de ocupar sua mente, então aquele seria o primeiro lugar para procurá-lo.

O Joel trabalhava em uma fábrica de etiquetas como gerente de alguma coisa e coordenava um monte de gente para fazer um bocado de coisas que eu nunca soube direito o que era. A fábrica não ficava muito longe da minha casa, então não custava dar uma passada por lá.

As ruas estavam completamente escuras e vazias e eu quase não conseguia enxergar nada com o para-brisa tão borrado de água. O barulho da borracha do limpador era muito irritante, mas não tinha o que fazer, o jeito era seguir naquela fúnebre avenida molhada até encontrá-lo.

O trajeto não demorou trinta minutos, pois não levei muito mais que seis esquinas viradas até chegar ao beco iluminado pela luz laranja pálida dos postes. Eu soube que ele não estava lá, porque o enorme armazém cercado por uma grade de metal enferrujado estava mergulhado numa densa escuridão, talvez tivesse acabado a energia lá dentro. De qualquer jeito, era assustador demais ficar por ali, então não pensei duas vezes na hora de dar meia volta daquele beco sem saída e assombrado para procurá-lo em outro lugar.

A cidade durante uma noite chuvosa também carrega sua beleza, as ruas vazias e molhadas nem parecem ser as mesmas que durante o dia são palco para tanto tumulto. Algumas poucas pessoas malucas se arriscavam debaixo de guarda-chuvas e capas de plásticos e, com toda certeza, eram adolescentes cuja vontade de “aproveitar” a vida era tão grande que nem a chuva era capaz de impedi-los de sair de casa, ou, então, o pessoal que tinha que trabalhar cedo. Será que ele era um deles? Valia sair gritando o nome dele por aí?

— Acho que não — respondi para mim mesmo enquanto dirigia, pensando que aquele não era muito o seu perfil. Mas nunca se sabe.

A chuva ficou tão forte que eu pensei em parar o carro. O movimento cessou completamente, não existia nenhum som fora o das gotas de água batendo no metal do carro, e aquilo trouxe certa paz. As ruas cercadas por prédios enormes estavam vazias, os comércios, todos fechados, os semáforos nem precisavam estar ligados, pois eram poucos os carros que passavam pela pista molhada, espirrando água com os pneus. Ele iria gostar daquele vazio... vazio! Era isso, era lá que ele estava.

Os prédios grandes e luxuosos que abrigavam casas e lojas das mais caras possíveis logo se transformaram em pequenas residências de família que raramente passavam de dois andares. As árvores bem podadas e as calçadas bem cuidadas sumiram para dar lugar a passeios esburacados e arbustos tão grandes que poderiam esconder toda uma família de cachorros. As rotatórias cercadas de restaurantes sumiram e deram lugar a cruzamentos estranhos e mal sinalizados. A chuva não parou de cair nem por um segundo e a luz alaranjada de alguns postes falhava, deixando a rua completamente escura, tão escura que quando o farol do carro da Lúcia iluminou o ponto de ônibus o vulto que estava sentado nele se assustou.

Como todas as outras, nossa cidade tem um fim. As casas e os comércios de bairro já tinham ficado para trás há muitas esquinas, o asfalto ficou mais esburacado ainda, quase virando terra batida e o cheiro das fábricas à distância começava a se misturar com o da chuva. Largado em um daqueles pontos de ônibus azuis estava o Joel, admirando uma enorme construção. Eu sabia que, antigamente, aquele lugar era um gramado gigantesco que, por ser afastado da cidade, sempre foi alvo de pessoas que queriam dar um tempo.

— Sua namorada entrou pela minha janela! — gritei, abrindo o vidro do carro. Ele me encarou por alguns instantes,

mas logo voltou sua atenção para o lugar que um dia tanto gostou, mas que agora era um monte de terra batida sendo preparada para receber mais uma fábrica gigantesca. O gramado tinha desaparecido, as poucas árvores davam sombra a cabanas provisórias que protegiam o maquinário da chuva. Tudo estava muito mal iluminado e a chuva ajudava a criar um clima um pouco assustador.

Eu não obtive resposta alguma, tampouco recebi algum sinal de que ele estava disposto a vir comigo, então desliguei o carro, desci debaixo de chuva e me sentei ao seu lado, molhado, cansado e um pouco irritado.

— Lembra aquela vez em que viemos aqui assistir à banda dos meus amigos? — perguntou ele, depois de alguns minutos de total silêncio em que fingira que eu não estava ali. Parecia ter ido para um mundo completamente diferente, em que não estava chovendo, em que o barro não escorria com tudo pelo barranco, em que tudo aquilo ainda era um grande gramado onde dois amigos podiam sentar para ter uma conversa ruim e ouvir uma música pior ainda.

— Eles eram péssimos — respondi. Diferente dele, eu não conseguia voltar no tempo, não conseguia imaginar tudo aquilo com tanta clareza, talvez porque a importância daquele lugar fosse diferente para nós dois, mas ainda me lembro dos acordes das músicas, do respirar das pessoas, do vento da noite, do calor que fazia naquele verão — Como é que você chegou até aqui?

— Como alguém pode achar que esse lugar está melhor assim? É ridículo pensar que nunca mais vamos poder voltar aqui, que nunca mais vamos ouvir uma banda tocar daquele jeito e, pior ainda, pensar que ninguém mais vai poder... Quer dizer, e o monte de pessoas dessa cidade que ainda iriam descobrir esse lugar? As outras bandas da galera mais nova que viriam tocar aqui... Os outros amigos que viriam conversar... Eles vão ficar sem lugar para se encontrar, sem o seu canto.

O vento frio que soprava forte entre a gente não foi

capaz de levar embora os pensamentos do Joel, a chuva, que limpava o barro da construção, não lavou suas angústias e, no fim, ambas as missões estavam nas suas próprias mãos.

— Não é com os outros que você está preocupado, não é? É com você. Esse era o lugar que sempre vinha quando sua cabeça estava bagunçada demais para ficar no meio de uma cidade tão caótica quanto você mesmo, e agora parece que não há mais para onde fugir. Isso é besteira. Estão atribuindo uma nova função para esse lugar, vai gerar trabalho para muitas pessoas, vai construir laços do mesmo jeito que construía antes. E não se preocupe, sempre vai existir um lugar calmo para bandas ruins tocarem, para moças venderem sua cerveja meio quente e para amigos poderem conversar. Olha só pra gente, sentados aqui no lugar mais improvável de todos e ainda assim tendo uma conversa.

Ele riu. A chuva molhava um pouco nossos pés, mas não era isso que incomodava a nós dois.

— Você discursa bem — brincou — Vai ser uma fábrica, igual todas aquelas outras no horizonte, um lugar sem muita margem para coisas profundas — ele apontou o dedo para o horizonte. De longe e debaixo de chuva, nós só conseguíamos ver as enormes chaminés que se elevavam lá longe, exalando fumaça, funcionando de dia, de noite, com chuva ou com lua.

— Não é o lugar que constrói essas coisas, e sim as pessoas. Eu conheci você em uma sorveteria, percebe a loucura?

— Mas eu gostava daqui...

— Eu também, mas a gente encontra outro lugar.

— Você acha? E se todos os lugares bons tiverem virado fábricas?

— Então teremos que nos acostumar com os pontos de ônibus no meio do nada.

Mais um pouco de silêncio. Até que tinha calma no meio daquela tempestade, de vez em quando um raio cruzava o horizonte e minha cabeça se confundia ao admirar sua beleza

e temer que caísse um em cima da gente.

— Ela estava nervosa demais? — finalmente ele parecia se afastar do passado.

— Sim. Você é um lixo com ela.

— Eu precisava de um tempo para pensar.

— Podia pensar na sua casa, onde não preocuparia ninguém e nem estaria debaixo de chuva.

— Eu sei... Mas ouvi uma pessoa conversando hoje na rua sobre a construção de uma nova fábrica e reconheci o nome da rua, a descrição do lugar... Precisava vir aqui uma última vez, pois pensei que talvez ainda estivesse como era antes.

— É, mas não está.

— Acho que não. Acho que nada está.

— Existem muitos outros gramados como esse, Joel, agora a gente pode ir embora? Prometo que quando chegarmos em casa podemos procurar por um lugar novo para pensarmos, ok?

Ele deu um riso silencioso, daqueles que você fica com a graça só para você. Eu odiava quando ele fazia isso.

— Eu sei, não estou triste de verdade... Mas precisei vir aqui, mesmo com essa chuva toda, e a bateria do meu celular acabou, então, não consegui avisar ninguém.

— Eu sempre te disse para deixar esse celular carregando, odeio essa mania sua de sair com ele quase sem bateria.

— Você sabe que eu sempre esqueço, nem pensei nisso, tudo que eu tinha na cabeça era vir pra cá e bom... Eu vim.

— Veio e ficou, né?

— É... Eu tinha muita coisa para lembrar e mais ainda para pensar, nem vi o tempo passando.

Eu respirei fundo, não ia ser fácil convencê-lo a ir embora.

— É, era um bom lugar pra fazer esse tipo de coisa.

— Era e acho que vou ficar aqui mais um tempo se não for te incomodar.

— Tudo bem — respondi, mesmo que estivesse pensando no quão aflita a Lúcia poderia estar — Mas vou

mandar uma mensagem para Lúcia dizendo onde a gente está, ela realmente estava preocupada com você...

— Ok, eu já deveria ter feito isso mesmo.

Acho que eu não consigo lembrar quanto tempo ficamos ali parados em silêncio e nem sei como aguentamos, não tinha nada de agradável naquele lugar, não mais, e o cheiro do cigarro que ele acendeu só fez piorar. Na verdade, eu nem enxergava direito, porque era muita escuridão, muita chuva e o vento frio tornava a situação ainda mais desagradável. Mas o Joel não parecia disposto a ir embora tão cedo... Acho que ele não olhava para aquele lugar como eu.

— Quando eu era criança, minha mãe costumava levar eu e meus irmãos para um lugar assim, sabe? Afastado de tudo... Parecia que a gente fugia dos nossos dias, das nossas rotinas, acho que isso só acontece quando a gente é criança, né? Aos poucos, a gente perde essa liberdade, fica sem nosso lugar, mas eu ainda gostava de vir aqui, tinha o mesmo efeito, eu acho...

Às vezes era difícil entender o que ele falava, tanta coisa passava por sua cabeça, era difícil acompanhar, mas eu fazia o melhor que podia e acho que era suficiente.

— Ingenuidade... A gente perde com o tempo — respondi, depois de um tempo pensando.

— Sinto falta de ser ingênuo — retrucou ele, quase como se previsse o que eu diria.

— Você não fugia de verdade, Joel, não tem como fazer isso. Você pode estar em um campo aberto desses, numa praia, no meio de uma floresta ou num deserto e acredito que ainda vai se sentir assim, perdido.

— Ah, obrigado, ajudou muito.

— É sério cara, você sabe disso, você não quer fugir da cidade, nem da rotina, quer fugir de você mesmo. Você não é mais criança, Joel, não pode se enganar assim.

Pela primeira vez, naquela noite, ele desviou o olhar daquela construção mal acabada e me encarou. Foi estranho,

seus olhos brilharam muito, de um jeito que eu achei ser impossível e que eu só fui entender segundos depois, quando a luz de outro farol iluminou nossa escuridão.

Deu para ver melhor o barro descendo com tudo, deixando um rastro igual ao das lágrimas que deviam ter caído dos olhos dele há um tempo atrás sem eu perceber. Nenhum de nós dois olhou para trás, pois ambos estávamos de costas para a rua. Talvez fosse a polícia, talvez fossem sequestradores.

Portas se abriram, portas se fecharam e minha curiosidade foi grande demais, me virei e vi que, felizmente, não era nenhuma das alternativas que eu tinha imaginado.

— O que vocês dois estão fazendo aí debaixo dessa chuva? A gente ficou esperando vocês até que não aguentei mais e tive que vir aqui — a voz da Lúcia era tão suave quanto à da chuva e carregava um alívio enorme.

— Ai, eu conheço esse lugar! — pela voz, eu soube que meu filho acabara de acordar.

— Espera... Eu também! — concluiu Lúcia, bem mais relaxada do que quando bateu na minha janela. Nem parecia que estava chovendo tanto ao nosso redor, nem parecia que estávamos no meio do nada, no frio e no escuro, por algum motivo, todos nós resolvemos ignorar aquilo aquela noite. Os dois falavam baixo porque já era muito tarde, mas a verdade é que a chuva caía tão forte que só quem estava debaixo daquele ponto de ônibus era capaz de ouvir o que falavam e, além disso, não tinha nenhuma casa ao redor, era tudo construção, grama seca ou asfalto esburacado — Eu não sabia que estavam destruindo... Ou construindo... Não sei — continuou ela, se sentando ao nosso lado.

Nenhum dos dois questionou o que estávamos fazendo ali, simplesmente se sentaram no espaço que sobrava do ponto de ônibus.

— Eu me lembro quando vim aqui pela primeira vez — continuou ela, enquanto sua voz vagava no fantasma do passado igualzinho à do Joel — Lembra daquela banda de

amigos seus? Eu adorava aquela música... Como era o nome mesmo?...

— Dezembro — respondeu ele, com a voz um pouco mais alegre.

— Que nome idiota — respondeu meu filho — mas era um lugar legal, lembra como eu meti três gols no Joel aquela vez que viemos jogar aqui?

— Isso nunca aconteceu Caio. E o nome era idiota, mas a música era pior ainda — sorriu o Joel.

— Para, não era tão ruim assim! O que aconteceu com eles? — perguntou a Lúcia.

— Ah, eles continuam tocando em alguns bares da cidade, lançaram duas ou três músicas que fizeram sucesso, ouvi dizer que até foram naquele programa que o Edu gosta.

— Ponto para eles — respondi, tentando me lembrar se eles eram bons mesmo — Acharam o lugar deles, então.

— Talvez a música Fevereiro tenha feito mais sucesso — brincou o Joel, e nós rimos em sincronia.

A chuva não parou de cair, pelo contrário, só aumentou mais e mais. No entanto, nenhum de nós sentiu a menor necessidade de levantar dali.

— O que acham que vai ser... De grãos? — perguntou o Joel depois de alguns instantes de silêncio.

— Sapatos — respondi.

— Carros — respondeu meu filho.

— Robôs! — brincou a Lúcia. E nós rimos de novo. Não foi engraçado, mas ainda assim todos nós rimos — E eu com toda certeza vou querer um — continuou ela, arrancando ainda mais risadas inexplicáveis da gente. Sua mão segurava firme a do Joel e, num toque, eles se entenderam.

Nós quatro já tínhamos passado muitas noites juntos, planejamos viagens que duravam finais de semana inteiros e, durante muitos dias, compartilhávamos a companhia uns dos outros da maneira mais sincera que poderia existir. No entanto, aquela noite tinha alguma coisa diferente, algo de especial,

talvez fosse porque começou repentinamente, talvez fosse porque tudo nela faria com que estivéssemos separados.

Foram tantas conversas sobre um lugar vazio, que nem vimos o tempo passar. O sol foi nascendo discretamente no horizonte nublado, lançando raios pálidos sobre a construção que diante da luz do dia cinzento ficava ainda mais melancólica. Não demorou muito para que os primeiros ônibus começassem a chegar e a desembarcar os trabalhadores, que vinham protegidos com capas de chuva amarelas. As máquinas ligaram cedo e logo nosso sossego foi embora.

— Acho que isso é um adeus — comentou Joel. Os trabalhadores nos olhavam curiosos, talvez pensassem que estávamos bêbados — Adeus, meu lugar favorito — ele não estava triste, só pensativo.

A luz do sol mal conseguia passar pelas nuvens nubladas, por isso, estava tudo muito cinza.

— Talvez a gente volte aqui mais vezes, só para ver a construção terminando — sugeriu Lúcia, que, mais do que qualquer outra pessoa, entendia a importância que aquele lugar tinha para ele.

— Não — ele se levantou e eu tentei fazer o mesmo, mas minhas pernas tremeram um pouco, já que ficamos muito tempo sentados ali naquele banco gelado por ter perdido a conta das horas — Acho que já encontrei outro lugar para me acalmar — completou.

Olheiras profundas enfeitavam os arredores de seus olhos. Ele era um tanto maior do que eu e um tanto mais sorridente também. Depois disso, foi indo para o carro, quase se arrastando, sentou-se no banco do passageiro e desmaiou de sono.

— Alguém entendeu alguma coisa? — perguntou meu filho. Nenhum de nós três sentiu a mesma vontade de se levantar do Joel.

— Não, mas acho que ele entendeu — respondeu Lúcia — Querem ir?

— Não — respondi — acho que podemos ficar mais um

pouco, pelo menos até a chuva parar.

— Ok — responderam os dois.

Nós ficamos ali, olhando o dia começar.

O Homem e seu Pedido

— Então, ele conheceu a Lúcia antes mesmo de conhecer você? — me perguntou a Aline.

Eu tinha achado a ideia de contar toda aquela história enquanto ela dirigia meio perigosa, mas duas viagens seguidas eram muito cansativas e, principalmente, muito entediantes. Lembrar um pouco o que acontecia entre o Joel e a Lúcia não iria tirar tanto a atenção de alguém, até porque não era nada tão interessante assim.

A paisagem do lado de fora era igual à da noite em que a Lúcia apareceu para me acordar, com chuva e escuridão. Os faróis do carro iluminavam uma rodovia encharcada e, se continuasse a chover daquele jeito, logo teríamos que parar.

— É. Eles se conheceram na faculdade, achei que talvez se lembrasse dela.

— Ele me falava dela quando trocávamos mensagens, mas nunca a conheci pessoalmente, ela parece ser uma pessoa interessante... Só que muito diferente do Joel — os olhos da Aline não desviavam da estrada, não que eu achasse que adiantava olhar naquela escuridão total.

— Mas não é — a resposta veio do meu filho que estava no banco de trás. Eu não queria falar sobre aquilo, ele tampouco e a Aline parecia perceber a nossa vontade, mas tinha certeza da ideia de que precisávamos falar.

— Por quê? — sua mente pareceu pipocar nesses segundos de silêncio, por fim, sua pergunta veio a mais sucinta possível.

Nenhum de nós respondeu. Não é que achássemos que ela estivesse sendo intrometida (apesar de ter certeza que foi isso que meu filho pensou), mas aquele era um assunto que não gostávamos de reviver. No entanto, a verdade era que

nossa viagem tinha um destino muito claro: a casa da Lúcia. Então, qual momento seria mais perfeito para falar sobre aquilo senão aquele?

— Nós éramos muito próximos — comecei, encarando meu filho pelo retrovisor só para constatar o que eu já imaginava: sua cara fechada — acho que você deve ter notado isso pela história que acabei de te contar. A Lúcia era uma pessoa divertida, engraçada e confusa, muito parecida com todos nós. Fizemos viagens, moramos quase juntos por um mês. Quando ela e o Joel terminavam, era eu quem ouvia seus desabafos e quando alguma coisa ruim acontecia comigo, era com ela que eu conversava. Ela era mais do que a namorada do meu amigo, era minha amiga. Era alguém com quem eu me importava, e que também se importava comigo e com meu filho, de um jeito meio irritante, mas ainda assim real e, cara, como é difícil encontrar pessoas reais por aí hoje em dia! — em nenhum momento a Aline olhou para mim, seu olhar se encontrava fixo na estrada de curvas suaves, mas sua mente se debruçava sobre cada uma das palavras que eu ia dizendo — Eu me lembro das brigas que tínhamos, das discussões pelas coisas mais banais... Sempre acabávamos rindo de nós mesmos no fim do dia, pelo menos até o Joel ficar doente. Aí, tudo mudou.

Não era uma conversa que eu queria ter, mas depois que a Aline resolveu me ajudar a encontrar as pessoas para escrever a história do Joel, eu soube que mais cedo ou mais tarde teria que tocar naquela ferida, afinal, não era justo deixá-la na escuridão quanto ao que havia acontecido.

— Nos primeiros dias, ela esteve ao lado dele tanto quanto eu, mas a doença não era tão cruel no começo, então ele continuou sua vida normalmente, apenas com algumas restrições: menos trabalho, mais descanso, comer melhor e praticar alguns exercícios determinados pelo médico, nada que outra pessoa não devesse fazer. Nos primeiros meses, o tratamento quase não causava efeito nenhum, porque era feito à base de remédios que nem tinham efeito colateral, só um enjoo

de vez em nunca. Por isso, as coisas foram fáceis, achamos que logo tudo ia passar e tinha dias que nem lembrávamos que ele estava doente. Mas isso mudou. A primeira crise foi horrível, veio sem aviso, sabe? Ele desmaiou no meio da rua enquanto comprávamos um carro novo com a Lúcia. Eu nunca tinha visto alguém desmaiar daquele jeito. Não foi como nos filmes, ele não caiu perfeitamente, de maneira lenta e suave, e sim feito um saco de batatas, ele desligou, desabou e se estatelou no chão sem aviso prévio, no meio da rua, no meio do nosso dia. Algumas pessoas tropeçaram ao ver, outras gritaram, e eu fiquei sem reação nenhuma, simplesmente congelei, minhas mãos tremeram e o ar faltou. Seu sangue saía pela boca, pelo nariz, pelas orelhas e até pelos olhos. Foi horrível vê-lo daquele jeito e mais horrível ainda não poder fazer nada, pois foi a Lúcia quem pegou o celular e ligou para ambulância.

“Dali em diante, as coisas mudaram completamente. Tinha quimioterapia quase todas as semanas, sua alimentação ficou regrada a coisas que acho que nem gosto tinham. E sair pela cidade? Nem pensar, era proibido. Seu sistema imunológico ficou tão fraco que precisava usar uma máscara quando tinha que sair de casa, coisa que só acontecia caso fosse extremamente necessário. Sem trabalhar, sem poder ir na padaria e no mercado, sem poder dar uma volta no quarteirão. O primeiro ano foi uma loucura, mas acabamos nos acostumando, foram meses difíceis, nossa rotina também teve que mudar. Nada de ir para casa dele depois de estar em algum lugar com muita gente, precisava tomar um banho, trocar de roupas e ir sempre direto de casa para lá. Qualquer dor de cabeça fazia ser melhor não ir vê-lo, uma simples gripe podia deixá-lo pior ainda. Mas a gente deu um jeito, sabe? Nos adequamos a ele, eu mesmo parei de ir em bares e festas, evitava encontrar pessoas sem necessidade. Nós três vivíamos na casa dele, fazíamos almoços e tentávamos sempre sorrir, no fim das contas, era a gente. Estávamos juntos e isso era o que importava. Mas não tinha como negar

que, no fundo, sentíamos que não era como antes, dava para ver que tinha algo errado, qualquer tosse que ele tinha já me fazia imaginar o pior, meu olhar cruzava com o da Lúcia toda vez que ele se levantava, com medo de que algo acontecesse e ele desmaiasse como naquela vez de novo... Todo aquele sangue, são coisas que a gente não esquece. Tinha algo errado, dava para sentir que ia piorar e, bom... piorou.

Logo, os tratamentos domiciliares começaram a ser insuficientes e ele não pôde mais ficar em sua própria casa, nem mesmo com as restrições, teve que ir para o hospital sem data de saída. O médico disse que o quadro era grave e que o tratamento precisava ser mais intensificado, e aí tudo desabou... Até que ponto a gente aguenta? A Lúcia nunca foi visitá-lo nesse período, e eu fui atrás dela, liguei, procurei em todos os lugares, mas ela simplesmente desapareceu. Ela o deixou sozinho, deixou todos nós sozinhos, sem deixar nenhum recado. Eu não a vi nunca mais, não tive mensagens, nem ligação, ela sumiu. Quando paro para pensar, parece que aquilo foi outra vida e que talvez eu tenha inventado tudo..."

A estrada não tinha ficado mais clara ou menos chata, continuava a mesma coisa. O olhar da Aline foi o que mudou, pois brilhava frente à luz do fantasma do Joel. Acho que ela nunca tinha parado para pensar nessa parte, pois eu mesmo gostava de isolar todo o sofrimento que foi o tratamento, como ele destruiu o Joel, que emagreceu e ficou feito um esqueleto, sem cabelos, sem unhas, com o rosto tão magro e triste que mal tinha lágrimas para chorar. Ela o tinha visto assim, mas conviver, assisti-lo se deteriorar é outra história.

— Ela achou que não aguentaria — tentou a Aline — não é fácil ver quem você ama morrer...

— Não tente justificar o que ela fez — interrompi, tentando parecer o mais calmo possível, mas provavelmente falhando — Não é justo.

— Eu entendo o que quer dizer... Eu mesma fui o máximo

que pude ao hospital... Mas... Vê-lo daquele jeito... Doía...

— Você acha que eu não sei? Acha que eu gostava de ficar lá olhando-o definhar? Acha que eu gostava de ver meu melhor amigo apodrecendo? É claro que não, mas fiquei lá, do lado dele! O que a Lu fez foi horrível, foi desonesto e injusto com todos nós.

Quando eu paro para pensar naquela conversa, me arrependo, pois não era justo despejar tudo aquilo na Aline, mas eram coisas que vinham sendo guardadas há muito tempo e que, assim que viram a chance de serem ditas, saíram sem filtro nenhum.

— Se é tão ruim assim, se acha que ela é uma pessoa tão péssima, por que ir até lá? Você poderia ligar, pedir para ela mandar uma mensagem, fazer uma chamada de vídeo, qualquer outra coisa, mas, não, você quis encontrá-la pessoalmente. Não venha com o “eu preciso fazer isso por ele” — não havia nenhum sentimento na voz da Aline além da certeza. Ela tinha certeza que eu tinha a resposta dentro de mim, tinha certeza do que eu sentia e negava a mim mesmo — É simplesmente porque sente falta dela, não é? Porque não consegue odiá-la, mesmo depois de tudo que ela fez.

O ruim de estar dentro de um carro é que não havia escapatória daquela conversa, não tinha como abrir a porta e sair sem morrer. Não tinha para onde correr, não tinha como fechar a janela da conversa, bloquear, desligar, o único caminho era enfrentar o que ela dizia.

— Sim... Ou talvez eu só precise saber que ela existe, que é real e que aquilo que a gente viveu não foi sonho... — a palavra rasgou um pouco minha garganta, mas abriu uma porta que eu tinha medo de abrir. Como eu poderia sentir falta de alguém que fez tão mal ao meu melhor amigo? Era uma traição, não era?

— Está tudo bem – respondeu ela, com a mais serena das vozes, tão serena quanto a noite lá fora — As pessoas erram às vezes, e você está fazendo o certo, conversando consigo mesmo para conversar com ela.

— Mas é errado... Quer dizer, o que o Joel vai achar? — perguntei num vacilo.

— O Joel não está mais aqui. E não estava.

A estrada à noite parecia não ter fim, depois da escuridão vinha mais asfalto molhado, outra curva e outra curva. As árvores ao redor tinham galhos grandes e fantasmagóricos, uma mata quase completamente fechada nos cercava e lançava um cheiro de madeira e mato molhados. Às vezes, lá do meio dos troncos grossos, dava para ver um conjunto de luzes ao fim de estradas, caminhos abertos entre a mata para chegar a casebres no campo, habitados por pessoas que fugiam do tumulto da cidade e se refugiavam em meio à natureza. Naquele momento, deviam estar dormindo num sossego só, sem imaginar que três pessoas passavam por ali.

— Mas ela está — continuou — Então fale com ela e faça as pazes com você mesmo e, talvez, com ela. Fique em paz com isso, tenho certeza que era isso que o Joel ia querer.

“Que o Joel iria querer...”

Essa frase ecoou na minha mente.

— Certo — encerrei.

Não falamos mais nada a partir dali, porque o que tinha que ser dito, fora dito. O que me restou foi digerir aquelas palavras e a Aline pareceu saber que essa digestão ia demorar um tempo.

“Era isso que o Joel ia querer”.

Mas era mesmo? Será que eu estava fazendo tudo certo? Será que era essa imagem que ele queria passar para as pessoas? Será que essa era a visão que ele tinha de si mesmo? Será que você está imaginando ele do jeito que ele queria ser imaginado? Do jeito que ele era?

“Isso não importa”, a voz dele insistia na minha cabeça.

Não, no fundo eu sabia de quem era aquela voz: era a minha mente criando um modelo de aceitação, porque eu precisava daquilo, eu...

“— Escuta, eu preciso pedir uma coisa — eu não

conseguia desviar o olhar dele, não era uma coisa bonita de se ver e muito menos uma coisa que eu quisesse ficar vendo, mas aqueles eram provavelmente os últimos momentos que tínhamos juntos, então não dava para desperdiçar nem um segundo. Tinha uma coisa nele que prendia meu olhar, um magnetismo que não me deixava sair dali, que fazia minha respiração pesar e minha perna tremer.

O relógio ao lado da cama era a única coisa que parecia estar viva naquele quarto além de mim e os segundos que ele contava eram nossos maiores inimigos. As cortinas cinzas, os equipamentos que bombeavam sabe-se lá o que para dentro do Joel, as roupas finas e azuladas, a máscara que ele havia tirado, as poltronas confortáveis, tudo lembrava a morte. A janela era grande, mas era feita de um vidro tão grosso que o lado de fora ficava meio embaçado, como se um míope tentasse enxergar o mundo com as lentes erradas.

— O que quiser — respondi, tentando parecer o menos triste possível.

O rosto dele nem lembrava tanto o Joel que eu conhecia, estava seco, seus lábios estavam rachados e meio arroxeados, sua voz tinha só uma sombra da alegria que um dia teve, suas bochechas nem tinham cor. Ele mal conseguia se mexer direito, porque seus pés e mãos estavam magros demais, literalmente esqueléticos. Mas ainda era ele. Eu fui o primeiro a chegar ao hospital, na verdade, não sei se posso falar assim, levando em conta que não sei de lá. Aquele foi o último mês de vida dele, setembro, se você quiser saber. Quando recebi a notícia de que o tratamento estava sendo cada vez menos eficiente e que a qualquer momento ele poderia morrer, eu comecei a morar naquele hospital. Os médicos nem criticaram, diziam que era bom eu não sair porque isso diminuía o risco de trazer alguma doença. Quase sempre eu ajudava em alguma coisa, fosse trocar suas roupas, ou chamar os enfermeiros, já até sabia de cor a hora de cada remédio e, às vezes, até questionava as enfermeiras quando alguma coisa mudava.

Estava sol do lado de fora e o céu estava azul. Era um feriado, então todo mundo estava nas ruas aproveitando o dia bonito.

— Aniversário da cidade? — perguntou ele, desviando do assunto que ele mesmo tinha iniciado.

Um som distante de carro alegórico e de risadas vinha lá de fora, não era suficientemente alto para atrapalhar, mas se fazia presente naquele ambiente silenciosamente fantasmagórico. Era o único som com vida, diferente do das máquinas bombeando, dos estalos da cama, da respiração lenta e pesada que ele tinha, e da minha voz receosa...

— Sim, pura idiotice, se quer saber. Não resolver as enchentes, nem as epidemias de dengue, nem as ruas esburacadas, nem aquela escola que desabou em cima de vinte alunos no ano passado...

— E eles ainda têm coragem de — sua fala interrompida pra uma tosse e cada uma parecia ser um aviso de chegada da morte. Eu tentava não expressar reação nenhuma, mas toda vez que acontecia, eu quase dava um pulo da poltrona, pronto para gritar por ajuda — fazer uma festa dessas.

Os olhos dele estavam estreitos, quase se fechando. Ele passava a maior parte do dia dormindo.

— Me disseram que o carro alegórico desse ano custou uns...

Minha fala foi cortada pela metade. A maioria das vezes eu buscava falar de coisas que levassem a gente para longe daquele ambiente mórbido, já que as palavras têm o poder de tirar a gente do chão e nos colocar em um mundo denso e novo. Era isso que eu fazia e faria isso por ele o resto da minha vida, se fosse preciso. Mas nem mesmo a mais doce e bem colocada das palavras consegue te distanciar da morte.

— Me desculpa... — sussurrou ele, numa voz tão baixa e tão rouca que, se eu não estivesse prestando o máximo de atenção, seria fácil confundir com o som de uma porta enferrujada se abrindo...

— O que houve?

— Eu estou morrendo, acho que eu não aguento mais, Edu... Você vai ter que me perdoar desta vez por te chamar assim — ele estendeu a mão, se esforçando de um jeito que parecia carregar o mundo inteiro. Eu a segurei e entendi que o peso que ele carregava era bem maior que isso.

O aperto era distante, frio, quase como segurar um pedaço de madeira; seus dedos estavam magros e mais finos do que nunca, sua pele estava murcha, mas ele se esforçou para demonstrar um pouco de vida, talvez um pouco do pouco que lhe restava.

Eu ri. Um riso fraco, um riso trêmulo, um riso quase completamente falso.

— Não precisa se preocupar, vamos ficar bem. Não precisa mais se manter por aqui só pela gente, vai na frente e encontra um lugar legal para a gente passar a eternidade — a ideia de vida pós-morte é o maior conforto que se pode dar a alguém no estado do Joel, mas para mim sempre foi a realidade, uma verdade oculta que, no fundo, todos torcemos para se concretizar, senão tudo se torna apenas momentos isolados.

— Queria continuar por aqui com vocês, ter mais tempo, queria ser mais forte para durar mais e ficar ao seu lado, ao lado do Caio, ao lado da Lúcia, da mamãe e do papai, da Aline, do pessoal da fábrica. Queria pelo menos terminar este ano, passar a virada com vocês, ver os fogos, abraçar todo mundo... Mas acho que não aguento mais... Então eu queria parar, parar o tratamento, parar tudo e passar o que me restar em paz com vocês.

Ele segurou firme, o mais firme que conseguia, eu sentia seus dedos tremerem de medo porque não queria me largar, não queria me deixar, queria se atrelar ao último alicerce de vida que lhe cercava na esperança de continuar tendo forças e, se eu pudesse, lhe daria tudo que eu tinha, dividiria com ele os dias que me restavam. A firmeza em sua mão ia diminuindo,

ele não conseguia manter a mão fechada por muito tempo, era esforço demais.

Eu olhei bem no fundo dos seus olhos, que era para onde eu mais olhava porque eles continuavam os mesmos, continuavam brilhando como sempre, eram um universo inteiro. Quando eu encarava aquele castanho translúcido, quase me esquecia da morte que o cercava.

— Tudo bem — respondi, pondo minha mão por cima da dele. Estava gelada e era tão magra que parecia que, se eu fizesse muita força, ia quebrar.

— É, tem mais uma coisa, mas não sei se você vai gostar — sua voz ia ficando fraca, mas lutava para ser mais que um sussurro doente.

— Você tá muito pidão hoje, Joel, mas vai lá, vou ver o que posso fazer.

— Você sabe que eu te amo e eu queria que todo mundo soubesse quem eu sou. Não por achar que eu não posso ser esquecido, por me achar merecedor ou melhor do que os outros, só queria que você contasse sobre meu amor. Eu não vou poder mais viver, mas, talvez, se você contar um pouco sobre mim, se for atrás, talvez eu sinta que ainda estou aqui, e toda vez que alguém ler e me conhecer vai parecer que estou vivo de novo e, sei lá, não sei se está me entendendo...

— Um livro sobre você?

— É... sabe... Não sei se ia ser interessante... Talvez seja uma ideia idiota. Esquece, acho que esses remédios me deixam chapado demais, outro dia eu podia jurar que estava vendo um homenzinho roxo fumando e me encarando ali na porta.

— Eu faço.

Ele me encarou surpreso.

— Eu só tava brincando, quer dizer...

— Eu faço, tudo bem, vai ser legal. Talvez eu fale desse homenzinho roxo fumante que você viu.

Ele riu com vida, de um jeito que fazia tempo que eu

não ouvia. Era como água brotando de uma terra seca e, por um segundo, um milésimo de instante, parecia que tudo estava bem, que aquilo era passageiro. Talvez na semana que vem o quadro dele melhorasse. Eu li tantas notícias de gente que melhorou milagrosamente, talvez ele fosse assim, talvez acabássemos em um programa de TV lembrando tudo aquilo e servindo de exemplo.

— Obrigado, acho que deu sua hora, não é? 18h30min.

— Pois é, mas amanhã a gente fala sobre isso.

— Ok. Até mais...

— Até mais, Joel..."

— Acho que chegamos — a voz da Aline e a parada repentina do carro foram suficientes para que eu acordasse. Meu pescoço doía por ter dormido de mau jeito.

A rua era estreita, mas cercada de casarões de arquitetura moderna e curva, todas com grandes janelas e telhados pontudos. Cores claras e fortes enfeitavam as flores nos enormes jardins guardados por muros de vidro. Sacadas pendiam na maioria das casas, daquelas grandes o suficiente para terem uma piscina, não aquelas sacadas pequenas e comuns.

— Parece que ela melhorou de vida, não é? — observou meu filho, enquanto eu via que a rua era feita de pequenos paralelepípedos bem encaixados e os postes começavam a se apagar diante da luz pálida do amanhecer.

Eu não respondi, mas sabia que a Lúcia tinha construído uma carreira muito próspera dentro de um escritório de arquitetura. Seu nome era citado em muitas revistas e jornais, pois, aparentemente, ela tinha um talento único com construções e ganhava muito dinheiro em cima disso.

Mas na época em que eu a conheci era diferente.

Foi há seis anos atrás, meses depois que conheci o Joel. Eles já estavam em um relacionamento bem sério na época. Os dois tinham acabado de terminar a faculdade e passavam um apuro com as despesas, o Joel pensava em voltar para casa

dos pais e a Lúcia trabalhava em uma loja de roupas que nada tinha a ver com o curso de arquitetura que tinha acabado de terminar.

— Você vai adorar conhecê-la! — foi o que o Joel me disse no dia em que eu conheci a Lúcia. Até então, ela era só uma personagem das muitas histórias que o Joel me contava a respeito da sua namorada.

E, de fato, eu adorei. Assim que a mulher de pele morena e cabelos ruivos se sentou à mesa, eu senti que ela era uma pessoa incrível. Não era nada ligado à roupa largada que ela vestia, ou ao cigarro que ela fumava, nem o jeito despojado que andou até a gente e sentou. Era uma coisa que não sei explicar. Energia? Empatia? Sei lá, você deve achar que eu sou louco, mas na primeira vez que eu a vi, senti que nos daríamos bem.

Nós conversamos a noite inteira, na noite seguinte, no mês seguinte e nos anos que se seguiram. Ela conheceu meu filho, nós brigamos, choramos, rimos e ouvimos histórias um do outro, assim como construímos a nossa, nós quatro, juntos. A história que achei que tinha terminado no dia em que o Joel morreu, no dia em que ela não apareceu no velório, mas que eu, mesmo contra minha vontade, reiniciei quando apertei o botão do interfone e ouvi a voz grave e simpática que, por algum motivo, fez meu coração disparar de ansiedade.

— Edu, é você? — perguntou ela. Era a primeira vez em mais dois anos que eu a ouvia.

Você pensa muito antes de encarar uma pessoa com quem conviveu tanto e depois acabou brigando. Eu simulei milhares de vezes aquele momento, às vezes, eu me imaginava encontrando-a na rua, ou no cinema, em algum bar, em uma loja, em um mercado enquanto comprava comida. Nessas simulações, eu tinha diferentes reações, em algumas, eu gritava com ela, em outras, fingia que nem a conhecia e, na maioria, eu chorava. Chorava porque no fundo eu entendia a dor dela, porque era igual a minha, talvez maior.

— Sim, sou eu — respondi num reflexo, enquanto a sombra de um nostálgico sorriso se formava no meu rosto.

O portão fez um estalo e começou a abrir e eu entrei para encarar o que vinha ignorando há muito tempo.

Os Quatro no Quadro

Aquele disparar de coração meio bobo de nervosismo é uma das sensações mais assustadoras que pode existir. O baque no seu ouvido a cada batida, a cachoeira de pensamentos que jorra silenciosamente na sua cabeça, o jeito que a mão procura algum lugar para se esconder, como o sorriso treme e a fala foge de você.

Andar pelo gramado florido da casa da Lúcia foi uma tortura. Os poucos segundos que levamos para cruzar o caminho de pedras que se encaixavam no meio de um jardim estranhamente colorido e levava à enorme porta de madeira de seu casarão me parecera uma eternidade. As lembranças vieram voando tão rapidamente que cheguei a ficar tonto, mas tudo parou quando eu a vi.

A Lúcia era uma mulher bonita, de pele morena e cabelos ruivos, seus olhos claros e seu rosto fino e preocupado nos encarava. É estranho passar muito tempo sem ver alguém que lhe era tão comum, ela continuava a mesma pessoa, eu continuava a mesma pessoa e o mundo continuava o mesmo, mas, ainda assim, tudo tinha mudado.

— A viagem deve ter sido cansativa — disse ela. Mas não era o que ela queria dizer, muito menos o que eu queria ouvir, não eram as palavras que seus lábios queriam formar. Eu sabia, o Caio sabia e ela também sabia. A Aline provavelmente era a única pessoa que desconhecia que, na verdade, ela queria fazer exatamente o que eu queria: abraçar, chorar, pedir desculpa, pedir ajuda.

Eu parei no último degrau de mármore e a encarei. Ela não teve coragem de fazer, mas eu tive. Não sei se posso dizer que fui eu, foi mais um reflexo, um impulso. Por um momento, me esqueci de todas as mágoas, porque, no fundo, tudo aquilo

perdeu importância e eu fiz o que faria em todas as outras situações e que nunca desejei parar de fazer: a abracei.

Pude sentir o coração da Lúcia disparar, mas não senti nenhuma repulsa, o abraço foi retribuído de maneira calorosa, mas tímida. Meu coração disparou também, e ambos dançaram juntos uma valsa que não dançavam há muito tempo.

— Senti sua falta — disse eu no pé de seu ouvido, numa voz tão baixa que era quase um pensamento.

— Eu também — respondeu ela.

E nós entramos.

Não que eu tenha esquecido tudo que ela fez, nem que ela tenha se esquecido de tudo que fez, ou que tenhamos num único instante perdoado tudo. Mas na quietude de nosso reencontro, uma coisa maior surgiu entre nós. Acho que era o fato de termos passado por sofrimentos muito parecidos, termos perdido a mesma pessoa, ou talvez por termos, um pelo outro, um amor intenso.

— Você cresceu — comentou ela, olhando para meu filho. Ele sorriu, não deixou de lado as coisas, mas estava quase lá.

O lado de dentro era exuberante e organizado, exatamente o tipo de ambiente que eu sabia que a Lúcia gostava. Era tudo em um único, grande e quadrado cômodo: cozinha, sala de jantar e sala de estar, separados por móveis de madeira planejados que davam a impressão de separação entre ambientes que estavam unidos. Os móveis eram delicadamente encaixados entre si, os sofás grandes de frente a uma TV, os armários parafusados na parede e balcões que formavam uma espécie de ilha na cozinha, uma mesa de madeira polida que ocupava um espaço imenso e eletrodomésticos de um metal reluzente me levavam a pensar que tipo de maravilhas ela devia cozinhar ali. Nas paredes, haviam muitos quadros, inclusive um pintado à mão que mostrava eu, o Joel, a própria Lúcia e meu filho. Discreta em um canto, havia uma escada que subia para um segundo e talvez terceiro andar.

— É uma casa muito bonita — elogiou Aline, cuja

presença tinha passado em branco pela Lúcia até então.

O olhar das duas se cruzou por alguns instantes. Elas nem se conheciam, mas tinham muito em comum.

— Eu sou Aline Lemos, conheci o Joel durante a faculdade — se apresentou, estendendo a mão.

A Lúcia ficou em silêncio por alguns instantes encarando a mulher que, de boa vontade, se apresentava. Eu nunca soube o que se passou na cabeça delas naquele momento, se algum rastro de energia denunciava suas verdadeiras identidades, se a Lúcia sabia quem ela era, se o Joel havia alguma vez mencionado.

O aperto de mão foi retribuído e os segundos em que achei que o mundo explodiria, se mostraram inocentes.

— Desculpe por incomodá-la tão cedo — comecei, me sentando no grande sofá marrom, mesmo sem ser convidado. Havia algo enterrado que estava vindo à tona, acho que era a intimidade que sempre tivemos; não foi como se reiniciássemos nossa amizade, foi mais como se continuássemos do ponto em que paramos, mas com muito, muito a se falar. Então eu não precisava pedir permissão para me sentar.

— Não se preocupem, eu estou de férias, então é um alívio receber gente por aqui, acabei de chegar de viagem — respondeu ela, que se sentou no sofá da frente e evitou me encarar.

Uma mesinha de vidro nos separava, em cima dela um conjunto de bebidas com uma garrafa de uísque (que era a bebida favorita dela), um balde de gelo e copos de vidro grosso e laterais delicadas.

— Eu me lembro do dia em que fizemos aquilo — comecei, apontando para o quadro que mostrava um Joel sorridente abraçando a gente, uma Lúcia meio emburrada, eu meio zangado e, por último, um Caio que parecia querer fugir da pintura.

— Eu nunca vou descobrir como ele te obrigou a fazer isso, pai — éramos quatro naquela sala, três tinham entre si

uma história muito longa e feliz, porém com um fim trágico, e a quarta olhava e ouvia tudo atentamente, sabendo que não fazia parte daquela história, pelo menos não ainda — Só me lembro dela dizendo...

— Eu realmente não acredito que estamos fazendo isso — reclamou Lúcia, zangada, que se esforçava para não se mexer enquanto falava. Ela realmente sabia demonstrar que não estava feliz com a situação quando queria.

Todos nós estávamos cansados de ficar parados ali, na frente daquele fundo azul, enquanto um pintor registrava nossa pose da maneira mais lerda possível e cada pincelada parecia uma volta inteira no relógio. O braço do Joel envolvia todos nós e todos nós queríamos sair correndo dali. Cada vez que o pintor parava e analisava o que estava fazendo, uma ponta de esperança de que tudo tinha terminado surgia.

— O garoto precisa parar de se mexer — resmungou o pintor, um homem de pele escura, cabelos longos presos em uma trança e mãos grandes que seguravam um pincel maior ainda. Não conseguíamos enxergá-lo por trás do painel branco apoiado em um suporte de madeira, o qual ele preenchia com tinta na esperança de nos retratar com extrema fidelidade.

Eu senti a mão do Joel apertando o ombro do meu filho com severidade, assim como o ouvi resmungar.

— Eu não consigo mais ficar parado! Estamos nessa mesma posição já faz TRÊS HORAS, de quem foi a ideia de fazer uma pintura nossa de pé ao invés de sentados? — ele até tentou não se mexer enquanto reclamava, mas os suspiros zangados do pintor denunciaram que os desabafos do meu filho atrapalharam seu trabalho.

— Sentado era mais caro, me disseram que é mais difícil pôr pessoas em uma perspectiva de “sentados” em um quadro à tinta — explicou Joel, que disse toda a frase sem desmanchar o mecânico sorriso que fez questão de vestir.

— Então poderíamos fazer como todas as outras pessoas do mundo fazem: tirar uma foto — respondi, e senti uma joelhada de repreensão na minha coxa.

— De todos, você é o que menos pode reclamar, como escritor deveria entender a arte por trás disso tudo — respondeu Joel. No fundo, nem ele parecia estar gostando daquilo, mas todos nós sabíamos que ele ia até o fim — Além do mais, eu paguei bem caro por isso e está quase acabando.

“Kahahah” suspirou o pintor, contradizendo o Joel e trazendo um pouco mais de tristeza aos rostos que não aguentavam mais ficar congelados numa mesma expressão.

Estávamos presos naquela sala havia horas.

Quando o Joel apareceu com a ideia de um pintor fazer um quadro de todos nós juntos, até houve um ânimo. Mas foi só até que parássemos para pensar no tempo que perderíamos.

— A gente podia entregar uma foto nossa para ele, aí ele pinta, depois jogamos a foto fora e dizemos para todo mundo que foi uma pintura em tempo real — sugeriu meu filho quando já estávamos dentro do carro, indo para o quarto da tortura da pintura eterna. A ideia do Caio agradou a todos, menos ao Joel, que respondeu dizendo:

— Isso não seria real, a ideia de uma pintura é justamente ser uma coisa mais real do que uma foto.

Todos nós nos entreolhamos e começamos a resmungar. Mas não adiantou nada, porque, no fim, o Joel deu um jeito de nos obrigar a ficar parados na frente de uma tela azul, dentro de uma sala comercial, no meio de uma cidade barulhenta e movimentada.

Nós quatro ficamos parados e resmungando durante oito torturantes horas que tiveram duas pausas para que não terminássemos petrificados naquela pose. O pintor quase reclamava mais que a gente, de tempo em tempo fazia uma careta ou resmungava alguma coisa, como se a gente não estivesse escutando.

Já era quase noite e alguns tortos raios do pôr do sol que perdíamos entravam na sala pálida e toda suja de tinta. As paredes de madeira do estúdio eram preenchidas de quadros de todos os tipos, alguns muito realistas e outros muito

abstratos, e eu já estava quase encontrando um sentido para todos eles quando, por fim, o pintor se levantou e analisou sua obra por alguns instantes.

Alguns instantes, nada! Para nós, que estávamos de pé há horas, os minutos em que o homem alto, com sua barbicha que ia até o meio do peito, ficou com a mão no queixo analisando sua própria pintura foram uma eternidade. Mas, por fim, um sorriso se formou em seus lábios.

— Pronto! Não foi muito fácil, mas consegui, mesmo sem a ajuda de vocês! — exclamou ele, parecendo uma nova pessoa. Dava para ver em seu rosto que estava contente com o resultado do árduo trabalho.

Ele virou a pintura com cuidado. A tinta ainda estava fresca, mas podíamos ver nossas próprias versões num grande papel de fundo azul.

— Ficou incrível — se orgulhou Joel, mas acho que ele não conseguia mais sorrir, pois sua mão foi direto para mandíbula que estalara quando ele foi tentar abrir seus lábios, que tinham ficado petrificados.

— Espero que esteja feliz — reclamou Lúcia, se espreguiçando dentro do seu macacão rosado e estalando pernas, braços e tudo mais.

— Tá bom, temos que admitir, isso ficou muito legal — Caio disse, sorrindo.

— Viu só? Eu disse que ia valer a pena.

— É, que bom que está feliz depois de tudo isso — reclamei, mas o quadro tinha realmente ficado bonito.

— Claro que estou, agora estamos eternizados, exatamente como em um...”

— Um livro, não é? — Lúcia vinha da cozinha carregando uma bandeja de prata lotada de bolachas, pães e uma grande jarra de café que exalava uma confortante fumaça. Ela se sentou e nos encarou.

Eu despertei da lembrança que o quadro me trazia. A tinta não estava mais tão fresca, mas o sorriso do Joel estava lá, enquanto ele abraçava uma Lúcia com menos marcas de

expressão no rosto, eu com um sorriso mais presente e genuíno e meu filho mais magro, mais baixo e muito mais insatisfeito.

Ele disse que estaríamos eternizados ali naquela pintura, mas era mentira, porque se eu me levantasse e fosse até lá conversar com sua versão em tinta, ela jamais me responderia. Se aquela sala explodisse e só sobrasse o quadro, ninguém no mundo jamais saberia como aquele dia foi de verdade. Não era a tinta que o tornava eterno.

— Como você sabe? — perguntei, não querendo ser grosso, mas percebendo que ela se sentiu constrangida.

— Ele me ligou do hospital algumas vezes e, em uma dessas vezes, acho que na última, eu atendi. Foi horrível... A voz dele parecia um sussurro... Ele me contou um monte de coisas de uma vez só, como sentia minha falta, como não me culpava...

Não tinha porque ficar enrolando, falando de outras coisas, fazendo curvas para chegar a um destino que uma linha reta também nos levaria. Era melhor resolver todas as mágoas que tínhamos de uma vez.

— Ele sentia sua falta... Assim como nós... — declarei em palavras baixas, mas que foram ouvidas com dor.

Ela não teve coragem de nos encarar, seu olhar estava fixado na caneca de café que ela segurava, mas eu sustentei o olhar mesmo assim.

— Eu não podia aguentar, sabe... — começou ela a dizer algo que parecia ser o início de uma trágica explicação — Eu fui uma vez ao hospital, cheguei até a porta do quarto dele e, de relance, ouvi sua voz... Não era mais a voz do Joel que eu conhecia, era como um fantasma sussurrando. Eu podia sentir a dor e a angústia que o prelúdio da morte trazia até ele, encostei na maçaneta e vi pelo vidro da porta... Todos aqueles cabos... Eu não conseguiria aguentar vê-lo, então dei meia volta e tentei me esconder de tudo isso.

— E não funcionou — concluiu meu filho, mesmo que todos já soubéssemos o fim daquela história.

Ela acenou positivamente de leve com a cabeça.

A raiva no meu coração tinha desaparecido, acho que

a angústia que eu sentia era mais uma falsa lente sob uma situação que eu não entendia muito bem. Eu percebi que a Lúcia estava ali, viva, bem na minha frente. Valia mesmo a pena continuar guardando um sentimento ruim que me impedia de estar ao lado de uma pessoa que eu amava tanto?

— Eu consigo te entender — a voz da Aline irrompeu no oceano de silêncio que começava a desaguar entre nós — eu mesma pensei muitas vezes antes de ir visitá-lo. Nós nos conhecemos na faculdade e eu estava acostumada com um Joel tão cheio... Tão cheio de vida... Ninguém nunca imagina o quão mortal nós somos e, na maioria das vezes, nossa mente é quem impede que isso aconteça. Por isso demorei a ir vê-lo, tive medo de torná-lo mortal...

A caneca na mão de Lúcia tremeu quando uma lágrima escorreu fina e discreta dos seus olhos e manchou sua bochecha, lenta como um rio que cava um novo leito.

— Ele me falava de você às vezes - ela encarou a Aline com curiosidade - Sempre dizendo a mulher forte que você era... Diferente disso, eu fui fraca — desabafou, enquanto uma segunda lágrima meandrava por seu rosto — Eu deveria ter ido, mas fui fraca e agora nunca mais poderei vê-lo, eu nunca vou poder pedir desculpas e...

Ela fraquejou e não conseguiu terminar a frase. Eram tantos rios de lágrimas que desciam por sua bochecha e pingavam no chão que a Lúcia parecia uma melancólica nuvem de chuva, cujos trovões eram seus resmungos, frutos de uma tentativa de dizer algo.

Minhas pernas quase se levantaram sozinhas, minha mente estava distante, lembrando do Joel triste, na cama, cujos olhos quase sem vida encaravam com ansiedade a porta fechada, na esperança de que a próxima pessoa que a abrisse fosse Lúcia. Isso nunca aconteceu. Quatro vezes durante a tarde a maçaneta girava e a porta se abria para dar passagem a uma enfermeira vestindo seu uniforme todo branco, com seu cabelo preso para trás e seu sorriso que quase dizia:

“Ainda bem que você ainda está vivo... Mas por quanto tempo?”

Ela dizia algumas poucas palavras de simpatia enquanto trocava o medicamento que pingava direto na veia do meu amigo. À noite, lá pelas seis da tarde, era vez das visitas: pai, mãe, irmãos, alguns amigos; era o tempo que eu tinha para ir em casa, tomar banho e voltar, pois eu era o único que tinha autorização de ficar no quarto com ele com frequência praticamente ilimitada. Mesmo que sua esperança nunca fosse correspondida, sempre que a porta se abria ele olhava em busca de uma resposta que nunca teve.

— Ele nunca te perdoaria — eu disse em um tom baixo, como se fosse um segredo que só nós dois devêssemos saber — porque ele nunca achou que tinha algo para ser perdoado. Ele te esperou todos os dias e todos os dias dormiu sorrindo, com a certeza de que, se pudesse, você iria, que o seu querer não influenciava em nada. Ele te amava porque te conhecia e ele te conhecia, de tanto te amar.

Ela não parou de chorar, mas deu para entender que ela entendia, pelo mesmo motivo que o Joel a entendeu. Porque eles se amavam de verdade.

Não aquele amor que nos vendem nas novelas, o amor fácil de filmes, o amor chulo dos livros, que nasce em um olhar, em uma noite descuidada. Era amor de verdade, intenso feito um furacão, que você precisa aprender todos os dias e mesmo assim nunca vai entender tudo; o amor sólido e real, que pega na mão e segura firme para não desistir. Um amor só deles.

— Me desculpem... Que anfitriã sou eu que desaba chorando assim — ela respirou fundo e afogou tudo que estava sentindo, depois de esvaziar até a última gota no peito, depois de secar os arrependimentos, ela engoliu fundo suas mágoas e nos olhou. Não com o olhar amedrontado e ansioso de antes, desta vez era um olhar mais calmo e sereno, como um rio depois de uma tempestade.

— Você sempre foi chorona — brincou meu filho, que

também tinha se debulhado em lágrimas. Não era muito da nossa conta, se o Joel não havia culpado a Lúcia, não havia motivo racional para que nós a culpássemos, ainda assim, era inevitável fazê-lo, afinal de contas, desde quando sentimentos são racionais?

Por alguns mínimos instantes, eu me senti no passado, em que o Joel ainda estava vivo e nós três ficávamos na sala da minha casa, conversando, enquanto ele cozinhava alguma coisa pra gente.

— É, acho que sim — respondeu ela, com os olhos ainda brilhando. Eram como dois lagos profundos cuja água gelada afogaria os mergulhadores que ousassem pular neles em pensamentos, lembranças e principalmente em suposições. Nossa vida não tinha parado quando nos distanciamos, ela seguiu e provavelmente imaginava o que tinha acontecido com a gente, como encaramos a morte do Joel sem ela, como o mundo que um dia ela fez parte deu um jeito de se segurar depois de um terremoto.

— Nós estamos bem — eu disse, um pouco mentindo, um pouco falando a verdade — e espero que você também esteja — não dava para forçar as coisas, fazer uma entrevista e nos reconhecer, fazer um flashback de tudo que tinha acontecido. Nós não éramos forçados assim, estava mais que claro que dali para frente nós voltaríamos um para a vida de outro. Toda aquela raiva, aquela angústia que tinha guardado no peito até então, tinha perdido importância; não deixado de existir ou encontrado uma compreensão, apenas colocada em segundo plano, que poderia ser discutida depois. Revê-la, sentir que estava viva, que ainda existia, que aquilo que meu coração sentia falta ainda estava por ali, fez os problemas ficarem ofuscados. Eu já tinha perdido alguém pelo resto da vida, não queria perder mais uma pessoa e eu tinha certeza que ela sentia o mesmo.

— Sei... Eu estou bem, eu acho — respondeu, tomando um gole fundo da xícara que comecei a suspeitar não estar cheia só de café e respirando todas as mágoas, para depois

soltá-las no ar e demorar a tragá-las novamente.

— Então, imagino que tenha vindo aqui para conversar sobre o livro que o Joel pediu para você escrever. Os pais dele devem ter odiado.

Era difícil ignorar tudo que estávamos sentindo e mudar o rumo da conversa, mas a Lúcia era provavelmente a única pessoa no mundo inteiro que entendia que eu não estava fazendo aquilo por ser fácil, ou por ser legal, mas sim porque tinha que fazer.

— Pensei que eles acabariam me processando e me jogando na prisão, mas eles aceitaram bem... Eu conversei com algumas pessoas que tinham muito para falar, literalmente saí por aí conversando com gente que já esteve presente no dia a dia do Joel, como a Aline... E agora estou aqui, de volta pra você.

— Entendo... E o que exatamente você quer saber? Você já sabe muito sobre nós.

E eu sabia mesmo. Sabia muito sobre o que o Joel tinha me contado, sabia muito sobre o que eu tinha vivido ao lado deles, mas restava uma coisa, a mais importante.

— Eu quero saber o que você tem para me contar — respondi, sorrindo, e peguei um pouco de café.

Ela me encarou por mais alguns instantes, sabia que eu odiava café, mas estava frio naquela manhã. Seus olhos ainda brilhavam daquele jeito intenso e dava para ver a sombra das lembranças passando por eles, coisas que ela queria contar, coisas que vinha guardando dentro de si, coisas que evitava pensar sobre, mas que finalmente tinha chegado a hora de colocar para fora.

— Bom... — ela respirou fundo, pensando em todas as angústias, tudo que precisava contar — As pessoas dizem que é na primavera que o amor nasce...

Amor de Inverno

"Mas o meu amor nasceu no inverno.

O outono é minha estação favorita. Por coincidência, também é a estação em que eu conheci o Joel, mas o meu favoritismo não é por causa disso. Também não é por causa das folhas secas, ou do cheiro que elas deixam no ar. É por causa do tempo. O jeito que durante a manhã bate uma brisa fria que te faz arrepiar, e que à tarde, logo depois do meio dia, quando sol está a pino, o vento quente sopra no rosto confundindo todo mundo, tudo para a noite nos abraçar e ficar frio novamente. Tem uma coisa bonita nessa mudança, como se ela pudesse mudar um pouco da gente também.

Eu não lembro que cor pintava o céu, não lembro do cheiro do pão quente saindo do forno da padaria que tinha do lado de casa. Mas eu me lembro do frio que sentia todas as manhãs. Ele era meu companheiro, acho que é porque é assim que a solidão se apresenta: fria. Não aquela solidão de não ter ninguém ao seu redor, essa não é fria, é vazia. Estou falando da solidão de se estar completamente perdida. Era assim que eu me sentia, jogada em trilhas, seguindo um caminho que nem parecia meu, levada por um vento muito parecido com o que jogava as folhas no chão e fazia um pesadelo nas calçadas, onde idosos armados com vassouras travavam uma luta contra a sujeira.

Todos os domingos eu tinha uma mesma rotina: levantava cedo, tomava um banho quente, colocava as roupas no cesto, fazia café no nosso fogão bege e enferrujado e o tomava olhando o céu e as ruas pela janela. Depois, ia para o parque que tinha na frente do meu condomínio. Era a hora exata em que todo mundo ia para aproveitar o domingo, antes de comer e passar a tarde toda dormindo. Pessoalmente, estar cercada

de gente aleatória fazia com que eu me sentisse melhor, mais confortável, então eu sentava no gramado, encostava em uma árvore e abria um livro aleatório que pegava emprestado da estante de uma das minhas colegas de apartamento.

Eu morava com outras cinco garotas. Todos os domingos uma de nós era responsável por lavar a roupa e limpar a casa, por sorte aquele em especial não era o meu. Ainda assim, todas as minhas roupas estavam para lavar, então tudo que me restou foi uma camisa azul que não era capaz de me proteger do frio.

Não foi nesse domingo em questão que eu conheci o Joel, se é isso que está pensando. Mas foi a primeira vez que eu o vi.

Como todos os começos de semana eu ia até aquele parque, acabei reconhecendo o rosto de todo mundo, afinal, eram sempre as mesmas pessoas que por algum motivo iam lá no mesmo horário, sem falta. Tinha a velha avó que levava seus dois netos, uma menina e um menino de cabelos enrolados, para jogar migalhas de pão no lago e assistir os peixinhos desesperados atrás de comida. Os três davam uma volta completa na pista de caminhada, jogando pão velho em todos os cantos, e depois iam para os brinquedos no parquinho de areia.

Havia o casal de jovens que, aparentemente, não possuíam uma casa com um quarto e precisavam ir até um parque público para se beijar de um jeito tão intenso que eu nem sabia como eles respiravam.

Tinham as pessoas com uma rotina mais saudável, que iam até o parque com aquelas roupas coladas e confortáveis, tênis no pé e celulares fixados no braço, medindo seus batimentos, enquanto corriam em volta do grande lago fazendo cara de sérios.

E, por fim, os jovens que mais tarde eu viria a saber que eram amigos do Joel, que levavam um violão desafinado e roçavam suas cordas criando uma melodia meio torta, mas

que era agradável quando misturada aos outros barulhos do parque.

Eu me lembro daquele dia. Um rosto diferente se sentou junto com a galera que tocava música, só que desta vez não estavam cantando e nem tocando nada. A sinfonia vinha da conversa deles, que, aliás, era bem mais agradável do que o som meio estridente do violão de cordas velhas. Eu tinha decorado o rosto deles, a maioria eram homens e mulheres jovens demais para terem estresse na vida, mas com uma cara de cansados que me era familiar; eram como eu, sempre cansados, sempre reclamando, mas sempre sorrindo.

Eu não conseguia ouvir com muita clareza o que falavam, mas me parecia uma conversa boba, daquelas que se tem no dia a dia, nada de sério, só um assunto aleatório para conversar com as pessoas que você gosta, algo comum. Ouvi-los conversando se tornou uma rotina para mim. Meus olhos podiam até estar olhando para as páginas cheias de palavras dos livros que eu levava, mas minha mente não lia, preferia ouvir a conversa ao longe. Durante todo o mês seguinte foi assim, quando podia, eu sentava naquele gramado, passava frio, abria um livro e ficava escutando tudo ao redor, o som das migalhas de comida caindo na água, da risada da avó ao ver seus netos sorrindo, os passos rápidos de quem corria e a conversa sempre solta que continuou a tocar no lugar do violão. Os livros seguiram sem serem lidos, pelo menos até o frio avassalador do inverno chegar.

Quando o outono com sua variação de clima foi embora e deu lugar ao frio intenso do inverno, o parque esvaziou. O frio não impedia que eu fosse até lá, na verdade, só aumentava a minha vontade. A grama estava gelada, o lago parecia um espelho de tão calmo. Eu acordava, tomava meu banho quente, vestia minha blusa e ficava lá acompanhada apenas do vento frio e de uma única corajosa mulher que corria em volta do lago. Só que, mesmo cercada pelo vazio, ainda não fui capaz de ler uma página sequer, pois minha mente

inquieta teimava em imaginar o que aquelas pessoas que iam ali estavam fazendo ao invés de irem ao parque.

Será que alguma das crianças estava gripada? Deitada na cama debaixo de cobertas grossas e quentes que impediam seus movimentos mais básicos, enquanto choramingavam aos pais que queriam brincar?

E a galera, que vinha com a família inteira, para ficar sentada no gramado mexendo no celular? Será que no inverno tinham encontrado outro lugar para fingirem que estavam juntos? Ou será que no frio deixavam os celulares de lado e finalmente começavam a prestar atenção uns nos outros?

O pessoal da corrida não precisava correr mais?

E o violão? As conversas? Será que no frio as cordas ficavam geladas demais para serem tocadas e as palavras muito lentas para serem ouvidas?

— Eu apostei comigo mesmo que você estaria passando frio por aqui — foi a primeira vez na minha vida que eu ouvi a voz aguda e suave dele, a primeira vez que ela veio como um anzol me puxar para longe do mundo que minha imaginação criava, assim como faria tantas outras vezes.

Os meus olhos saíram das palavras do livro que não formavam frase nenhuma para mim e olharam ao redor. A mulher ainda corria em volta do lago, o gramado continuava vazio, o parquinho onde as crianças brincavam estava meio fantasmagórico, o balanço de metal gelado e amarelo balançava com o vento frio, estava tudo em seu devido lugar... Ou melhor, quase tudo. Nossos olhares se encontraram e, por alguns instantes, que me pareceram horas, o silêncio reinou.

Eu não acredito em amor à primeira vista, sempre achei grande idiotice as histórias que os filmes e novelas nos mostram, como pode você começar a amar uma pessoa simplesmente com uma troca de olhares? Seria o olhar guardião de tanta coisa assim? Não, isso é história de ficção. Essas coisas não existem na vida real e se você esperava que eu fosse dizer que sabia que o Joel era o amor da minha na

primeira vez que eu o vi, se enganou, porque estou contando para vocês minha vida real.

— Tem algum problema em passar frio? — respondi. Não queria ser grossa, mas era meio estranho um cara aleatório vir conversar comigo no meio de um parque vazio e gelado.

— Não, é que a maioria das pessoas iria preferir ler em casa sabe, onde é mais quente e mais sem graça... Eu sempre te vi por aqui lendo, acho legal... Esse é um bom livro, aliás...

Eu me lembrei do rosto dele e soube que ele era amigo do pessoal que tocava violão, aliás, se minha memória não estivesse enganada, foi quando ele chegou que a música parou e deu espaço à conversa. Isso não mudou muito a situação, mas pelo menos eu imaginei que ele não era um tarado.

— É... Bom, deve ser, de qualquer jeito eu ainda não consegui ler nenhuma página dele.

Mesmo sem ser convidado, ele se sentou, mas foi um movimento tão natural que eu nem estranhei.

— Olha, eu posso fazer um resumo para você se quiser, prometo que deixo as coisas importantes de fora — ofereceu ele. O cara que eu ainda não sabia ser o Joel vestia um casaco marrom peludo, que parecia ser a coisa mais quente e confortável do mundo.

Eu não sabia o que responder. Eu ia até aquele parque lotado para não me sentir sozinha, mas agora que uma companhia real tinha aparecido, eu queria sair dali, me levantar e ir embora para casa, dormir, ou fazer qualquer outra coisa em que eu não tivesse que conversar com alguém.

— Ok, eu acho — respondi, por puro reflexo.

Ele começou a falar, me explicou um livro que eu jamais leria em um resumo que eu nem escutei. Mas existia uma coisa em sua voz, em sua presença, que me desarmou e, mesmo que eu não estivesse escutando o que ele dizia, eu conseguia sentir a energia que vinha dele. Ele é só um cara estranho,

que eu tinha visto de longe apenas algumas vezes na vida, mas o som da sua voz e o peso de sua presença eu já sentia há muito tempo. Mesmo que eu não conseguisse diferenciar o barulho da galera do violão, a voz dele me era familiar, o jeito que ele falava, o sorriso, os gestos, havia algo nele que me fez me sentir bem.

— Qual seu nome? — perguntei, em algum momento de sua explicação.

Ele parou por uns instantes, acho que não tinha se dado conta de que não sabíamos o nome um do outro.

— Meu nome é Lúcia — continuei, quando vi que ele tinha travado, talvez tivesse achado que eu estava sendo grossa.

— Meu deus, como eu sou maluco! Fiquei falando sem parar e nem disse meu nome. Eu sou o Joel.

— Esse livro é uma droga, não é? — comentei, porque dava para ver no jeito que ele falava que aquele não era um livro legal.

Ele riu.

Foi o riso mais sincero que eu já escutei na minha vida. Não era aquela risada linda de atores de cinema.

Não era aquela risada cujo som encantava até os pássaros ao redor. Era uma risada desleixada, solta, alta e contínua, real.

Eu ri também. Como não riria?

— Sim — disse ele, depois de respirar fundo — É uma droga, eu nem cheguei ao final, mas todo mundo da faculdade estava lendo, então resolvi dar uma chance. Cara, que arrependimento.

— Eu achei isso na estante da minha amiga, ela leu tudo em uma semana e disse que adorou, acho que o autor é um conhecido do irmão dela.

— Todo mundo com quem eu conversei adorou... Ei, você está com frio?

— ele percebeu que eu estava tremendo, porque minha

blusa era fina demais. Eu neguei com a cabeça, mas ele sacou a mochila que carregava nas costas, abriu e tirou um moletom azul que jogou no meu colo.

Eu nem pensei duas vezes, vesti e a tremedeira de frio logo passou. A blusa grossa tinha um cheiro tão agradável, suave, doce. Fez com que me sentisse em casa.

— Obrigada. Acho que a gente deve ter um gosto ruim para leitura, até que dos defeitos esse não é tão grave — eu fechei o livro e, pela primeira vez em muito tempo, mergulhei em uma história.

— Ou talvez sejamos os únicos com bom gosto — completou ele, jogando no ar a frase que minha mente teria dito — Então... Você mora com pessoas chatas e por isso vem aqui no frio?

Eu ri. E não tinha como não ter rido, havia alguma coisa nele que me embriagava de bom humor.

— Na verdade, não. Todos os domingos é dia de alguém lá em casa lavar a roupa, aquela máquina fica gritando o dia inteiro e fica impossível me concentrar, então eu venho aqui — claro que aquela não era a verdade, a máquina não ficava nem dentro do apartamento. O prédio tinha uma lavanderia com aquelas máquinas de lavar roupas que tem o preço de um carro, mas eu não precisava dizer “olha, eu venho aqui porque me sinto sozinha dentro do meu próprio apartamento que divido com questionáveis amigas”.

— É horrível ser perturbado por algum barulho chato. Eu geralmente venho aqui com uns amigos, mas eles desmarcaram hoje porque estava muito frio, só que minha vontade de vir ainda era grande, então simplesmente peguei um ônibus e vim pra cá. Até que foi uma boa ideia, não tem a música ruim nem a conversa fiada.

Eu soube que ele também escondia alguma coisa e acho que ele também sabia isso de mim, mas algumas coisas não precisam ser ditas para serem entendidas.

A mulher que corria em volta do lago finalmente se

cansou, se alongou um pouco e depois foi embora, deixando nós dois sozinhos. O silêncio dava um novo tom ao parque, um que eu nunca tinha presenciado antes e que não pude deixar de notar e comentar:

— Engraçado... Existem muitos barulhos chatos aqui também, aqueles patos irritantes, as crianças correndo e gritando para todos os lados... E ainda assim é relaxante.

— É... Bem diferente de hoje, que está tudo... vazio.

Não era o barulho da máquina que me incomodava; não era sobre barulho, era sobre solidão. Mas, naquele momento, isso estava ficando distante da minha cabeça, porque foi só quando o parque esvaziou que eu parei de me sentir sozinha, porque havia uma única pessoa realmente ao meu lado; uma pessoa que era mais do que palavras em um livro, mais do que barulhos ao redor, mais do que uma foto.

— Você se importa se eu ficar aqui lendo com você? — perguntou ele, depois de alguns minutos em um silêncio que não tinha nada de desconfortável. Pela primeira vez, silêncio não era sinônimo de solidão.

— Não — respondi, quase como um reflexo, sem que eu nem precisasse pensar muito sobre a pergunta.

E foi o que ele fez. Não disse nada, ficou ali sentado lendo.

Bom, pelo menos alguém tinha que ler, eu não conseguia, as palavras não entravam na minha cabeça, só fiquei ali parada apreciando o silêncio do parque vazio, do vento passando gelado entre as árvores, soprando o gramado e arrepiando minha pele... Será que era por causa do vento que minha pele arrepiava?

Depois de um tempo, que me pareceu horas, o celular dele tocou. Eu desviei o olhar do livro que eu não lia e olhei para ele e, por alguns instantes, vi um ícone de coração como nome do contato que estava ligando, ele sorriu e atendeu.

“Será que é uma namorada?”

Pensei, sem malícia nenhuma, apenas curiosidade.

Mas, por algum motivo, meu coração disparou um pouco e um sorriso meio falso se formou antes que eu voltasse minha atenção para as palavras embaralhadas do livro.

— Tudo bem, eu vou para casa agora mesmo e assim que chegar lá eu te ligo — foi a única coisa que ele disse e eu me lembro bem dessas palavras.

Com certeza era uma namorada, talvez até uma esposa.

Ele desligou o telefone e me encarou por alguns instantes, acho que estava se perguntando como iria se despedir e se isso era mesmo necessário.

— Você tem que ir? — perguntei, quando vi que horas se passariam e ele provavelmente se levantaria e sairia correndo sem dizer nada.

— Sim, emergências domésticas — sorriu ele.

— Tudo bem, vou estar aqui semana que vem, caso queira... — eu parei a fala, me dei conta do que estava fazendo, não era muito sensato... Era? Era sim, era bom ter uma companhia para aproveitar a solidão e, mesmo que fosse um desconhecido que preferia ficar em silêncio lendo seu livro, ainda era melhor do que ninguém.

— Claro, eu ainda tenho muitos livros para terminar, além disso, tenho que voltar aqui para pegar minha blusa — ele se levantou, deu mais um daqueles sorrisos (quantos será que ele tinha? Tem tanta gente que não tem nenhum...), e depois foi embora.

Eu fiquei pensando o quão estranho era aquilo, como não tinha sido desconfortável ficar tanto tempo ao lado de uma pessoa que eu nem sequer conhecia, que tinha literalmente acabado de saber o nome. Como por instinto, sem que eu controlasse ou pensasse antes, eu simplesmente dei a entender que poderíamos fazer aquilo novamente, sentar e ficar em silêncio.

Eu ri sozinha, mas não solitária. Depois, finalmente consegui ler. Fui para a minha casa, almocei e durante a tarde dormi. À noite, meus amigos foram lá e me disseram uma coisa

curiosa enquanto conversávamos as coisas mais estranhas da vida:

— O que aconteceu? — alguém me perguntou, não importa exatamente quem foi.

— Como assim? — eu não tinha ideia do que estavam falando, se é que estavam falando algo. Depois de termos bebido três garrafas de vinho e quebrado duas, o assunto podia voar longe demais.

— Você está sorrindo demais, quer dizer, um sorriso diferente. Eu bebi um gole de seja lá qual bebida enfeitava meu copo.

— Impressão sua.

Mas não era. Eu sabia o que havia de diferente, eu não estava só sorrindo por fora, mas por dentro também.

No domingo seguinte, ele estava lá.

E no outro. E no outro. E no outro. E no outro. E no outro. E no outro. E no outro. E no outro. E foi em um desses que percebi.

— Por que você lê tanto? — ele me perguntou, sua cabeça estava deitada no meu colo, seu rosto estava escondido por um livro fino, de poucas páginas, mas muito conteúdo da faculdade.

— Acho que eu gosto das palavras, elas me levam para lugares que eu nunca fui, me fazem sentir coisas que eu nunca senti.

Ele perguntava muitas coisas. Não namorávamos ainda naquela época, na verdade, ele demorou exatos quatro “no outro” para me chamar para sair.

Foi um encontro maluco, choveu muito, tanto que não conseguimos sair de fato, mas ele já estava na porta da minha casa, então ficamos lá mesmo. As meninas que moravam comigo estavam todas lá e um bando de outros amigos meus também. Ele se deu bem com todos, não porque era engraçado, ou bonito, ou tinha histórias incríveis para contar. O Joel não era nada disso, mas era real, muito mais do que

todos nós naquela sala, mais real do que você que está lendo esta história. Naquela noite, antes de ir embora, bem na frente do portão do meu prédio, onde a chuva conseguia nos molhar um pouco, ele me beijou e foi a coisa mais natural que já me aconteceu, mais normal do que acordar, mais normal do que respirar, do que fechar os olhos quando se enxágua o cabelo, do que quando começa a chover.

— Não acha que está exagerando? Não pode ser que somente palavras sejam capazes de despertar algo tão verdadeiro ou duradouro, te levar para outro lugar ou fazer sentir muitas coisas... — ele abaixou o livro que lia e me encarou, curioso por uma resposta.

O parque estava lotado naquele dia, todas as peças estavam em seus lugares de sempre: as crianças, os pais, a avó dos patos, a corredora e seu namorado, a galera tocando violão, o sol, o vento fazendo ondas no lago e na grama.

— Você não entende, ninguém entende.

— Então me explica.

E eu expliquei. Não porque ele pediu, muita gente já tinha pedido antes, mas porque ele queria entender e, principalmente, eu quis explicar. Não parecia uma coisa forçada, um papo furado, era a gente se conhecendo, se entendendo.

— Eu já te contei que não tive uma infância e adolescência muito fáceis, mas depois que minha irmã morreu naquele acidente de carro tudo ficou ainda pior. O papai parou de trabalhar e minha mãe enlouqueceu, a situação em casa ficou horrível, ninguém se falava, nem se olhava, era quase como se contássemos os segundos para nos separar, porque juntos trazíamos a lembrança dela. Separados dava para tentar esquecer, ou beber até não lembrar mais, como a mamãe fez toda noite durante anos... A situação financeira também não era a melhor. Eu estudava em um colégio particular porque era onde a minha mãe trabalhava como secretária e quando eles ficaram sabendo de toda situação,

resolveram me dar uma bolsa para ajudar nossa família a superar o que parecia ser só um momento difícil. Mas quanto tempo dura um momento, né?

A escola não era como você imagina. A galera lá era incrível comigo, o tempo que eu passava naquela sala grande, de cadeiras confortáveis e ar-condicionado sempre ligado era um alívio, como um respiro antes de voltar para o mergulho sufocante que era minha casa. Eu passava a maior parte do tempo trancada no meu quarto, ouvindo um rádio velho que achei nas coisas da minha avó, enquanto meu irmão ficava na sala vendo TV e meu pai... Bom, meu pai ficava se arrastando feito zumbi pela casa, procurando alguma coisa para fazer, uma janela para parafusar, uma lâmpada para trocar, uma torneira que vazasse, qualquer coisa que distraísse sua mente para que ela não o lembrasse que minha irmã morreu em um acidente no carro que ele dirigia.

Diferente de todas as outras crianças, as férias eram um inferno para mim. Enquanto todo mundo da minha turma ia viajar para longe, respirar o ar das montanhas, sentir a brisa do mar, ou só visitar a cidade vizinha que tinha uma rotina levemente diferente, mas recheada de histórias novas, eu ficava naquele quarto, às vezes duvidava que eu sequer existia. Eu nunca mais pude sair para brincar na rua, não depois do acidente, nem ir ao mercado sozinha, e só saía de mãos dadas com minha mãe. Ainda lembro do cheiro de bebida que ela exalava, de como minha mão ficava cheirando cigarro por causa do aperto da dela.

A lembrança da morte da Fernanda nos assombrou por um bom tempo, sabe, acho que eu teria literalmente me apagado dessa realidade, sumido como se não fizesse falta. Mas, aí, chegou aquele dia de verão.

Estava quente e ventava muito lá fora, talvez no fim da tarde chovesse, mas naquele momento o céu estava limpo. Tinha acabado de completar dois anos da morte da minha irmã mais velha, então o clima não estava nada bom. A TV

estava no último, o papai estava consertando o portão pela décima vez naquele mês e a mamãe voltava do trabalho. Pela janela do meu quarto, eu conseguia vê-la virando a esquina, jogando a bituca de cigarro fora, sorrindo amargamente para alguns vizinhos antes de entrar em casa fingindo que nem tinha visto o papai, porque eles mal se olhavam... Naquele dia, ela trouxe uma sacola nas mãos e veio até o meu quarto. Ela parecia cansada por fora e por dentro e, ainda assim, um sorriso desabrochou naquele solo seco que eram seus lábios.

— Como foi o dia, querida? — me perguntou. Ela nunca tinha feito aquilo, seu cabelo estava mais arrumado, seu uniforme branco menos surrado.

— O de sempre, fiquei ouvindo umas músicas e assistindo o papai quebrando ainda mais portão — respondi. Eu nunca tinha reclamado diretamente por ter que ficar trancada ali, mas acho que eles sabiam como eu me sentia, dava para ver nos meus olhos, assim como eu conseguia ver nos deles.

— Eu... Bom, eu trouxe um presente — ela tirou um livro de dentro daquela sacola e me ofereceu. Tinha o selo da escola na capa.

— Não vão prender você? — perguntei sorrindo. Ela nunca tinha me dado nada, então me levantei e apanhei o livro de capa grossa e avermelhada, repleta de desenhos delicados.

Ela sorriu de novo, quase dava para ouvir um rangido de tão enferrujado que seu riso estava.

— Vai ser nosso segredo, quando você terminar esse a gente troca por outro.

— Obrigada, mamãe.

Ela me encarou com aqueles olhos verdes profundos.

— Eu te amo, querida — disse e, ainda que estivesse de costas, pude sentir uma lágrima escorrer dos olhos dela.

A biblioteca do colégio era paga, por isso eu nunca tinha pegado um livro antes.

Hoje em dia eu nem me lembro qual livro era, só sei que o devorei em menos de uma semana. Só naquele verão eu li muito mais do que meus amigos tinham lido a vida inteira. Então eu pude viajar sem sair do meu quarto, ir para mundos distantes desse, para países diferentes, cidades e reinos, conhecer todos os tipos de pessoas, viver todo o tipo de coisa. Quando a mamãe chorava por causa da Fer no meio da noite, eu abria meu livro e ia para longe de tudo aquilo. Quando o papai batia no Leo porque ele estava vendo TV até tarde demais, eu abria um livro. As palavras eram minhas ruas, minha porta aberta para longe de tudo aquilo.'

— Isso até que é legal, você é uma leitora e tanto.

— Eu sei que é difícil para você entender, já que sempre viajou muito com seus pais... Hoje eu leio um pouco menos, minha mãe fala comigo quase todos os dias, eu viajo mais pelo nosso mundo e quem diria que a garota que não saía do quarto iria morar a seiscentos quilômetros de distância de casa.

— Sorte a minha, né? — riu ele. Acho que ele não tinha entendido, mas tinha aprendido algo sobre mim.

— É, ainda não decidi se essa é uma boa história. Ele sorriu.

— É claro que é, das mais bem escritas.

— Não sei, acho que faltam algumas palavras.

Ele me olhou confuso, com aqueles olhos castanhos mais cheios de palavras do que qualquer livro que eu já tinha lido, mais cheios de vida e história que qualquer página.

— Eu te amo, Joel.

Aquele parque continua no mesmo endereço, bem em frente ao meu antigo prédio acinzentado.

Mas acho que as crianças cresceram e provavelmente se esqueceram dos brinquedos enferrujados nos quais brincavam por manhãs inteiras, sorrindo, muitas vezes sem nem saber o nome das outras. Os netos talvez nem falem mais com as avós que outrora os levavam ao parque para ver os patos nadando suavemente no lago. O lago talvez tenha

secado, ou esteja sujo demais para que alguma coisa viva queira entrar nele. As famílias que iam descansar no gramado enquanto os filhos brincavam devem preferir ficar em casa agora que não há mais crianças que precisam ser vigiadas.

O velho que vendia algodão doce colorido embalado em um plástico repleto de borboletas amarelas deve ter morrido. A mulher que até nos domingos de inverno ia correr já deve ter dado a volta ao mundo com seu marido. Os adolescentes que iam tocar violão e conversar hoje nem devem ter mais tempo para isso, presos em uma rotina maluca que a vida os jogou.

Mas imagino que ainda seja um lugar calmo, isso deve ter permanecido. O gramado ainda deve estar lá, talvez maior e malcuidado, mas ainda está lá. As árvores devem estar gigantescas, fazendo uma sombra gostosa, daquela que dá vontade de dormir embaixo, mas eu não faria isso hoje em dia. Às vezes penso em voltar lá, sentir a brisa fresca que ainda deve ser a mesma, sentir o cheiro da grama, ficar longe de todo o barulho, essas coisas devem ter permanecido. Só que é idiotice minha. O que realmente importa já se foi.

Provavelmente eu ficaria lá sentada, com o coração um pouco acelerado, com um sorriso meio louco no rosto, daqueles que fazem as pessoas ao redor pensarem “que menina doida, o que será que ela tem?”. E eu responderia “felicidade, é isso que tenho”.

Eu ficaria esperando ele aparecer, como esperei incontáveis vezes. E claro que isso não aconteceria, não na vida real. Quando alguém risse, eu me lembraria do riso dele. Quando alguém passasse por perto, eu olharia animada e, por um segundo, me esqueceria de tudo e me prepararia para receber um abraço profundo e quente, mas claro que não seria ele. Se meu celular tocasse, eu atenderia esperando ouvir sua voz dizendo que tinha perdido o ônibus e que iria se atrasar. E, por fim, quando eu me preparasse para ir embora, saberia que não importaria quantas vezes eu voltasse para aquele lugar, o Joel nunca voltaria para mim.”

Todos ficaram em silêncio. O que mais faríamos?

Estávamos em quatro, mas o fantasma do Joel estava bem ao lado de cada um de nós e ouvir aquela história o tornava ainda mais corpóreo. Era horrível lembrar tudo aquilo, ouvir sobre ele, ouvir sobre o que ele fazia antes de me conhecer, sobre quem ele era, sobre a vida que teve; era horrível porque era bom, era quase como trazê-lo de volta à vida, exceto pela parte de que conhecíamos o fim da história. Não era nada em aberto, não era uma vírgula, nem um ponto de interrogação, era um ponto final, exatamente como este.

— Eu me mudei no ano seguinte — continuou a Lúcia, seus olhos brilhavam de lágrimas em uma mistura de felicidade, saudade, tristeza, arrependimento e gratidão (veja que mistura rara) — para ficar mais perto dele, começamos a namorar de verdade, conheci a família dele e ele conheceu a minha. Nós nos dávamos bem ao mesmo tempo em que brigávamos todos os dias, acho que éramos duas pessoas complicadas demais para estarem juntas, mas que não conseguiam mais se ver separadas. A vida de um tinha graça sem o outro, só não tinha muito sentido.

Era doloroso para ela como era para mim, talvez até mais.

— Obrigado por isso — agradecer era a única coisa que me restava fazer.

Era estranho vê-la ali parada, um pedaço tão importante da vida do Joel. E era ainda mais estranho imaginá-la antes. Antes daquela casa enorme, antes daquelas roupas que estava vestindo, antes de me conhecer e antes de conhecer o Joel. Quem era ela? Antes daquelas lágrimas todas, antes daqueles olhos que imploravam um pouco por ajuda e que demonstravam muita tristeza que surgiu de muita felicidade.

— De nada... Acho que era isso que ele iria querer... Eu poderia falar de milhares de coisas, mas acho que seu livro ficaria grande demais...

— Tudo bem.

— Vocês podem ficar para almoçar — convidou ela, nos encarando por alguns instantes — se quiserem...

Eu olhei para meu filho e depois para Aline, claro que eles já tinham entendido.

— Eu não saio daqui antes do jantar — respondi, e ela sorriu. Sorriu de verdade, como das muitas vezes que sorrimos antes e como das muitas vezes que eu pretendia sorrir ao lado dela depois.

Um Céu de Infinitas Estrelas

Enquanto lê esta história toda, você pode acabar achando (com certa razão) que a parte mais difícil é a em que eu saio pelo país inteiro atrás de qualquer pessoa que pudesse me contar algo sobre o Joel. Eu não conto aqui o quão trabalhoso foi, só relato as partes que realmente importaram, porque foi muito chato sair por aí atrás dele.

Antes de encontrar a professora Nilce, eu procurei muito, muito mesmo. Foram meses tentando encontrar alguma pessoa que se lembrasse dele e estivesse disposta a falar sobre, ou melhor, que tivesse algo decente para falar. Não é justo dizer que pouca gente se lembrava do Joel, porque isso é mentira, mas muita gente me falava mais do mesmo, ou então me falava muito pouco. Eu não queria saber mais do mesmo e me falar um pouquinho sobre ele não ajudava. Eu precisava de amor. Se eu fosse transcrever todas as lembranças que todas as pessoas tinham com ele, provavelmente passaria a eternidade escrevendo.

Mas verdade seja dita, acho que a parte mais difícil nem era ir atrás disso tudo. Sair andando por aí, passar um dia todo na rua, indo de casa em casa, pegar um carro e ir viajar por dias atrás de gente completamente desconhecida doía no corpo, nas costas, nas pernas e óbvio, na cabeça, mas isso eu resolvia com remédios (ou alongamento, como meu filho sugeriu inúmeras vezes). O problema era quando o cansaço deixava de atingir só o físico e começava a machucar minha saúde mental, quando começava a arranhar minha alma. Talvez você saiba do que estou falando, aquela exaustão que vem de dentro, um desânimo, uma preguiça doentia. Acho que uma das piores coisas é perder alguém tão próximo a você, porque, quanto mais próximo, mais coisas vão te fazer lembrar da pessoa, e

foi por isso que eu parei de ir para praia, que parei de tomar sorvete, é por isso que toda vez que está chovendo e acaba a energia eu choro, porque tudo isso me lembra do Joel, mas, no fundo, não acho que seja tristeza, acho que é a saudade. Então, esta história também é uma história de saudade.

Um dos maiores defeitos das pessoas é evitar falar daquilo que não gostam, é ignorar e tentar esquecer as coisas cotidianas que as incomodam. Acho que todos sabemos que isso não acaba em nada. Se não lidamos com algo, aquilo se acumula e acabamos carregando um peso grande demais, que um dia alcança um volume tão grande que estoura, nos afogando em mágoas passadas com as quais nunca aprendemos a conviver.

Então, antes que as coisas piorassem, antes que aquela dor se visse tão grande que eu não conseguisse mais suportar, antes que aquele rombo na minha alma se rasgasse tanto que me desfigurasse por dentro, eu resolvi lidar e seguir em frente com o que meu melhor amigo tinha me pedido.

Eu não sei se acredito em destino, mas que às vezes ele parece estar controlando algumas coisas nas nossas vidas, parece.

Os poetas escrevem sobre isso, as músicas cantam, a dramaturgia encena e a igreja reza, dizendo que um dia é um papel em branco, pronto para ser preenchido pelo que você quiser. Muito bonito, muito ideal, mas nem perto de ser real. Acho que você sabe disso e, se não sabe, se engana. Basta olhar para os dias da semana e ver como eles parecem ter, cada um, sua utilidade. Se fosse diferente, não precisaríamos dar nomes a eles, afinal de contas, se é uma folha em branco, por que chamar de "segunda-feira"?

O fato é que me parece que hoje em dia o destino de todos é selado e, às vezes, sinto que nem tenho mais controle, que minha folha em branco foi preenchida por outra pessoa e cá estou eu encenando um papel que não é meu, sem ter como escapar, sem ter alguém para testemunhar esse crime de

tortura que é te prender numa vida que nem é tua. Desses dias, penso que a quarta-feira é a pior, encaixada no meio; não é o começo e muito menos o final, quase sem sentido ali, jogada na semana que te diz exatamente o que fazer.

Se você, caro leitor, tiver sorte, vai saber do que estou falando. É engraçado como algumas pessoas detêm em si o poder de mudar tudo ao seu redor, de dar um sentido novo ao seu dia, como se fosse fácil. Elas simplesmente aparecem no seu caminho e mudam todo o seu plano, o torna melhor, mais vivo, mais real, mais teu. O Joel era um desses Coringas, que apareceu naquela tarde de quarta e fez todas as linhas escritas se apagarem, me fez pegar as rédeas do resto do meu dia e levá-lo para onde eu quisesse, e ele o fez sem esforço nenhum, apenas ao aparecer na minha frente, no meio daquela cidade cheia de gente, enquanto eu estava em uma esquina lotada e pintada por sinais de trânsito, cercado de prédios altos. Acredito que você já tenha visto um lugar desses.

— O que você está fazendo aqui? — ele me perguntou, sorrindo enquanto vinha até mim por uma rua larga e cheia de carros.

— Me ocupando — respondi, um pouco surpreso por encontrá-lo — E você?

Nenhum de nós parou de andar para conversar, apenas continuamos caminhando, sem fugir dos nossos caminhos, que eram encaixados no meio daqueles prédios de concreto como um rio se encaixa no meio de um vale. Eu vestia um terno desconfortável, e ele o uniforme de trabalho da fábrica de etiquetas.

— Estou indo para meu lugar longe daqui, preciso tomar um ar... Quer vir? — havia uma coisa estranha em sua voz, talvez fosse tristeza, mas não dava bem para distinguir, pois o Joel sempre estava sentindo alguma coisa e sempre era de forma muito extrema, como muita felicidade, muita tristeza, muita vida... Ele era um cara que sentia muito.

— Claro — respondi, ignorando completamente o fato

que eu deveria ir ao cartório, passar na escola, visitar o dentista, pagar o padeiro, levar o carro no mecânico, arrumar o celular, comprar um tênis, ir no mercado, passar na farmácia, sacar dinheiro... Quando alguém aparece e oferece uma saída que nos leva para longe das coisas que devemos fazer, geralmente a gente recusa, mas aquele dia eu fiz diferente.

Nós fomos caminhando. Eu estava sem rumo, mas ele parecia saber perfeitamente para onde ir e nós estávamos acompanhados de um completo silêncio, cada um preso no próprio mundo. Hoje em dia eu me pergunto o que será que tinha na cabeça dele. Acho que essa é o tipo de pergunta que todo mundo faz a si mesmo algumas vezes durante a vida, afinal, querer saber o que o outro pensa é uma vontade quase universal, o idiota é que a maioria das pessoas passa muito tempo tentando adivinhar ou supondo coisas, ao invés de simplesmente ir perguntar, e eu fui uma dessas pessoas. Não perguntei para ele, fiquei com a curiosidade; era esquisito ficar quieto ao lado de uma pessoa com quem eu sempre falava tanto.

No fim das contas, acabamos nos afastando do movimentado centro da cidade, deixando os prédios altos para trás, assim como as casas de três andares, as avenidas largas com um formigueiro de carros barulhentos que buzonavam, provavelmente sem entender o que as placas queriam, o que os sinais lhes diziam e o que aquelas faixas brancas pintadas no asfalto indicavam.

— Eu odeio buzinas — reclamou Joel, enquanto atravessávamos a última dessas avenidas que fica na frente de um daqueles grandes prédios comerciais.

— Eu sei, eu também. Ainda bem que te encontrei e que estamos indo para longe de tudo isso, afinal, pra onde a gente vai? — respondi, me apressando mesmo sem querer ter pressa, afinal, eu nem sabia para onde estávamos indo, só sabia que era muito difícil desviar de todas aquelas pessoas que andavam sem pretensão nenhuma, apenas se arrastando de uma obrigação até outra.

— Você vai ver.

Acho que as ruas não se distanciam muito das mesas dos bares onde eu encontrei a Aline pela primeira vez, acho que seja mais individual e mais vago, mas era difícil manter uma conversa ali também. Enquanto no bar estão todos sempre sentados, sorrindo, descansando e sem ter pressa nenhuma, na rua era o oposto disso. Todo mundo meio apressado, às vezes sozinhos, às vezes em grandes grupos que atrapalhavam todo mundo na calçada, mas sem dúvidas estavam todos longe; às vezes colidiam com outros num tropeço ou num empurrão descuidado, mas sempre seguiam sua órbita e eu nem posso criticar, como é que alguém se interessa pelo outro no meio daquela bagunça toda?

É interessante notar que o comportamento das pessoas muda de acordo com as nuances da cidade. Conforme nos afastamos do centro comercial e nos aproximávamos das fábricas, tudo ficou mais calmo. As ruas ficaram ainda mais largas, eram grandes avenidas repletas de sinalização no chão, no alto, nas laterais, nos túneis, em placas, enfim, em tudo. Os carros não buzonavam porque o trânsito fluía calmo e os operários pareciam mais bem-humorados e relaxados. As calçadas eram mais esburacadas e as valetas nas laterais das ruas guiavam uma água suja, mesmo que não estivesse chovendo. Mas as fábricas eram o destaque, muito mais impressionantes do que os prédios. Eram estruturas gigantescas com quase nenhuma janela, que emitiam um som estranho e um cheiro mais estranho ainda, todas escondidas atrás de muros altos e pichados.

Afinal, nosso destino ultrapassava essas fábricas cujas chaminés jogavam fumaça preta no céu e deixavam o ar meio carregado, dobramos em ruelas estreitas e esburacadas, algumas de chão batido. Casas da periferia começaram a surgir, não eram nem de perto tão majestosas quanto as fábricas e os prédios, mas eram muito mais cheias de vida, alguns passos bastavam para cruzar cinco casas diferentes, pequenas e escondidas atrás de portões enferrujados e samambaias penduradas em todos lados; algumas tinham árvores tão

grandes no quintal que os galhos e os frutos alcançavam o vizinho. Pelas portas abertas podíamos ver famílias reunidas na sala assistindo TV. Em alguns quintais, amigos e vizinhos se reuniam para aproveitar o fim da tarde, sempre sorrindo e contando algum caso da vida. Quando adentramos tanto no bairro que a pressa do centro se tornou só uma lembrança, encontramos crianças curiosas que jogavam bola na rua. Elas sorriam para nós, esperavam a gente passar para continuar a brincadeira e uma ou duas vezes o Joel chutou a bola para uma delas.

Por fim, acabamos chegando em um gigantesco campo aberto, no fim do que me parecia ser a última rua da cidade, onde o urbano fazia fronteira com o rural. A rua literalmente terminava em grama, ia estreita, esburacada e meio torta até terminar num monte de terra que depois se tornava grama. Tinha muita gente lá, mas não estavam amontoados, estavam ali quase ao acaso, não obrigados e duvido que sequer soubessem que acabariam ali.

Era uma espécie de show ao céu aberto, tinha um pequeno palco montado com algumas pessoas tocando violão. Tínhamos saído da cidade, por isso tudo era muito silencioso e organizado, ao mesmo passo que tocavam música, conversavam e se espalhavam pelo enorme pasto de grama rasa que se estendia até onde meus olhos alcançavam. Era um lugar bonito, um gigantesco tapete verde que, ao longe, era cercado de algumas fábricas já fechadas, que aumentavam ainda mais o ar de isolamento do lugar e o tornava ainda melhor.

O dia estava praticamente terminando, no horizonte, o sol estava se pondo e uma música suave tocava, com acordes meio desajustados vindos de um violão meio desafinado. Nós nos sentamos exatamente como todas aquelas pessoas estavam sentadas, minhas mãos tocaram a grama meio úmida e eu me senti calmo, como se um peso fosse tirado do meu coração. Não tínhamos ido tão longe assim, ainda era a mesma cidade, no entanto, tudo tinha mudado.

— Esse dia está horrível — desabafou ele, não com

tristeza, e sim um cansaço que carregava em sua voz, talvez até com um pouco de ironia. Imagino que ele fosse como você e eu, como qualquer outro no mundo, e estava cansado da rotina.

Ele ainda vestia o uniforme do trabalho, que era uma bota, uma calça marrom e uma camisa cinza.

Esses momentos não planejados são engraçados, simplesmente acontecem pela mais louca das coincidências, pelo simples rir do destino que jogou os dados ao ar e deixou que eles rolassem da maneira que quisessem e, por pura sorte, eles se encontraram.

— Querem uma cerveja? — ofereceu uma vendedora nova, acho que até mais nova que a gente, que empurrava um carrinho de mercado e carregava um barril.

— Três, por favor — pediu Joel, abrindo a carteira. A mulher encheu três copos grandes e nos entregou.

— Se precisarem de mais eu estou ali atrás — sorriu e saiu andando com seu carrinho.

Quando paro para pensar, parecia que aquele era nosso lugar e, uma vez que o encontramos, o reconhecemos, o reivindicamos e permanecemos ali por séculos, presos naquele banquete de sons e de conversas harmoniosas de gente que só queria uma folga.

— O que aconteceu? — perguntei depois de um tempo, tomando um gole da cerveja. Era mais como se estivesse falando com o lugar, quase consigo imaginar que o Joel ia até ali toda vez que se chateava com alguma coisa. Todo mundo tem isso, alguma coisa que sempre faz quando está triste, uma música que sempre escuta, um filme que sempre assiste, uma pessoa que sempre chama para conversar, um lugar que sempre vai. Às vezes, você faz tudo de uma vez. Seja como for, isso serve para te confortar, já que fazer uma coisa que você sempre faz te lembra que você já ficou triste antes e que coisas ruins já aconteceram, mas que você passou por cima de todas elas, exatamente como está disposto a passar por cima dessa vez.

— Sabe que eu não sei? Acho que só não tem acontecido

nada demais... A vida tem sido tão parada... — suas palavras eram vagas e soavam como alguém que não sabia como dizer o que sentia.

O Joel passava por algumas coisas difíceis naquela época, seu pai estava muito doente, nenhum de seus irmãos se prontificava a cuidar dele e sua mãe não conseguia sozinha, estava insatisfeito com o emprego e confuso com o namoro.

— É, acho que a vida eleva muito as expectativas que temos dela. Na verdade, viver não é tão emocionante, não tem muito o que fazer na maioria dos dias, só a mesma rotina — respondi, não sei se era sobre aquilo que ele estava falando, porque demorava um tempo para calibrar nosso papo, nossas mentes.

Ele respirou fundo e olhou ao redor. Ninguém ali parecia estar muito apressado, todo mundo estava sorrindo, ouvindo a música, ouvindo suas conversas. Homens e mulheres de todas as idades, alguns tinham trazido panos que estenderam no chão para ficarem deitados, outras tinham aquelas cadeirinhas de pano improvisadas e uma caixa térmica do lado.

— É, ou o ser humano é ruim mesmo, ou eu sou estragado, sei lá, quer dizer, quem nos disse que seria legal? Viver todos esses dias... É cansativo, sabe...

Ele ficou um tempo digerindo o que ele mesmo dizia, acho que a música boa e o sol que se punha lá no horizonte ajudava ele nisso.

— Mas acho que você se preocupa demais — continuei — sente demais. Isso é bom, quer dizer, quem imaginaria que hoje seria um dia que terminaria assim? Foi você quem fez isso, então talvez a gente tenha um mínimo controle das nossas vidas, talvez a culpa dos dias serem entediantes seja um pouco nossa.

— Ah, não sei, parece que eu não sei mais para onde ir...

— Mas você sabia para onde ir, olha só, a gente veio parar aqui por sua causa.

Um riso, um gole.

— Imagino que sim... Mas e o seu dia, como foi?

— Eu não sei muito bem como ele teria sido, porque eu meio que cortei ele pela metade quando te encontrei — respondi, refletindo se tinha sido uma atitude boa faltar nos outros muitos compromissos que eu tinha marcado para estar ali. Naquela altura, meu celular deveria estar estourando de notificações.

— Como assim? Você deveria estar em outro lugar? — ele adorava fazer perguntas duplas que podiam ser respondidas com uma resposta só, mesmo que ele já soubesse qual era.

— Não, acho que estou exatamente onde deveria estar. Eu tinha marcado algumas outras coisas, mas acho que não deveria estar em nenhuma delas.

— Mas algumas pessoas podem estar dependendo de você... Quer dizer, era algo importante, não é? Do livro?

— Não, alguns encontros, umas reuniões.

— Alguma garota nova?

— Não, algumas coisas sobre meu filho dando trabalho na escola, umas coisas com o banco e outras com algumas pessoas que eu nem queria ver. A real é que eu não queria estar em nenhum desses compromissos e quando você apareceu me chamando para vir eu soube que simplesmente deveria aceitar.

— Como consegue largar tudo para trás?

— Eu não larguei tudo para trás, eu queria estar aqui, então corri atrás do que eu queria.

— Você é estranho.

— Você também, foi você que me convidou.

O Joel nunca largaria um compromisso para ir até longe na cidade, sentar e ouvir uma música meio sem ritmo, admirar o céu meio estrelado e beber uma cerveja meio gelada e amarga, ou sentir uma grama meio molhada.

— E o seu dia? — perguntei.

— Foi meio sei lá, uma daquelas máquinas idiotas resolveu quebrar, aí o setor inteiro parou de funcionar. Ficaram horas tentando arrumar, mas no fim liberaram a gente.

— Não sei porque você continua nesse emprego, você é melhor que isso. Poderia fazer tantas coisas e fica lá, esperando uma máquina ser consertada... Sabe que posso te ajudar com isso, se quiser.

— Eu gosto de lá, tenho alguns bons amigos, a Carla, o Pedro e o João. Eles têm minha idade também, estávamos conversando de tentar abrir nossa própria empresa de etiquetas, uma em que as máquinas funcionassem, mas acho que seria melhor ir para outra cidade...

Ele falou por alguns minutos, talvez por algumas horas, exatamente como fazíamos outras centenas de dias e, no fim, acabou como sempre acabava: ele não tinha ideia do que queria, para onde iria e o que faria para chegar até lá, exatamente como eu e como você.

— Seria legal — respondi, mesmo não achando nada de legal nas coisas que ele falou.

— Você não achou legal — observou ele, sorrindo. Ele não via nada demais no fato de eu não achar legal as coisas que ele fazia.

— Não, sério, você consegue fazer tudo que quiser, se quer abrir uma fábrica de etiquetas, vá em frente e abra! Se quiser pilotar um avião, então vá e pilote, se quiser domar um leão, olha, acho perigoso, mas vá em frente. Você pode fazer o que bem entender, só não fique parado esperando consertarem as coisas, você é incrível demais...

Ele me encarou um pouco com seus olhos castanhos, tentando ler o que estava passando na minha cabeça, e ele fazia isso muito bem. Estava tentando descobrir se eu estava falando a verdade, se eu realmente acreditava que ele poderia fazer o que quisesse.

— Você acredita demais em mim — concluiu ele e se jogou na grama, deitando-se para encarar o céu, que ficava cada vez mais escuro e revelava as estrelas.

— Você que acredita de menos em você mesmo.

A música ia trocando de melodia, mas era sempre um

ritmo sossegado. A voz baixa da cantora fazia parecer que tudo estava muito longe, em segundo plano.

— Acho que eu acredito o suficiente, mas eu não tenho tanta ambição assim. Nós somos pequenos demais, quer dizer, olhe para o céu, há infinitas estrelas nele. Eu não quero pilotar um avião, não sei se quero abrir uma grande fábrica, eu só quero que as coisas deem certo para que eu possa viver minha vida, na real, eu só queria saber o que eu quero...

— Somos diferentes... Eu queria poder alcançar essas estrelas, ver de perto elas nascendo e morrendo em explosões cósmicas, construir um avião que me levasse até lá, ter uma fábrica de etiquetas e construir uma escada de etiquetas até a lua — assim como o Joel (e a maioria das pessoas), eu também era um perdido. Aquela era uma conversa de dois perdidos tentando se encontrar, mas apenas se perdendo mais ainda.

— Uma torre de etiquetas até a lua? Olha, espero que me contrate para fazê-la — outro riso, outro gole, mais um copo esvaziado; naquela altura já eram cinco — Eu fico feliz só de poder admirá-las, a gente não precisa querer tanto.

Eu pensei um pouco. Não precisava olhar nos olhos dele para ler suas intenções, dava para ouvir no seu tom de voz indo de suave a acelerado, porque ele sempre exalou sinceridade.

— Acho que vou preferir isso também, me parece mais fácil.

— Bem-vindo ao grupo — sorriu ele.

— Essa música tá começando a ficar boa.

— Acho que você já bebeu demais, Edu, não esquece que tem que voltar para casa.

— Pois é, na real, tô cheio de coisas para fazer e, por mais que eu queira não pensar nisso, esse monte de merda acaba vindo com tudo.

— O Caio tá indo mal na escola?

— Cara, não muito, só o normal pra idade dele, ainda mais com tudo que ele teve que passar, acho que as outras crianças não entendem e nem sei se dá para culpá-las.

— E eles queriam que você fosse lá fazer o quê?

— Acho que conversar com os outros pais, mas eles são todos muito chatos, me encham de perguntas e de “opiniões” de como eu deveria cuidar do meu filho... Como se a avó dele já não me enchesse o saco demais. Acredita que ela ainda tá levando aquele processo para tentar tirá-lo de mim? — dei um gole na cerveja que já estava meio morna, mas era um alívio para a garganta seca.

— Ela nunca vai conseguir.... E talvez você devesse mudar ele de escola, sabe, sempre achei aquela muito sofisticada para ele.

— Então meu filho não é sofisticado?

— Você entendeu.

— É, talvez eu faça isso, mas só amanhã.

— Então tudo bem se a gente ficar mais um pouco? Não é tão tarde ainda...

— Tudo bem. Mas a Lúcia não está te esperando?

— Ah, ela precisava estudar, vai fazer uma entrevista de emprego em uma empresa grande essa semana. Acho que eu só ia atrapalhar.

— Negócio grande?

— Muito, disse que pode mudar nossas vidas se der certo, falou até de morarmos juntos.

— E você?

— Ah, eu acho incrível, já estava pensando em propor isso a ela, mas estava com um pouco de medo, sei lá, é muita complicação, muita coisa para pensar, né? Financeiro e tudo mais. Mas é uma coisa que eu queria, eu gosto dela assim.

— Vocês vão brigar muito, mas vai dar certo.

— Acha que a gente dá certo?

— Ué, Joel, isso aí é você quem tem que me responder...

— É, se ela conseguir esse emprego e as coisas continuarem bem na fábrica, acho que dá para alugar um apê maior.

— É, e dá para você pensar em abrir a própria fábrica, né?

— Certo, isso também. Ia ser foda no começo, mas acho que daria certo. O Pedro tem uns contatos bem importantes que podiam ajudar muito a gente e claro que no financeiro eu teria ajuda, né — ele riu e bateu no meu ombro.

— Então, no fim, você meio que sabe o que quer.

— Sabe, até que você tem razão.

— Meio caminho andado.

— O que acha da gente fazer uma viagem?

— Assim, do nada? — eu sorri, enquanto gravava os detalhes de tudo ao redor.

— É, no fim do mês, tem aquele feriado de aniversário da cidade e meus pais têm aquela casa na praia, a gente tá na baixa temporada, então acho que pode ser legal. Tá um calor dos infernos mesmo e vai estar bem sossegado lá.

— Você realmente sabe o que quer, hein? Acho que te ajudei muito.

— Para, Edu, faz tempo que falo pra gente ir lá.

— Sim, mas não precisa por tudo em ação do nada.

— Preciso sim, dia 29 é uma sexta-feira. Saímos depois do almoço e acho que dá para a Lúcia e o Caio irem juntos depois.

— Tenho que ver, talvez tenha alguma coisa que eu não estou lembrando agora...

— Decidido então.

— Não sei não, Joel, fim de mês é complicado e de qualquer jeito é melhor sairmos de madrugada.

— Ah, não, eu não vou dirigir com sono.

— E se eu quiser ir dirigindo?

— Sabe que não vai, Edu, você morre de medo de estrada.

— Tá, vamos ver se dá.

— A gente vai.

— Tá, a gente vai.

Ele sorriu animado, se levantou e foi buscar outros dois copos.

Nós ficamos por muito mais tempo naquele campo verde e coberto pelo prateado brilho da lua, que nos iluminava mesmo em meio a algumas nuvens. A brisa da noite chegava com tudo na gente, era um alívio, um sopro de frescor naquele calor todo.

Quando o manto escuro da noite nos cobriu, alguns abajures improvisados trouxeram uma luz pálida e fraca até nós, forte o suficiente para garantir que ninguém tropeçasse e caísse, mas fracas demais para esconder as estrelas que brilhavam muito no céu. Parecia que alguém tinha colocado elas lá, uma por uma, pintado aquele brilho prateado com o pincel mais delicado de todos. Graças a isso, conseguíamos enxergar tudo ao redor naquele tom azul-escuro noturno que se misturava à iluminação amarelada das lâmpadas, era uma obra de arte que a vida pintou.

Acho que demora para encontrarmos as respostas, sabe, para saber o que a gente quer da vida, e acho que ele também pensava assim. No fim das contas, a gente era muito novo ainda, e acho que ainda sou. Qual é a idade certa para achar todas essas respostas? É uma pena que a gente não tenha tido muito mais tempo, porque, no fim, o Joel acabou sendo mais ambicioso do que eu e talvez esteja rindo de mim neste exato momento. Ele conseguiu fazer o que eu falei que queria, antes de mim, alcançou o infinito e se tornou mais um astro cintilante num céu de infinitas estrelas que, toda vez que eu olho, me dá vontade de chorar.

O Primeiro Beijo

Quem você é quando está longe dos outros?

Será que somos sempre as mesmas pessoas, mesmo estando em lugares diferentes? Cercados de pessoas diferentes? Acho que ninguém é assim, sempre o mesmo, imutável, inabalável.

A gente vê esse tipo de coisa todo tempo. Acho que chamam de “vestir máscaras”. Mas eu não chamaria assim. Somos mais que um. A única diferença é o quanto somos de cada.

O Joel era muito de tudo e por isso era tão incrível, tão único. Em um mundo onde somos pouca coisa de quase nada, ele era especial, ele transbordava.

Eu sempre achei que as palavras fossem a coisa mais incrível que existe, o jeito mais bonito e sincero de se mostrar aos outros, de passar a emoção de verdade, sabe? Você já sentiu algo assim? Eu já, com ele. Não sei se um dia conseguirei passar a você, caro leitor, o que eu quero dizer, pois acho que mesmo as palavras não são capazes de traduzir sentimentos tão profundos quanto esse. Mas eu vou tentar.

Quando você realmente conhece uma pessoa? Acho que a gente nunca pensa sobre isso, desculpa tantos questionamentos, mas talvez você possa me ajudar. Será que o que mede esse tipo de coisa é o tempo? Quanto mais tempo, mais você conhece alguém? Ou será algo mais profundo do que a simples medida do nascer e do pôr do sol? Eu chuto a segunda opção.

Eu não conheci o Joel por muito tempo. Do dia em que o vi pela primeira vez naquela sorveteria até o dia de sua morte, foram pouco mais que cinco anos. Mas não acho que anos sejam uma medida para o coração, isso é mais um jeito das

peessoas se sentirem satisfeitas. Acho que a medida é o amor e, se eu estiver certo, então eu o conhecia infinitamente.

Eu me lembro daquele dia claramente, assim como me lembro de todos os outros.

Nós nunca paramos para tentar lembrar os momentos que temos com as pessoas que amamos, pelo menos, não enquanto elas estão vivas, mas o luto traz essas coisas à tona. Não é como se nos esquecêssemos, elas estão lá, todos esses momentos estão guardados num canto, em uma gaveta, daquelas que você usa para guardar coisas que nem usa, mas que nunca vai jogar fora. Até que chega o luto e essa gaveta se abre, jogando em cima de você uma chuva de lembranças que faz você querer voltar no tempo de qualquer jeito possível, mesmo que isso signifique perder o futuro.

Mas claro que voltar no tempo não é possível. Em lugar disso, o que acontece é o choro, a negação e o arrependimento, então, me deixe te adiantar algo: esses momentos não vão voltar mais. Nenhum deles se repete, não importa o que você faça, por isso, se você, diferente de mim, ainda tem chance de construí-los, faça. Feche este livro agora, fale com a pessoa que você ama e depois volte aqui, porque essas palavras nunca vão desaparecer, diferente das pessoas que mais cedo ou mais tarde caem nas mãos da morte.

Por ora, atendo-me a te contar alguns dos momentos que tive, na esperança de que os escrevendo, tanto eu quanto você, possamos ter um gosto do que eles realmente foram. Esse é o meu jeito de eternizar as coisas e tentar voltar no tempo.

Estava calor naquele dia. Não de um jeito agradável, que dá vontade de tomar uma coisa gelada para passar, e sim um calor que tornava impossível encontrar algo que ficasse realmente gelado longe de um freezer regulado na mais alta potência.

Era uma sexta-feira de manhã, o sol tinha acabado de nascer quando eu e o Joel arrumamos as malas e partimos. Como a Lúcia trabalhava e o meu filho “estudava”, eles iriam

juntos depois. Nós dois aproveitamos a folga no emprego que ambos havíamos recebido e fomos antes de carro para arrumar a casa, que provavelmente estaria uma bagunça.

— Você podia fechar essa janela? O ar está ligado, Edu — reclamou Joel, que fixava seus olhos na estrada e segurava firme o volante.

A rodovia estava calma. Já estávamos longe da cidade e tudo que tinha em volta eram campos de soja que preenchiam todo o horizonte, tão vastos que pareciam infinitos. Imagino que visto de cima aquilo tudo era igual e parecia uma floresta, mas era horrível ver todos aqueles quilômetros de plantação cortados pela estradinha esburacada de mão dupla que ia serpenteando as colinas baixas como um rio de concreto e piche.

— Mas eu gosto do vento da estrada — respondi, olhando aquele asfalto que, de tão quente, chegava a exalar fumaça. E era verdade, tinha uma coisa esquisita em viajar de manhã, um cheiro no ar, uma sensação preguiçosa.

— Para com isso, está desperdiçando o ar gelado — insistiu e eu sabia que ele arrumaria mil argumentos até que eu subisse o vidro.

— É que o vento é gostoso, tem um cheiro bom.

— Então eu vou desligar o ar-condicionado — ameaçou.

— Ah, não, eu gosto dos dois.

Num desvio de olhar, ele me encarou de um jeito que eu sabia que era irritação.

— Não me olha desse jeito, você quem quis vir dirigindo durante a manhã, por mim, teríamos vindo à noite e eu dirigia.

— Você tem medo de dirigir à noite, Eduardo. Agora fecha logo essa janela antes que algum bicho entre.

— Ah, claro, melhor fechar antes que um urso entre pela janela do nosso carro em movimento.

— Com a janela aberta perdemos velocidade...

— Tudo bem, você venceu, mas só porque eu quero chegar rápido.

Enquanto a janela se fechava, uma série de coisas estranhas aconteceram e a primeira foi o carro começar a perder velocidade; meu coração logo disparou pensando que, por minha causa, o vidro aberto tinha de fato quebrado o carro. Depois, percebi que a seta do carro estava ligada e que o Joel estava estranhamente calmo. Aí, já pensei que ele fosse parar para me dar um sermão sobre o ar gelado, o quanto de gasolina ele gastava e como isso fazia diferença no mundo. Mas essas duas impressões estavam enganadas. Foi só olhar para o acostamento da estrada para descobrir o real motivo da parada do Joel: havia um carro quebrado, aliás, quem me dera fosse um simples carro, na verdade era um caminhão imenso, daqueles que você nem consegue imaginar como se dirige.

— Por que você tá parando Joel? — perguntei, antes que ele descesse do carro.

— O cara parece estar com problemas — explicou ele, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Mas a verdade é que o cara não parecia estar com problemas. O caminhoneiro estava sentado em uma cadeirinha improvisada fumando um cigarro e olhando o tempo passar, tão preocupado quanto eu estava com a crise do Joel do vidro aberto versus ar-condicionado.

— Não, não parece! E mais, aquilo é um caminhão, Joel, e que eu saiba você não entende nada de caminhões — não adiantou nada. O carro já estava parado no acostamento e ele já estava tirando o cinto para descer.

— Pode ficar aí dentro, se quiser, mas eu vou lá ver se ele precisa de alguma ajuda.

— De novo, Joel, aquilo é um caminhão com TRÊS compartimentos de carga, você não vai conseguir ajudar!

Ele me encarou nervoso de um jeito que raramente fazia.

— De novo, Eduardo, pode ficar aqui, EU vou lá — abriu a porta, desceu, vestiu um sorriso, foi andando para conversar com o caminhoneiro e lá ele ficou por longos 40 minutos.

— E aí, cara, problemas no caminhão? — perguntou ele, eu conseguia ouvi-lo perfeitamente e tive que segurar um pouco o riso.

O caminhoneiro, em seu leito de sossego, se inclinou em sua cadeira de pano para bater as cinzas do cigarro e encarou o Joel.

— Pois é, essa criança aí não me dá problemas há 20 anos e logo hoje resolveu encanar — respondeu, ignorando o fato de que um desconhecido o questionava, enquanto apontava para o gigantesco caminhão cujos três compartimentos de carga eram cobertos por aquelas lonas laranjas e encardidas — Pelo menos quebrou em uma paisagem bonita — completou num riso misturado com resmungo. Mas não tinha nada de bonito naquela paisagem, na verdade, era singular. Eram quilômetros e mais quilômetros de plantação de soja, interrompidos por algumas raras árvores que se elevavam ao lado de torres de energia.

Naquele dia, naquela tarde quente, eu tive noção de quem ele realmente era, do quão bom era seu coração. Ele ficou lá naquele acostamento sujo de terra enquanto carros passavam a toda velocidade, inertes aos dois, conversando com o homem gordo de roupa amassada e cigarro na boca. Olhou o motor do caminhão, olhou os pneus, checkou o óleo, a temperatura, mas claro que não adiantou em nada, porque o Joel não fazia a menor ideia do que estava fazendo. Ele não entendia de motores e nem de caminhões, mas entendia muito de pessoas. Eu fiquei sentado no banco do carro admirando como aquilo era tão fácil, sabe? Ele simplesmente se aproximou e fez amizade, se sentou ao lado de um cara completamente desconhecido e ficou lá, como se ali fosse seu lugar. Os dois riram juntos e o caminhoneiro, que mais tarde eu viria a saber que era o Édison, contou histórias de como nunca tinha tido nenhum problema com aquele trambolho enorme, e o Joel contava histórias dos seus pais. Ficaram ali e, em meio a tanta pressa na estrada, prosearam e compartilharam um riso

gostoso. Só se levantaram quando um mecânico chegou e eu fiquei só pensando, como aquilo era possível? Fazer um amigo na beira da estrada? Como ele conseguia? Por que ele conseguia? Qual vantagem ele tinha de sentar-se debaixo daquele sol quente e conversar com uma pessoa que nunca viu na vida? Nenhuma. Mas ele não era movido por isso.

Se passaram exatos 45 minutos até que ele voltasse, com um despretenso sorriso no rosto.

— Viu? não custou nada ajudá-lo — orgulhou-se, enquanto abria a porta do carro. O rosto dele estava suado, as mãos e a roupa sujas de óleo e graxa, mas os olhos estavam brilhando de felicidade.

— Claro, Joel, acho que aliviou seu karma — zombei — mas se for parar para falar com todo mundo que estiver com o carro quebrado, me avisa que eu durmo.

Ele sorriu, ligou o carro e seguiu.

Não paramos mais nenhuma vez até chegar na praia, mas acho que foi porque não encontramos mais ninguém parado no acostamento precisando de ajuda. Imagino que se encontrássemos ele teria parado e, se o tivesse feito, talvez eu descesse junto, porque no fundo eu tinha inveja dele, do quão real ele era e do jeito que parecia ser capaz de interagir um pouco com a vida de todo mundo com quem se encontrava, enquanto eu ficava sentado e assistia tudo acontecer.

O resto da viagem foi silencioso. A estrada deixa qualquer um cansado com aquele mundo de asfalto, a paisagem mudando discretamente ao redor, os carros passando rápido por você e o jeito lento e cuidadoso do Joel dirigir. Tudo isso dava uma vontade imensa de dormir e eu teria conseguido fazê-lo, não fosse pelo cheiro do mar.

O cheiro é o maior gatilho para memórias que existe, mas veja só, eu não tinha nenhuma memória específica com o mar e ainda assim o seu cheiro, suave como suas ondas, era libertador, principalmente para minha imaginação. Acho que uma das únicas crenças populares que faz sentido é a de que

o mar leva seus problemas embora. Foi a mãe do Joel, dona Clarisse, quem me disse isso. É meio idiota, eu sei, mas ainda assim tem um pouco de verdade. Quando aquele cheiro veio até mim, tudo que existia dali para trás pareceu desaparecer e entramos em um mundo em que só existia o que estava dentro daquele carro, em que a maior preocupação era se o Joel iria surtar se eu abaixasse o vidro da janela de novo, ou se alguma outra pessoa apareceria com problemas na estrada.

— Eu queria ter um barco — pensei em voz alta, pondo fim ao silêncio que nos fez companhia desde que o Édison se despediu da gente com uma escandalosa buzina de caminhão.

O carro descia a serra do mar, contornando as elevações do entorno, enquanto uma mata densa e verde-escura nos cercava, escondida por uma névoa fria. Árvores fantasmagóricas se elevavam ao nosso redor, se destoando completamente das plantações que vinham nos acompanhando até há pouco. Agora já não víamos o horizonte e de dentro daquela floresta fechada podia sair qualquer coisa.

O Joel riu, mas de uma forma que eu jamais vou conseguir descrever, era um riso para dentro, um engasgo que misturava surpresa e ironia.

— Você ficou com medo de vir dirigindo na rodovia, como acha que vai conseguir enfrentar o mar? Você já viu aqueles vídeos de tempestade que acontecem no meio do oceano? Você ia surtar — brincou ele, sem tirar os olhos da estrada, mas me encarando. A rodovia fazia curvas sinuosas, perigosas para motoristas desatentos.

— Claro que não, eu seria um ótimo capitão! A rodovia tem muitos carros, mas no mar não tem muitos barcos e eles não trombam uns nos outros, nem precisam ficar se ultrapassando.

Desta última, ele não escapou, seus olhos se desviaram rápido da estrada e me encararam.

— Você ia se matar e afundar quem estivesse com você.

— Você ia querer estar no barco comigo e iria se arrepender porque eu não ia deixar, aliás, não deixarei.

— Edu, ninguém em sã consciência entraria em um barco dirigido por você. Ficaríamos no porto, olhando você afundar e tentando alertar a guarda costeira sobre o desastre que você causaria.

Eu ri.

— Primeiro que não se dirige um barco, se navega, segundo que nada de tão ruim ia acontecer, não é tão difícil navegar por aí.

— Não é tão difícil, Eduardo? Você nem conseguiu sair da garagem aquele dia com o carro, imagina você no mar com aquelas ondas enormes e todos aqueles tubarões e sei lá mais o que, o mar é assustador.

— É injusto você citar esse dia como argumento, e outra, se odeia tanto o mar, por que deu a ideia de irmos pra praia?

Passamos por uma curva fechada enquanto os outros carros passavam feito borrões pela gente, carregando sabe lá quem, indo para não me interessava onde.

— Eu gosto da praia, é um bom lugar para se estar com amigos — respondeu ele, sincero, e, pela primeira vez, parecendo não estar prestando atenção em mim.

Eu ri uma última vez e decidi que era melhor não ficar tirando a atenção dele, então me contive em ficar o encarando dirigir, em olhar a estrada, o céu e as árvores ao redor, cujos troncos grossos eram infestados de musgos.

Nosso destino era uma cidade pequena cujas ruazinhas eram estreitas, tortas e feitas do que imagino que um dia tenham sido tijolinhos brancos no chão, mas que hoje estavam encardidos e desencaixados. As casas eram praticamente idênticas: sobrados apertados e coloridos de no máximo três andares, com um pequeno gramado na frente e um fundo com churrasqueira, e algumas cadeiras de madeira. Os comércios eram mais na beira da praia, bares, restaurantes e

alguns hotéis, todos com o chão sujo de areia. Nossa viagem até lá durou mais algumas horas depois de ajudarmos o caminhoneiro (se é que posso chamar aquilo de ajuda). Mas, no fim, chegamos.

A verdade é que a cidade era tão pequena que a avenida principal, enfeitada de palmeiras meio mortas e de comércios fechados, dava direto na estreita faixa de areia que antecedia o oceano. Então, de dentro do carro, enquanto rumávamos à esquina que dobraríamos, deu para perceber que não seria exatamente o fim de semana de praia que imaginamos. As ondas do mar estavam violentas como se estivessem resmungando, o céu tinha adquirido repentinamente um tom cinzento meio assustador e um vento estranho passava zunindo pelas construções. Acho que tinha um motivo para aquela época ser chamada de “baixa temporada”.

Antes de chegar na casa, precisávamos comprar algumas coisas que tínhamos esquecido, mas logo ficou claro que o tamanho pequeno da cidade não seria uma vantagem, porque tudo estava fechado. Só víamos salões de cores diferentes selados por aquelas portas de metal esperando o dia que os turistas chegariam para abrirem novamente. Poucas pessoas passeavam pelas ruas, zanzando em algumas lojinhas de bijuterias que se mantinham abertas.

Foram três esquinas, talvez o máximo que a cidade nos permitisse virar, até que nos encontramos em uma ruela estreita que parecia ser a única que tinha coisas abertas e havia uma farmácia, uma padaria, um restaurante com letreiro sujo, uma igreja com uma cruz enorme e azul em seu telhado, um bar com uma mesa de sinuca e três mesas na calçada onde três mulheres bebiam e riam de alguma coisa e, por fim, o mercado que procurávamos. Não sei se dá para chamar só de mercado, porque aquela grande estrutura encaixada em uma esquina vendia de tudo: nas calçadas meio desniveladas, cabides grandes mostravam roupas floridas, no chão, havia algumas cadeiras de praia e, permeando tudo isso, mesas com

bijuterias. Era lá dentro que ficava a comida e as prateleiras vendendo o que um mercado comum venderia.

— Você lembra o que temos que pegar? — perguntou o Joel, enquanto pegava o celular e abria a conversa da Lúcia para ver as dezessete mensagens que ela havia enviado.

— Frango e alguma coisa divertida para fazermos, já que a praia não vai rolar — respondi, enquanto o vento passava zunindo por nós e trazia o cheiro do mar em fúria. O céu ficava cada vez mais cinza, como se um incêndio começasse entre as nuvens, mas ainda havia um pouco de sol, em cima de nós ainda havia rastros de céu limpo; era uma mistura bonita. Algumas portas das lojas ao redor iam se fechando com um estrondo, seus donos recolhiam as barracas armadas nas calçadas, os clientes se apressavam em voltar para casa.

— Vai dar tudo certo — respondeu ele, sorrindo, enquanto abria a porta do carro para descer e finalmente pôr um fim no mundo isolado no qual vivemos por um tempo.

Do lado de fora, o cheiro de chuva foi a primeira coisa que notei, a segunda foi um chamado amigável de uma voz rouca e meio estridente, vinda da calçada de uma das lojas que se redobravam para dentro.

— Aaah, agora sei por que está para chover! Venha ver, Cida, quem chegou aqui trazendo temporal! — gritou um velho, alto, meio gordo e com uma camisa abotoada só até a metade. Ele estava sentado numa daquelas cadeirinhas de praia que parecem que vão quebrar a qualquer momento, cercado de pequenas bancas improvisadas. Ele se levantou e atravessou a calçada, desviando das mesas, das tendas e dos cabides que iam sendo guardados pela tal Cida e nos cumprimentou.

— É bom ver você também, senhor Pedro — sorriu o Joel, sacudindo a mão do velho quase careca como se eles fossem melhores amigos.

O próximo fui eu, um aperto firme e ansioso que respondi junto de um sorriso sem graça.

Não demorou até que a dona Cida, uma mulher igualmente gordinha, mas com um cabelo maior e mais enrolado, viesse correndo vestida em um vestidinho azul que a fazia parecer um bolinho de natal. Ela foi mais agressiva em seu cumprimento, abraçou forte e largou um beijo no rosto de nós dois. Ela tinha as mãos frias quando tocou minhas duas bochechas e uma vizinha simpática que disse ao Joel:

— Você não mudou nadinha, Jô! — elogiou, olhando o Joel de cima a baixo.

Ele sorriu em uma resposta silenciosa.

— Mas o que vocês vieram fazer aqui nesta época? — continuou ela, usando o plural, mas apenas se referindo ao Joel.

— Procurar sossego — respondeu ele, com um terceiro tipo de sorriso diferente, de nostalgia e felicidade por ver aquelas pessoas que eu não tinha ideia de quem eram, mas que para ele deviam ser importantes — Precisam de ajuda? — ofereceu, quando percebeu que as roupas nos cabides, as miçangas nas mesas e todo o resto começavam a querer sair voando por causa do vento.

Ela sorriu e fez que sim com a cabeça, então o Joel foi ajudar e não me restou nada senão fazer a mesma coisa.

Enquanto eu ajudava a carregar as mesas, a dobrar as roupas e a recolher as tendas para dentro da loja, eles ficaram conversando. Era assunto das coisas mais banais, sobre o passado, presente e futuro. Sobre como estavam os pais do Joel e o motivo de não irem mais à praia; sobre como ele não cresceu e como era impressionante que já tivesse se formado e já morasse sozinho; sobre como, em alguns dias, a alta temporada iria chegar, aquelas ruas iam ficar cheias de gente e o céu iria abrir num azul-claro radiante, enfeitado pelo sol quente. Eu era um personagem de fora, não lhes interessava quem eu era ou o que fazia. O Joel, pelo contrário, era o personagem principal, e os dois o enchiam de perguntas, de lembranças de quando ele era criança e ia todo fim de ano

passar as férias naquele mesmo lugar.

No fim, a chuva nem veio. O céu continuou muito cinza, o dia foi perdendo mais seu lugar para a noite, mas nenhuma gota de água caiu naquela tarde. A dona Cida e o senhor Pedro só nos liberaram quando o Joel terminou de responder todas as perguntas que eles fizeram, quando trocaram os números do celular e, por fim, quando o Joel prometeu que passaria na casa deles antes de ir embora para continuar aquela tediosa conversa de pessoas que se conhecem há muito tempo, mas não têm muito em comum.

— Quer dar uma passada na praia? Parece que nem vai chover agora — perguntou ele, enquanto olhávamos o Pedro e Cida indo embora, carregando um monte de sacolas com um monte de bugigangas que vendiam para turistas.

— Pode ser, mas talvez um raio caia na gente — respondi, indo em direção ao carro para guardar as compras — Eles parecem gostar de você.

Ele sorriu o mesmo sorriso de antes, acho que era o que fazia alusão ao passado, às lembranças felizes que ele tinha construído ali naquelas ruazinhas estreitas e sujas de areia.

— Pois é, eles me conheceram quando eu era mais novo. A gente vinha muito para cá antigamente, eu e meus irmãos adorávamos.

— Parece ter sido uma infância meio maluca — comentei.

Entramos no carro e fomos em direção à praia. Todas as lojas e restaurantes tiveram a mesma atitude da dona Cida e foram fechando suas portas. Nas ruas, não tinha ninguém, era como um deserto. Era difícil imaginar uma criança brincando ali sozinha naquela solidão.

— E foi, em época de alta temporada essas ruas ficam lotadas e eles fazem um festival para celebrar a virada do ano que começa uma semana antes do dia 31 de dezembro. É festa para todos os lados e para todo tipo de gente, os mais velhos têm eventos mais calmos durante o dia, os jovens conseguem

beber e se divertir na praia à noite e as criança ficam correndo por aí, porque sempre foi muito seguro, tirando, é claro, o mar e...os tubarões.

De repente, aquelas ruelas cinzas e curvadas ganharam vida. Agora eu conseguia imaginar o pequeno Joel correndo para lá e para cá no meio de um mundaréu de gente, sorrindo, brincando com crianças que provavelmente nem sabia o nome, mas que também não importava, porque o importante era a brincadeira, fosse correr mais rápido entre as pessoas alegres, chutar a bola direto no gol feito com dois chinelos na areia ou montar o castelo de areia e conchas que resistia mais fortemente à próxima onda do mar.

Tivemos que parar o carro e descer em certo ponto. Muitos quiosques cercavam a praia antes que a areia de fato tomasse o lugar dos tijolinhos no chão. Uma calçada enfeitada de estrelas cortava paralelamente toda a faixa de praia e alguns bancos de mármore preenchiam seu espaço, todos virados para o mar, mas nenhum ocupado, mas também, quem seria louco de ir à praia com um tempo daqueles?

— Foi aqui que eu dei o meu primeiro beijo — continuou ele. A praia ficava cada vez mais perto, mas a história que ele contava me fez querer que estivesse mais longe e por isso comecei a andar devagar, para que desse tempo dele contar tudo.

“Quando eu era mais novo, acho que com uns 14 anos, a gente teve que se mudar para cá. Meu pai foi diagnosticado com arritmia cardíaca, então o médico receitou que ele desse um tempo e fosse relaxar, que parasse de trabalhar tanto. Foi nessa época e por causa disso que compramos a casa aqui com todo o dinheiro que tínhamos.

Para ser honesto, eu pensei que seria uma merda. Deixei todos meus amigos para trás para acabar em um lugar onde eu não conhecia ninguém e era literalmente um ovo no fim do mundo. Mas as coisas foram bem diferentes, eu fiz amigos rápido na escola, a Thaís, o Renan, o Lucas e a Gabi, todos

da mesma sala que eu, vieram falar comigo no terceiro dia de aula, porque aparentemente ser o “cara novo” era uma coisa boa aqui. A cidade era pequena, minha mãe estava ocupada com meu pai e meu pai ocupado em manter seu coração funcionando, então eu tinha uma baita liberdade. Encontrava o pessoal quase todos os dias e a vida de um adolescente na praia é divertida, quer dizer, todos os fins de semana vínhamos à praia, ficávamos na areia fumando cigarro roubado dos mercados e bebendo vodca roubada dos nossos pais. Nos dias normais, assim que a aula acabava, saíamos por aí procurando coisas para fazer, geralmente procurávamos algum lugar novo para explorar e, na verdade, acabamos descobrindo uma cachoeira que ninguém mais sabia onde era e que acabou se tornando nosso lugar favorito, onde íamos fazer um monte de idiotice, ouvir nossas músicas ruins e falar merda da vida, pelo menos até que o pai da Gabi descobriu e nos proibiu de ir lá porque “um amigo deles morreu naquele mesmo lugar anos atrás”.

Verdade seja dita, eu tive sorte. Aqui não tinham os mesmos perigos das cidades maiores, sabe, não tinha a chance de ser roubado, o movimento é baixo e todo mundo se conhece, não tem acidentes de carro, ninguém é atropelado, ninguém bate em ninguém, ninguém toma um tiro ou uma facada do nada. É a real representação de sossego, exceto durante o “Festival do Fim”. Eles chamam assim porque o festival começa uma semana antes do dia 31 de dezembro e só termina uma semana depois, atrai turistas do país inteiro que vêm até aqui aproveitar o “fim”.

Durante essas duas semanas, tudo muda, a praia fica cheia de barracas de gente que não quer pagar uma hospedagem ou que simplesmente prefere acampar. Os quiosques ali atrás ficam lotados de pessoas novas, cada um deles tocando um estilo de música diferente e que se fundem em uma sinfonia maluca de estilos e ritmos que raramente combinam entre si. As ruas que acabamos de atravessar se tornam um verdadeiro formigueiro, centenas

de pessoas comprando cerveja das máquinas de chope que ficam nas calçadas, pais comprando besteira para os filhos, esposas comprando camisas floridas para os maridos e crianças correndo para todos os lados. Mas a verdadeira loucura começa quando o sol se põe. As lojas guardam suas mercadorias normais e passam a vender só bebida e petiscos, enfeitam suas fachadas com letreiros brilhantes e a música fica mais agradável. Os jovens literalmente invadem a cidade e fazem uma loucura, gente bebendo e se beijando para todo canto. As tendas na rua são coloridas e uma gritaria começa.

Eu tinha quase quinze anos quando presenciei isso pela primeira vez sozinho, sem supervisão dos meus irmãos ou dos meus pais. Era um mundo novo, a cidade parecia ficar dez vezes maior do que era em dias normais, provavelmente porque o tanto de gente aqui era multiplicado por esse mesmo número. Era mais fácil arranjar bebida porque os vendedores, que eram contratados pelos donos dos comércios, como a dona Cida, não davam conta ou simplesmente não ligavam. Era mais divertido ficar correndo por aí, tinha tanto para se ver e tanto para se ouvir, porque eram rostos que eu nunca tinha visto, vozes que eu nunca tinha ouvido. E foi assim que eu a vi.

Ela estava acompanhada de dois caras mais velhos, que mais tarde eu soube que eram seus irmãos, e estava na cara que queria fugir deles. Ela olhava ansiosa para os lados, esperando o momento em que teria liberdade para experimentar tudo aquilo. Giovana era o nome dela, se é isso que está se perguntando, e tinha cabelos enrolados e loiros, olhos verde-escuros e uma pele morena que me encantou. Claro que não tive coragem de falar com ela, mas quando a madrugada chegava, o destino de todo mundo acabava sendo o mesmo: a praia e o mar.

Eu a vi três vezes pela cidade e nas três vezes nossos olhares se cruzaram e nós sorrimos. Ela e os irmãos ficaram andando por aí comprando bebida, comida e algumas lembranças mais bobas que os comerciantes usavam para

tirar dinheiro dos turistas. Mas quando a madrugada caiu e as ruas começaram a ficar mais vazias, a praia ganhou destaque e eu sabia que iria encontrá-la uma quarta vez por lá, quer dizer, se já tinha acontecido três vezes, então mais uma não ia custar nada ao destino.

Meus amigos e eu ficamos sentados onde sempre ficávamos, num canto mais longe, perto de um grande morro que, se tivesse coragem, podia subir. Era bem onde a água vinha calma, quase sem ondas, onde dava para acender uma fogueira e ouvir uma música suave, longe da barulheira.

— Ei, tudo bem se eu ficar aqui com vocês? — perguntou ela, levando sua voz doce e tímida aos meus ouvidos pela primeira vez — Eu meio que me perdi dos meus irmãos e estou com frio.

Meus amigos sorriram, todo mundo já estava meio bêbado, então concordaram em deixar ela sentar ali com a gente, contanto que enchesse o copo de todo mundo. Ela se sentou do outro lado da fogueira, bem onde eu podia encarar seus olhos, que refletiam o fogo que havíamos acendido.

— Então, você é nova aqui? — perguntou uma das minhas amigas.

— Mais ou menos, sim, meus irmãos sempre vieram e desta vez conseguiram convencer meus pais a me deixarem vir também... O problema é que eles conhecem todo mundo e eu não, mas acho que tudo bem.

— Bom, não seja por isso! Eu sou a Thaís, aquele de touca é o Lucas, o de cabelo grande é o Renan, aquela é a Gabi e aquele que não para de te encarar é o Joel — todos riram e eu também ri, mas acho que fiquei meio vermelho — Ele é meio novo aqui também — completou ela, sorrindo.

Entre as chamadas, vi o sorriso dela.

— Bom... Eu sou a Giovana — se apresentou, sorrindo um riso que acalmava como uma onda do mar.

— Então, Giovana, você bebe alguma coisa? Temos cerveja, vodca e água, caso não queria tomar nada alcoólico,

e prometo que não é água do mar, essa a gente deixou reservada para o Joel — ofereceu o Renan, o mais velho de nós, chutando a caixa térmica para perto dela e lembrando da primeira vez que saí com eles, quando me deram uma garrafa de água do mar para tomar porque me neguei a beber a caipirinha que tinham feito.

— Acho que aceito uma cerveja.

— Boa escolha — elogiei na primeira troca de palavras que tivemos, ela me encarou e sorriu de novo.

— Então, o que está achando daqui, Giovana? — continuou a Thaís, que adorava gente nova, foi ela quem veio falar comigo nos primeiros dias de aula na escola.

— Chato, eu não gosto desse monte de gente, parece que realmente o mundo vai acabar — ela sorriu e ganhou nosso apreço, afinal, nenhum de nós gostava muito daquele tumulto todo que só trazia de proveito a facilidade em conseguir bebida.

— Então, bem-vinda ao grupo. Vai ficar aqui até que dia?

— Hoje é o último, na verdade, temos que voltar antes do dia 31 e passar a virada com nossos pais.

— Ah, mas que pena, Giovana! — dissemos todos juntos e ela sorriu mais uma vez.

— Você gosta de nadar? — perguntou o Renan, que já estava se levantando e tirando a camisa — Porque já está na hora.

— Não muito, na verdade, prefiro a areia.

— Então você pode ficar aí fazendo companhia ao Joel — então, o Renan foi, depois a Thaís, depois o Lucas e a Gabi, deixando nós dois ali.

Ficamos olhando todos eles entrarem no mar. As águas estavam calmas como raramente ficavam, a lua era um ganchinho reluzente no céu que iluminou nossos rostos quando demos risada do Renan derrubando a Gabi.

— É difícil ser o cara novo, né? Minha família costuma

mudar de cidade umas duas vezes no ano, mas nunca vamos parar em algum lugar legal — começou ela. Eu nem acreditei que aquilo estava de fato acontecendo, que ela estava mesmo conversando comigo.

Meio sem saber como lidar, peguei um graveto e comecei a cutucar a fogueira para disfarçar o tempo que levei pensando em uma resposta. O que eu deveria responder? Se fosse muito chato, ela poderia levantar e ir embora. Se fosse legal demais, ela poderia me achar falso, levantar-se e ir embora. Então, decidi pelo meio termo, ser eu mesmo, talvez com uma pitada de Thaís.

— Geralmente acho que sim, ninguém gosta do cara novo, mesmo que ele possa ser legal, mas aqui é diferente, esses caras — respondi, apontando para os malucos que corriam e brincavam na água — me receberam muito bem. Na primeira semana, já tinham ido na minha casa, então me acostumei rápido.

Ela sorriu mais uma vez e, por entre as chamas dançantes, eu me encantei por aquele sorriso, seu rosto refletindo o alaranjado do fogo era simplesmente lindo de se ver, parecia ser pintado, um quadro, mas muito mais vivo.

— Eu gostaria de ficar por aqui, de ter essa sorte que você teve, mas já sei que neste próximo ano vou mudar mais uma vez e parece que não tem lugar para mim — ela bebeu um grande gole da cerveja, amassou a latinha, jogou na sacola de lixo e abriu outra — Além disso, eu nunca encontrei pessoas amigáveis assim, todos nos colégios novos são horríveis comigo. Demoro meses para fazer uma amizade e, quando faço, tenho que me mudar. Fora isso, deve ser incrível morar na praia.

Ela era um mundo inteiro e eu só um menino meio idiota de 15 anos. Ela era mar e eu só a praia.

— Pessoas são uma merda, mas acho que deve ter seu lado positivo em estar sempre se mudando, você conhece um monte de lugares e pessoas... E, aliás, morar na praia não

é grande coisa, fica chato depois de um tempo, as pessoas superestimam o oceano, é meio assustador se parar pra pensar.

— Não parece que eles estão muito assustados — sorriu ela, encarando o Renan, a Gabi, o Lucas e a Thaís, que corriam e nadavam na água logo à nossa frente, o som dos risos deles rimava com o barulho das ondas e da festa lá longe.

— É, eu estava mentindo, o mar é incrível.

Ela riu, fazendo com que eu me sentisse vitorioso.

— Eu não gosto muito de água, prefiro o céu — ela olhou para cima quando disse isso.

Acho que eu nunca tinha parado para ver o céu. Quer dizer, para quê? O que poderia ter de tão interessante lá em cima? Isso era coisa de gente louca, ou de gente que tentava desvendar nas estrelas um futuro que jamais aconteceria. Mas, naquele instante, quando ela o fez, eu precisei fazer também.

E lá estava. Era uma noite escura ao extremo, como quando você acorda no meio da noite sem saber onde está, ou quando respira fundo para se acalmar, ou ainda quando toma um susto e fecha os olhos achando que morreu. De repente, a primeira estrela apareceu, cintilante como os olhos dela ao refletir as chamas da fogueira. Depois a segunda, a terceira, a quarta, a quinta, a sexta.

— Não adianta tentar contar, se é isso que está fazendo — adiantou-se, quase adivinhando o que eu fazia — elas são infinitas.

— Trezentas e quarenta duas mil — respondi sorrindo e ela riu também. Mas não era um riso distante, e sim um riso que me lembrou as ondas do mar, calmo, que vêm suave e batem em você de um jeito tão sereno, mas com um enorme potencial de causar transformações.

— Acho que é por aí — continuou, enquanto seus olhos seguiam admirando o céu escuro e de estrelas repetidas.

— Eu não gosto muito do céu — fui sincero, afinal, ela

também estava sendo comigo.

— Por que não?

— Prefiro o mar, está mais perto da gente.

Ela desviou o olhar e me encarou, desta vez carregava curiosidade. Era incrível como aqueles olhos verdes conseguiam expressar tudo que ela pensava e sentia. Imaginei que ela fosse incapaz de mentir, que só conseguisse enganar alguém que não soubesse ler seu olhar, que era profundo como o céu acima de nós.

— Então vamos lá — ela se levantou tão repentinamente que me assustou, pegou mais duas cervejas, deu a volta lentamente na fogueira, que já ia se apagando, e veio até mim estendendo sua mão.

— Não está mais com frio? — perguntei, antes de segurar sua mão.

— Eu estou, mas você mesmo disse que o mar está mais perto, então vamos aproveitá-lo — ela segurou firme minha mão quando elas se tocaram e me puxou para perto. Nossos corpos ficaram frente a frente e eu podia sentir o seu calor, um avanço e pude sentir o coração também. Com um abraço, pude sentir a alma e, em uma troca de olhares, pude sentir os lábios. E nada mais importava, nem que o céu caísse, nem que tivesse só mais uma estrela lá no alto, nem que todas elas brilhassem feito um farol. O mundo se resumiu, por alguns instantes que me pareceram um ano inteiro, a nós dois. O calor da fogueira não era nada comparado ao calor do nosso beijo.

Nos separamos, sorrimos um para o outro e, de mãos dadas, fomos para o mar.

— Vocês não deviam beber no mar, pode atrair algum tubarão — brincou Renan, logo quando tocamos a parte mais rasa, onde a água chegava só até nossos tornozelos.

— Neste caso — gritou Gabi, que ia correndo até a fogueira — Devíamos todos fazer isso, sabe, para confundirlos.

A água do mar estava fria, mas, depois de um tempo,

a gente se acostumou, talvez tenha sido o calor da bebida e de nossas mãos que não se soltaram que nos aqueceu. O céu continuava lá em cima, como deveria ser, mas as estrelas mais brilhantes estavam ali na terra, ou melhor, no mar.”

Ele mexeu na sua camisa e tirou um colar de dentro, era um cordão preto que prendia um pingente amarelo em formato de onda do mar.

— Eu ainda guardo esse colar que ela me deu antes de ir embora — disse ele, sorrindo. Seus olhos brilhavam ao lembrar de um passado distante.

Eu conseguia imaginar os dois correndo de mãos dadas, ali naquele mesmo lugar, sentados naquela mesma areia. Era bonito de se ver que ele tinha guardado aquele colar esse tempo todo, mas o Joel era assim.

— Romântico... Para quem tinha medo do mar, beijar uma sereia é meio contraditório — brinquei, bem na hora em que começamos a pisar nos primeiros grãos de areia molhada. A praia era bonita mesmo com aquele tempo nublado. Estava completamente vazia e estaria completamente silenciosa se não fosse o barulho das ondas, que estavam mais calmas do que imaginei.

— Às vezes, me pergunto onde ela está... Quer dizer, ela foi meu primeiro beijo e eu nunca mais a vi.

— Um amor perdido, aposto que ela se tornou médica e que quando vai à praia se lembra de você. A gente nunca reencontra essas pessoas, mas eu também fico imaginando isso.

— É, ela tinha jeito de médica.

— E o resto dos seus amigos?

O olhar dele se fixou em mim, tinha um pouco de medo ali.

— Passaram. Vieram e foram.

— Como as ondas.

— É. E qual a sua história? Do seu primeiro beijo? Eu ri para mim mesmo.

— Nada especial como no seu caso, só uma garota aleatória em uma festa aleatória, acho que a única coisa em comum seria a cerveja...

— Ah, qual é, Edu, e seu primeiro amor? Como foi?

— Não era no meu primeiro amor que você deveria estar pensando, e sim no seu último.

Ele sorriu, se sentou na areia e tirou o tênis.

— Eu estou sempre pensando nela, mas estar aqui me traz essas lembranças da juventude... Faz tanto tempo...

— Você fala como um velho — brinquei, sentando-me ao lado dele. A areia era clara, fofa e levemente gelada. Era bom finalmente estar sentindo a brisa do mar.

— Talvez você encontre o grande amor da sua vida... Eu vou te ajudar com isso.

— Boa sorte — desejei com a maior sinceridade.

As ondas do oceano vinham com calma e quase chegavam na gente.

— É sério, o amor é o melhor remédio, eu vou ajudar você a encontrá-lo.

— Tudo bem.

— Eu estou falando sério.

— Tudo bem, Joel, eu acredito em você.

Ele sorriu e ficou encarando o horizonte de nuvens carregadas.

— Você sente falta dela? — ele perguntou. Ele sabia que eu não gostava de falar daquele assunto, mas eu podia sentir a vontade dele em querer saber mais pulsando.

— Sabe aquilo que nos falam, que com o tempo as coisas mudam? Que depois de uns anos você para de lembrar tanto, de sofrer tanto e começa a desmanchar os detalhes da pessoa que costumava encher o teu dia? É mentira. Eu lembro dela todos os dias, desde o primeiro dia até hoje, até agora, até neste instante. Já se passaram quatro anos e eu ainda lembro como se tudo tivesse acontecido há uma hora atrás, da primeira vez que a encontrei, do nervoso, das idiotices que falávamos para

não deixar o silêncio tomar conta, do jeito que ela me olhava e que segurava o meu rosto quando nos beijávamos. Eu me lembro de tudo, da cor dos olhos, do cheiro, do cabelo que minha mão adorava fazer carinho — não era um desabafo que eu queria ter feito, mas acho que ele sabia que era o que eu precisava fazer.

— Essa coisa de tempo é meio mentirosa — disse ele, enquanto seus pés afundavam na areia — Acho bom que não esqueça, isso quer dizer que valeu a pena — ele não tinha medo nenhum em dizer o que queria, o que pensava.

— Acho que sim — abri um sorriso e me levantei — Quer chegar mais perto do mar?

— Não sei não, estou ficando com fome e dizem para nunca ir ao mar com fome. O que a gente vai jantar? — perguntou ele.

— Você inventou isso porque tá com medo da água — conclui. Ele não negou e nem se levantou, mas estendi a mão para que ele segurasse — E eu também estou com fome, mas é melhor esperar a Lúcia e o Caio chegarem, sabe como eles ficam quando não comemos juntos.

— Eles só vão chegar mais à noite, acho que vamos ter que nos virar — respondeu, encarando minha mão e imaginando se deveria segurar e chegar mais perto do mar, onde as ondas agitadas pela tempestade lhe traziam lembranças.

— Podemos pescar, apesar do tempo — sugeri, apesar de não estar realmente considerando pescar, enquanto fazia força e o levantava.

— Eu odeio peixe.

— Ah, para Joel, você até beijou uma sereia, vai me dizer que é por causa disso?

Ele riu mais uma vez, sua risada era tranquila, como quem não tinha mais nenhuma preocupação.

— Hmm, talvez a gente consiga fazer uma torta... — pensou ele, enquanto caminhávamos para mais perto do mar. Dava um pouco de medo ver aquela água toda se amontoando

e se jogando contra nós, aquela nuvem cinza como se tivesse saído de um vulcão. Mas também era divertido, no fim, o ditado da mãe dele estava certo: parecia que todas nossas preocupações tinham ficado para trás e agora o maior problema que tínhamos era decidir o que iríamos jantar. Essa sensação era muito boa, era literalmente férias e nos ajudou a perceber que nenhuma preocupação valia nossa saúde mental, e que sempre haverá uma praia cujas areias ajudarão a levar seu medo embora.

— De frango? — perguntei, parando bem onde a água chegava com força nos nossos pés.

— Sim.

— Pois é, Joel, e onde a gente vai achar um frango na praia?

— Não sei, talvez tenha na padaria — não fazia muito sentido ter um frango na padaria, mas como o mercado ficava muito longe e provavelmente já tinha fechado, a ideia do Joel era boa.

— Acha melhor ir agora? Talvez eles fechem também e a gente precise ir naquela outra cidadezinha que passamos... — sugeri.

— Não...Vamos depois, agora eu quero ficar aqui — ele estava encarando fixamente o horizonte, como se estivesse hipnotizado. Não que desse para ver muita coisa, o temporal se formava alguns metros adentro do oceano e o vento frio zunia cada vez mais forte. No meio das nuvens cinzas e escuras, alguns raios atravessavam o céu.

— Tudo bem.

Não dava para ver o sol, mas dava para ver um pouco do seu brilho, por trás das nuvens densas, que ia sendo engolido pelo mar lá longe, lançando na paisagem um tom escuro, acinzentado e tempestuoso. Era uma das coisas mais bonitas de se ver: tudo ficava naquele tom frio, algumas nuvens ficavam mais claras que as outras e se estendiam até quase tocarem a água, sinalizando nuvens de tempestade forte. Não

era uma imagem que a maioria das pessoas consideraria bonita, ou ideal, para a praia. Mas para nós era lindo, principalmente porque estávamos na companhia um do outro.

— O que foi? — perguntei, quando percebi que ele estava quieto por tempo demais, acho que perdido.

— Estou feliz por estar aqui, é tão bonito... Não queria voltar para lá...

— É mesmo... Eu poderia ficar horas olhando para aquelas nuvens, para o mar, que não enjoaria. Talvez daqui uns anos, quando tiver sua própria fábrica de etiqueta a gente possa morar aqui perto — respondi, sabendo que não era o lugar que o incomodava.

Ficamos um bom tempo ali, olhando a tempestade se aproximar como um animal se preparando para dar o bote.

— Talvez... Ou talvez seu próximo livro venda bem de novo, aí a gente vira surfista.

— Nunca que um de nós conseguiria ficar em cima de uma prancha, além disso, não tenho nenhuma história nova até agora.

— Tenho certeza que sua mente vai pensar em algo. Agora é melhor a gente ir atrás do frango antes que um raio caia na gente.

Nós nunca mais voltamos naquela praia, na verdade, eu nunca mais consegui ir à praia alguma. Nossa promessa acabou se quebrando, talvez como uma melancólica ironia do destino. Hoje em dia, eu queria poder ter ficado mais tempo lá, ter ficado sem comer e aproveitado a noite toda. Esperar o sol nascer e depois se pôr novamente, ver o dia passar, assistir todas as ondas se quebrarem, sentir o mar avançar até cobrir nossos pescoços e depois recuar. Queria ter ficado mais tempo conversando com o Joel. Se eu soubesse que aquela seria a última vez, não teria dado a ideia do frango, teria perguntado mais coisas sobre o dia do festival em que ele conheceu a menina sereia, iria querer saber sobre as outras vezes em que ele passou ali, iria perguntar se ele queria dar um mergulho, se

queria tentar encontrar algum golfinho, se já teve vontade de substituir os prédios pelas ondas de água do mar e morar por ali comigo. Mas não fiz nada disso, simplesmente o segui quando a noite já era nossa companheira... Não muito depois, o Joel foi embora, me deixou para trás; e a tempestade me alcançou.

Cartas ao Joel

"Eu me lembro do dia em que você chegou lá em casa. Lembro da mamãe e do papai ansiosos por adotarem uma criança tão pequena e, meu deus, Joel, como a gente esperou sua chegada. Eles não avisaram a gente quando você viria, simplesmente saíram de manhã bem cedo dizendo que estavam indo buscar nosso novo irmão. Tomamos café, almoçamos e passamos a tarde inteira esperando, sem nenhuma notícia. Parece pouco tempo, mas para nós foi uma eternidade.

Eu fui a primeira que eles escolheram, sabe, quando eu conheci aqueles dois eu também conheci o amor. Passei tantos anos no orfanato que perdi as contas, era segundo após segundo, dia após dia, semana após semana. Ninguém parecia me querer, eu não tinha uma casa de verdade, ninguém me queria, estava literalmente sozinha no mundo. Não tinha como fazer muita amizade naquele orfanato. Não era um lugar feliz e legal, todas as crianças são tristes e estão sempre indo e vindo, todas menos eu, que tinha chegado e permanecido. Eu via todos recebendo uma família, conhecendo o amor. Esqueci o que era ter pais, esqueci até o que era ter o próprio quarto (se é que eu, de fato, já tive alguma dessas coisas antes), esqueci o que era ser eu. Quinze anos, essa era a idade que eu tinha. Eu já havia aceitado que ficaria naquele lugar até os dezoito, quando seria obrigada a sair e fazer sei lá o quê pelo mundo.

Eu me lembro do dia que eles vieram. Eu já não conseguia mais sorrir para agradar, foram tantas as vezes que fui simpática, que fui o mais doce possível, que nem sei, acabei me perdendo. Depois de ser negada tantas vezes, você só quer ser deixada em paz, teu peito não cultivava mais esperança.

Não tinha nada demais naquela quarta-feira, era uma manhã melancólica naquele orfanato acinzentado quando eles vieram e me conheceram. Não teve mágica nenhuma, me perguntaram as coisas mais básicas, que todo mundo perguntava, e eu tinha certeza de que jamais os veria novamente. Mas me enganei. Eles voltaram no dia seguinte, e no outro, e no outro, até que duas semanas depois me levaram e me deram uma casa, exatamente como fizeram com você. Com o tempo, eu fui esquecendo, o solo do meu coração foi ficando mais fértil, logo o amor brotou e era grande... Aí, vieram nossos irmãos, o Danilo era mais velho, tinha dezesseis anos quando chegou lá e o Gabriel, bom, você o conhece, sempre quieto num canto. Mas todos nós nos tornamos uma família, tentamos esquecer o que tínhamos passado, mesmo que no fundo soubéssemos que seria impossível. Nos conhecemos, aprendemos juntos o que era amar. Aí veio o quarto, você.

Era quase um bebê, tinha acabado de completar quatro anos quando entrou pela porta da nossa casa naquela noite. Ah, que sorte você tinha! Cresceria conhecendo somente o amor, sem ter que passar por nada que nós tínhamos passado. No dia em que eles assinaram os documentos, quando vi seus olhinhos castanhos pela primeira vez, eu prometi a mim mesma que nunca deixaria nada de mal te acontecer. Aquela carinha de quem não sabe o que está acontecendo, o medo já crescia em alguém tão novo... Eu não ia permitir que você sofresse.

Ajudei nossos pais a pintar seu quarto, a comprar a cama e os brinquedos, tudo para te fazer se sentir em casa. Mas, mesmo tão novo, você já carregava marcas pesadas demais, não é? Eu me lembro das primeiras quatro noites. Você esperava a mamãe ir dormir, fingia que já tinha caído no sono, mas eu ouvia você andando pelo quarto chorando, assustado, porque eu também tinha feito tudo isso.

Lembro de ter ido até seu quarto no meio de uma daquelas noites frias de inverno e te encontrar sentado

no tapete vermelho que eu tinha escolhido. Encontrei um garotinho perdido, encarando a caixa de brinquedos que o Danilo havia te dado sem coragem de pegar nenhum, afinal, como alguém que até agora tinha compartilhado tudo ao seu redor poderia agir diante de tantas coisas que agora eram somente suas?

Você não falava muito, o que era normal de acordo com os psicólogos que a mamãe tinha consultado. Mas eu não precisava de palavras para saber o que se passava na sua cabeça, os seus olhos castanhos e assustados me diziam tudo que eu precisava saber.

— Não precisa ficar com medo — sussurrei. Acho que foram as primeiras palavras que você ouviu de mim. Suas mãos não tremiam, mas eram tão pequenas que pareciam que iam quebrar se tocasse em algum daqueles brinquedos. Eu abri a porta e entrei devagar pra não te assustar — pode brincar com o que você quiser, são seus agora.

Por alguns instantes, você me encarou e acho que foi ali que nossas almas se encontraram. Você se levantou lentamente, quase se desequilibrando e caindo, andou devagarzinho até a caixa de brinquedos, olhou lá dentro e encarou todo aquele mundo de fantasia que agora era só seu.

— Esse — foi a primeira vez que eu ouvi sua voz. Meu coração deu um pulo de surpresa e de amor, meus olhos se encheram de lágrimas. É meio besta sabe, você tinha acabado de chegar e eu tinha acabado de conhecer você, então como eu já podia me importar tanto? Você me olhava ansioso, como se esperasse minha permissão.

— Esse era meu favorito — o Danilo entrou no quarto. Você se assustou um pouco, deixou o boneco cair no chão e fez uma cara de culpado, como se estivesse fazendo algo muito errado — Calma, não precisa ter medo, agora é seu, sou grande demais para brincar com isso de qualquer jeito... — ele foi até o brinquedo, um boneco, pegou e te ofereceu.

Vocês se encararam por um tempo e eu vi sua mãozinha

trêmula travar uma guerra contra o medo enquanto pegava o boneco que lhe foi oferecido, meio sem entender o que estava acontecendo ali. Imagino que ninguém nunca tinha te dado alguma coisa antes. Seus olhos encararam os do Danilo, ele seria seu irmão mais velho dali em diante, mas, naquele dia, não dava para imaginar quantas vezes vocês jogariam bola no fim da tarde, quantas vocês brigariam para ver quem ia tomar banho primeiro.

— O nome real dele é Peter Parker, mas acho que você o conhece como... — continuou Danilo, eu nunca tinha visto ele falar daquele jeito, era engraçado.

— Aranha — você murmurou antes que ele terminasse, e nós rimos.

— Isso, Homem-Aranha, mas não conte para ninguém, é meio segredo — completou nosso irmão, que já havia se sentado ao meu lado, ansioso para te conhecer.

Você sorriu. Foi como um broto, era pequeno, uma luz de vela na escuridão da noite, um rascunho tímido, mas ainda assim foi um sorriso seu e, Joel, como ele era lindo, como aqueceu meu coração.

Nós passamos a noite inteira acordados te apresentando os outros brinquedos da caixa e logo você já não tremia mais, já não nos olhava com suspeita, teu riso foi crescendo, regado pelo nosso amor e, em uma única noite, ele floresceu, tinha som, brilho e felicidade. Eu sabia que a mamãe e o papai passavam no corredor toda hora para saber o que estava acontecendo, mas eles não nos interromperam em nenhum momento, mesmo que no dia seguinte tivesse aula de manhã e que fosse melhor você descansar depois de tanta mudança na sua vida. Os dois deixaram a gente em paz, deixaram aquele nosso encontro noturno em segredo e foi nele que nasceu nosso laço de amor.

Eu vi você crescer e como foi rápido. Lembro de como gostava de pão frito e café quente sem açúcar antes de ir para a escola. A mamãe achava ruim, dizia que não era saudável

alguém tão novo tomar café, mas eu sempre colocava escondido na sua caneca. Lembro do seu primeiro dia de aula e de como você estava assustado, quase chorando, fui eu quem te levou, lembra? Você segurou forte minha mão, de um jeito que nunca tinha segurado antes, e eu, claro, que tive que soltar, mas que aperto. No segundo dia, você não apertou tão forte, mas ainda tinha um pouco de medo nos olhos, o mesmo medo que eu vi no seu primeiro dia naquele quarto. Na segunda semana, já não havia mais lágrimas e, passado um mês, você nem olhava para trás quando se despedia. Lembro dos primeiros amigos que você trouxe para casa, de você brincando na rua e das noites em que você ia dormir na casa deles e me ligava chorando querendo que eu fosse te buscar, mas isso foi ficando cada vez mais raro. Lembro de quando a tristeza batia e você aparecia na porta do meu quarto com seu boneco do Homem-Aranha e sua coberta vermelha pedindo para dormir comigo. Eu me lembro de tudo. Mas você cresceu, né? Como foi rápido e como você ficou bonito! Não demorou muito e, ao invés de te levar só para escola, eu também te levava para festas, aliás não só levava, às vezes, você me ligava bêbado no meio da madrugada e eu tinha que ir lá te buscar, torcendo para que não vomitasse no meu carro. Chegávamos em casa no maior silêncio para não acordar ninguém e eu sempre levava algo doce para você comer e melhorar.

Quando eu me mudei, você foi o primeiro a ir me visitar e a ver minha casa nova, a fazer amizade com o meu marido, a opinar em como deveríamos mobiliar nossa sala e cozinha. Era sempre você quem aparecia lá em casa do nada, sem motivo aparente, sem convite, sem data especial. E era para você que eu ligava quando algo acontecia, fosse bom ou ruim.

Eu vi você chegando, vi você ficando e, agora, estou vendo você partir.

Dizem que o tempo não volta mais, mas não acho que seja completamente verdade. Faço desta carta nossa

máquina do tempo e que seja um convite para que você volte e lembre todos esses pequenos momentos que nos uniu e deu um nó em nosso amor. Porque eu me lembro de tudo, nunca me esqueci, lembra que esse é o meu super poder, a memória? Então eu coleciono muitos momentos.

Lembra quando o Gabriel te ensinou a fazer bolo? Você estava prestes a completar onze anos, a mamãe e o papai tinham ido viajar e não iam conseguir chegar a tempo, então tudo ficou por nossa conta. Na nossa maldade, te dissemos que só faríamos uma festa se você fizesse o próprio bolo sozinho. Você chorou a semana inteira, porque nem o fogão sabia ligar, mas, na sexta à noite, o Gabriel sentiu pena de você e eu vi vocês dois passando a noite toda acordados fazendo aquele bolo. Você se sujou, sujou a cozinha e sujou o coitado do Gabriel, que tinha que trabalhar cedo no outro dia, mas conseguiram.

No sábado à tarde, lá estava a festa armada, seus amigos, a comida e o bolo que você mesmo tinha feito e exibiu com orgulho para todos. Claro que estava horrível e por pouco não tinha queimado, aliás, por muito pouco ele não se tornou incomível. Mas ninguém reclamou, todo mundo comeu um pedaço e, mesmo com cara feia, todo mundo disse que gostou. Você melhorou e, no ano seguinte, o bolo não estava nem um pouco queimado, no outro, tinha uma cobertura incrível e, dali em diante, se tornou a coisa que a gente mais esperava dos seus aniversários. A mamãe e o papai nunca suspeitaram do que a gente fez e acho que se tivessem descoberto teriam nos xingado por semanas, mas foi divertido, é algo que eu vou sempre me lembrar e vou sempre reviver como meu irmão mais novo se tornou um cozinheiro melhor que eu.

Se eu pudesse, te daria todos os meus dias e morreria no seu lugar, ficaria naquela cama deitada e sofreria por você, faria todos os bolos do mundo se isso fosse te salvar. Se eu pudesse, voltaria para o dia que te entregamos aquele boneco, eu te abraçaria por horas, porque não pude fazer

isso sem ter a chance de te passar uma infecção que pioraria ainda mais o seu estado de saúde. Me dói te ver partir.

Então, nos resta lembrar. Acho que não vamos ter mais tempo de construir momentos bons, mas acho que a minha coleção está cheia, eu tive mais momentos felizes durante nosso tempo juntos do que algumas pessoas têm durante a vida inteira e isso é graças a você. Então, Joel, esta carta não é só para lembranças, também é um agradecimento, pois sem você minha vida teria sido muito menos feliz e bem mais carente de amor. Então, obrigada. Não acho que vamos demorar muito para nos reencontrar. Sangue é um laço fraco que não une ninguém, mas o amor, ah, o amor é diferente, é uma coisa que vai nos manter juntos por toda a eternidade, independente do que venha depois, seja céu, inferno, jardim, reencarnação, santuário, planeta mágico. Nós sempre estaremos unidos.

Você já não está mais aqui e me dói um pouco escrever esta carta porque eu sinto muito sua falta. Às vezes, quando o telefone toca de manhã e eu ainda estou tomando café, eu espero ouvir sua voz. Tem gente que vai pensar que eu sou maluca por escrever uma carta para alguém morto, mas acho que você vai conseguir ler e sentir um pouco do afeto que coloco nessas palavras.

Você é meu irmão mais novo, não faz muito sentido você partir antes, mas acho que a vida não tem muito de sentido, né. Para mim, você vai sempre ser aquele garotinho de olhos castanhos e assustados, que vestia aquela camisa vermelha do Homem-Aranha e que brincava naquele lugar que a mamãe nos levava. Eu ainda posso sentir teu toque medroso na minha mão, ainda lembro do molhado das tuas lágrimas quando eu tinha que secá-las, e hoje não te tenho mais aqui para secar as minhas.

*De sua eterna irmã,
Amanda"*

“Tem gente de todo o tipo no mundo, mas eu tenho mais pena daquelas que não aprendem. Eu tinha só dez anos quando meus pais morreram num acidente de carro, nada bonito de se ver, de se ouvir, ou de se lembrar. Eu não fui para um daqueles orfanatos horríveis que todas as crianças adotadas têm na sua história, na verdade, eu fui para um que, de certa forma, era melhor do que a casa onde eu vivia. Eu dividi meu quarto com o cara que se tornou meu melhor amigo, tínhamos um grande espaço, brinquedos à beça e nossos amigos estavam na porta ao lado, era como um mundo mágico. Eu assistia aulas, comia, brincava e dormia com eles. Era tudo muito feliz. As paredes eram coloridas, o pessoal que cuidava da gente era sorridente e sempre nos levava para passear pela cidade. Mas conforme a gente vai crescendo, as paredes coloridas não conseguem mais disfarçar. Demora, Joel, como demora, porque quanto mais bonito é o jardim, mais difícil é de se encontrar a praga. Mas ela está lá.

Eu assisti as outras crianças indo embora e eu ficando, mas isso não era um problema, não é como se meus pais tivessem me abandonado ali por vontade própria, sumido, me largado ou se arrependido, eles simplesmente foram cortados, levados de mim. Eu tentava usar isso como um pensamento positivo, como um motivo para seguir em frente, mas foi minha queda.

Eu enfrentei a morte cedo na vida, mesmo sem nem saber o que ela era ou o que era viver e, agora, enfrento-a de novo. Não ficou mais fácil, Joel, nem um pouco, na real, acho que só ficou mais difícil. Foi difícil te ver partir, mas lembro que foi tão fácil te ver chegar.

Eu fui o primeiro a saber que o papai e a mamãe queriam adotar outra criança e, Joel, você não sabe como eu fiquei feliz. Eu tinha dezesseis anos quando eles apareceram no orfanato, sentaram comigo num gramado comprido, cercado de árvores e pássaros, sorriram para mim e, de repente, eu soube que tinha achado a cor do meu coração. Eles me

levaram na semana seguinte, e eu conheci a Amanda, depois Gabriel e por último... Você.

Eu ouvi os dois conversando uma noite, queriam que fosse surpresa, mas dava para notar o jeito que sorriam demais, que faziam tudo felizes demais, que paravam de conversar quando a gente chegava perto. Tinha algo errado e só tinha uma coisa que os deixava felizes daquele jeito. Em uma tarde, quando os dois estavam lá nos fundos plantando a grama, eu fui até o quarto, abri a terceira gaveta da cômoda e encontrei os documentos:

“Henrique Fonseca” Esse era o seu nome.

Eles descobriram naquela mesma noite que eu tinha ido no quarto deles, porque eu chorei, Joel, e minhas lágrimas mancharam o papel e borraram o seu antigo nome.

— Não conte para seus irmãos, é uma surpresa — murmurou a mamãe, deitada do meu lado na cama — E não diga a seu pai, mas estou muito feliz que você tenha descoberto, não aguentava mais guardar esse segredo!

— Como ele é? — perguntei, encarando o teto escuro. Estava bem tarde, ninguém mais estava acordado além de nós dois. Uma silhueta de uma criança surgia na minha cabeça, quantos anos será que você tinha? Pelo que tinha passado? Qual a cor dos seus olhos?

— É lindo. Tem olhos castanhos que me encantaram no momento em que o vi. Tem só quatro aninhos, acredita?

Eu sentia o aperto da mão dela, a mesma mão que me salvou estava suada, tremia, porque estava nervosa. Ela tentava disfarçar, mas estava muito ansiosa pela sua chegada, dava para perceber em seus olhos quando acordava, no gosto adocicado demais do café, na pincelada forte demais da parede do quarto novo que está reformando para “ser um escritório”.

— Qual... Qual a história dele?

A tremedeira deu uma parada e ela respirou

profundamente.

— A mãe não conseguia manter uma criança. Morava em outra cidade por causa da faculdade e acabou engravidando, escondeu a gestação, mas não teve coragem de abortar e quando ele nasceu, bem, simplesmente o deixou lá na porta daquele orfanato horrível. Mas isso não importa mais.

Tinha muito sentimento na voz da mamãe naquela noite, tantos que eu nem conseguia distinguir algum para te descrever.

— O nome Henrique foi ela quem deu?

— Sim.

— Precisamos pensar em um novo.

— É claro, o que sugere?

— Não pensou em nenhum?

— Pensei, mas quando estava pensando no seu eu escolhi Renâncio e desde então seu pai não me deixa mais escolher os nomes.

— Credo mãe, ainda bem que sempre gostei do meu Danilo...

— Você teve sorte, porque seu pai queria pôr Rubens Segundo.

— Se tivesse me dito isso no dia em que nos conhecemos, acho que eu ficaria por lá mesmo.

— Então que nome você sugere?

— Hmm... Quando eu estava no orfanato eu tinha um amigo, sabe, um que dormia no mesmo quarto que eu. Nunca encontrei ele de novo, mas era um cara legal, já estava lá quando eu cheguei. Ficamos juntos por quatro anos, até ele ser adotado. Ele se chamava Joel. O que acha?

Ela riu.

— Joel... Bom, espero que ele seja seu amigo também, pois assim será.

A mamãe costumava dizer que cada um de nós tinha um super poder e o meu era a generosidade, lembra?

Quando soube o dia que você ia chegar, a mamãe pediu para que eu desse alguns brinquedos para você. Eu dei todos. Aliás, não dei só os meus, mas conversei com alguns amigos do colégio e juntamos uma daquelas caixas enormes de brinquedos para você.

Quando eu te vi pela primeira vez, eu soube o que era amar. E agora, que você partiu, eu sei o que é perder.

Eu achei que já sabia o que era te perder, lembra do dia que você soube que teria que mudar para outra cidade por causa da faculdade?

Você veio até a porta da minha casa antes do dia amanhecer e me ligou ao invés de tocar a campainha, como sempre fazia quando estava mal.

— Eu não sei se quero ir — tinha nervosismo na sua voz, na sua postura, em tudo, você se encolhia trêmulo no casaco.

Eu me sentei ao seu lado naquela calçada escondida pela madrugada fria.

— Qual o problema? Não é o que sempre quis?

Você se sentou perto de mim, tão perto que eu conseguia ouvir seu coração batendo rápido e conseguia ver seus olhos castanhos cercados por uma olheira inchada, como quem tinha chorado o caminho todo.

— É o que eu achei que eu queria, mas não sei mais, não sei se é isso que eu quero. E se eu chegar lá e não for? Se eu me mudar, gastar todo esse tempo e esse dinheiro e no fim continuar sem saber o que deveria fazer?

— Calma, Joel, isso é o que você quer agora, não é?

— É, Danilo, você sabe que é, mas e se ano que vem não for mais?

— Então ano que vem você volta aqui, sentamos nessa calçada e tentamos descobrir o que você realmente quer. Você acabou de fazer dezoito anos. Tem quase a mesma idade que eu tinha quando você apareceu lá em casa e, sabe, não importa o que você quer fazer, eu vou te apoiar. Então tente

de tudo, tente fazer Administração, tente pilotar um barco, tente mergulhar fundo no mar, tente pular de paraquedas, tente construir um prédio daqueles, tente!

— E se minha vida ficar sendo só isso... tentativas?

— Então tente de tudo e seja bom tentando.

Seu braço passou pelo meu pescoço e me abraçou.

— Eu vou sentir sua falta lá... — por uns segundos, parecia que você era aquela criancinha de novo, ao menos os olhos de chorão eram os mesmos.

— Não vai não, vai conhecer tanta gente nova que nem vai lembrar de mim.

— Como vou esquecer de quem me ensinou a dirigir?

— É, não sei se posso chamar de ensinar se você meio que já sabia fazer tudo, se o pai algum dia descobrir que você pegava o carro escondido... Eu vou sentir a sua falta também. Use bem o dinheiro, ainda acho que deveria ter ficado com o carro.

— Eu ainda não acredito que você queria me dar um carro.

— Então use para tentar fazer de tudo. Você riu com o sorriso que sempre amei.

— Eu te amo, Danilo.

— Eu te amo Joel"

O Eduardo e a Amanda acham que você consegue ler essas palavras. O Gabriel discorda e preferiu não escrever. Eu também não concordo muito com eles, você não deve conseguir ler isso... Mas acho que deve conseguir sentir. Eu não costumo acreditar em destino, foi a mamãe que uniu nós quatro. Mas se o destino existe, como tanta gente diz que existe, acho que ele vai nos unir novamente e quando eu te encontrar de novo vou ter uma caixa de presente maior ainda.

Eu sinto sua falta todos os dias, não tem uma tarde em que eu vejo algum carro passando devagar e não pense em você quando aprendeu a dirigir comigo e já sabia trocar

todas as marchas. Espero que você tenha tentado coisas suficientes, caso não, da próxima vez eu tento com você.

*Eu sempre me lembrarei de você.
Obrigado por me ensinar o que é amar.
De seu irmão não tão mais velho,
Danilo."*

"Para quem será que eu escrevo esta carta?

Para mim mesmo, eu acho, afinal de contas, duvido muito que você vai conseguir ler. Será que isso seria mesmo possível? Bom, talvez tenha sido, mas talvez já seja tarde demais.

Ontem fez três anos que você partiu, mas eu ainda não me acostumei com tua ausência. Todas as vezes que olho para a parede do meu quarto, aquela que pintamos juntos, eu sinto saudade. É meio esquisito, sabe? O tempo cicatrizou a ferida, mas quando eu a toco ainda dói. Lembra daquele dia? Você usou o pincel que eu te dei e veio me ajudar a pintar o quarto da casa nova.

— Verde? — você me perguntou, duvidoso.

— É, mas não esse verde que está pensando, um verde céu.

— Gabriel, o céu é azul.

— Você vai ver.

Toda vez que está muito frio durante a manhã eu me lembro da primeira semana que você passou lá em casa. A mamãe resolveu te adotar bem no inverno e tu não tinha blusa nenhuma, mas não teve coragem de admitir que estava com frio. Fui eu quem percebeu e fui o primeiro a ir conversar com você.

Minha história não tem muita tristeza. Eu era filho de um casal de amigos do papai e da mamãe que morreram de uma

doença grave quando eu tinha doze anos. Eu já era grande o suficiente para sentir dor e raiva, não foi como eles pensaram, que eu ficaria quieto num canto sem dizer nada, sem chorar, que guardaria isso no peito e sofreria em silêncio. Eu gritei, xinguei, chorei, desmaiei. Não queria que os enterrassem, não queria me despedir, igual não quero me despedir de você. Lembra do meu super poder? O apego?

Eu me apeguei a você no momento em que te vi aquela noite. Seu quarto era cheio de coisas novas, mas a gente não imaginou que faria tanto frio naquela semana. A mamãe e o papai nem se ligaram nisso porque os dois quase nunca usavam blusa, nunca sentiam frio, acho que nem cobertores eles tinham. Eu passei pela porta do seu quarto e vi você tremendo de frio. Eu estava saindo de casa, tinha uma festa pra ir.

— Está com muito frio? — perguntei, entrando no quarto. Era tudo vermelho, as paredes, o tapete. No canto, uma escrivaninha meio amarelada cheia de livros, lápis de cor e peças de quebra-cabeças.

Você fez que não com a cabeça, mas eu sabia que sim. Eu tirei a blusa que vestia e joguei para você, ela era quente, mas eu sabia que você não ia vestir enquanto eu estivesse ali. Então eu fui embora.

No dia seguinte, você estava vestindo-a. Na semana e no mês seguinte também, e você só a tirou depois de muita insistência da mamãe, que prometeu que, assim que lavasse e secasse, ela a devolveria. Até lá, eu te emprestei outra.

Hoje faz exatamente três anos que você nos deixou. Lembro do telefone tocando, da voz chorosa e vaga da mamãe. Do Henrique e do Edu vindo aqui em casa para tentar me convencer a ir no funeral. Mas eu não tive essa coragem, não quis me despedir, não daquele jeito. Eu nunca fui lá no cemitério e a mamãe e o papai vivem brigando comigo, insistindo para que vá “te visitar”. Mas eu não acredito que isso seja possível. Você não deve ter ficado morando naquele

lugar horrível, e sim ido conhecer as milhares de coisas que devem ter por aí, feito todas as perguntas, olhado todos os cantos e, claro, feito muitas amizades.

Hoje fez exatamente três anos que você partiu. Eram exatamente 9h36min quando você morreu, que hora estranha para se partir, não é? Quebrada. Eu estava lavando o carro, a Júlia estava saindo para trabalhar e o ônibus que passa aqui na frente tinha acabado de deixar um montão de gente no ponto.

Hoje, uma quarta-feira, às 14h30min, eu recebi uma ligação da minha esposa. Ela está grávida de gêmeos, um menino e uma menina, você lembra o quanto a gente tentou. Hoje eu recebi a notícia de que dois novos amores estão entrando na minha vida, então achei que estava na hora de te deixar partir, de te dar adeus. Foi bem em cima da hora, eu liguei para o Edu e, por sorte, consegui que ele viesse aqui, sabe, ele e a Aline estão surtando com o casamento, nem acredito que os dois se ajeitaram! O livro estava quase pronto, na verdade, ele enviaria a versão final amanhã para editora. Mas ele está aqui agora, me olhando escrever essas frases, acho que ele está feliz.

Eu estive com você em muitos momentos, lembra? Nos jogos de futebol, eu sempre ia te assistir e, cara, como você jogava bem. Podia jurar que algum olheiro acabaria te encontrando e você faria carreira no Corinthians. Quando você inventou que queria aprender a pintar, eu paguei as aulas para você e quando desistiu, porque ninguém achava nada bonito nos seus quadros, eu secretamente comprei todos eles pela internet, só para ver teu sorriso. Quando eu decidi que usaria o dinheiro do casamento para comprar uma casa ao invés de fazer uma festa, você listou todas as residências que estavam dentro do meu orçamento e sempre ia comigo nas imobiliárias. Você quis ser muitas coisas, Joel, e teria sido muito mais. Agora você é infinito. Queria que você estivesse aqui para conhecer as duas coisinhas que estão para nascer,

eu literalmente acabei de ficar sabendo e já as amo tanto. Mas, de certa maneira, acho que você vai estar, você sempre deu um jeito.

Se você está lendo isso, eu não sei, mas quero que saiba que o nome do garoto vai ser Joel, em sua homenagem, obviamente. Espero que ele herde seu super poder.

Acho que tenho que ir agora, preciso contar para a mamãe que ela vai ser avó. É estranho, parece que quando eu parar, quando eu pôr o último ponto final, você vai desaparecer para sempre, enquanto isso, parece que te sinto aqui. Mas é bobeira, não é?

Até logo e desculpe a demora.

De seu irmão,

Gabriel."

"Foi uma coisa estranha que me disse que era você, sabe?

Fomos de manhã cedo te conhecer, se é que posso falar assim. Você era só uma criança em um berço e nós, um casal ansioso que queria mais um filho, desta vez o mais novo possível. Nossos corações estavam acelerados, bem diferente das outras vezes que fizemos aquilo, já que seus irmãos já eram grandes quando os visitamos pela primeira vez, eles já tinham seus gostos, suas vontades, suas conversas, suas expectativas. Mas você era só um bebê, uma página em branco quase sem história nenhuma, e não tínhamos ideia de como seria.

Para falar a verdade, eu tive dúvidas se queria essa responsabilidade, afinal, quem não tem? Cuidar de uma criança tão pequena é muito diferente, mais complicado. Como te explicaríamos tudo aquilo? Seus irmãos sabiam desde o começo, mas eles já eram grandes, tinham noção de

tudo, já você era inocente, cego diante disso. Mas quando eu vi teus olhos, castanhos como sempre, tão cercados de inocência, quase ouvi uma voz me chamando, alguma coisa palpitando no meu peito me dizia repetidamente que você era meu filho, que nasceu para mim. Você era tão pequeno que nem dava para acreditar que era humano, tua mãozinha segurou a minha e você ficou nos encarando, sentado naquela cadeirinha, sem dizer nada. “Será que com três anos eles já falam?”, fiquei pensando. Mas não foi preciso palavras para que eu entendesse.

Sua mãe teve a mesma sensação, só de ver o sorriso dela eu soube que você seria nosso, e você foi. Cinco semanas depois, você estava em casa e foi como se sempre estivesse ali, como se aquele quarto sempre tivesse sido teu. As primeiras semanas não foram fáceis, você chorava a noite inteira e ninguém conseguia dormir direito, todo mundo teve que se acostumar; achamos que poderia estar doente, talvez fosse uma alergia, que estava com fome ou dor de barriga... Mas, no fim, não era nada disso, mesmo uma criança pequena precisava de um tempo pra se acostumar, e com o tempo isso aconteceu, você se acostumou com a gente tanto quanto a gente se acostumou com você e, aos poucos, nos tornamos uma família.

Eu e a Clari sabíamos que ia ser difícil, vocês eram crianças com tantas idades diferentes, quantas vezes vocês brigaram? Incontáveis. Mas cresceram fortes, bonitos e, principalmente, irmãos. Foi difícil, tantas perguntas sem respostas, tantos olhares tortos... E você, Joel, era o mais especial, quieto como nenhum outro, não falava muito até os 6 anos, ficamos até com medo de termos feito algo errado, de ter estragado você. Mas, aos 7, você já falava sem parar e aos 10 anos, a preocupação virou outra: “será que essa criança não fica quieta nunca?”. Seus irmãos viviam reclamando do quão tagarela você tinha se tornado.

Aos 11 anos, você me chamou de pai pela primeira vez,

foi um dos dias mais felizes da minha vida. Pode parecer bobeira, mas sempre foi a melhor sensação ouvir de vocês um simples “pai”. Nós nunca cobramos isso, é claro, deixamos vocês usarem o nome que quisessem. Foi tão natural, tão rotineiro, que na hora eu nem percebi, só notei quando você já o tinha feito quatro ou cinco vezes.

— Valeu, pai! — agradeceu você, descendo do carro, indo para o colégio e acenando para trás. Teu sorriso era lindo, meu filho, e sem dúvida nenhuma puxou isso de mim. Eu te levava quase todos os dias, lembra? Não porque a escola era longe, na verdade era praticamente na esquina de casa, mas porque você gostava de pão de queijo e sua irmã era intolerante à lactose, por isso não comíamos esse tipo de coisa na frente dela. Então eu saía com você e passávamos escondido na padaria para comprar o secreto pão de queijo que te fazia tão feliz.

Esses momentos marcam a gente, sabe, filho? Ficam na lembrança de verdade, não envelhecem. Para mim, você vai sempre ser aquele garoto que olhava guloso para o pão de queijo enorme que a gente comprava, inocente e risonho.

Foi esse mesmo garoto que me ligou naquele dia, eu reconheci, eu lembrei.

— Oi filho, é meio cedo, não é? Achei que estivesse de licença, você tem que descansar, senão essa perna não vai voltar para o lugar dela nunca — comecei a dizer. Você tinha sofrido um acidente na fábrica de etiquetas, quebrado a perna e recebido dois meses de atestado médico.

Mas você não me respondeu, não de primeira. Eu ainda não sabia o motivo e, às vezes, me pergunto se teria sido diferente se eu tivesse desligado aquele telefone...Será que as coisas tomariam um rumo melhor?

— Joel, tá me ouvindo? — insisti, porque eu ouvia tua respiração, sabia que estava ali.

— Eles... Encontraram uma coisa.

— Eles quem? Fala direito, filho, não estou te entendendo.

— Os médicos... Encontraram uma coisa nos exames que tive que fazer...

— Desembucha logo, Joel, é a perna? Não me diga que vai ter que fazer aquela cirurgia que eles comentaram? Pô, que merda, hein, mas vai ficar tudo bem...

— É na cabeça... Eles fizeram um monte de exames depois do acidente, só para ter certeza, acho que a fábrica ficou com medo de que eu os processasse. Fiz tomografia e exames de sangue, só por segurança...

— Mas você estava de capacete e parece tudo bem, nem dor de cabeça você teve, aliás, você nunca teve uma desde que era criança...

— Não tem nada a ver com o acidente, pai... É comigo, é em mim, os médicos encontraram um tumor no meu cérebro em estágio avançado.

Silêncio.

Era como se não eu não tivesse ouvido aquilo, como se meus ouvidos rejeitassem aquelas palavras, como se fosse irracional algo assim acontecer, é coisa de novela, não é? De filme, de ficção? De repente, tudo sumiu, um branco, todos os problemas desapareceram. A festa de aniversário que estávamos planejando pra sua mãe, o vizinho que tinha pedido ajuda para consertar o carro, sua irmã que vinha visitar a gente no fim de semana, tudo perdeu a importância, só existia tua voz trêmula no telefone.

— Pai? — você perguntou, quase que clamando por socorro, por ajuda, por um chão que te firmasse os pés.

— Eles têm certeza? Você parece tão bem...

— Têm.

— Joel, isso é... Onde você está?

— Em casa.

— Você está sozinho aí? Quando ficou sabendo disso, filho?

— Estou sozinho sim, a Lúcia vem só amanhã, você é o primeiro a saber. Eles me ligaram hoje de manhã e me

disseram parar marcar outros exames o mais rápido possível, mas eu estou sem saber o que fazer, nem almocei, fiquei sentado no sofá com o telefone na mão sem reação, até que criei coragem e te liguei...

— Mas como isso foi acontecer? Você sempre comeu de tudo, salada, frutas, sempre correu, nunca teve problema de saúde nenhum, eles devem ter se enganado, tu sempre foi um menino forte...

— Não pai, eles não se enganaram...

— Escuta, é melhor a gente conversar sobre isso pessoalmente, certo? Tem muitos exames que são feitos nesse caso, é normal, a gente vai aí o mais rápido possível, essa noite ainda — comecei, já pensando em arrumar as malas e partir imediatamente — Olha, filho, não é coisa de outro mundo, tá? A gente vai te ajudar nessa luta, estamos juntos, tá?

Ouvi um suspiro, eu sabia que você estava chorando, e como não estaria? O medo era tão presente que passava pelo telefone e chegava até mim, me contaminando.

— Pai? — tua voz fez meu coração gelar, me transportar no tempo para quando você era só uma criança descendo do carro e sorrindo, mas agora não tinha mais sorriso, nem pão de queijo, nem escola. Ainda assim, eu ainda era seu pai, ainda cuidaria de você e levaria todos os pães de queijo do mundo se fosse preciso para te ajudar.

— O que foi, filho?

— Vai ficar tudo bem, né?

E o que eu poderia fazer? O que eualaria? Não existe uma escola de “como ser pai”, muito menos uma aula de “o que dizer para eu filho quando ele descobre que está com uma doença mortal”. O que se diz nessa hora? O que realmente se diz? O que realmente se faz?

— A gente faz ficar — respondi, sem pensar, era o que eu precisava dizer, era o que você precisava ouvir e, principalmente, era o que a gente ia fazer.

Você desligou o telefone, mas eu queria continuar

conversando, não queria que aquela conversa terminasse porque sabia o que vinha depois, ou melhor, não sabia, e esse era o problema.

Tua mãe encarou tudo da melhor maneira possível, ela é uma mulher forte, de fibra... Já eu desabei, fiquei sem mundo, desliguei aquele telefone com tanta força, como se ele fosse o culpado. Sentei no chão e chorei, tremi e tentei respirar fundo, me conter, sabia que dali em diante as coisas mudariam muito.

— A gente tem que ser forte, amor, por ele — disse tua mãe, chorando as lágrimas que vi pouquíssimas vezes na minha vida, depois de me encontrar sentado no chão, com o telefone ainda na mão, custando para conseguir explicar tudo.

E nós fomos fortes. Nos mudamos para sua cidade, seus irmãos vieram também, ficamos lá a maior parte do tempo, mudamos nossas vidas.

Mas ser forte não foi o suficiente, né? Nem sempre é. Meses de medicamento não foram suficientes.

Semanas de quimioterapia naquele hospital não foram suficientes.

Dias internado com contato limitado, com aqueles tratamentos invasivos, não foram suficientes. Nada foi.

E hoje, independente do quão forte tenhamos sido, não temos mais você aqui.

Você sempre foi muito pra esse mundo, meu filho, que azar o nosso ter te perdido assim... Tínhamos tanto pela frente...

Mas eu não me preocupo, não mais.

Esta carta vai te encontrar como nos encontramos em vida. Teus olhos me guiaram uma vez e vão me guiar de novo.

Em vida e em morte eu te amo, meu filho, e não vejo a hora de te ver novamente. Até lá, fique bem, porque eu estou tentando ficar, mesmo sem você aqui comigo.

Eu te amo mais que tudo.

Mais que sangue, é amor

Teu pai,

Rubens.

Joel

Oi... Bom dia, boa tarde, ou boa noite. Não sei bem em que hora você vai ler isto, nem em que lugar, você está deitado em uma cama? Sentado em um parque onde há uma lagoa? No carro? Em uma biblioteca? Espero que não seja a última alternativa, porque eu odeio bibliotecas, são silenciosas demais. Espero que seu dia esteja sendo bom, ou pelo menos melhor que o meu.

Aqui está de tarde, mas eu não saberia diferenciar se não fosse pelo relógio que marca exatamente 14h20min em números eletrônicos verdes. Está muito escuro lá fora e consigo ouvir o vento forte e sentir o cheiro da chuva, pela janela eu vejo um monte de folhas e sacolas de plástico voando pelo ar. O Edu e o Caio chegaram com o cabelo todo molhado no hospital, então acho que está chovendo. Eles ficaram reclamando, mas pessoalmente eu sinto saudade de sentir um pouco da chuva. Depois que eu fiquei doente, nunca mais pude pegar um ventinho mais gelado, porque eu poderia pegar um resfriado e morrer, quer dizer, morrer eu vou de qualquer jeito, mas morrer por causa de um resfriado já é demais. Eu também nunca mais vi o céu, seja nublado, escuro, claro ou meio termo. Tudo que vejo é este teto branco igual às paredes, com esta luz avermelhada que minha mãe colocou para me animar. E não é um branco com o qual eu esteja familiarizado, e acho que você também não, porque ele não tem nenhuma manchinha, nadinha, é branquinho de verdade, eu juro. Às vezes, a Amanda e a mamãe convencem as enfermeiras e os médicos a me deixar ir em alguma varanda para tomar um pouco de ar fresco. Mas não é a mesma coisa.

Eu fico meio doido de pensar que você está lendo isto em outro lugar, porque eu estou escrevendo no hospital. Não

que o hospital seja tão horrível quanto nos dizem, porque eu tive sorte (e dinheiro). Aqui até que é legal, as enfermeiras são engraçadas e o pessoal sempre vem me visitar, ironicamente, é um lugar cheio de vida. Minha amiga, Aline Lemos, veio me ver ontem, fazia muito tempo que eu não a via, ela está linda. Disse que viria de novo assim que conseguisse um tempo do trabalho, é engraçado ver como todo mundo arranjou uma nova obrigação em suas vidas chamada “visitar o Joel antes que ele morra”. E é mais engraçado ainda que talvez, quando esse “tempo do trabalho” aparecer, eu não esteja mais por aqui.

A coisa que eu mais gosto daqui é a comida. Eu sei que existe meio que um preconceito com comida de hospital, mas na verdade ela é deliciosa. É meio molenga, sabe, daquelas tipo de criança, mas é muito boa, não é muito doce, não tem muito sal, não tem muito tempero, nem muito sabor.

Se você está lendo esta parte, provavelmente já me conhece, ou pelo menos sabe da minha história, o que não necessariamente quer dizer a mesma coisa.

Acho que você, leitor... Não, não vou chamar você de leitor, vou chamar de você, a gente já tem meio que uma intimidade, né?

Acho que você já deve ter percebido que eu realmente não tenho ideia de como pôr em palavras tudo que eu tenho para dizer neste momento. Eu estou cercado de fios que entram nos meus braços, meus cabelos já nem existem mais e não estou falando só dos da cabeça, meus cílios, minha sobrancelha, todos os pelos do meu corpo caíram por causa do tratamento. Eu estou magro de um jeito que nunca estive antes, de um jeito que nem achei que fosse humanamente possível ficar, quer dizer, meu braço está tão fino quanto um cabo de vassoura. É assustadora essa coisa de morrer, de se ver definhar.

Milhares de coisas passam pela minha cabeça, muito que eu queria dizer, muito que eu queria me desculpar, muito que eu queria agradecer e muito que eu queria simplesmente contar. Acho que é tudo culpa do desespero de se ver morrendo, o

medo de ser esquecido. Quando nos encontramos com o eco de nossa mortalidade, notamos que ele não há de ressoar para sempre, porque não somos eternos e não estamos nem perto disso, então eu não quero ser esquecido, não quero virar só... terra...Pensa só, talvez quando você ler esta parte, eu já tenha morrido... Que bizarro, que aperto no peito...

Eu nunca tive talento artístico nenhum, não sei escrever com a facilidade que o Edu faz, nem pintar como minha ex-namorada/esposa pinta. Os dois têm um talento único e espero que consigam levar isso para o mundo todo. Cara, como eu gostaria de estar aqui para ver isso acontecer, para estar ao lado do Edu todas as vezes que ele surtar com o lançamento de um livro ou quando o filho dele fizer alguma merda, para vê-lo sendo incrivelmente idiota como pai, para ver a Lúcia nas exposições dos seus quadros, para encontrar todas as pessoas que eu poderia encontrar... Conhecê-las, me decepcionar, me animar, sentir saudade, sentir falta, me sentir feliz, me sentir sozinho, me sentir cercado de pessoas, chorar, sorrir, gritar, conversar, beijar, olhar, ver, aprender, ouvir a música nova do verão...

Uma coisa intrigante de se estar quase morrendo, é que você começa a se lembrar de milhares de coisas que aconteceram ao longo da sua vida, como um *flashback* daquelas séries que são quase como sonhar, revivendo pontos em que você fica se perguntando "e se eu tivesse feito diferente?", ou então "e se eu tivesse tentado?"...

"E se eu tivesse negado aquele primeiro cigarro que meu primo mais velho me ofereceu numa festa de família, será que eu não teria desenvolvido o câncer que está me matando?"

"Será que se eu tivesse parado de beber refrigerante, estaria correndo lá fora, aproveitando o dia, livre dessa cama, desses cabos que saem ou entram em mim?"

"E se eu tivesse me casado real com a Lúcia, será que poderia estar lá fora tomando chuva com meus filhos, meu cachorro e minha família perfeita?"

A dúvida de não ter feito algo é bem pior que o arrependimento por fazê-lo.

Mas acredito que essas perguntas sejam inevitáveis. Numa vida de escolhas, é óbvio que você sempre vá se perguntar como seria se tivesse escolhido um caminho diferente, onde estaria, com quem estaria e como estaria...

“Como seria se...”?

Mas quando a morte está no seu cangote, quando cada célula infectada do seu corpo dói, ainda que só para mexer o pulso para escrever suas últimas palavras num papel, o arrependimento começa a sumir. Você precisa aprender que essas perguntas não têm importância e o que te sobra é o agradecimento, é o “que sorte eu tive...”. Você se apegua aos momentos em que sentirá saudade, agradece por ter vivido e, no fim, se sente com sorte.

Eu sou sortudo.

Quando a gratidão invade seu coração, o sofrimento começa a perder espaço, e é um problema perceber isso só na hora da morte. As pessoas ficam tão deprimidas por não terem feito algo, se autossabotam tanto que se esquecem de se orgulhar pelo que fizeram, de sorrir pelo que conquistaram, de agradecer pela escolha certa, de olhar e sorrir por aquilo que têm ao seu redor, de agradecer a saudade que nasce de um momento que muitos não têm, da saudade de um amor que muitos nunca provaram, da saudade de um riso vicioso que alguns nunca sequer experimentaram.

Agora, eu sou provavelmente a pior pessoa para falar sobre isso. Eu errei tanto na vida e agradecei tão pouco... Já pensei tanto nesses erros, perdi tantas noites de sono, tantas tardes de descanso. Mas não vale a pena perder tanto tempo triste pelos erros e inerte aos acertos. Aprenda com os erros, comemore os acertos, porque perder tempo pensando e se remoendo só se torna mais um erro. Foi o Edu quem me ensinou isso e eu só entendi agora, que já não tenho mais tanto tempo assim.

Ele vivia dizendo que eu deveria aproveitar mais a vida. Mas ele, mais do que ninguém, me entendeu. Eu sou extraordinariamente feliz comigo mesmo e demorei muito tempo para perceber isso. Ele adorava viajar, mas odiava pessoas, adorava se aventurar em coisas malucas, mas adorava fazer isso sozinho. Adorava festas aleatórias, mesmo odiando todo mundo que estivesse nelas. Era instável, não tinha uma vontade fixa. Eu não.

Eu adorava conversar com o vizinho sobre futebol, morria de rir com as piadas sem graça do motorista do ônibus que eu pegava todos os dias para ir trabalhar e amava me encontrar com meus amigos para fazer umas idiotices, igual todo mundo faz. Odiava viajar sozinho, odiava coisas aleatórias, odiava quando alguém não gostava de mim e fazia de tudo para agradar todos. Gostava de chegar em uma festa e ajudar no churrasco, de tentar arrumar o carro do cara que parou no meio da rua, mesmo sem conhecê-lo. Ele nunca entendeu meu jeito, mas me ajudou a me entender; eu também não entendia o jeito dele, mas éramos felizes e amigos, melhores amigos.

Agora, não me levem a mal, mas eu estou triste agora. Não por errar no passado, mas por não ter um futuro em que eu possa errar. Eu não tenho mais tempo. Mas ao mesmo tempo estou feliz, porque minha mãe, meus irmãos, meus amigos, o Edu e seu filho estão todos aqui. A morte pode vir me buscar e isso terei que enfrentar sozinho, mas até lá estão todos aqui comigo, e ter alguém com você até os limites do possível é a felicidade de verdade, então não me importo em ter uma vida extraordinariamente normal, porque eu fui feliz assim e meus erros foram só tijolos que me ajudaram a construir uma estrada para os mais incríveis dos acertos que só eu entendo e que só eu sinto como felicidade, porque, diferente do que dizem e diferente do que tentam nos fazer pensar, a felicidade, na maioria das vezes, é individual.

A morte é uma coisa engraçada.

Ela vem cega e te acerta na alma, te suga e te enlouquece.

Não importa quem você seja, se é criança, homem, mulher, rico ou pobre, ou se passou a vida inteira viajando e se aventurando, ou se passou a vida inteira na mesma cidade do interior do país. Ela vem. Certeira e... mortal.

Não viva pensando na morte.

Faça suas escolhas sem pensar nela.

Se viver pensando em sua morte, você não vai ser você mesmo e isso é bem pior que a morte, acredite, afinal, eu estou sentindo-a me puxar agora mesmo. Aproveite o seu tempo, se não quiser fazer isso por você, faça por mim, porque se eu pudesse estaria lá fora, enfrentando essa tempestade que está vindo, mas, talvez, quando ela acabar, eu nem esteja aqui para ver o sol mais uma vez.

Mas cá entre nós, não é tão ruim, não agora, foi ruim no primeiro momento e ainda é ruim pensar que vou ficar longe de todas essas pessoas incríveis, é ruim pensar que eles simplesmente vão continuar vivendo e eu vou virar adubo, desaparecer nessa imensidão. Na verdade, morrer é bem ruim, acaba com todos os seus planos e tudo muda, a vida meio que perde o sentido, porque, pensa só, você acorda um dia e *PAM, descobre que vai morrer em um mês. Tudo vai mudar, tudo vai perder seu valor e as coisas que realmente importam vão vir à tona*. Eu não acho que tenha vivido errado, pois é como eu disse: não se pode viver esperando que a morte vá bater na sua porta, porque ela vai e pensar nisso não faz a menor diferença. Mas quando ela bate, o desespero vem junto.

Bom, chega dessa conversa sobre morte. Tudo ao meu redor sinaliza isso, então não tem porque ficar escrevendo sobre ela também. Ao invés disso, vou escrever sobre a vida e prometo que essa vai ser a última coisa que vão ler de mim (eu espero, porque, na verdade, quem vai montar o livro é o Edu). Então, para finalizar, vou contar só mais uma história. O Edu queria que fosse alguma história diferente, algo mais inspirador ou significativo para mim, que mostrasse melhor quem eu sou ou o que sinto... Mas prefiro contar o que eu quero. Espero que

eu não tenha tomado muito do seu tempo e espero que esta história te ajude em algo. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9...

“A gente pensa que as coisas boas vêm com um aviso, que são como a chuva, que tem o tempo nublado para avisar de sua chegada. Mas isso está errado. As coisas boas são mais como o vento, sabe, vem sem avisar e te sopra para um novo caminho. Não aconteceu comigo igual aconteceu nas novelas, ou nas histórias que eu ouço os outros contarem, como um momento mágico em cima de uma ponte, um pôr do sol e uma música romântica tocando no fundo. Os dias em que eu conheci o Edu ou a Lúcia não tiveram nenhuma dessas coisas, aliás, acho que ninguém nunca teve, porque é mentira. Acontece no acaso, talvez para você aconteça ainda hoje, ou amanhã, daqui um ano, um mês, sei lá, mas acontece. Isso se já não aconteceu, se não, relaxe e enquanto isso eu te conto como foi comigo.

Era uma quarta-feira como todas as outras, não fazia um tempo bom de céu aberto, azul e com sol radiante, mas também não estava chuvoso. As nuvens cinzas estavam lá, mas o sol também mostrava sua cara entre elas, não estava muito calor nem muito frio, era só mais um dia, daqueles em que 7h00min você acorda, 8h30min tem que estar indo para o trabalho e 9h00min você chega lá. As pessoas nas ruas não estavam mais arrumadas, os carros passando não eram os mais caros e as ruas (pasmé) não eram retas e bonitas, mas sim esburacadas e desengonçadas.

Eu nem preciso perder tempo descrevendo aquele lugar, só imagine a primeira avenida movimentada que vier na sua cabeça e fim. Provavelmente elas são iguais, os carros passam, os semáforos estão fora de sincronia, as pessoas atravessando fora da faixa e os comércios de fachadas coloridas pra todos os lados. E eu, bom, eu era uma pessoa qualquer, dessas que passam por você a todo instante, sem nada de mais, sem nada de menos, perfeitamente normal.

Lá estava eu seguindo meu caminho. Tinha começado a

trabalhar na fábrica de etiquetas há seis meses, mas já tinha me acostumado com a rotina que não era nada muito horrível, o salário era bom e eu tinha amigos. Seja como for, eles deram uma folga geral para o nosso setor porque um colega nosso havia falecido.

Eu só tinha parado para pensar na morte uma vez, por isso, tudo que pensei da morte de um desconhecido foi que ela me rendeu uns seis dias de folga para que eu fizesse o que bem entendesse.

Na mais ordinária das rotinas, dois dias foram suficientes para que se esgotassem as coisas que eu tinha para fazer: fui ao banco e paguei minhas contas, fui ao mecânico e consertei meu carro, fui ao mercado e comprei tudo que precisava, tudo isso num único dia. No outro, limpei a casa com tempo de sobra. Me restaram cinco dias que eu provavelmente perderia jogado no sofá. Mas uma coisa me incomodava e eu demorei o terceiro dia todo para perceber o que era. Deitado no meu sofá azul e surrado, enquanto algum filme aleatório falhava em prender minha atenção, eu não pude deixar de imaginar “O que aquele cara que morreu não daria para ter mais um dia que fosse antes de morrer?”. Sabe, para fazer o que quisesse, fosse para se despedir, comer um último prato de macarrão, sei lá. Em uma estranha epifania passageira, decidi que deveria fazer algo com aquele pensamento, transformá-lo em uma atitude e sair daquele sofá. Pensa só, eu tinha mais quatro dias de folga e estava todo aquele tempo bobeando, enquanto o cara que morreu não tinha e nem teria mais nenhum.

Mas o que um cara que trabalha numa fábrica de etiquetas para pagar o apartamento e a vida mediana que tem pode fazer? Viajar e conhecer o mundo? Em quatro dias? Sem dinheiro nenhum? Para mim, epifania é coisa de gente rica, eu devia descansar e me preparar para o resto do ano inteiro que trabalharia.

Era um calor dos infernos naquele prédio cheio de

apartamentos entulhados, um de cada lado do meu. Então, talvez um cara com quatro dias livres, sem dinheiro nenhum, pudesse tomar um sorvete. É, era melhor do que ficar ali no sofá.

Eu me levantei e fui sem pensar muito. Não pensei muito onde seria essa sorveteria, onde ela estaria, só queria que fosse longe do lugar onde eu morava, queria andar, sentir o vento, o sol, o calor, queria me sentir vivo, ver as outras pessoas, ouvi-las, mesmo que elas nem me notassem, queria fazer parte do fluxo vivo e constante da cidade. Foi seguindo esse fluxo que cheguei até uma sorveteria. De um lado, estava uma data vazia e do outro, uma oficina, encaixados em uma avenida larga daquelas que pedi para você imaginar.

As paredes eram azuis e as mesas de plástico do lado de fora também. Eu notei bem quem estava lá fora: um casal de adolescente conversando e rindo sobre o tempo que ficaram sem se ver, três amigos que comiam uma taça enorme de sorvete e, por fim, um homem e um garotinho, ambos vestindo ternos pretos que combinavam perfeitamente com o tom de seus cabelos e olhos. Os dois eram os únicos de pé, estavam entrando na sorveteria logo à frente de mim. O lado de dentro era gelado e tinha um corredor enorme de freezers com todos os sabores de sorvetes que você pode pensar. Uma cama elástica e uma piscina de bolinhas no fundo deviam atrair crianças, mas agora estavam vazias. No caixa, por fim, uma mulher simpática, morena e alta sorria atendendo os clientes, apontando para o enorme cardápio preso na parede atrás dela.

Eu entrei na fila logo atrás do homem e do garoto de terno e percebi que não tinha ninguém lá dentro além de nós três e a atendente.

— Um cigarro pra mim e sei lá o que para ele — disse ele, olhando para a criancinha quieta ao seu lado.

— Eu quero uma taça igual à daqueles caras lá fora — pediu o garoto com uma voz manhosa, olhando triste para o

pai, que retribuiu o olhar. Não devia ter muito mais que seis anos.

— Se comer uma coisa daquelas vai ficar gordo igual eles, melhor ficar com uma casquinha,

— Posso pôr M&Ms?

— Claro, mas só uma casquinha.

— Posso pôr aquelas cobrinhas coloridas?

— Use sua criatividade, você merece — os dois deram um riso idêntico. Eu ri. Não sei porque, mas ri e ele se virou e me olhou com um pouco de ódio.

Foi a primeira vez que eu o vi com aqueles olhos escuros cansados me olhando. O Edu é um pouco mais baixo do que eu, mas tem algo em sua postura que o faz parecer ainda menor. Naquele dia, ele parecia minúsculo, seus olhos carregavam olheiras profundas, estavam escuros e reluzentes. Podiam contar uma história inteira, mas parecia que ninguém queria ouvi-la.

— Papai, — chamou o garoto, puxando sua mão e tirando a atenção de mim — eu quero ir no pula-pula — o Caio era pequeno e suas mãozinhas, que puxavam a mão maior do pai estavam trêmulas. Ele também tinha olheiras, também parecia cansado, mas tudo isso era mascarado por inocência e juventude.

— Pode dar uma ficha pro garoto? Eu acerto tudo depois — pediu o Edu, depois de um tempo pensando. Sua voz tinha um jeito diferente e eu achei que eles deveriam se conhecer.

A atendente olhou para ele desconfiada e, antes que desse a resposta, eu me adiantei, joguei umas moedas no balcão e ela deu a ficha para o garoto sem dizer nada. O cara pegou o cigarro e o menino, o sorvete e eles foram sentar em uma mesa encostada na parede sem nem me agradecer.

— Só vai brincar depois de comer — murmurou ele para o garotinho, que olhava ansioso pela cama elástica, enquanto se sentava e se dava conta de que jamais conseguiria comer

aquela casquinha que era quase do tamanho do seu braço.

— Foi gentil da sua parte — me disse a atendente. Havia um nome no crachá preso em sua camisa azul, Sonia.

— Ah, que isso, todo mundo ama cama elástica — respondi, enquanto olhava as opções marcadas no cardápio enorme e decorado de bizarras miniaturas de sorvetes que tinham sorrisos macabros. Lembro de ter achado aquilo muito estranho, teria rido se a situação fosse outra.

— Desculpa pelo comportamento dele, está sendo um dia difícil.

— Vocês... Se conhecem?

— Ele é meu sobrinho e aquele é o filho dele — claro que eram todos parentes, eles eram igualzinhos, mas a mulher era um tanto mais simpática — Então, o que vai querer?

Eu olhei uma outra vez para eles.

Não era só o terno que eles vestiam, tinha outra coisa. O cara acendeu um cigarro ali dentro mesmo e a mulher lançou-lhe um olhar irritado, mas não disse nada.

— Duas cervejas — disse rápido, sem saber o que queria, sem nem saber de onde tinha vindo aquela ideia.

Ela pareceu impressionada, por alguns instantes, achei que ela ia me xingar, afinal, quem vai em uma sorveteria beber? Mas, no fim, só respirou fundo e foi até uma geladeira, tirou duas longneck e me entregou, curiosa.

Eu não pensei, só andei até a mesa onde o cara estava sentado com o cigarro aceso, apenas olhando para o fogo consumindo o papel e o tabaco sem fumá-lo, e me sentei numa das cadeiras vagas.

— Se ficar só olhando, não tem o mesmo efeito — brinquei. O garoto riu, mas seu pai ficou me encarando de um jeito esquisito e eu não tive ideia do que ele pensava.

“Talvez ele me xingue”, pensei, “ou me expulse daqui, ou só se levante e vá embora. Que loucura que eu fui fazer? Deveria ter passado reto e ido de volta pra minha casa, aliás, nem deveria ter saído de lá, tinha que terminar o filme e...”

— Eu fiz uma promessa de não fumar mais, mas nunca

disse nada sobre ficar olhando queimar — respondeu ele. Não teve riso, nem bom humor, não foi uma piada e estava bem longe de ser uma gracinha, pois sua voz estava repleta de dor. Essa foi a primeira coisa que eu ouvi do meu melhor amigo e, mesmo sendo tão pouco, me ensinou muito sobre ele.

— Prometeu não beber? — perguntei, oferecendo a garrafa gelada na minha mão.

Ele olhou desconfiado e o garotinho também, mesmo que este segundo estivesse muito mais interessado nas bolas do sorvete que caíam da sua casquinha.

— Cara, quem vem em uma sorveteria beber cerveja? — perguntou ele, sorrindo. E tinha algo de esquisito no sorriso dele, era estranho como aquele dia, como o seu jeito, como o pensamento que tinha me feito ir até ali; era trêmulo, esforçado, como se não fizesse aquilo sempre, como se há muito tempo não sorrisse, quase que deu para ouvir um rangido enferrujado.

— Cara, quem vem em uma sorveteria acender um cigarro e ficar olhando? E ele sorriu uma segunda vez, agora mais treinado. Foi bonito de ver.

— Meu nome é Eduardo e esse é meu filho Caio — o garotinho era quase uma réplica do pai, mas sua pele era mais pálida.

— É um prazer, eu sou o Joel. Não vão expulsar a gente daqui? — a mulher no balcão olhava curiosa para nós três, um pouco de pena e um pouco de raiva.

— Uma pessoa que coloca sorriso em sorvetes não pode ter critérios altos, quer dizer, por que eles estariam sorrindo? Deve ser uma droga ser um sorvete.

E eu ri, experimentando o tipo de riso que eu tive poucas vezes até então.

— Então, Joel, o que te trouxe a essa sorveteria? Acho que tinha outros lugares para comprar uma cerveja. Vai logo, Caio, eu sei que você não vai aguentar essa casquinha inteira, então deixa aí e pode ir brincar — completou ele, encarando a criancinha que via seu sorvete derretendo. O menino deu um

sorriso e saiu correndo para a cama elástica.

— Acho que só queria um sorvete, peguei folga de uma semana do trabalho e fiquei ocioso em casa, porque descobri que não tenho nada para fazer... Aí, resolvi que queria um sorvete... Triste, né?

— Ah, acho que eu ganho.

— Será? Quer dizer, seu filho não aguentar uma casquinha inteira pode ser decepcionante, mas não tanto.

Ele riu de um jeito distante, parecia que nem estava na mesma mesa que eu.

— Acho que eu ganho, porque acabei de voltar do cemitério, do enterro da minha esposa.

E eu não soube o que responder. Acho que minha cara deve ter sido engraçada, o Edu disse que parecia que eu tinha cheirado um peido. E ele riu.

— Não precisa ficar assim — disse ele — Ninguém sabe como reagir, eu mesmo ainda não sei.

— Cara... Sinto muito... — e eu olhei para o menino na cama elástica, ele pulava, mas não sorria muito. O meu olhar sobre eles mudou e como não mudaria?

— Na verdade, o enterro foi ontem... Mas nós ficamos lá no cemitério até agora, meio que nos expulsaram de lá.

— Vocês passaram a noite lá?

— Sim.

— Não foi assustador?

— Para mim foi, mas o Caio não conseguia sair de lá, sabe... Era mãe dele, o garoto é corajoso, não acredita em fantasmas nem nada.

— Como... Como aconteceu? — eu sei que parece loucura perguntar algo assim logo de cara, mas eu não o conhecia e tinha uma coisa no jeito dele... Ele queria falar sobre aquilo, só não sabia como nem com quem.

— Acidente. Ela estava viajando para casa dos pais e perdeu o controle do carro em uma curva qualquer... Eu ainda não acredito, sabe — o cigarro terminou de queimar e ele

bebeu a garrafa que se esgotou quase que em um único gole — Ainda não sei o que fazer, a mãe dela quer ficar com nosso filho, mas o meu sogro não pareceu gostar da ideia, ele nunca foi com minha cara — o garotinho sorria mais agora e pulava alto na cama elástica — Minha tia, a simpática sorveteira, concorda, disse que eu não conseguiria criar um filho sozinho, então deveria deixar com a avó ou algum outro parente.

— Você consegue sim — elogiei.

— Você nem me conhece, eu sou um desastre com as pessoas.

— Ah, qual é, você tem cara de quem leva jeito, até deu sorvete para ele ficar mais feliz.

— Sorvete deixa as pessoas mais felizes mesmo... Mas acho que não vai ser o suficiente.

— Bom, eu conheço outra coisa que deixa os outros felizes: pizza!

— Ah, nós nunca mais comemos pizza, uma vez a mãe dele encomendou uma que veio com uma barata dentro e o garoto traumatizou. Não tem medo de passar a noite no cemitério, mas tem medo de pizza de barata.

Nós rimos.

— Eu conheço um lugar incrível. Se quiser dar outra chance, minha namorada trabalhava lá, então é de confiança.

Ele riu pra dentro, acho que tragando a ideia, depois se levantou.

— O que vai fazer o resto do dia? Tá sem ideias ainda? — perguntou.

— Não tenho mais nada para fazer, sou péssimo com ideias.

Ele ficou me encarando alguns segundos, pensando no que diria, foi uma das poucas vezes que o vi fazendo aquilo. E mais uma vez, um momento, uma decisão tomada ali ao acaso, mudou nossas vidas.

— Eu preciso de ajuda pra arrumar umas coisas lá em casa, já que você está sem nada pra fazer, podia me ajudar...

Tem bastante cerveja. Depois, podemos ir nessa pizzaria e torcer pra não ter baratas.

Eu não tinha ideia do que seria do meu dia, nem que iria parar em uma sorveteria bebendo cerveja e acendendo cigarros que não eram fumados, mas não saber o que eu queria, pela primeira vez, foi bom.

— Para sua sorte, sou ótimo organizando coisas.

— Então vai ser útil. Vamos, Caio, dá tchau para a sua tia que temos que ir.

E nós fomos.”

Nós nunca mais nos separamos depois daquele dia. Acho que encontramos um no outro mais que um jeito de preencher a solidão, mais do que o que fazer nos quatro dias de folga que me restaram que passamos juntos doando as coisas da falecida esposa dele. Encontramos, um no outro, a amizade e quem diria que ela estaria escondida ali, no mais ordinário dos dias.

Ele continuou do meu lado depois de ver meus piores dias, meus piores defeitos, o pior de mim e eu fiz o mesmo por ele. Segurei sua mão nos dias mais horríveis, quando tudo parecia que ia desabar. Assim como ele está segurando a minha agora, neste instante, com medo de que amanhã eu não esteja aqui, contando o tempo, os segundos e os milésimos. Aproveitando cada instante ao meu lado, afinal, eu mais do que nunca acho que não terei os próximos quatro dias novamente. Mas acho que está tudo bem.

Obrigado por chegar até aqui e me manter vivo, pelo menos em parte. Agora a gente se conhece, não pense mal de mim pela minha história, eu sei que cometi muitos erros... Mas tente considerar mais os acertos, eu agradeço de coração. Bom, acho que é isso, termino aqui o que eu queria te contar, torço para que talvez um dia nos encontremos por aí, então... Até logo.

SINOPSE

“Memórias para o Joel” traz o narrador Eduardo escrevendo a história de Joel, um grande amigo que acaba de morrer. Ao longo de sua jornada para reviver a trajetória do amigo, Eduardo revisa suas próprias questões pessoais, seus afetos, as decisões de seu passado, como um acerto de contas com Joel.

O AUTOR

Eduardo Oliveira nasceu no Japão, mas cresceu no interior do Paraná. De profissão, é professor e de paixão, é escritor, buscando, em narrativas do cotidiano, a profundidade de uma paixão que habita pequenos momentos e que só as palavras podem expressar.

[ROMANCE]

